



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MARIA APARECIDA DE BARROS

**A VOZ FEMININA AFRODESCENDENTE E A
MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO:
NARRATIVAS DE DONA CÂNDIDA, UMA BENZEDEIRA DO
NORTE PARANAENSE**

Londrina
2010

MARIA APARECIDA DE BARROS

**A VOZ FEMININA AFRODESCENDENTE E A
MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO:
NARRATIVAS DE DONA CÂNDIDA, UMA BENZEDEIRA DO
NORTE PARANAENSE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre da Universidade Estadual de Londrina.

Orientador: Prof. Sérgio Paulo Adolfo.

Londrina
2010

MARIA APARECIDA DE BARROS

**A VOZ FEMININA AFRODESCENDENTE E A MANIFESTAÇÃO DO
SAGRADO:
NARRATIVAS DE DONA CÂNDIDA, UMA BENZEDEIRA DO NORTE
PARANAENSE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre da Universidade Estadual de Londrina.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sérgio Paulo Adolfo
UEL – Londrina - PR

Profa. Dra. Elena Maria Andrei
UEL – Londrina - PR

Prof. Dra. Marta Dantas da Silva
UEL – Londrina - PR

Londrina, 30 de novembro de 2010.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Professor Doutor Sérgio Paulo Adolfo, por sua generosidade e simplicidade, atributos compartilhados com a mestranda, que tateia para seguir os passos firmes e ligeiros deste homem, que ao transpor o campo intelectual, rege sua vida pela esfera sagrada.

Neste espaço, expresso meus agradecimentos e minha admiração ao Professor Frederico Augusto Garcia Fernandes, estudioso da poesia oral.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina pelo profissionalismo e cordial atendimento.

Às professoras convidadas para o Exame de Qualificação: Professora Doutora Marta Dantas da Silva e Professora Doutora Raimunda de Brito Batista.

À Dona Cândida, e por meio dela referencio toda energia sagrada de matriz africana representativas na ação desta benzedeira, ação configurada pela solidariedade, caridade e amor ao próximo.

Ao doutorando Dejour Dionísio e à Edna Wauters pelo afetuoso acolhimento. Os momentos em que nos confraternizamos funcionaram como um elixir, pois aliviaram o denso e tenso trabalho de leitura e escrita, enfim: da produção deste texto acadêmico.

Ao “Seu” Zé Pilintra, entidade espiritual de Umbanda, pelas valiosas informações, as quais não se encontram nos compêndios acadêmicos. Por essas vias pude redobrar a atenção à narradora Dona Cândida, observando detalhes, revestidos pela cultura de matriz africana.

À doutoranda Ana Cláudia Duarte Mendes, vinda de terras sul-mato-grossenses que, solidariamente contribuiu para o meu crescimento intelectual. Suas agudas considerações lapidaram o texto desta dissertação, seu companheirismo tornou mais ameno o solitário caminho acadêmico.

À Professora Doutora Regina Alegro, que ao aceitar estar comigo na formação continuada dos professores da rede pública de educação básica, muito nos ensinou sobre memória e história oral. E mais que isso, incentivou-me,

tenazmente, a trilhar pelas searas da Pós-Graduação.

À Professora Mestre Rejane, amiga do coração, que vê em mim faculdades que eu própria não consigo enxergar, pelo incentivo incessante para que eu ingressasse no curso de Pós-Graduação e pelos votos de ventura que me deposita no prosseguimento de futuras pesquisas.

À Professora Clara, mais que companheira de trabalho, tornou-se parceira de pesquisa, indo ao campo comigo e efetuando as primeiras filmagens, celebrando, efusivamente, a memória dessas mulheres afrodescendentes na persistente luta pela identidade.

À Lúcia por, diariamente, vencer os limites impostos por uma doença que irradia dores por seu corpo, principalmente em suas mãos sendo que, no entanto, foi incapaz de impedi-la a efetuar as transcrições das narrativas de Dona Cândida, expostas no anexo deste trabalho.

À minha mãe, que teve a infância ceifada para tornar-se mulher. Repleta de coragem, tendo como testemunha meu irmão de dois anos e a mata que circundava o casebre nos rincões de uma fazenda norte-paranaense, me fez vir ao mundo.

Ao meu pai, in memoriam, ser que se fez homem pelas duras cicatrizes que a vida lhe impôs, mas que não lhe roubou a bondade que se fazia luzir em seus olhos e em sua conduta moral. Creditando fé em Nossa Senhora Aparecida, saiu a galope em busca de assistência médica à minha mãe em trabalho de parto, as orações mesclaram-se ao trote, rogando à Virgem Maria proteção a minha mãe e a mim e em forma de agradecimento nomeou-me Maria Aparecida.

À Elza, irmã de fibra, abdicou da proteção familiar e aventurou-se em terras estrangeiras a fim de buscar recursos financeiros para sustentar seus dois filhos. Embora fisicamente distante, sua luz irradia o meu ser e me anima a enfrentar os reveses da jornada existencial.

Aos meus familiares, amigos/as por me incentivarem a trilhar as sendas acadêmicas e apoiarem-me no desafio de agregar o Mestrado aos meus amplos compromissos do cotidiano. E por torcerem para que esta pesquisa se desdobre a fim de divulgar outras vozes sagradas, silenciadas, revestidas pela sabedoria de cura.

À minha filha, Bruna, figura singular em minha existência, mesmo que nosso convívio seja marcado por ausências, jornada trabalhista e estudantil, você é a mola propulsora que alavanca meu projeto de vida.

Enfim, estendo meus agradecimentos a todos, que direta ou indiretamente fomentaram o desenvolvimento desta pesquisa.

BARROS, Maria Aparecida de. **A voz feminina afrodescendente e a manifestação do sagrado**: narrativas de Dona Cândida, uma benzedeira do norte paranaense. 2010. 178f. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

RESUMO

No Há na narrativa de Dona Cândida, mulher negra de 85 anos, residente em Cornélio Procópio, Paraná, em uma região periférica, de população predominante afrodescendente, elementos culturais que remetem ao fazer do povo banto, etnias advindas de Angola, Congo e Moçambique. O modo de ser e agir da depoente alicerça-se em tradições herdadas de saberes ancestrais, preservadas em sua memória, apesar do processo diaspórico que sofreram seus antepassados, fixados em áreas agrícolas de Minas Gerais. A memória coletiva, que guarda saberes ancestrais, traduzida pela eloquência discursiva da benzedeira, tornou-se ponto relevante em nossa pesquisa de campo, que busca descortinar e analisar o universo simbólico-mitológico patente em suas narrativas.

Palavras-chave: Benzedeira afrodescendente. Cultura banto. Manifestação do sagrado. Memória.

BARROS, Maria Aparecida de. **The female voice of African descent and manifestation of the sacred**: narratives of Dona Candida, one healer northern Paraná. 2010. 178p. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

ABSTRACT

Ms. Cândida is an 85-year-old black woman who lives in an afro-descendant predominant population in the outskirts of Cornelio Procópio. In her narration there are cultural elements that refer to the doing of the Bantu people, from Angola, Republic of Congo and Mozambique. Her way of being and her manners are based in traditions inherited from ancestral knowledge that were preserved in spite of the diasporic process undergone by her ancestors who settled in agricultural land in Minas Gerais. The collective memory, that holds ancestral knowledge, translated by her speech eloquence, has been a relevant point in our investigation field in as much as it quests to unfold and to analyze the mythical and symbolical universe that are evident in her narrations.

Key words: Memory. Afro-descendant faith healer. Sacredness manifestation.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
	CAPÍTULO I - A ANCESTRALIDADE DE MATRIZ AFRICANA NA MEMÓRIA DA BENZEDEIRA	17
1.1	VOZES FEMININAS E ÉTNICAS, A NARRATIVA ENQUANTO EXPRESSÃO DA VIDA: O PERCURSO DA PESQUISA	17
1.2	BENZIMENTO, MEMÓRIA E IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA	31
	CAPÍTULO II - A MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO NAS NARRATIVAS DE DONA CÂNDIDA	46
2.1	O ALTAR DA BENZEDEIRA	59
2.2	COSME E DAMIÃO, OS MABAÇAS E A BENZEDEIRA	64
	CAPÍTULO - III SIMBOLOGIAS DO UNIVERSO SAGRADO NA NARRATIVA DE DONA CÂNDIDA	73
3.1	MORTE E RENASCIMENTO	77
3.2	REVELAÇÕES	85
3.3	SUPERAÇÃO	93
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
	REFERÊNCIAS	108
	ANEXOS	112
	ANEXO A - Transcrição	113

INTRODUÇÃO

Atraídos pelo desejo de conhecer o processo de atuação feminina de origem afrodescendente no município de Cornélio Procópio, participamos do processo de seleção do Mestrado na linha de pesquisa de Estudos Literários em novembro de 2008, tendo como objeto de estudo a narrativa oral emanada da memória de cinco mulheres procopenses.

Localizado ao Sul do Brasil e ao Norte do Paraná, Cornélio Procópio situa-se a 60 km de Londrina e a 440 km da capital paranaense, Curitiba. Emancipado em 15 de fevereiro de 1938, integra-se à região denominada “Norte Velho” ou “Norte Pioneiro”.

A formação geográfica da cidade é rochosa, caracterizando-se pelos altos morros. Com clima subtropical marcado pela presença de fortes ventos na época do inverno, a altitude é de 676 metros. De acordo com o censo de 2000, a população procopense totaliza 46.868 habitantes. Há no município duas instituições de ensino superiores públicas – a Universidade Tecnológica Federal do Paraná e a Universidade Estadual do Norte do Paraná – e três instituições privadas: a Faculdade Cristo Rei, a Faculdade Dom Bosco e a Universidade do Norte do Paraná.

Trabalhar com a memória poética em narrativas de mulheres afrodescendentes constituiu-se o nosso objeto de estudo. Desse modo, escolhemos como primeira opção de orientação, o Professor Sérgio Paulo Adolfo, pesquisador da cultura africana e afro-brasileira. Como segunda opção, o Professor Frederico Augusto Garcia Fernandes, estudioso da poesia oral.

Ocorreu que no período de 2009, o professor Sérgio se afastou para efetuar Pós-Doutorado na Universidade de São Paulo. Assim, o professor Frederico conduziu a orientação tendo como co-orientador o professor Sérgio.

Durante o momento em que estive sob orientação do Professor Frederico, muito aprendi sobre memória, voz poética e performance, elementos essenciais que me permitiram aprimorar minha análise em relação à narradora Dona Cândida.

Aconteceu que no caminhar das entrevistas, ao me deparar com o altar marcado por simbologia, também notável nos depoimentos de vida e na ação de benzimento de Dona Cândida, percebi a memória africana permeando essas ações.

Observações essas que me inquietaram e as dividi com o orientador e com o co-orientador, manifestando meu desejo em analisar a memória africana na maneira de ser e agir de Dona Cândida. A partir de então, o professor Sérgio assumiu a orientação da pesquisa.

O trabalho com a memória e história oral já era por mim conhecida, pois entre os anos de 2005 e 2008, enquanto atuava como Coordenadora de Língua Portuguesa no Núcleo Regional da Educação de Cornélio Procópio desencadeei uma formação continuada, denominada “Projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná”, envolvendo professores e alunos da rede pública de educação básica para a coleta de memória de pessoas comuns, em suas localidades.

A ação contou com a parceria de professores (as) do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, que acompanhou e orientou os (as) professores (as) durante todo o percurso de pesquisa, contabilizando três anos de formação continuada.

As técnicas apreendidas no “Contação de Histórias” foram imprescindíveis para o processamento da pesquisa de Mestrado, visto que ela se originou no campo, na coleta de depoimentos de vida de mulheres comuns, residentes em Cornélio Procópio. E pelo efeito dessa ação, compactuamos com os ensinamentos de Gizêlda Melo do Nascimento, que se faz manifestar na conclusão:

Portanto, em se tratando de atores do cotidiano, os depoimentos orais vêm a ser nosso instrumento mais justo (por justiça e por justeza), não apenas pelo que trazem como testemunhos de experiências vivenciadas ou transmitidas, como também pelo que podem oferecer de desprendimento e autenticidade na expressão de nossos narradores. Vozes periféricas portadoras de outros valores e saberes sobrevividos ao largo do discurso centralizador. Ondas excêntricas fazendo circular, pela transmissão da palavra, nossa fortuna cultural. Palavras pródigas, prodigiosas, pronunciadas por quem provou a vida como o pulsar de adversidades e superações, e degustou-a pelos tempos afora; por quem soube, com temperança, amadurecer histórias em convivência amorável com o tempo. Memória. (NASCIMENTO, 2006, p.9)

Assim, nos lançamos à procura de vozes femininas silenciadas, pois, como afirma Nascimento, transportam códigos de sobrevivência em espaços vigorados pelo discurso centralizador. Para obtenção das narrativas, fluidas das lembranças, guiamo-nos por questões abertas, propostas por José Carlos Sebe Bom Meihy (2002), no Manual de História Oral.

Estruturamos as questões lançadas às mulheres depoentes, distribuindo-as no eixo: infância, adolescência e fase adulta, solicitando das narradoras os fatos mais marcantes, correspondentes a essas fases de suas vidas. Utilizamos o recurso audiovisual para o armazenamento das histórias de vida coletadas.

Desse modo, a nascente de nossa pesquisa é a memória, somatório de experiências que se materializaram pelos fios narrativos de mulheres comuns, que não atuaram nos compêndios da história oficial, mas deixaram suas marcas impressas em suas ações, definidas pela trajetória de suas vidas. A memória-palavra emitida por essas mulheres tem representação étnica porque de acordo com Ecléa Bosi

As lembranças grupais se apóiam uma nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. Se por acaso nos esquecemos, não basta que os outros testemunhem o que vivemos. É preciso mais: é preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência. [...] Temos que penetrar nas noções que as orientavam, fazer um reconhecimento de suas necessidades, ouvirem o que já não é audível. (BOSI, 1994, p.414)

Em busca de entender o que não é audível e, compreender no discurso dessas mulheres afrodescendentes as formas encontradas para enfrentarem e superarem as adversidades apresentadas em suas trajetórias de vida optamos por analisar os fatos testemunhais à luz do método qualitativo de cunho dialético proposto por Augusto Nivaldo Silva Triviños em “aprofundar a análise da realidade do fenômeno social, com todas as contradições, dinamismo e relações (1987, p.151). Dessa forma, o método nos permitiu examinar questões concretas que encerraram os testemunhos de vida, em grau maior, as narrativas desenvolvidas por Dona Cândida analisadas nos parágrafos a seguir.

No capítulo I, intitulado *A ancestralidade africana na memória da benzedeira*, dividimos em dois itens: 1.1. *Vozes femininas e étnicas: a narrativa enquanto expressão da vida* há um esquema representativo dos primeiros passos de nossa pesquisa, cuja gênese advém do campo, na recolha da memória de cinco mulheres afrodescendentes, residentes em Cornélio Procópio.

São ricos de vida os materiais coletados em nossa pesquisa, contudo o limite determinado pelo período a que se destina a pesquisa de Mestrado nos impôs a escolher uma, dentre as cinco depoentes. Causa difícil para nós.

Ao analisar o material proveniente da pesquisa de campo, nos detemos em Dona Cândida, possuidora de uma memória aguda e hábil no manejo com a palavra, a farta gestualidade, a (re) produção de suas histórias de vida, a entrega ao fluxo narrativo, patentes na sua atuação como benzedeira e na disposição em ceder suas histórias de vida, de modo contagiante foram requisitos básicos, definidores da eleição. Em forma de agradecimento, escolhemos uma narrativa de cada uma das demais narradoras para compor nosso trabalho.

Com a organização do item 1.2. *Benzimento, memória e identidade afro-brasileira*, pretendemos compreender o universo de vida da narradora eleita. Dessa forma, nos enveredamos pelo campo teórico acerca do benzimento, da memória e identidade afro-brasileira, propositando obter informações e cotejá-las com o modo de ser e viver de Dona Cândida, a fim de analisar a ação da narradora para cunhar sua identidade por meio da memória-palavra e do benzimento, prática cultural que supomos ter raiz na tradição banto, conjunto étnico advindo tanto de Angola e dos dois Congos, quanto de vários outros lugares do continente africano, conforme Sérgio Paulo Adolfo (2010) que diz que “o universo lingüístico banto, ou seja, os povos de língua comum do tronco banto ocupam grande porção do continente africano, do centro em direção ao sul, sendo milhares de falantes, compondo numerosos países”. (ADOLFO, 2010, p.5)

Percebemos que a memória da narradora arquivou-se com os saberes religiosos difundidos pelos laços familiares. Ao acessá-los, selecionando a oração mais adequada para aplacar determinado incômodo, ao escolher a planta específica para o preparo de infusões medicinais, objetivando a cura de enfermidades variadas, Dona Cândida prolongou o sentido desses conhecimentos, revigorou esses saberes, porque eles se recobriram pelo fenômeno da sacralidade.

Ao se debruçar, pela rememoração, sobre a sucessão de eventos dramáticos em sua trama vital, Dona Cândida reatualizou os fatos, a cada momento em que agiu, diretamente, no cerne comunitário, a fim de assegurar o equilíbrio aos “coitados” (conforme depoimento da narradora), pessoas que a ela recorriam necessitadas de seus conhecimentos espirituais.

À luz da fonte teórica, almejamos compreender a memória como fator constitutivo da identidade, a fim de subsidiar as análises por nós efetuadas sobre as narrativas de Dona Cândida.

Dona Cândida protagonizou-se pela palavra e pelo benzimento, espalhou sua cultura. Estes requisitos funcionaram como instrumentos para superar os obstáculos advindos do sistema econômico desigual, que acuou e encurralou a população minoritária economicamente, a ponto de torná-la invisível. Examinamos, então, nessa voz periférica, os empreendimentos lançados pela narradora para superar as contradições e as adversidades dessa população.

Nomeamos o segundo capítulo de *A manifestação do sagrado nas narrativas de Dona Cândida*, já que nosso trabalho fundamentou-se na palavra viva, de tradição da cultura oral, traduzida nas narrativas de Dona Cândida. O veio memorialístico

definiu e particularizou o modo de ser e agir dessa narradora na esfera comunitária, sendo que a sua intervenção no seio grupal resultou em substância para a composição de sua obra.

Estudar a narradora escolhida exigiu de nós várias atitudes, tais como: a da observação atenta, a do difícil exercício de ouvir, dominando impulsos de interferir o menos possível na voz memorialística, para não frear, inibir e/ou bloquear o narrar da depoente.

Por essa atividade notamos que o ponto angular nas narrativas elaboradas por Dona Cândida pontuou-se pela memória, revestida pelo universo mitológico. E para compreender a relação do mito com os fatos testemunhais, que perfizeram a vida de Dona Cândida, nos amparamos em Mircea Eliade, que o concebe como:

O mito fala apenas do que realmente ocorreu do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os entes “Sobrenaturais”. Eles são conhecidos, sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas e algumas vezes dramáticas irrupções do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. (ELIADE, 2007, p.11)

Esses entes “sobrenaturais” explanado por Eliade foram por nós notados no discurso e na ação de benzimento efetuado por Dona Cândida, pois em conformidade com seus depoimentos, ela nos afirmou que as vozes ancestrais foram por elas auscultadas e disponibilizadas à comunidade, a fim de proporcionar o bem-estar humano. Tais motivos nos levaram a desmembrar o Capítulo II, nos itens 2.1. *O altar da benzedeira* e 2.2. *Cosme e Damião, os mabaças e a benzedeira*.

Revestimo-nos do olhar mitológico ao nos depararmos com *O altar da benzedeira*. O zelo que Dona Cândida dispensa ao altar, a proximidade estabelecida com as imagens, a intimidade com que ela dialogou com essas figuras religiosas, configurou esse espaço como sagrado.

Assim, procuramos detalhar no altar, a memória de tradição africana expressa na simbologia e no sincretismo religioso, elementos pelos quais Dona Cândida manifesta sua fé. Para tanto, nos respaldamos em nossas observações, decorridas na pesquisa de campo, fixadas por meio de material audiovisual, coletado nas entrevistas cedidas por Dona Cândida, e em referenciais teóricos.

Em *Cosme e Damião, os mabaças e a benzedeira*, procuramos estabelecer um vínculo dessas divindades na ação de benzimento processada por Dona Cândida.

Cosme e Damião, gêmeos, foram médicos reconhecidos pelas atitudes caridosas. Praticavam a medicina em benefício da população pobre e em forma de recompensa, solicitavam aos pacientes atendidos, curados por eles, viverem suas vidas reguladas pelos princípios anunciados por Cristo. Esses gêmeos tornaram-se notáveis, principalmente, pelo atendimento às parturientes.

Com relação aos mabaças, são gêmeos cultuados pelos povos bantos das regiões de Angola, Congo e Moçambique. São consideradas entidades divinas que simbolizam o surgimento da vida. Agraciados por este atributo, os mabaças são conhecidos por suas traquinagens, mas, sobretudo, pela proteção às crianças.

Percebemos que essa ação de proteger as mulheres grávidas e as crianças, condutas exercidas por Cosme e Damião e os mabaças, irradiaram-se no modo de agir de Dona Cândida ao desenvolver o benzimento.

No capítulo III, nomeado *Simbologias do universo sagrado nas narrativas de Dona Cândida*, atentamo-nos em recolher alguns dos depoimentos de vida narrados por Dona Cândida e os distribuimos em três itens: 3.1. *Morte e renascimento*, 3.2. *Revelações e* 3.3. *Superação*.

Em linhas gerais, no item *Morte e renascimento*, selecionamos uma experiência de Dona Cândida, transcorrida em sua infância, na passagem de seus sete para oito anos de idade. Nesse período Dona Cândida foi arrebatada por uma doença grave, que a deixou inerte, entre a vida e morte, por um período de vinte e um dias.

Momentos marcados por grande aflição, sofridos pela família, pelo grupo social, em especial, pela mãe da narradora, sentindo minada sua confiança, creditou no julgamento divino a sentença final à filha enferma. E é pelo aspecto religioso que a menina renasceu, para em sua face adulta, tornar-se benzedeira.

Adotamos procedimento similar em *Revelações*. Elegemos três histórias de vida de Dona Cândida, exemplares por estarem perpassadas de hierofanias. Voltando a Mircea Eliade (2008), hierofanias tratam-se da manifestação do sagrado, intervalo de tempo em que a pessoa escolhida para assumir as divindades passa por várias provações. Essas provas vão resultando em conhecimentos e revelações espirituais.

O ciclo de revelações se encerra no momento em que a pessoa escolhida esteja apta para assumir sua espiritualidade. Dona Cândida viveu várias situações até o devir da benzedeira.

Assim, chegamos ao momento da *Superação*, último item do Capítulo III. Dispomos nossas ideias de forma a concluir os dois primeiros itens desse capítulo, já que

nesse momento Dona Cândida narrou-nos que se encontrava em total imersão consigo mesma, refletindo sobre as manifestações do sagrado a ela submetidas.

Foi nesse estado de intensa meditação que desabrochou a benzedeira. Para comprovar o evento, escolhemos a narrativa que ilustra a ocasião oportuna para que Dona Cândida utilizasse os conhecimentos de cura herdados do pai, em benefício de seu grupo social.

A elaboração de nossa proposta de pesquisa, concretizada nessa dissertação e disposta em três capítulos, assentou-se em premissas básicas: ressaltar a voz poética, sustentada em simbologias que eclodem da memória de Dona Cândida, e, na sequência, verificar elementos de origem banto presentes nos excertos selecionados.

Afirmamos a poeticidade no discurso de Dona Cândida, respaldados na “força humanizadora” defendida por Antonio Candido (1972). Ousamos tributar essa força humanizadora à matéria prima produzida por Dona Cândida, consolidada em suas histórias de vida, no ritual de benzimento executado por ela que se desloca do plano real para o transcendental. Com essas ações, a narradora propositou a harmonia de sua comunidade.

Dona Cândida adquiriu seus conhecimentos, observando a rotina familiar e o entorno de seu grupo social. Obrigou-se a abdicar da infância para assumir responsabilidades do universo adulto.

Em todos os momentos que Dona Cândida testemunhou a vida, observamos que ela se absteceu nos fatos que a constituíram e os utilizou para o bem estar humano, contribuindo para a formação de seu grupo social.

A memória-palavra-ação em Dona Cândida exerce uma “função social”, conforme preconizado por Antonio Candido (1972). Em resistência ao sistema capitalista, sua atitude semeou a solidariedade, pela doação do benzimento e, ao agir dessa forma, espalhou valores mantenedores da ordem social na comunidade. Por tudo isso há poesia na voz narradora, porque “humaniza em sentido profundo, porque faz viver.” (CANDIDO, 1972, p.806)

Essa poesia parece estruturar-se na memória ancestral de Dona Cândida, que moldou a sua conduta, presente em sua narrativa. Ao fazer ecoar sua voz, com fatos apanhados de sua memória, visibilizou a si mesma e ao grupo formado pela sua diáspora.

Ao jorrar luz aos arredores empobrecidos, evidenciou sua luta tenaz para não se sucumbir à sentença destinada tanto a ela como os de seu grupo social, aos marginalizados, aos silenciados.

A palavra-memória, palavra-ação, palavra-poesia a distinguiu, no desdobramento sagrado que se configurou em sua ação efetuada pelo benzimento. É sobre esta “força humanizadora” chamada Dona Cândida, que recaiu nossos esforços de pesquisa, proposição versada nas páginas a seguir.

CAPÍTULO I

A ANCESTRALIDADE AFRICANA NA MEMÓRIA DA BENZEDEIRA

1.1 VOZES FEMININAS E ÉTNICAS, A NARRATIVA ENQUANTO EXPRESSÃO DA VIDA: O PERCURSO DA PESQUISA.

Neste capítulo contemplamos as investigações, frutos de nossa pesquisa de campo que foram iniciadas em fevereiro de 2009 em Cornélio Procópio/PR.

Aspiramos como projeto inicial, à coleta de depoimentos de vida, das memórias de cinco mulheres afrodescendentes de gerações variadas, com atuação e representação em diversas áreas sociais. Elegemos o corpus de narrativa feminina com o propósito de verificar se a figura matriarcal funcionava como embrião da constelação familiar e averiguar se a memória ancestral religiosa afluía no discurso, constituindo-se em ações.

O ápice da pesquisa recairia na análise da voz poética estruturada o discurso das narradoras. O procedimento para chegarmos às narradoras foi por indagação, a princípio no local em que trabalho, depois no bairro em que reside minha mãe, utilizando o seguinte enunciado: “Há na localidade alguma mulher que se destaca por contar histórias?”

Para tanto, orientamo-nos por questões abertas, técnica proposta por Bom Meihy (2002), que sumariza questões básicas na entrevista, pontuando dados para coleta dos depoimentos, os procedimentos para transcrição, sendo o ponto de referência a análise das memórias obtidas. Solicitamos das depoentes os fatos mais marcantes em suas vidas e conduzimos nossa postura de entrevistadora de forma a interferir o menos possível na exposição das ideias desenvolvidas pelas entrevistadas.

O registro das narrativas coletadas encontra-se armazenada em recurso audiovisual e justificamos a presença dessas narradoras neste trabalho como forma de agradecimento, ilustrando uma pequena parcela dos depoimentos doados por essas mulheres.

Destacamos que esta experimentação corroborou-se pelos procedimentos adotados no projeto “Contação de Histórias do Norte do Paraná”, fomentado por mim, enquanto atuava como coordenadora de Língua Portuguesa no Núcleo Regional de Cornélio Procópio, no período de 2005 a 2008.

O “Contação de Histórias” consistiu-se numa formação continuada estendida aos professores da rede pública de educação básica, das diversas áreas do conhecimento: Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciências, Biologia, Matemática,

dentre outras. O eixo primordial do projeto resumiu-se em pesquisar a memória e a história local, a fim de integrá-las aos conteúdos estruturantes das disciplinas envolvidas, de forma a valorizar os conhecimentos regionais e encontrar neles a dimensão universal.

Enfatizamos que se jurisdicionavam ao Núcleo Regional de Educação de Cornélio Procópio dezenove municípios e setenta e dois estabelecimentos de ensino. O projeto abrangeu dez municípios, possibilitou o envolvimento de cento e trinta e um professores, mil e sessenta e dois alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Um dos critérios lançados foi o de envolver uma turma ou mais turmas do estabelecimento de ensino, vedando a escolha seletiva de alunos - e sessenta pessoas da comunidade. As pesquisas realizadas objetivaram conhecer aspectos locais - econômicos, político, social e cultural sob a ótica de moradores comuns da região norte paranaense.

A sustentação teórica se firmou pelo intercâmbio com o Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, e os Departamentos de Letras e Geografia da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Cornélio Procópio. Ressaltamos que a primeira instituição envolveu-se diretamente na orientação aos professores da educação básica. Reservou-se parte do tempo para encontros presenciais na discussão de fontes sobre coleta de dados em entrevistas e diálogos, história local, análise de imagens, fotografia, música e jornal, o Método Recepcional e a elaboração de artigos.

A organização do trabalho estruturou-se em equipes multidisciplinares, sob a orientação de professores do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina. Os professores e alunos foram a campo, valendo-se da coleta de fontes orais e histórias de vida, para trabalhá-las em sala de aulas.

Com a prática, professores e alunos da educação básica se propuseram a reescrever as histórias locais, atentos às vozes silenciadas de pessoas que não figuravam nos registros oficiais, mas que, anonimamente, contribuíram para o desenvolvimento de seus municípios. Ao dar curso à voz dos excluídos, tornou-se possível a alunos e professores a reescritura da história, a partir das suas perspectivas, de seus signos-palavra.

Nessa amplitude, as figuras de professores e alunos coincidiram com as de escritor e pesquisador, já que os resultados dessas ações reverteram-se na produção e editoração de livros e acervos que contêm informações inéditas sobre o Norte Pioneiro. Além disso, o estreitamento de laços entre os envolvidos na pesquisa; professores, alunos e a comunidade em geral, contribuíram para alicerçar a identidade e o sentimento de pertença pela valorização da memória local.

Além do mais, os alunos aprimoraram a habilidade de ouvir, ficaram mais atentos às histórias que cercaram a vida de seus familiares, sobretudo, às dos mais velhos e reconheceram nas pessoas entrevistadas a luta tenaz e o valor de seus saberes, compartilhados com eles, tanto nos encontros para efetivar as entrevistas, na transcrição, ao cotejar estes saberes com outros conhecimentos escolares, quanto na interação dos entrevistados em sala de aula e a apropriação de suas histórias para posterior recontação, motivos que levaram os alunos envolvidos a atribuir notoriedade aos entrevistados.

Foi com os saberes adquiridos no experimento que eu, professora da Escola Estadual Professor William Madi em Cornélio Procópio/PR, me debrucei, juntamente com meu orientador, perante as narradoras na coleta de seus testemunhos de vida, na intenção de compreender como elas teceram suas vidas e as apreensões elaboradas por elas nos contextos históricos em que atuam.

Acrescido a esse fator, adiciona-se também o desejo de estender essas narrativas de afro-brasileiras ao âmbito escolar e aprofundá-las, em atendimento à Lei número 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que representa um marco histórico ao promulgar que vozes e cultura marginalizadas terão seu espaço no contexto escolar.

Trata-se da inserção no currículo de educação básica da História e da Cultura Africana de um modo generalizado. A Lei número 11.645, de 10 de março de 2008, alterou a 10.639/2003 no sentido da inclusão do ensino da Cultura Indígena, assim prescrito no parágrafo segundo:

Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística, literatura e história brasileira. (Poder Legislativo – DOU – 11/3/2008)

Em atendimento ao aspecto legal prescrito nesses documentos, contemplamos vozes periféricas e silenciadas. Nesse sentido, a pesquisa de mestrado desdobra-se em duas vertentes: estudar, refletir sobre a questão teórica que envolve a cultura afro-banto-brasileira e analisar a voz poética que emana das narrativas femininas.

Convém ressaltar que a investigação exigiu a prática da paciência, do ouvir, o respeito à cultura das depoentes e a ação de interferir o mínimo possível para não bloquear os pensamentos das narradoras.

A aplicação dessa atividade permitiu aguçar a atenção aos pequenos detalhes carregados de significados, reveladores de aspectos da realidade vivenciados pelos grupos sociais nos quais se inserem as depoentes.

Um gesto, um aceno, choros remetem às cenas passadas e constituem substância para melhor compreensão do impulso criador das narrações, evidenciando a questão individual e coletiva dessas mulheres no suporte comunitário. O material recolhido encontra-se armazenado em suporte audiovisual.

O trabalho de campo, as anotações e a integração de recursos tecnológicos para apreensão das narrativas foram rearranjos necessários. Penetrar no passado requer manobras de ações que se principia na sonorização, acionada pela evocação da memória, acrescida da *performance*.

Nesses aditivos armam-se as estruturas narrativas, que enreda o (a) ouvinte e confere veracidade aos fatos narrados. O discurso que se nutre na memória se dissimula na subjetividade e por estes dispositivos há representação da realidade.

Os relatos testemunhais abarcam vazios, que se complementam e se completam na trama, promovida pela conjugação do corpo e da voz. Recursos esses que valorizam o episódio narrado, ao ampliar o vivido e revelar a ação do próprio sujeito e de sua coletividade.

A exaustiva peregrinação da pesquisa de campo somou-se à pesquisa teórica, com o propósito de estruturar e sustentar o diálogo acadêmico com as fontes orais advindas das narradoras. Efetivamos esse exercício e nessas etapas, encontramos dificuldades.

No tocante ao aspecto teórico, há escassa referência em Língua Portuguesa sobre a cultura dos bantos. Já a demanda consubstanciada por meio de entrevistas regrou-se nos encontros e na frustração dos desencontros, nas horas de gravação, na densidade de tempo para efetuar a transcrição, o somatório de pesquisa ao som e imagem, a fim de conferir detalhes que escapam no percurso das entrevistas.

Por esta estratégia, o complexo reino da oralidade, da memória e da voz poética se descerrou aos poucos no processo de análise da fala e assinalou caminhos para analisar a voz poética criada pelas depoentes.

As histórias dessas narradoras se aproximaram, o eixo de comparação teve como sustentação a memória, responsável por alinhar essas vozes na medida em que ressaltaram a condição de ser mulher negra numa sociedade excludente. A esse respeito Bom Meihy argumenta que

a força que faz vibrar a história oral brasileira é a mesma que não deixa morrer a luta dos subjulgados em busca do direito de ser. [...] [Direito que] garante sentido social à vida de depoentes e leitores, que passam a entender a seqüência histórica e se sentem parte do contexto em que vivem. (MEIHY, 2002, pp.15-32)

Sobre essa força que ele ressalta a observamos em relação às entrevistadas, porque as histórias dessas mulheres afrodescendentes cingem-se no que se refere ao empenho obstinado para se introduzirem nas fendas sociais com o objetivo de atender às necessidades familiares e manter a dignidade nesses locais sobrecarregados pelo preconceito.

A luta pelo direito de ser estampa-se no discurso testemunhal de vida dessas mulheres. O tempo destinado à pesquisa de Mestrado nos obrigou a delimitar nosso objeto de estudo de modo a restringi-lo a uma única narradora. Contudo, não poderíamos deixar de mencioná-las, razão de selecionarmos um fragmento pertinente à infância das narradoras para homenageá-las e agradecer-lhes a atenção que nos dispensaram.

Adentramos o campo, em final de janeiro de 2009, e nos apresentamos à primeira narradora, Léa Apolinare, 56 anos, indicação do orientador, pela atuação desta figura feminina no campo religioso de matriz africana. Oficializada a entrevista em 23 de fevereiro de 2009, fomos recepcionadas com um largo e abundante sorriso. A depoente, generosamente, nos ofertou suas lembranças, das quais selecionamos a seqüência abaixo:

A mamãe sempre trabalhou fora, a gente sentia muita falta dela. Na minha infância ela lavava roupa. Era uma lavadeira maravilhosa que deu essa paz para a gente. Eu não consigo deixar de me emocionar (choro) ao falar de uma pessoa tão incrível, minha mãe foi maravilhosa, é uma palavra para defini-la. Simples, ela só tinha o diploma do primário, mas era muito sábia. Ela passava para nós coisas positivas, boas. As roupas eram lavadas aqui em casa. Era muito sofrido, porque nós não tínhamos água encanada. Aqui no bairro havia somente uma torneira central que servia a todos os moradores, era aberta das 2 às 6 da manhã. Nós [ela e os dois irmãos] tínhamos que levantar cedo, carregar água na cabeça para encher tambores, tonéis, bacias, latas de querosene, que usavam na época. Então enchíamos aquelas vasilhas para que ela pudesse lavar as roupas durante o dia e para o uso diário né? Duas horas da manhã a gente tinha que levantar e a fila já estava grande. Então enchíamos as vasilhas e vínhamos descarregar, parecíamos formiguinhas, descarregando as latas de água para cima para baixo, para lá para cá, obedecendo a uma fila. Foi muito sofrido. As roupas eram muito bem lavadas, branquíssimas, não tinha sabão em pó nem água sanitária. A roupa era esfregada, fervida, quarada [ensaboada e estendida ao sol para tornar mais clara]. Era muito sacrificado. Depois ela começou a trabalhar nas casas né? E como eu era a caçula até então ela não tinha como me deixar em casa, me levava para o serviço. Foi onde comecei a minha lida, se ela lavava roupa eu ajudava na limpeza. Enquanto ela cozinhava, eu lavava a louça ou cuidava dos filhos dos patrões. Eu fazia serviço de rua: buscar o leite no leiteiro, fazer compra na quitanda. Isso desde os 5 anos de idade. Então

comecei a trabalhar muito cedo, minha infância foi muito curta para brincar. (Entrevista realizada em 23/2/2009, filmada por Clara Caetano Faria, fragmento transcrito por mim)

Léa reside na mesma moradia da sua infância, a cidade expandiu-se e sua residência localiza-se em uma rua paralela à Avenida XV de Novembro, via central da cidade de Cornélio Procopio/PR. Sua fala reflete dor e determinação por conta do sofrimento acarretado pela jornada de trabalho precoce que se amenizou ao voltar sua atenção à figura progenitora, porque sua conduta de vida ensinou-lhe a dar existência a si mesma em esferas sociais determinadas pelas desigualdades.

Ao nos despedirmos, solicitamos a indicação de outra mulher negra, que pudesse se incorporar à nossa pesquisa. Foi assim que chegamos até Neuza Martins Catarino, 48 anos, denominada por Fiô, depoimento transcrito a seguir:

Ah, eu acho assim, na infância a vida não tinha tido muita dificuldade pelo fato de meu pai sempre foi do meio político, sempre teve um nível de vida médio, sempre foi da classe média ele era administrador de fazenda, quer dizer, onde morava a gente era bem tratado por isso, mais pela posição que ocupava, quem mandava em tudo era meu pai, então automaticamente os próprios funcionários e os empregados da fazenda eles tinham um tratamento diferenciado pela gente mas sentia que a diferença era pela posição que ocupava e isso é uma coisa natural. Acho na escola a diferença também a gente via essa diferença no modo como os próprios professores quando eles tratam, tratam de modo diferenciado eles sempre comparam uma coisa com a outra eu cresci numa cidade muito pequena Congonhinhas até os 12 ou 10 anos me convence enquanto infância foi normal, não tive nenhum ato direto mais pelo fato da condição que a gente ocupava mesmo, mas a gente via no dia a dia atos de discriminação com relação a isso, eu tinha outras amigas da escola mesmo que diferenciavam outras amigas da gente que eram da raça negra com a gente que também eram da raça negra e muita gente as vezes falava mas eu também sou negra mas você não é negra é uma mistura de raças minha mãe é branca e meu pai é negro, então mais um fato as pessoas quererem alterar a cor da gente ou a raça da gente pelo fato de se justificar de estar tratando a outra pessoa de maneira diferenciada então eu vi muito isso quando era criança, e essas coisas sempre vi injustiça nisso, nunca gostei porque desde que era criança vi sempre diferença entre as pessoas. (Entrevista com Neusa Martins Catarino, apelido de Fio, filmada e gravada em 23/2/2009, transcrita por Lucia Eli Bambini Silva)

Diferentemente da infância de Léa, Neuza Martins aproveitou sua juventude sem grandes transtornos, fato que atribuiu à condição sócio-econômica de seu pai. Por isso a entrevistada afirmou a insistência de “quererem alterar a cor da gente”, pois apagada sua cor negra se justificaria a autorização de permanência nestes ambientes.

Essa narradora graduou-se em Ciências Econômicas, foi vereadora entre os anos de 2005 e 2008 e exerce a função de funcionária pública municipal na Prefeitura de Cornélio Procópio/PR, além de promover ações sociais em prol do movimento negro procopense.

Ao final de nossa conversa, adotamos o mesmo procedimento e ela nos apontou Maria Benta de Souza de 56 anos. Abaixo, trechos de suas lembranças:

Minha infância foi acompanhando e ajudando minha mãe no benzimento. Não me lembro de nenhum benzimento que ela fez que não tenha dado certo. Quando uma pessoa procura uma benzedeira, ela já gastou tudo que tinha que gastar com médicos e não resolveu o caso. Aí ela procura o benzedor. Sempre é assim e até hoje é assim. Então eu ficava ali olhando minha mãe observando como ela fazia né? A pessoa benzida tinha que retornar durante três dias, no terceiro dia não tinha mais nada. (Entrevista efetuada em 23/2/2009, filmada por Clara Caetano Faria, trecho transcrito por mim)

O testemunho de Maria Benta, cedido em 23 de fevereiro de 2009, aproxima-se das experiências de Léa Apolinare, visto que, nas entrelinhas do discurso, entrevemos a infância coberta por atividades reservadas socialmente nos dias atuais aos adultos. No caso específico, supomos que além de outras obrigações, Maria Benta assistia à mãe no trabalho de benzimento. A narradora recortou de sua memória a prática de benzimento efetuado por sua mãe, experiência essa que Maria Benta afirmou ser “herdeira”.

Desponta do testemunho oferecido, a crença nos poderes espirituais de sua mãe expressa no pensamento: “Não me lembro de nenhum benzimento que ela fez que não tivesse dado certo”, revela o modo como ela foi processando o “dom” de cura, fato que a levou, há doze anos, a fundar um terreiro de Umbanda e a trabalhar caridosamente para a comunidade, a fim de prosseguir o empreendimento solidário de sua mãe.

Em contrapartida, essa voz denuncia a marginalização da prática de benzimento “Quando uma pessoa procura uma benzedeira, ela já gastou tudo o tinha que gastar com remédios e não resolveu o caso. [...] Sempre é assim e até hoje é assim”. Talvez esse comportamento observado

por Maria Benta, advém do fato do benzimento ser exercido, em sua maioria por pessoas “subjugadas” pelo sistema econômico presente.

Em 21 de fevereiro de 2009, chegamos a Cândida Gomes de 84 anos. O procedimento para chegarmos a ela foi questionando alguns moradores do bairro em que reside minha mãe. Conduzimos-nos pelo seguinte enunciado: “Há na localidade alguma mulher que se destaca por contar histórias?”

De súbito, fluiu a resposta: “Dona Candinha, a benzedeira falante!” Os moradores questionados argumentaram que ao procurá-la não se pode ter pressa, já que depois do benzimento será preciso reservar um tempo para ouvir suas histórias. A seguir, trechos de um fato da infância da narradora:

Essa menina malemá tinha 10 anos, 10 e pouquinho, cuidei de minha mãe um ano no último que eu podia fazer pra minha mãe, né?. Caiu na cama, [...] a minha mãe sofria. Os outro ia lá em casa pra ver essa menina lidar, cuidar da mãe na cama, da casa e do meu pai, o coitado ficou desgostoso a mãe ficar doente, um homem trabalhador [inaudível], começou a beber, bebia, eu tinha que sofrer com meu pai, sofrer com minha mãe. Meu pai saia e quando chegava em casa, coitado, eu tinha que segurar o burro para ele descer e eu quase mijando de medo do pai. Aí minha mãe morreu e ele cuidou de tudo, certinho, com ela, né? (Entrevista ocorrida em 21/2/2009, com Cândida Gomes, gravada por mim, filmada por Clara Caetano Faria e transcrita por Lucia Eli Bambini Silva)

A voz de Dona Cândida soma-se a de Léa e Maria Benta no que se refere a encarregar-se de tarefas pertinentes ao universo adulto. No entanto, a carga tributada à Dona Cândida teve maior peso, pois de acordo com a declaração por ela ilustrada no excerto selecionado, abruptamente, abrigou-a a renunciar a infância, na passagem de seus nove para dez anos de idade assumindo as funções de sua mãe que se encontrava à beira da morte.

Pela fala testemunhal é possível desvelar a condição de “luta dos subjugados”. No caso específico de Dona Cândida, ela é expressa nas ocorrências: “cuidei de minha mãe um ano no último que eu podia fazer” e “meu pai, coitado, ficou desgostoso [...] começou a beber”.

A menina enfrentou a situação ao realizar as atribuições de agente de saúde ao cuidar da mãe enferma e do pai alcoólatra abatido psicologicamente pelo estado de saúde da esposa. Além de zelar, também dos irmãos. Ela assumia um novo papel social: a de chefe familiar.

Outro dado passível de interpretação encontra-se na passagem: “Os outros iam lá pra ver essa menina lidar”, demonstrando a solidariedade grupal em velar, dentro dos limites do tempo e das obrigações a desempenhar, pela menina assumindo-se mulher.

Em 20 de março de 2009, deparamo-nos com Iraci Joaquina da Silva de 56 anos, que foi minha aluna na Educação de Jovens e Adultos - EJA, etapa correspondente ao Ensino Fundamental, na Escola Estadual Alberto Carazzai, também em Cornélio Procópio/PR.

A depoente executava trabalhos domésticos numa das residências no bairro em que vive minha mãe. Efetuamos o convite para participar da pesquisa e ela se deu no dia 29 de março de 2009. Exemplificamos com esse trecho o seu relato:

Vimos do Estado de São Paulo para trabalhar nas roças em fazendas de Cornélio Procópio. Minha mãe foi filha de escravos e meu pai era filho de preto com mãe italiana. Minha mãe era submissa a meu pai, mas algumas questões ela era avançada, por exemplo: ela sabia ler e escrever, aprendeu nas casas das fazendas, meu pai achava que nós não precisávamos estudar “filho de pobre não precisa estudar”, dizia ele. E eu e meu irmão fomos para escola. Meu pai pegava no pé das filhas do primeiro casamento proibindo elas de namorar. Minha mãe enfrentava meu pai, afirmando que elas tinham que namorar. Na escola havia poucos negros e os moleques e as meninas brancas corriam atrás de nós na saída dizendo que negro não podia estudar. Tem que passar pelas dificuldades para se alcançar as coisas. Nunca me deixei vencer. Quando olho para trás sinto tristeza e a maior delas é ter perdido minha mãe muito cedo (choro). Mãe é mãe! Ela fazia de tudo para mim e meu irmão e até para os outros que não eram filhos, os enteados. Tinha 10 anos quando ela morreu. Ajudei a cuidar dela na doença, o dia que ela morreu, estava junto dela, pessoa heróica. Depois que ela morreu, meu pai colocou eu e meu irmão para trabalhar na roça, levantávamos de madrugada para colher café, meu pai passava a tarefa e se nós não a cumpríssemos, não almoçávamos, não podíamos discutir se não apanhávamos. [...] Venci muitas coisas até o racismo. (Entrevista gravada em 29 de fevereiro, com trecho transcrito por mim)

Há sintonia entre o relato arquitetado por Iraci e os testemunhos de Léa, Maria Benta e Dona Cândida no árduo empenho pela sobrevivência, em edificar a identidade em espaços discriminatórios.

Transparece mágoa na voz narradora, pois os direitos da população negra eram podados. O caso se agravava pela questão de gênero, pois cabia à mulher o trabalho na lavoura e no recinto familiar.

A denúncia patenteia-se também na exclusão social, selada pelo racismo, preconceito que marginalizava, principalmente, os afrodescendentes privando-os em seus direitos. Neste caso, o de frequentar os bancos escolares, a fim de obterem o produto intelectual produzido pela humanidade.

Expressamos que as narradoras manifestaram alegria ao serem ouvidas. Preocuparam-se em estar apresentável, o que evidenciou a beleza das depoentes. As narrativas emanadas delas revelaram uma trajetória marcada por dificuldades pela necessidade de contribuir com o sustento familiar.

A expressão de abandono e tristeza ronda suas faces, ao enfatizarem que o preconceito, ainda hoje, é muito forte e causa sofrimento a muitas pessoas que são desfavorecidas pelo sistema econômico.

A voz e a ação foram instrumentos usados por essas mulheres para não serem exauridas por forças opressoras. À medida que se tornaram necessários ao próprio indivíduo e a sua comunidade, as palavras materializadas em sons foram armazenadas na memória.

Ao costurar as lembranças dessas mulheres, há pontos em comum, sobretudo na figura feminina como fonte basilar de ensinamentos que sistematizavam a vida de seus familiares, no sentido de enfrentarem as adversidades e não se deixarem abater por elas. As vozes são uníssonas ao denunciar o preconceito que ronda a sociedade e invisibiliza a população afrodescendente, não lhes ofertando condições dignas de vida.

Compartilhamos que as narradoras nos receberam com muita atenção, sendo generosas em ofertar seus depoimentos de vida. Notamos o brilho no olhar ao serem ouvidas, na perspectiva de que suas histórias pudessem ilustrar a outrem, aos que delas se aproximam pelo estigma demarcado pela cor de suas peles e de suas condições econômica, motivo que as

levaram a gingar¹ – como um capoeirista, a fim de não serem consumidas pelo derrotismo, a responderem com luta, sorrisos, meneios e persistência aos infortúnios que as assolaram e as dificuldades que ainda têm a encarar.

Por outro lado, pelas mensagens transmitidas, os relatos que enredaram o viver das depoentes denunciam que a configuração do espaço continua opressora, porque o direito à universalização, acesso aos bens culturais e materiais se restringem a uma pequena parcela da população.

Reforçamos que a pesquisa de campo demanda grande esforço, pois a quantidade de atividades de que dela resulta é imensa, não se resumindo em gravar, filmar, transcrever e analisar imagens e textos. O limite temporal nos fez selecionar e recortar partes dos depoimentos dessas cinco mulheres a título de ilustração e forma de agradecimento por nos terem aberto as portas de suas residências e as comportas de suas memórias.

Reafirmamos que de posse desse material de testemunho, compreendemos que o tempo concernente à pesquisa de Mestrado se tornaria pouco provável a exploração de um objeto de estudo tão variado. Esse exercício reflexivo conduziu-nos a eleger dentre esse veio testemunhal apenas as memórias de uma narradora.

A que critério recorrer, uma vez que todas as narradoras ofertavam depoimentos impressionantes? Voltamos aos depoimentos armazenados em recurso audiovisual e depois de ouvir as diversas histórias de vida, a demanda nos fez optar apenas por uma das depoentes para aprofundar essa dissertação.

O critério adotado sustentou-se na abundância de fatos vividos, depositados na memória de Dona Cândida, bem como em sua habilidade discursiva, performática e a criatividade em transpor a experiência vivida aos tempos presentes.

No processo de recriação de suas histórias de vida, Dona Cândida lança mão de vários recursos como, o gestual, a facial, a tonal que compõem a obra tecida pela narradora.

Mencionamos que antes de proceder à investigação, mantivemos vários contatos com a narradora. No início mostrou-se arredia, desconfiada diante da proposta em ter sua trama existencial revelada no âmbito acadêmico, local estranho e desconhecido por ela. Não entendendo inicialmente o propósito, reforçamos que não obteríamos lucro com esta

¹ A ginga é o movimento fundamental da capoeira, uma arte originariamente brasileira, alicerçada na tradição cultural africana. Trata-se de uma luta de defesa corporal, marcada pela habilidade física, equilíbrio emocional e raciocínio, analisando o adversário e recorrendo ao melhor golpe para vencê-lo. Analogicamente, empregamos o vocábulo ginga nesse contexto como forma de expressar a luta, dessas pessoas marginalizadas, por justiça.

empresa, pelo contrário haveria demanda pecuniária com os recursos tecnológicos envolvidos nessa empreita como: filmagem, gravação e transcrição.

Explicamos a ela que nosso desejo maior se centraria em difundir sua memória e sua voz. Ao se convencer, afirmamos-lhe que o andamento da pesquisa seria compartilhado e suas histórias seriam divulgadas a alunos e professores e, também, nos encontros acadêmicos e eventos científicos.

Assim, estabelecido clima de respeito e confiança, firmados a cada encontro, derivaram-se as investigações, regradas por frustrações e regozijos.

As frustrações limitaram-se aos desencontros. Muitas vezes chegamos à casa da depoente com visita previamente agendada e não houve atendimento, devido a compromissos outros mantidos por ela: ora consulta médica, pagamento de contas, recebimento de aposentadoria, benzimento de urgência de pessoas que a procuravam atormentadas por aflições de ordem física e psicológica dentre outros.

Frustração sentida também pelas vezes que nos negou ser filmada ou ter sua voz capturada pela gravação, permitindo somente registrar por escrito suas narrativas. Tarefa muito difícil devido à agilidade em que processava suas histórias, revivendo-as por meio de representação corporal, gestual, facial e tonal. Nesses momentos, Dona Cândida alegava que não estava com boa aparência, por motivos de saúde.

No entanto, possuímos seis horas de filmagem gravadas entre fevereiro e julho de 2009. Ilustramos que a cada quinze minutos de escuta corresponde a, aproximadamente, cinquenta minutos para a transcrição, num minucioso trabalho que associou estudar imagem e som. Foi incontável o movimento de retorno à ação, muitas vezes por não entendermos palavras-chave para compreensão do episódio narrado.

Parte dessa dificuldade inicial da coleta de informações esteve vinculada ao fato de Dona Cândida morar num bairro periférico do município de Cornélio Procópio.

No primeiro contato que tivemos com ela no final de 2008, os degraus que levavam a sua pequena casa, imóvel simples construído em alvenaria, a narradora morava sozinha e que na época contava com 84 anos.

Quando, oficialmente, iniciamos a pesquisa de campo em fevereiro de 2009, com visitas mensais até julho do mesmo ano, a escada lavrada na terra fora substituída por uma escada cimentada. A residência era alugada e o pequeno espaço dividia-se em três ambientes: um quarto - que continha uma cama de casal, um guarda-roupa de duas portas e uma cômoda. Este pequeno espaço abrigava o sagrado, seu altar. O espaço para trâmite correspondia, aproximadamente, a uns dois metros.

Outra repartição destinava-se à cozinha, diâmetro similar ao quarto que alojava uma geladeira, uma mesa pequena, um fogão, uma pia, um armário de madeira antigo, duas cadeiras, um banco e um rádio pequeno a pilha. Entre estes espaços encontrava-se o banheiro.

Nessa pequena moradia, Dona Cândida recepcionava muitas pessoas, tanto do bairro quanto de outras localidades, que recorriam aos saberes espirituais dessa benzedeira.

Contemplada com disposição física e psicológica admiráveis, gerenciava os afazeres domésticos associados ao benzimento. Além de tudo isso, complementava sua renda de aposentadoria como vendedora ambulante.

Vale à pena ressaltar que ela recusou-se a morar com os filhos, temendo que estes a proibissem de exercer a prática do benzimento e ficar “abatida”, sem a energia espiritual.

Walter J. Ong (1998) no livro *Oralidade e cultura: a tecnologização da palavra* primou em compreender a oralidade primária, ou seja, a cultura de grupos étnicos que têm a oralidade como sustentáculo da tradição. Discordou do emprego do termo “literatura”, para designar os saberes provindos da cultura oral, devido à carga semântica dessa palavra de matriz latina “litaræ”, “letra”, marcada, ideologicamente, remete à produção escrita, colocando-a num patamar consagrado.

Nesse campo de discussão, bania-se a complexidade da linguagem oral. O fato levou o pesquisador a julgar o emprego de “texto” mais adequado para se reportar à tradição oral, já que etimologicamente significa tecer, representa o ato de coser, entrelaçar os fios na elaboração do tecido/trama. No entanto, Walter J. Ong concluiu que ambas as palavras mantinham a oralidade refém da escrita, razão de cunhar o termo “vocalizações”, por julgá-lo mais significativo para contemplar as criações orais.

Julgamos que as “vocalizações” de Dona Cândida são pertinentes ao fazer acadêmico, pois Ong (1998) ao refletir sobre a oralidade e escrita, estudou as várias visões que registraram as oposições entre ambas em diversas culturas.

Esse exercício conduziu-o a formular conceitos sobre a oralidade, reivindicando a ela lugar de referência na academia, já que ela é tão imprescindível quanto à escrita para formação humana. Ambiente caracterizado pelo estudo e pesquisa, a academia deve estar atenta à produção de conhecimentos oriundos das comunidades orais, e devem pesquisar a memória e incorporá-la a seu acervo, pois

a narrativa, em toda parte, constitui um gênero capital da arte verbal sempre presente, desde as culturas orais primárias, até a alta cultura escrita e o processamento eletrônico da informação. [...] Por trás de provérbios, aforismos, especulações filosóficas e rituais religiosos, jaz a memória da experiência humana disposta no tempo e submetida ao tratamento narrativo. (ONG, 1998, p.158)

Mobilizados pelo desejo de conhecer esta experiência humana, descrita por Ong como “gênero capital da arte verbal”, o ponto angular para eleição dessa narradora fixou-se na memória e habilidade discursiva da depoente, que (re) constrói suas histórias de vida com riqueza de detalhes, vertidos abundantemente de sua memória, combinação engenhosa para deleitar, comover e persuadir o (a) ouvinte.

Suas histórias condensam acontecimentos que se pontuaram por dificuldades, tristezas e uma força imensa em superar as adversidades, em conferir novo sentido à existência. Em relação às narrações testemunhais Beatriz Sarlo ressalta que

O presente da enunciação é a própria condição da rememoração: é sua matéria temporal, assim como o passado é aquela matéria temporal que se quer recapturar. As narrações testemunhais sentem-se confortáveis no presente porque é atualidade (política, social, cultural, biográfica) que possibilita sua difusão, quando não sua emergência. O núcleo do testemunho é a memória. (SARLO, 2007, p.58)

Vivaz, em suas memórias Dona Cândida dá tons às palavras. A simplicidade, a rapidez do fluxo narrativo - a *performance*, descortinam histórias de vida que designam a complexidade existencial. Os fatos ecoados de lembranças remotas interagem com acontecimentos atuais. Esta plasticidade molda a densa vivência da depoente, amenizam as fundas cicatrizes de uma vida marcada pela dor, pela luta e, principalmente, pela teimosia de um bem viver.

Os encontros mantidos com Dona Cândida foram profícuos para se fazer emergir várias lembranças reveladoras de seu modo de ser e viver, que a consagrou em sua comunidade pelo efeito do benzimento e a força de sua palavra, matéria prima para composição de suas histórias, joradas de sua memória.

A procura de melhor entendimento sobre o benzimento desencadeou o próximo subitem, no qual explicitaremos as memórias ancoradas na atualização dos rituais de benzimento, preparo dos remédios, e as marcas de identidade que perpassam o fazer desta narradora afrodescendente.

1.2 BENZIMENTO, MEMÓRIA E IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA

A benção é um costume presente na vida cotidiana e essa prática incorporou-se aos hábitos familiares. Pais benzem os filhos, padrinhos os afilhados, etc. Expandindo do recinto privado, a benção encontra-se, também, em ambientes mais formais a exemplo de igrejas e templos, sendo que neles há a presença de padres e pastores. Além destes, existem os benzedores que ofertam a benção em suas casas ou em espaços denominados de “terreiros”.

Para ampliar o horizonte acerca do processamento do benzimento, mantivemos diálogo com dois pesquisadores, Elda Rizzo de Oliveira (1985) e Mircea Eliade (2008). A primeira, sob a perspectiva antropológica social, primou, em suas investigações, em compreender a manifestação da benção no mundo ocidental, executada por pessoas comuns e a contribuição desse profissional para o contexto social.

Numa extensão mais abrangente caminha Eliade (2008), historiador das religiões, ao analisar a experiência religiosa e sua repercussão no ser humano. Sob este ponto de vista, singulariza o homem religioso do não religioso e ilustra a oposição pelo fenômeno do “sagrado” e do “profano”. Para entender a questão incidiu sua atenção para a manifestação religiosa exercida pelos povos primitivos, porque procuravam dirigir suas vidas em sintonia com o universo. Nesse viés, a existência humana se assemelharia à conduta sagrada dos deuses.

A pesquisa efetuada por Oliveira (1985) ocorreu na cidade de Campinas/SP. Interessava à pesquisadora compreender o papel social exercido pelas benzedoras e a representatividade delas na comunidade.

Para obtenção desses dados, visitou várias benzedoras, entrevistando-as. Ao analisar as informações colhidas, ela concluiu que o benzimento se processava pela íntima relação mantida pelas benzedoras com entidades religiosas dispostas nos altares. Esta sintonia conferia autoridade à benzedora para dirigir-se ao próximo. E essas aproximações promoviam o sentimento de solidariedade. Isso levou Oliveira a deduzir que

a benção é um veículo que possibilita a seu executor estabelecer relações de solidariedade e de aliança com os santos de um lado, de outro com os homens, e entre ambos simultaneamente. A benção é, então, um instrumento pelo qual homens produzem serviços e símbolos de solidariedade para si e para sujeitos da classe social da qual fazem parte. E, na maioria das vezes, eles produzem benção através da religião a que pertencem. (1985, p.9)

Em se tratando de Dona Cândida encontramos analogia entre seu fazer religioso com as entrevistadas por Oliveira, porque a benzedeira rende devoção ao altar e tem os santos como protetores íntimos, inclusive na forma de dirigir-se a eles, principalmente a Nossa Senhora Aparecida, chamada por ela de “mãezinha”. O cotejar dessas duas posições é verificável quando ela narra que

Tá na mão de Deus um caminho limpo. Na hora do benzimento a gente tem que pensar só em Deus e na Nossa Mãezinha do céu [...]. É aí que a gente faz o pedido pra Deus, pra Nossa Senhora da Aparecida e Nossa Senhora da Guia, né?., que vai guiar o caminho da pessoa, abrir os passo, abrir o caminho, desenroscar. E isso é o bem que a gente tem que fazer: desenroscar a pessoa. Às vez a pessoa tá sofrendo, num tá sabendo o que tá sofrendo. Então a gente pede a Deus, nosso pai salvador. que ele tá ali [volta o olhar para cima e indica o local (céu)]. A hora que a gente pede [abaixa a cabeça, coloca a mão esquerda sobre os olhos, em seguida, na testa] cheio de tremor dele, o coração [coloca a mão no coração] que é do lado dele, né? [pressiona a mão], a gente pede pra ele salvar aquela pessoa, tirar aquele sofrimento, aquela dor que a pessoa tá sofrendo, aquele aborrecimento, aquela tristeza. A gente pede pra ele [inclina a cabeça, fecha os olhos, coloca cada uma das mãos na testa, acima dos olhos] com fé, pede com fé, com o rosário na mão. A gente sente o tremor [novamente inclina a cabeça e repete o gesto anterior] no meio do coração e a gente levanta o doente [estende os braços, como se estivesse executando a benção]. A gente pede pelo inocente, que num sabe pedir e a gente tem aquele, aqueles mistério dentro a gente, a gente nasceu cum ele [olha para cima e coloca as mãos no espaço entre os seios], a gente pede cum aquela fé, chama o nome da pessoa e concede ali no altar nos pés do pai, da nossa mãezinha do céu [aproxima a mão, como se estivesse efetuando a prece] e a pessoa sente miora [dá uma palma, como em exaltação] (Entrevista Registro Audiovisual, Cândida Gomes, julho, 2009)

Esse diálogo comunal a aproxima do espaço sagrado, pois tanto ela quanto as divindades estão incumbidas de velar e proteger a humanidade, já que são condutoras da paz e da harmonia. À narradora foram concedidos “os mistérios”, ensinamentos ancestrais que têm por premissa o bem estar das pessoas que a procuram.

Temos a impressão de que ao deslocar-se da esfera profana para a sagrada, os “mistérios” são revelados à Dona Cândida, que de posse deles, retorna ao espaço profano, uma vez que a sintonia com o sagrado lhe permitiu detectar o problema e lhe autorizou a executar a oração adequada e a formular remédio apropriado para aplacar o incômodo, que aflige o (a) paciente.

O altar de Dona Cândida acolhe imagens de santos cristãos e de entidades religiosas de matriz africana. Tanto quanto no altar há no rito a presença do sincretismo e a associação recíproca de diferentes culturas que lhe permitiu viver sua fé.

Diante de seu altar, as orações invocadas são de tradição católica, inclusive o emprego do rosário. Contudo, percebemos a presença da cultura africana no conhecimento que a narradora tem de plantas medicinais, bem como o modo de prepará-las na luta contra as doenças. Além disso, o modo compenetrado com que dialoga com o sagrado a particulariza, já que há uma sintonia estreita com as entidades espirituais que a ajudam no processo de cura, “os espíritos de luz”, conforme ela os denomina, ou “corrente dos anjos”.

Consideramos essas manifestações do sagrado similares a cultura dos povos denominados banto, pois a narradora, ao falar sobre estas, deixa transparecer que é uma “herança de família”, o que nos faz dialogar com o culto aos ancestrais dessa origem, que podem estar retidos na memória da benzendeira.

O fazer religioso de Dona Cândida ao diluir-se no coletivo fortalece os laços identitários, aproximando pessoas que visam encontrar solução para os problemas que as atormentam. A constatação de acometimentos resultando infortúnios de diversas ordens que assolam o coletivo e a presença de alguém irmanada com a esfera sagrada que intervém na comunidade para aliviar os presságios através do benzimento, torna mais viva as relações grupais.

Sendo o benzimento um modo espiritual de harmonizar o homem e sua relação com o cosmo, este fenômeno acompanhou o ser humano em seu percurso existencial, pois a interação com o sagrado referenciava os fazeres grupais.

Homem e cosmos harmonizavam-se, na figura de um guardião, pessoa dotada de capacidades de cura e síntese sobre a atividade comunitária, que por ser reconhecido como mediador entre o humano e o sagrado exercia liderança, recurso que dispunha para estabelecer a ordem social. Para Eliade

o homem religioso desemboca periodicamente no Tempo mítico e sagrado e reencontra o Tempo de origem, aquele que “não decorre” – pois não participa da duração temporal e é constituído por um eterno presente indefinidamente recuperável. [...] Reestabelecer o Tempo sagrado da origem equivale a tornarmo-nos contemporâneos dos deuses, portanto a viver na presença deles – embora esta presença seja “misteriosa”, no sentido de que nem sempre é visível. (2008, pp.79-80)

Sendo um legado ancestral, Dona Cândida sorve os conhecimentos e, à luz destes, procura articular a palavra para invocar divindades a fim de que elas lhe transmitam a sabedoria necessária para intervir na comunidade e (estes conhecimentos possam) solucionar

os problemas de saúde que assolam os membros de sua comunidade, em conformidade com a ilustração abaixo:

Um dia eu ia pra casa da sogra [...] ia passando, ia passando, quando a muié gritou, gritou pra mim: “oh! dona, oh dona!” Eu parei. Era uma crente. Aí ela falou: “será que dá pra senhora ensinar um remédio pro meu marido?” Eu falei: o que que ele tem?, “Ele caiu do cavalo, caiu do cavalo e machucou as costa. Foi no médico e ele num deu jeito, ele tá do mesmo jeito!” A senhora tem fé? Ela falou: “Tenho! Sou crente, mas acredito que a palavra de Deus é uma só, eu acredito. A senhora pode me ensinar o remédio que eu faço”. Ensinei o remédio pra ela, ensinei o remédio pra ela, ensinei o remédio pra ela. E falei: eu mando um pedido do mistério na sua casa pra ele ficar bom. Ela recebeu, ela recebeu, ela recebeu. (Entrevista Registro Audiovisual, Cândida Gomes, julho, 2009)

A benzedeira não se curva aos preconceitos semeados por religiões que não reconhecem o ofício do benzimento, tão pouco se nega a prestar assistência a quem a procura, desde que seus saberes sejam respeitados.

A esse respeito devemos entender que essa forma de organização, em que os poderes místicos estavam a favor da coletividade e, conforme avalia Eliade (2008), a mediação espiritual tinha como mola propulsora a harmonização do homem com o cosmo. Este fenômeno acompanhou o ser humano em seu percurso existencial, pois a interação com o sagrado referenciava os fazeres grupais.

Harmonia esta abalada com os ideais defendidos na Idade Média, principalmente nos séculos XV e XVI, com o monopólio da igreja, embrutecido pelo controle social imposto pelo Santo Ofício da Inquisição, decretando guerras e sentenças de morte, sendo a mais recorrente a execução em que se queimavam as pessoas vivas, com o propósito de minar qualquer ação desse feitio àqueles que se utilizavam do simbólico e do mágico para curar os doentes, fazendo previsões e manipulando fórmulas medicinais baseadas em plantas.

Banidas todas as espécies de benzimento de ordem mítica, cabia somente aos sacerdotes o poder de cura. Nos casos graves, quando pessoas eram acometidas pelas doenças espirituais, pronunciavam exorcismos, orações e cerimônias, para expulsar demônios ou espíritos do corpo enfermo.

Esse poder sobre a doença passou a pertencer, no século XVIII, à ciência médica, que analisava clinicamente os pacientes e os portadores de dotes sobrenaturais eram rotulados como “histéricos”, uma espécie de neurose, geralmente com manifestação de sintomas como convulsões, ou paralisias, transtornos geralmente associados às mulheres.

Os enfermos eram tratados em casas de retenção, hospícios e similares. Essa medida ganhou proporções maiores, nos séculos XIX e XX, com a ascensão da psiquiatria, elevando-se o número de internações.

Há muitos exemplos na literatura brasileira, principalmente no Naturalismo/Realismo, que registraram o prestígio do profissional de medicina, como modelo na formação de nova sociedade que ora se voltava para os conhecimentos fundados sobre princípios científicos em detrimento aos saberes populares, a título de exemplo a obra *O Alinenista*, de Machado de Assis, analista contumaz da sociedade brasileira, não se furtou de abordar o tema.

Sobre essa ocorrência da exaltação da figura do médico, Flora Sussekind considera que

A patologização da mulher, tal como feitos pelos romances naturalistas, obedece estritamente ao perfil da histeria traçados pelos estudos comportamentalistas do fim do século. [...] E, pouco importa que haja cura ou não, a figura do médico se faz sempre acompanhada de uma áurea de sabedoria, paternalismo e competência. [...] O médico dos romances naturalistas possui traços que o aproximam dos intelectuais brasileiros da virada do século. Enquanto um possui poder de intervenção no espaço familiar, a ponto de ordenar internações e casamentos, o outro desejaria estar investido de idêntica possibilidade de transformar a vida nacional. (SUSSEKIND, 1984, pp.127-130)

Esse movimento demarcatório do raio de ação médica incidiu sobre os costumes das famílias que gozavam de privilegiada condição social e mediu-se na tenacidade em dissipar e desautorizar os conhecimentos religiosos presentes em práticas sociais advindas das camadas populares.

Essa ação intensificou-se e foi disposta em lei, estabelecendo normas prescritivas num anseio de um país saudável. Sobre o fato, Oliveira afirma que:

Essa é a prática médica importada para o Brasil. Aqui também se fazia o controle social através da norma, da lei, que regulava, disciplinava e isolava as pessoas, prendia-as e higienizava as cidades, os portos, etc, momento em que nasce a saúde pública. Essa medicina reparava na superfície os problemas urbanos, ainda que a distribuição da riqueza socialmente produzida se mantivesse inalterada. Os ricos desfrutando da sua riqueza, e, expropriando os pobres através do seu trabalho. O controle social das doenças talvez fosse feito mais para proteger a classe dominante, representada pelo branco, o latifundiário e o burguês, do que apresentar uma real preocupação com os pobres. (1985, pp.23-24)

A análise efetuada pela autora em relação ao desamparo às camadas populares também se faz presente na obra organizada por Roberto Moura (1983), que aborda a questão da urbanização do Rio de Janeiro na virada do século XIX ao início do século XX, intitulado *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. Nela há exposição de como a população pobre foi banida do centro urbano para a periferia sem a devida atenção do poder público.

Esse período de início da República foi marcado por grandes expectativas de um país democrático, que se constituiria em nação com o envolvimento de todos os segmentos da sociedade. Entretanto, Moura (1983) ressalta que a República se instaurou sem a participação das camadas populares. Isso tornou ainda mais difícil a vida dos assolados economicamente, nela se incluindo, principalmente, os afrodescendentes.

Formigava pela cidade, uma população negra e mestiça, que na condição de libertos, encontrava poucos espaços para manter a sobrevivência. A situação tornava-se mais penosa com a entrada de imigrantes europeus para trabalharem no setor industrial. Nessa época, a elite sustentava o desejo de assemelhar a capital – Rio de Janeiro - a Paris. Iniciava-se a remodelação, com o processo de “higienização”, que consistiu em banir a população pobre para regiões periféricas.

Nessa linha de pensamento, cidade higienizada teria como correlata cidade civilizada. Essa lógica capitalista espalhou-se pelo território nacional, os grandes centros foram esvaziados com o deslocamento da população de baixa renda para as regiões periféricas e esse movimento deixava em situação ainda mais precária essa população, pois não se ofertaram estruturas e serviços urbanos a essa camada social.

Esforços foram empreendidos para atingir o propósito de “higienização”, casas demolidas, cortiços destruídos. Desabrigaram milhares de pessoas, abarcando um grande contingente de afrodescendentes, que para sobreviverem tiveram que se submeter a residir em locais coletivos, superpovoados, sem infra-estrutura.

Nessas condições, a organização na favela foi à forma encontrada pelos trabalhadores, que recebiam poucos salários para sobreviverem, para não caírem na malha policial, que detinha pessoas destituídas de empregos fixos, de carteira de trabalho assinada, e de residência estável. Enfim, não poderiam circular nos locais urbanos. Sobre isso, afirma Moura que

O crescimento urbano conjugado com a reconstrução da cidade e a destruição das habitações populares coletivas, torna a favela a solução possível para os de baixa renda, longe dos preços ascendentes do aluguel popular, proporcionalmente mais altos do que os bairros ricos, e perto de seus locais de trabalho e viração. [...] A favela era a resposta pragmática não só dos seus moradores mais da própria municipalidade, as novas tecnologias sanitárias, pelo menos reduzindo os riscos para a cidade dos novos focos epidêmicos [...] A necessidade de mão-de-obra barata para os objetivos do progresso definiria uma nova ecologia social, um Rio de Janeiro subalterno que se forma longe do relato dos livros e jornais, inicialmente afastado e temido, visto como primitivo e vexatório. A cidade se transforma. A cidade apenas se reforma. O Rio de Janeiro moderno. (1983, pp.40-41)

Ao refletir sobre essa nova situação destinada à população pobre, acentuadamente composta por afrodescendentes, Nascimento (2006) argumenta que os preceitos republicanos, pautados na democracia não se efetivaram no sentido de garantir uma sociedade igualitária que assegurasse à camada popular, sobretudo aos afrodescendentes condições de se tornarem cidadãos, de se inserirem nos espaços sociais reservados aos homens e mulheres brancos (as), de condição social privilegiada, e terem oportunidade de ocupações antes negadas pelo sistema escravocrata. De acordo com Nascimento

O impedimento arquitetônico da cidade representava fisicamente a barreira ideológica a travar suas aspirações à cidadania. Nem escravos, nem cidadãos, um corpo sempre a meio caminho de. Sua presença, no espaço público representativo da sociedade ameaçando o *décor*, restará como alternativa seu afastamento da rota principal da cidade. As portas da cidade vigiadas, o que para uns significou modernização e progresso, para outros foi o desenraizamento e o recuo. [...] Recuado o recinto, vamos encontrá-lo ocupando espaços periféricos da cidade ou a fazer rondas nos espaços fronteiriços do centro ofendido e defendido de sua presença. Naquele momento, uma nova categoria de homem surgia: a do *homo sub-urbanus*. E a república, não sendo para todos, traía sua etimologia. (2006, pp.35-36)

Esta nova condição de vida social, que nos revela Nascimento, obrigou a população pobre a criar estratégias de sobrevivência para não sucumbir à lógica capitalista. Driblar os arames farpados que se erigiram pelo caminho, como na ginga do capoeirista para superar o tormento advindo com o processo de escravidão, que após a abolição não apresentou uma reforma legalista de inserção dessa nova população, valorizando sua cultura de forma a integrá-la, tampouco formas dignas de trabalho que oportunizasse ao afrodescendente ocupar cargos elitizados.

Estes foram os desafios a serem enfrentados. Para isso, alguns grupos de “homens libertos”, sobretudo os sudaneses, lançaram-se a uma nova diáspora, de Salvador ao

Rio de Janeiro. Visavam à liberdade, ao cunhar a identidade em espaços marcados pela não aceitação do outro, principalmente os de pele escura.

Organizaram-se em comunidades para construir e alicerçar a cultura proveniente de África armazenada, aos recortes, em suas memórias. Outro elemento influente correspondeu à solidariedade grupal, incentivo àqueles que desejavam se aventurar na busca de um bem-viver. Ao ingressar nas frentes de trabalho, ao efetuar o comércio pelas vias do Rio de Janeiro, a comunidade negra espalhou sua cultura, que se infiltrou nos costumes da capital.

Os líderes dessas comunidades praticavam o Candomblé, religião de matriz africana, que em solos do Novo Mundo mesclou-se com a religião católica. A esse respeito, Moura defende a seguinte tese:

Enquanto as classes populares, em sua maioria proletarizada, sob a liderança inicial dos anarquistas, se organizavam em sindicatos e convenções trabalhistas, a grande parte do povão carioca que se desloca do cais para a Cidade Nova, subúrbio e favela, em sua predominância negro e mulato, também se organizava politicamente, em seu sentido extenso, a partir dos centros religiosos e das organizações festeiras. São essas negras [Tia Bebiana, e suas irmãs-de-santo, Mônica, Carmen do Xibuca, Ciata, Precilina, Amélia e outras] que ganham respeito por suas posições centrais no terreiro e por sua participação conseqüente nas principais atividades do grupo que garantiam a permanência das tradições africanas e as possibilidades de sua revitalização na vida mais ampla da cidade (1983, pp.63-64)

A religião foi o ponto relevante para reelaborar e alicerçar a cultura proveniente de berço africano, a circunstância concebeu a essas mulheres representatividade social, política e artística através do discurso, na busca, veementemente, de solução aos anseios e aos problemas de sua comunidade. Oliveira (1983) dirá que:

Esses problemas são reais. São ainda produzidos por uma sociedade muito desigual, que oferece opções desiguais de cura para as diferentes pessoas e classes sociais. São problemas cotidianos, muito heterogêneos, e refletem, em última instância, o modo como seus portadores estão inseridos nessa sociedade. Muitas vezes são problemas que possuem uma origem social, mas estouram diferentemente em cada pessoa. Dizem respeito aos princípios do autoritarismo, individualismo e competição. (OLIVEIRA, 1983, p.49)

Dona Cândida é herdeira desse processo histórico desigual, sinalizado por Oliveira. Similar às mulheres que estruturaram terreiros, sob os princípios religiosos da cultura africana, no processo de urbanização do Rio de Janeiro, com o propósito de organizarem-se politicamente em espaços hostis, Dona Cândida abasteceu-se dos

ensinamentos religiosos cumulados em sua memória, herdados de sua ancestralidade africana, como estratégia de oposição e resistência ao abandono social. A representatividade social, cultural e política dessas mulheres edificaram os laços identitários através de práticas solidárias, desenvolvidas pela religiosidade.

A ação solidária para sustentáculo e distinção cultural comunitários evidencia-se, também, em *Os parceiros do Rio Bonito*, tese de doutoramento de Antonio Candido (1975), que organizou sua pesquisa em dois eixos: tempo passado e tempo presente, com intenção de efetuar um paralelo entre literatura e sociedade. Lançou-se à pesquisa de campo, em Bofete, cidade do interior paulista, colhendo a voz do caipira e observando a organização grupal de pessoas em extremo isolamento em áreas rurais.

Somada à memória depoente, o pensador recorreu, dentre outras fontes, ao acervo documentário de viajantes que se aventuraram pelos rincões paulistanos entre os séculos XV ao XVIII. A fusão entre portugueses e índios promoveu redes culturais, causou impacto na economia e, além disso, infundiu costumes nesse intercâmbio entre o rural e o urbano.

O olhar sociológico do pesquisador focou em compreender como se estruturou a vida do caipira por meio das redes comunitárias, no sentido de entender como a cultura lhes garantiu sobrevivência. A partir desses registros tornou-se possível o elo social do caipira paulistano, já que

As relações de vizinhança, porém, constituem, entre família e povoado, uma estrutura intermediária que define o universo imediato da vida caipira, e em função da qual se configuram as suas relações sociais básicas. (CANDIDO, 1975, p.58)

O diálogo com Candido permitiu compreender que do viver social despontou a solidariedade, elemento essencial para a edificação do ser. Os vínculos solidários se materializavam, sobretudo, em momentos de dificuldades marcados pela doença, carência de recursos econômicos, laços que se firmavam pelo afeto e pela amizade. Os costumes processados por práticas como essas, Candido denominou-as de “mutirão”, assim conceituada:

Um velho caipira me contou que no mutirão não há obrigação para com as pessoas, e sim para com Deus por amor a quem serve o próximo, por isso, a ninguém é dado recusar auxílio pedido. Um outro, referindo-se ao tempo de dantes, dizia que era o “tempo da caridade”, justamente por essa disposição universal de auxiliar na lavoura a quem solicitasse. (CANDIDO, 1975, p.68)

A sociabilidade, sustentada pelas relações sociais fundamentou a existência caipira. Esta conduta é notável nas ações de Dona Cândida, uma vez que desde a infância até a fase adulta ela viveu em colônias agrícolas, constituídas pelos agrupamentos de trabalhadores, propício para estreitamento de ideias, trocas culturais, e em auxiliar os outros.

O vocábulo “coitado” muitas vezes é notado na fala depoente, à carga semântica irradiada por essa palavra denota o estado de penúria, desventura, infelicidade das pessoas que a procuraram. Por outro lado, esse termo desencadeia o sentimento de comiserção, inquietou a benzedeira a tal ponto de mobilizá-la à ação humanizadora. A solidariedade e a esperança exaltaram-se pelo efeito do benzimento.

A força temporal não foi capaz de dissipar o “tempo da caridade” que moldou o feitio moral da narradora, consolidado na ação do benzimento. Por sua manifestação espontânea, a benzedeira contribuiu para alicerçar valores, no sentido de harmonizar e estabelecer ordem no seio comunitário, conforme ilustra a transcrição abaixo:

Um dia veio o fazendeiro na porta da minha casa, porque tinha dois malandro querendo matar ele, por causa de pagamento. Ele tava viajando e atrasou o pagamento. O administrador e os camarada se revoltou e dizia: “se ele chegar sem o dinheiro, se nós num receber, nós vai mata ele” [Neste momento, a narradora suspende o enredo e volta-se ao altar com o seguinte enunciado] minha mãezinha do céu, meu pai, num tô mentindo, não, né, pai?, Minha mãe, minha mãe, num tô mentindo, não, né mãe?, Resolveram matar ele. [O patrão] mandou meu fio, que era camarada e motorista dele, mandou meu fio em casa. “Cê vai na casa da tua mãe, ouvi dizer que sua mãe é benzedeira por bem num faz mal pra ninguém. Fala pra ela mandar um benzimento aqui, que a coisa tá feia! Pede pra ela fazer alguma coisa antes que eu chegue no escritório”. Então eu mandei um benzimento, com fé em Deus e acabou tudo bem. (Entrevista Registro Audiovisual, Cândida Gomes, fevereiro, 2009)

A vida da narradora se cadencia pela reciprocidade em obrigações que atendam os anseios de todos que a procuram. Sua árdua jornada de trabalho, desafios que a própria idade tem que superar, transparece a vontade de se sobrepor a esses contratempos. Essa representação social e a agregação em torno do ato religioso criam vínculos que podem ser considerados identitários.

A identidade do sujeito se constrói no fazer social e à medida que este incorpora as vozes circundantes da vida comunitária, somadas às diversas vozes propiciadas pelos meios midiáticos e por outras formas de interação, a identidade se pluraliza. A esta construção, Stuart Hall (2005) denomina processo de identificação.

Por esta ótica, o sujeito forja-se no contato com outros grupos sociais, entretanto, mantém sua individualidade e singularidade, componentes elementares para seu enraizamento, isto é, há uma cultura na qual se origina o sujeito, assenta-se nela distintas visões de mundo que vão tecendo o ser no emaranhado histórico. Nas palavras de Hall:

A identidade está profundamente envolvida no processo de representação. Assim, a moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação tem efeitos profundos sobre a forma que as identidades são localizadas e representadas. (HALL, 2005, p.71)

A representação observada por Hall, que reflete o ser com identidades, configura-se pela apropriação de novos “sentidos”, caracterizados pela forma de pensar e agir na esfera pública e privada. A representação desse modo de ser plural ocorre nos limites de “espaço e lugar”.

Por “lugar” entende-se a esfera privada de âmbito familiar, na qual se formata as experiências, registra a raiz identitária, as ações são mais particularizadas. Esta esfera se dilata pela mediação do “espaço”.

Compreende-se por “espaço” a matriz que se entrecruza com outras formas de representação, outras práticas sociais, dessa forma, o “espaço” é muito mais dinâmico, mais móvel e flexível e, por esta razão, provoca novas identidades no sujeito.

Em relação às pessoas que sofreram mudanças em seus espaços e tempos, tiveram a imigração forçada, no caso brasileiro, a diáspora negra, convertendo seres humanos em escravos, nos aproximou de Hall acerca do conceito de “tradução”, assim descrito:

Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular). (HALL, 2005, pp.88-89) [grifo do autor]

Essa população submetida à condição de diáspora encontrou na memória suporte elementar para cunhar e criar a identidade afro-brasileira. No labor de salvaguardar a identidade de herança africana, foi necessário o empenho de coser as lembranças e amalgamá-las a outras culturas.

Esses empreendimentos foram também efetuados por Dona Cândida, representativa de seu grupo social, fomentando a identidade, pois ao evocar lembranças, ela testemunha um fazer característico de uma comunidade. Os saberes dilatados provém de sua memória, repercutem na comunidade em que se insere e, ao mesmo passo, consagram a individualidade na materialização no ato do benzimento. A essas experiências que se atrelam ao convívio comunitário, Maurice Halbwachs diz que

no mais, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apóiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. (HALBWACHS, 1990, p.51)

De acordo com ele, o indivíduo armazena em sua memória as vivências transcorridas em seu grupo social. Desta forma, a memória sempre será representativa dessa gama de experiência, mesmo que individual, pois ele entende ser a memória coletiva.

Pelo rito religioso, acrescido de fartas histórias ecoadas de sua memória, Dona Cândida apresenta outra maneira de entender o mundo e cunhar nas limitadas brechas do sistema a identidade, instituída nos sentimentos de afeto e apoio aos integrantes de seu grupo. Parece-nos que isso se aproxima do pensamento de Elda Rizzo de Oliveira, que concebe os ritos como aqueles que

conectam a tradição de um grupo ligando o passado ao presente. [...] É na condição de resistência política que a benzeção deve ser vista. [...] Mas como um ato de resistência política e cultural feito como alguma coisa própria, através de uma cultura que contesta e rejeita a linguagem da opressão, da dominação e da exploração entre os homens. (OLIVEIRA, 1985, pp.91-95)

Abastecida pela herança religiosa de tradição africana, mantida em sua memória, (re)atualizada no fazer de cura, Dona Cândida surgiu do âmago de sua sociedade marginal e invisível repleta de poderes místicos. Possui representatividade política porque fez da sua narrativa, do seu discurso e de sua prática religiosa sua expressão de vida.

Ao processar sua fé, consubstanciada por atos solidários, reflete a si mesma e o coletivo na esperança de edificar uma sociedade que valorize e reconheça a cultura de seu povo e lhe proporcione condições dignas de vida.

A religião foi fomento para cunhar a identidade, sustentáculo que marcou nos desvalidos o pertencimento com as origens ancestrais e conferiu-lhes registrar essa identidade em espaços hostis. Esses valores culturais, no nosso caso a herança africana, representados pela religiosidade e pela solidariedade, foram usados para subverter a marginalização e ao adentrar em espaços públicos a comunidade negra espalhou sua cultura e esta se amalgamou à cultura local. Esta fusão resultou uma cultura genuinamente brasileira.

Na visão de Sérgio Paulo Adolfo (2010) houve duas vertentes religiosas de manancial africana em solo brasileiro: as de origens yorubá, conjunto étnico que se fez presente já no final da escravatura, com aceitação reconhecida inclusive pelos meios acadêmicos e midiáticos e outra que luta por espaço, as de origem banta, povos que adentraram o Brasil desde o início do processo de escravidão. A contribuição da população banta foi a de maior abrangência, fato que leva o pesquisador a afirmar que:

Os bantu, no Brasil, têm um papel preponderante na formação da nacionalidade brasileira, e, nesse sentido, muitos estudos têm sido elaborados, tocantes, principalmente, à linguagem, às contribuições lingüísticas, ao português brasileiro, sobretudo as advindas do Kimbundo e do Kikongo. [...] No entanto, na área das religiões de matriz bantu no Brasil, existe uma enorme carência de estudos, pois muito pouco ou quase nada tem sido feito desde que nossos pioneiros na pesquisa do africano e nas suas manifestações simbólicas afirmaram não encontrar elementos de peso na cultura bantu no Brasil.(ADOLFO, 2010, p.1)

Na tentativa de reverter à situação discriminatória e silenciada a que foi relegada a cultura banto, Adolfo apresenta argumentos que comprovam a organização do povo banto, no sentido de recuperar e atar os laços identitários com Angola e inscrever a relevância de sua história para constituição da nação brasileira. Entretanto, ele salienta que há vários obstáculos a serem transpostos, que o leva à seguinte conclusão:

Os bantu, aos poucos, começam a sair do isolamento e estão procurando preencher lacunas, omissões e esquecimentos causados por séculos de separação entre a matriz e suas ramificações. No entanto, as dificuldades são imensas, pois a parca bibliografia existente sobre o assunto foi escrita, ou por portugueses e publicadas em Portugal, ou por pesquisadores de outras nacionalidades e em línguas que o povo-de-santo de origem bantu não lê. (ADOLFO, 2010, p.2)

Dona Cândida também não lê as pesquisas acadêmicas sobre o povo banto, mas sua memória ancorou-se no fazer de seu grupo social, por seu universo cultural, derivado da oralidade. A benzedeira, carinhosamente denominada em sua comunidade de “Dona Candinha”, se abastece dos conhecimentos apreendidos pela convivência com seu progenitor, bem como seus avós, que moravam em Minas Gerais, conforme passagem abaixo:

Quando a gente tá ali [indica o altar] benzendo já tem uma voz contando os remédio certinho que é pra fazer pro doente. [...] Então, a gente sabe muita coisa né? Às vez eu quero parar a corrente [parar com o benzimento] mas meu coração pede que não, que é pra mim prosseguir com a corrente dos anjo, né? Peguei essa corrente pra trabalhar pras criança [...] eu salvei uma criança que tava morrendo. [...] Quando eu tô lá no altar, fazendo benzimento, eu já vejo que tem paciente passando mal [e está a caminho da casa da benzedeira] e vai chegar aqui. Daqui a poucos minuto chega na minha porta e eu tô benzendo lá no altar. (Entrevista Registro Audiovisual, Cândida Gomes, julho, 2009)

A “corrente dos espíritos ou corrente dos anjos”, assim denominada por Dona Cândida, foi herdada de seu pai, que era negro e exercia na comunidade o ofício de curador, possuía o mérito de manipular ervas medicinais para dominar os males de ordem física e psicológica dos membros de sua comunidade. Ele mantinha sintonia com a natureza, colhia as plantas na mata e sabia as propriedades medicinais contidas em cada uma delas.

Dona Cândida também passou pela situação diaspórica, fase em que seu pai migrou com a família para áreas rurais cafeeiras no norte do Paraná em busca de uma situação mais favorável à sua família e, na fase adulta, já casada, a mesma atitude tomou seu esposo, desta feita, procurando o centro periférico urbano na perspectiva de melhoria familiar.

Assinalamos que a narradora foi impedida, por funções exercidas desde menina, já mencionadas no corpo desse trabalho, a obter conhecimento da cultura escrita. De seu universo cultural, processado pela oralidade, a rememoração e a palavra estabeleceram códigos de sobrevivência.

Ao enunciar-se a depoente registrou seu pertencimento e difundiu a cultura de sua comunidade e o evento revestiu-se pelo ato criador. Em relação à literatura oral Jean-Noël Pelen tece a seguinte consideração:

Entretanto, eu gostaria de ir mais além: dizer que o discurso que uma determinada comunidade tem de sua literatura oral refere-se à história global, ou seja, à história da representação que ela tem de si mesma, dentro da história, uma vez que o papel da literatura oral, no sentido literal do termo, no sentido pictórico, é o reproduzi-la, é o de representá-la. É preciso, então, que a consciência, a memória que se tem dela, seja a imagem da consciência de si mesmo. (PELEN, 2001, p.69)

Dona Cândida por meio de sua herança religiosa de tradição africana, abrigada em sua memória, fez emergir a benzedeira que pelo discurso expressou a vida, estampada de significados e configurações, refletiu a si mesma e o coletivo na esperança de edificar uma sociedade que valorize e reconheça a sua cultura, assim como a de seu povo.

Para melhor compreensão desses valores míticos presentes no modo de ser e agir da depoente verificaremos algumas notas suscetíveis ao mito, no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II

A MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO NAS NARRATIVAS DE DONA CÂNDIDA

Da narrativa desenrola-se a trama de uma de mulher que dedica sua vida ao atendimento do mundo sagrado, a fala depoente reúne os episódios turbulentos e os dispõe, metodologicamente, representando a luta pela sobrevivência, para sustentar a dignidade e edificar a identidade.

Observadora, atenta e vivaz os conhecimentos da narradora sustentam-se pela oralidade, a aprendizagem se realiza de forma indireta e prática. Momentos difíceis testemunharam sua trajetória e ao discorrer sobre eles, o eixo cental firma-se no sagrado, as ações humanas da narradora são determinadas pelas forças sagradas e elas impulsionam toda atuação empreendida por ela no espaço coletivo.

Ao nos debruçarmos sobre as histórias de vida de Dona Cândida, procuramos perceber o valor do mito, moldando seu comportamento em ações virtuosas em proveito de sua comunidade. Então, pelo mito tornou-nos possível compreender o processo metafísico de que lança mão a benzedeira, ao se abastecer na fonte sagrada.

O resultado dessa experiência repercute na voz e no corpo da narradora metaforizando a vida, porque pela teia discursiva ela articula o presente e o passado e pela habilidade desse exercício contínuo, as imagens passadas saltam para o presente de forma visível e latente e por esta película memorialística a narradora relata trajetórias dramáticas, tais como:

Meu irmão morreu matado, sem dever nada pra ninguém. Um senhor matou ele enganado por causa da cor dele [negra] [olha para o altar e dialoga com Nossa Senhora: “minha mãezinha querida, meu pai [Nosso Senhor Jesus Cristo] não estou mentindo não, viu, minha mãe?”] [...] O patrão chamou meu irmão e falou: “Ô, Rosário, cê chega aqui em casa e vá lá no arrozal, falaram que lá na ilha os passarinho tão comendo muito arroz. Então, cê leve a espingarda cartucheira, mata o marreco, que tá comendo o arroz, e traz aqui para teu patrão, viu, fio?” [...] Ele foi, coitado, armado, num tinha um cachorro e ninguém pra falar porque ele levou aquela espingarda. Somente o patrão e minha mãe de testemunha. Quando meu irmão ia passando pela trilha do arrozal, ele vinha, coitadinho, roçando aquela perninha na beira do arrozal. Aí, o homem avistou ele [o assassino estava escondido numa moita] e quando meu irmão passou atrás dessa moita, o homem deu uma enxadada que partiu a cabeça dele. Meu irmão morreu sem saber o que ele fez [de errado] no mundo. (Entrevista Registro Audiovisual, Cândida Gomes, fevereiro, 2009)

O ponto de vista adotado pela narradora demarca o espaço histórico/ideológico, confere representatividade positiva ao negro. Emerge na memória e traz à tona fatos dramáticos desenrolados em sua vida. Ao elaborar suas narrativas recorre ao discurso direto, assim, a voz negra, enclausurada pelas mazelas sociais, denuncia os transtornos, barreiras e sofrimentos vivenciados e emite juízo de valor acerca do processo de marginalização. A voz narradora soma-se à voz das personagens, rumando para concretização de um ideário que instiga o reconhecimento daqueles que se encontravam à margem dos benefícios sociais. Sobre a questão do ponto de vista, Eduardo Assis Duarte elabora a seguinte ideia:

Como é sabido, o ponto de vista adotado configura-se em indicador preciso não apenas da visão de mundo autoral, mas também do universo axiológico vigente no texto, ou seja, do conjunto de valores morais e ideológicos que fundamentam as opções até mesmo vocabulares presentes representação. (DUARTE, 2007, p.23)

A voz feminina individual abarca a coletividade à medida que narra a condição da população periférica, estigmatizada pela cor (negra), pela condição social (pobre). Ao enunciar-se pelo discurso testemunhal, Dona Cândida valoriza a história e a memória de sua ancestralidade, fortalecendo a identidade e o sentimento de pertencimento.

Dona Cândida utiliza a palavra e os seus saberes religiosos e a cada atuação se refaz por meio desses signos, tais ocorrências em que o discurso e o fazer da narradora perpassam o real, a integra no manto coletivo, porque sua fala enraíza-se em bases dos conhecimentos de sua tradição familiar, da qual ela se apropria para reencontrar-se consigo mesma, pesquisando e colhendo mecanismos para se postular contraditoriamente na sociedade repressora.

A fala por ela proferida, o ponto de vista empregado na elaboração das narrativas, a partir de substâncias capturadas de sua memória, os saberes religiosos, sustentáculos de seu exercício de vida, revelam seus valores, sua visão de mundo e ao instalar-se como sujeito da enunciação, Dona Cândida confere “voz e visibilidade a algo que está na obscuridade” (DIONÍSIO, 2010, p. 30).

Ora, o pensamento de Dionísio recai sobre a cultura e a contribuição da etnia africana para a formação da nação brasileira e em se tratando de Dona Cândida, a consideramos porta voz de sua comunidade, porque sua memória viesava-se pelo individual e coletivo no desempenho de seu papel social, desenrolado em sua trama existencial.

Dramas estes que se desembocam no tempo presente e estampam a luta da constelação negra feminina em figurar nos limitados espaços sociais, ainda hoje, crivado pela discriminação.

A voz denunciativa abre a narração e as entidades sagradas são cúmplices, o que se atesta pela maneira próxima e carinhosa, no ato representativo da fé materializada no diálogo com os santos do altar, “mãezinha querida”, designinando Nossa Senhora Aparecida, e “pai”, referindo-se a Nosso Senhor Jesus Cristo.

Pela acusação, a narradora comprova a gravidade da situação em que se encontravam os preteridos do sistema econômico. O patrão tinha estima e confiança no irmão da narradora, motivo pelo qual o incumbiu de armar-se para exterminar os patos, destruidores do arrozal. Acentuava-se a desigualdade, à vista disso, há indícios na voz narradora que incrimina o assassinio de seu irmão, além de declarar que os homens negros não podiam portar armas, já que isso os colocava na mesma linha dos bandidos e criminosos.

O drama narrado reproduz tanto o individual como o coletivo, pois ao particularizar, Dona Cândida além de compactuar sua dor, a perda pela morte violenta do irmão, expressa como transcorria a vida dos marcados pela cor negra, sem assistência, a população pobre, os afrodescendentes, estavam predestinados à exclusão, à marginalização, ao abandono.

Dona Cândida analisa as penosas situações sofridas e procura interpretar os fatos. Para tanto, lança-se no campo religioso e este seu atuar a aproxima das pesquisas efetuadas por Eliade (1989), em relação ao mito, que se caracteriza por ser aquilo que revela ao ser humano sua própria existência.

Em outras palavras, as histórias conservam procedimentos adotados pelo homem em sua organização social, o modo de ser e agir representaram princípios basilares, definidores da ação humana no espaço coletivo. Nas palavras do estudioso das religiões, o mito é importante à humanidade por que:

A sua função [do mito] é revelar modelos e fornecer, assim, uma justificação do Mundo e da existência humana. Por isso, o seu papel na constituição do homem é importante. Graças ao mito, surgem, lentamente as ideias *de realidade, de valor, de transcendência*. Graças ao mito, o Mundo deixa-se apreender enquanto Cosmos perfeitamente articulado, inelegível e significativo. Ao contar como as coisas foram feitas, os mitos desvendam por quem e porquê elas o foram, e em que circunstâncias. Todas essas “revelações” envolvem mais ou menos directamente o homem, pois constituem uma “história sagrada. (ELIADE, 1989, p.123)

Assim como o mito representa uma história exemplar, veio para fundamentação da própria existência, observamos que o fazer de Dona Cândida reveste-se pela experiência do sagrado, seus depoimentos enfatizam-se pela criatividade e dinamicidade de sua memória, pois dela vertem narrativas densas, coroadas por acontecimentos inesperados que se fizeram estampar em seu tecido vital.

Ao narrá-los, imputa-lhes uma carga significativa de valores e isso lhe confere poder, autoridade, façanha reforçada pela manifestação do sagrado, a partir do benzimento, fonte de saberes ancestrais alojados em sua memória, e pelo talento com que maneja a palavra.

Os acontecimentos trazidos à tona alcançam expressividade, ancorados no tempo presente, já que o sujeito que se dispõe a lembrar se nutriu de novas experiências e por essa estratégia detém maior compreensão do passado.

Dona Cândida conta suas histórias de maneira poética e nessa execução, representa a vida. Contemplamos no excerto, abaixo, um receituário que a benzedeira recolheu de sua experiência com os membros religiosos de sua comunidade:

Tem a reza da Santa Sofia, né? Eu salvei uma mulher que queimou o corpo inteiro e sarou. A gente chega e faz a oração e pede pra Santa: “Oh! Minha Santa Sofia, essa queimadura tem cura! Fala três vez e reza depois um Pai Nosso e uma Ave Maria e entrega aquela enfermidade, aquela queimadura pra Santa Sofia e pode ficar sossegado!” E depois vai lá e pega uma foia de banana, daquela bem verdinha, aquela molinha e passa uma pouco de óleo de comida ou banha de galinha se tiver naquela queimadura ou senão o sumo do tomate. Pega o sumo do tomate e soca a folha do tomate e põe um pouquinho do óleo de comida ou a banha de galinha e passa na queimadura e enrola a foia da banana verde, bem verdinha. E pode deixa, pode deixa. Oh! minha Santa Sofia, ela sempre disse, quem acredita nela essa queimadura adiante num ia, oh! minha Santa Sofia, ela sempre me disse, quem acredita nela essa queimadura adiante num ia, oh! minha Santa Sofia, ela sempre me disse, quem acredita nela essa queimadura adiante num ia, quer dizer, num ia zangar. (Entrevista Registro Audiovisual, Cândida Gomes, fevereiro de 2009)

Curioso notar os aspectos similares entre o fazer de Santa Sofia, mártir de origem romana, falecida no ano 130 d.C., com o da benzedeira. A correlação centra-se na figura caridosa de ambas e a presença de três crianças que firmam a sacralidade, a fé e a caridade. Santa Sofia tinha três filhas, barbaramente torturadas e assassinadas, a fim de inibir a ação cristã da mãe, mesmo diante da crueldade, não sucumbiu, permanecendo fiel aos preceitos cristãos e à caridade.

Em relação à Dona Cândida, esta recebeu a visita de três meninos, em três momentos diferentes. No primeiro deles, trouxeram-lhe rosas e lhe solicitaram, veementemente, que ela os benzesse, fato que ela recusou, porque não se julgava apta para realizar a ação solicitada.

Em uma segunda visita, as crianças lhes ofertaram muitas pedras, sendo que uma delas está presente no altar, e nela a narradora vê a imagem de Nossa Senhora Aparecida. A oferta veio seguida por nova solicitação de benzimento, negada pela narradora.

No terceiro momento, as crianças lhe presentearam com três imagens miniaturas, duas com a representação de Nossa Senhora Aparecida, e a imagem de um pombo, representação do Divino Espírito Santo. Novamente, rogaram-lhe benzimento, súplicas rejeitadas por Dona Cândida.

Admitimos por hipótese que os reiteirados pedidos efetuados pelas crianças foram recusados por Dona Cândida, porque ela estava num sistema de aprendizagem e não possuía os fundamentos elementares para cumprir com as obrigações do benzimento.

Ainda em relação a comparação com a atuação de Santa Sofia, encontramos referências que atestam que esta recebeu dons especiais, cercada de anjos, sua prática voltava-se para a cura de doenças que atingiam a pele. Dona Cândida também se reveste pela “corrente dos anjos”, que centra sua atuação em atender as crianças. Recorre aos poderes dessa Santa e soma-os aos seus saberes, no preparo do remédio, como no caso específico do atendimento relatado acima, em que restabelece por meio do sagrado, a pele queimada da mulher por ela benzida.

A memória evocada testemunha um fazer característico de uma comunidade, já que transparecem conhecimentos partilhados pelo grupo social ao qual pertence à benzedeira, que se manifesta pela prática religiosa, pela manipulação das substâncias utilizadas na fabricação dos remédios.

O saber de Dona Cândida provém, dessa forma, da memória coletiva, que consagra sua individualidade na materialização do benzimento. Nesse sentido, Dona Cândida é tecelã da vida, representa a coletividade, fomento da identidade.

Dessa forma, o ato de benzer se atrela ao grupo social do qual partilha e de que é herdeira a depoente. Em sua convivência coletiva, ela foi sorvendo, armazenando, indiretamente, a feitura do benzimento, que foi se tecendo em sua memória.

O ápice desse saber veio à tona no momento em que a comunidade lhe solicitou a socialização dos conhecimentos apreendidos, reproduzindo-os em prol do coletivo.

Os saberes de sua ancestralidade sustentam-se em sua memória, descortinando o fazer dessa mulher, que sofre o mesmo processo de opressão sentenciado à comunidade a qual pertence à benzedeira, mas esta responde testemunhando a vida. E a força que emana de suas histórias irrompe o tempo e o espaço para conferir novo sentido à vida.

A memória também encontra lugar de destaque nos estudos efetivados por Pelen (1986). Para o estudioso, a memória assenta valores no âmbito comunitário, sendo a palavra/voz veículo de fomentação dos saberes.

O discurso regulado pelas lembranças se pauta no mundo das experiências acumuladas e, sobretudo, no armazenamento dessas multiplicidades de vozes que podem favorecer o grupo no sentido de “ser” e “permanecer” na coletividade. Esta é a função primordial do “etnotexto”, fundar o homem em si mesmo, em outras palavras, na enunciação aloja-se o código de sobrevivência, registra-se a identidade e o pertencimento ao mesmo tempo em que define a cultura do grupo.

Valemo-nos também da configuração “etnotexto” em relação à Dona Cândida, à medida que se evidencia em seus depoimentos o modo de viver de uma comunidade. Revela costumes, crenças, fonte abastecedora que firma o indivíduo no leito comunitário.

Então, a memória conduzida pela voz narradora é aporte que abarca o individual e o coletivo. Ao exercitar a memória e recortar episódios passados, densos em conflitos, Dona Cândida testemunha seu tempo. De acordo com Pelen:

A literatura oral apresenta, na realidade, um discurso marcadamente mítico, por meio da referência às transmissões anteriores que preside toda produção, ela coloca seus produtores atuais como descendentes de gigantes, gigantes da palavra, que possuíam um dizer admirável, no qual escondia, evidenciado pelas possibilidades referenciais que ele oferece atualmente, uma espécie de saber total. (1986, pp.66-67)

Essas transmissões anteriores declaradas por Pelen jazem na memória de Dona Cândida. Diante dos casos apresentados no ato de benzimento, ela seleciona e recolhe de sua memória os conhecimentos transmitidos oralmente, por sua ancestralidade, que melhor atendam à especificidade da ocorrência descrita pela pessoa que seria benzida. A palavra a torna distintiva em sua comunidade, pois sua função centra-se no atendimento ao ser humano.

Também encontramos essa dimensão humana na pesquisa de Bosi (2004), que se propôs a ouvir, recolher e escrever memórias de seis idosos, moradores da cidade de

São Paulo. Ecoadas lembranças das memórias dos depoentes, tornou-se possível à estudiosa redesenhar cenários sucumbidos pela arquitetura moderna.

Possibilitou-lhe, também, revisitar, observar e refletir, pela ótica de pessoas comuns, a reconstituição de fatores históricos pertinentes à época em que os pesquisados atuavam como trabalhadores. De posse das memórias pesquisadas, Bosi as analisou sob o postulado de dois teóricos da memória, Henry Bérghson e Maurice Halbwachs.

Levando em consideração as lembranças de Dona Cândida, nos aproximamos do postulado de Halbwachs em relação à memória trabalho, isto é, a pessoa se dispõe a recordar fatos que a auxiliem na melhor compreensão das situações presentes. Assim, afirmamos que as memórias de Dona Cândida são trabalho, porque sua fala se ancora nos saberes coletivos, nessa adição busca subsídios para entender e intervir em seu campo social, sua vida se pauta na intervenção benfazeja, não importando o local, como no segmento abaixo:

Eu morava num rancho, [área agrícola de lavoura de café] e tinha que oiar as pionzeira. Um dia, oito pião garraram numa briga com foice. E eu entrei na mata e gritei: ô, ô [levanta o braço e eleva a voz, sua expressão se torna austera, a fim de chamar a atenção dos camaradas, como se estivesse na cena] faça o favor, meu chefe dos camaradas, atende a mulher do gato! [designação ao trabalhador que contratava empregados para o trabalho nas lavouras] Atende a mulher do gato! Por favor pare com essa briga! E todos cum força, armado, pra dar foçada um no outro. Pare com essa briga, urgente, agora, por favor! A mulher do gato num deixa cês passar falta de alimento, faça o favor! Um dele disse assim: ô, cê num tá vendo a mulher do gato falando? Coitadinha, trata de nós, cuida bem de nós, coitadinha da muié [abaixa o tom de voz, gira a cabeça de um lado a outro, sinalizando o diálogo], que que é isso! Ai os home abaixou as foice e ficaram quieto. Depois vieram todo no salão da cozinha pedir perdão pra mim, todos ele pediram perdão pra mim. (Entrevista Registro Audiovisual, Cândida Gomes, fevereiro de 2009)

Dona Cândida serviu-se desse episódio e dele tirou proveito no sentido de demonstrar sua capacidade de liderança. O exemplo utilizado para aplacar o ânimo violento e dirimir o conflito, que poderia desembocar em mortes, foi sua própria conduta de amparo aos membros de sua comunidade.

A sua voz de comando provocou calma e o conseqüente arrependimento daqueles trabalhadores, que compelidos lhe pediram perdão. O espaço de reconciliação restringiu-se à cozinha, simbolicamente, este local é o universo da atuação feminina, reminiscências de uma sociedade matriarcal, na qual se sela a proteção, sinalizada pela fartura, uma vida driblando as privações.

Nas entrelinhas do discurso entreve-se que a vida dessa população regia-se pela precariedade, amenizada pela afeição atribuída a eles por Dona Cândida, este lugar, sob gerenciamento da benzedeira, representou abrigo contra os intempéries cotidianos.

Ao rememorar cenas passadas, a narradora afirmou-se enquanto protagonista da própria história, pois assumiu sempre os encargos que a vida colocou em seu caminho. Em sua trajetória de vida contabilizaram-se diversos contratempos, que podem ser exemplificados em momentos cruciais, como no episódio da doença que a atingiu na infância e a imobilizou numa cama no percurso de vinte e um dias.

Ou também quando houve o falecimento prematuro da mãe, que abreviou sua infância, pois obrigou a menina a travestir-se em mulher para assumir a responsabilidade de gerenciar a casa, guiar e cuidar dos irmãos e do pai.

Labor transferido à sua vida adulta na função de mulher-esposa, que pela inexperiência perdeu seu primogênito. Ou numa outra sequência, em que a depoente cuida da família de seu irmão, assassinado, pois foi confundido com outra pessoa por seu algoz, pela cor negra.

A memória-trabalho se fez presente também quando a comunidade lhe cobrou o benzimento, diante de uma criança em estado convulsivo. Em princípio ela negou-se a realizar tal tarefa e afirma não possuir esse “dom”.

Em réplica, a mãe da criança a refutou e lhe suplicou ação. A partir desse episódio, Dona Cândida acolheu e incorporou mais este ofício, o de benzedeira, a suas obrigações. Diante a explanação, dialogamos com Ecléa Bosi para qualificar a ação memorialística da narradora, no que concerne ao

caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. (BOSI, 2004, p.55)

Na mesma sintonia de pensamentos, deparamo-nos com Frederico Augusto Garcia Fernandes (2002). O fascínio pela “voz nômade” conduziu-o a penetrar em terras sul-mato-grossenses com a finalidade de compreender o pantanal pela ótica de quem o integra e vivencia intensamente por suas veredas, o homem trabalhador pantaneiro.

Ouvidos e visão atentos às histórias “encharcadas”, reveladoras de sujeitos marcados pelo ser e estar naquele local. Essa prática lhe possibilitou entender a identidade e a relação do homem com o espaço, visto que das narrativas emanam saberes e valores

demarcadores que garantem a sobrevivência, em um espaço permeado por ásperas dificuldades e, como numa simbiose, homem e terra encontram-se na mesma dimensão. A esse respeito, se expressa Fernandes:

Assentados na história de vida, encontram-se os elementos com os quais a memória vai lidar; desse modo, o contador chama para si uma identidade. [...] Quando o contador demonstra como faz, ele enfoca também um conhecimento que lhe é peculiar, afirma uma autoridade que parece ser obtida nas experiências do cotidiano. (FERNANDES, 2002, pp.26-31)

Essa experiência de que nos fala Fernandes, nos faz refletir sobre a identidade de Dona Cândida perpassada pelo saber coletivo. O grupo social a referencia pelo benzimento, ato que amálgama seu pertencimento. A memória se manifesta por gestos e palavras, configurando a benzedeira.

A memória veicula-se pela voz, a qual Paul Zumthor (2005) atribui fator relevante, porque ela possui poder de encantamento, agregação, insere a cultura. Assim, há poesia na voz, à medida que o narrador lança mão de uma série de recursos, tanto corporal como “simbólicos”, para atrair, envolver e enlevar o ouvinte, a voz alimenta-se da memória.

As experiências ali depositadas, quando vêm à tona mesclam-se aos acontecimentos presentes e lançam novos horizontes à realidade. Nas palavras de Zumthor:

Com efeito, antes da voz há o silêncio. [...] Ora, neste silêncio ela [a memória] amarra os laços com uma porção de realidades que escapam à nossa atenção despertada; ela assume os valores profundos que vão em seguida, em todas as suas atividades, dar cor àquilo que, por seu intermédio, é dito ou cantado. (ZUMTHOR, 2005, p.63)

Dotada de habilidade com a palavra, a benzedeira seleciona de suas memórias os episódios com tônica dramática e entrelaça-os com os fatos presentes. Nessa manipulação discursiva, ao apropriar-se da pluralidade de vozes, que circundam seu universo, costurando o passado com o presente, a narradora atribui novos sentidos ao vivido.

É nessa capacidade transformadora que reside o ato criador da depoente, na capacidade de nos transportar à história vivida, provocando a comoção própria da literatura. Um exemplo é a experiência narrada no trecho a seguir:

Tem a reza da Santa Margarida. A barriga é de Santa Margarida, né? Essa oração a gente reza, reza pra muié que tá pra ganhar nenê, né? Essa reza é pra muié que tá pra ganhar nenê, pra senhora vê num é brincadeira, não. Santa Margarida é da parte da muié de nenê, né? A muié tá ruim tá amarrada, né? [o feto encontra-se em posição invertida, não apropriada ao nascimento pelo parto normal] A gente, então, reza e sara, né? [o feto volta a posição para o parto normal (vaginal)].[...] A gente reza chama o anjo da guarda dela, o santo de nascimento, Nossa Senhora das Enfermidade e a Santa Margarida. É engraçado as veiz a muié tá lá ruim que nem médico dá conta.[...] Veio uma fia [neta de Dona Cândida] do Mato Grosso, veio com uma barriga que parecia que era dois [grávida de gêmeos].[...] Aquele corpo medonho e o doutor falou que tinha que tirar a ferro, pra nascer essas criança. [...] Ela mora no campo, o marido dela é boiadeiro, toma conta da invernada de boi e ela mora [...]. Aí a menina ficou passando mal e já pra ficar doente. Foi lá e o médico falou “ela tem que ser operada mesmo”. E o marido falou: “como é que faz agora num tem ninguém que mora perto do campo de gado, aqui é longe de tudo. Como é que a gente vai fazer” [Então ela veio para Cornélio Procópio para ser acompanhada pela mãe]. Quando a menina chegou aqui, espantemo de ver ela. Eu fiz a oração da Santa Margarida pra ela. Quando foi dali dois dia, ela ficou ruim e foi pro médico. Eu falei: minha fia tem fé na Santa Margarida e na Santa Conceição. Santa Margarida vai te ajudar e eu vou mandar Nossa Senhora do Bom Parto a Mãe Maria lá fazer uma visita pra você na Santa Casa. Ela foi coitada, sentindo mal. Naquele dia que ela foi num ganhou a criança, não. Quando foi lá por umas hora a muié [do hospital] telefonou aqui pra Luzia [mãe da parturiente] dizendo que a menina tava ruim pra ganha o nenê e ia ser operada, “Minha Nossa Senhora, ela vai ser operada, o que é que eu vou fazer?” Eu falei: não, num vai ser operada! Eu tenho fé em Deus que ela num vai ser operada. A Mãe Maria, Nossa Senhora do Bom Parto a Santa Margarida vai fazer o parto dela. [...] No outro dia a criança gritou lá na cama e o médico ficou todo sem graça, com vergonha. [...]. Eu mandei lá fazer a visita pra ela a Mãe Maria, Nossa Senhora do Bom Parto e a Santa Margarida foi o parto que fizeram. (Entrevista Registro Audiovisual, Cândida Gomes, julho, 2009)

Pormenores aproximam a ação de Santa Margarida Maria Alacoque, francesa, morta em 1690, ao fazer da benzedeira. Santa Margarida por volta de seus oito anos de idade foi atingida por uma enfermidade que deixou sua saúde fragilizada.

Com a mesma idade, Dona Cândida foi flagelada por um incômodo que a aprisionou na cama por um período de vinte e dias. A santa, antes de ser consagrada aos Sagrados Corações de Jesus e da Virgem Maria, sofreu várias hierofanias, que ELIADE (2008) define por manifestações do sagrado, ouviu vozes e viu aparições.

Dona Cândida viveu momentos de muita turbulência, necessários para formação da benzedeira. Num processo similiar ao ocorrido à Santa Margarida, também ouviu vozes, barulhos, teve visões portadoras de mensagens, sendo uma delas a aparição de Cosme e Damião.

A narradora afirmou serem esses gêmeos que acompanharam a “mãezinha”, Nossa Senhora Aparecida, na realização dos partos, principalmente aqueles que colocavam as parturientes em risco de vida. Cabia aos meninos gêmeos permanecerem ao lado de Nossa Senhora Aparecida na função de “pegar a criança”, ajudá-la a vir ao mundo.

A narradora, ao efetuar a leitura dessa aparição, considerou que os meninos gêmeos lhes trouxeram a mensagem de que ela seria a encarregada para assumir a “corrente dos anjos ou a corrente da luz”, quer dizer, dedicar a sua vida aos atendimentos às crianças e as mulheres em estado de parto.

Nesse sentido, a ação da benzedeira assemelhou-se à de Santa Margarida, invocada para proteger as grávidas em partos complicados, como o narrado por Dona Cândida. Ambas as mulheres dispuseram suas vidas à prática de proporcionar o bem a outrem.

O lema estampado nas atitudes e ações da narradora é: “faça o bem num importa a quem”, assim ao recorrer ao benzimento para auxiliar as parturientes com dificuldades no processo do parto, seu fazer se aproxima do mito, que Eliade preconiza como:

O mito garante ao homem que aquilo que ele se prepara para fazer já foi feito, ajuda-o a dissipar as dúvidas que poderia ter quanto ao resultado do seu cometimento. [...] Em última análise, o *Mundo revela-se enquanto linguagem*. Ele fala ao homem através da sua própria maneira de ser, através das suas estruturas e dos seus ritmos. (1989, pp.120-121)

Assim como o mito abarca os conhecimentos produzidos a eles podendo a humanidade recorrer para sanar problemas, Dona Candida remete a um fazer cultuado, a um rito que se repete, reiterando atos praticados por seus ancestrais.

Ensinaamentos que foram se agregando à sua memória e vem à tona para atender aos anseios grupais, contribuir para uma nova ordem social.

Executando o ritual da benzedura incansavelmente, Dona Cândida voltou-se as suas origens e se abasteceu nelas. Os saberes apreendidos sedimentaram-se por meio das orações sagradas, pelo conhecimento das plantas medicinais e a transformação em remédios.

Além de testemunhar seu tempo, o seu modo de agir revestiu-se pelo viés social e político, ao assumir a função de promotora de saúde e desnudar a condição das pessoas não assistidas ou precariamente amparadas pelo poder público, pois

[A população negra] recusando ao claustro determinista de uma sociedade excludora, mobiliza-se incessantemente em busca de espaços menos estrangulados onde poder movimentar seu corpo, onde fazer circular sua palavra onde assentar valores. (NASCIMENTO, 2006, p.37)

A rememoração permitiu à narradora adentrar em si própria, avaliar a realidade e a buscar fórmulas para enfrentá-la e conferir novo sentido ao devir. O ritual de bênção efetua-se numa esfera de encantamento, é como se a narradora mergulhasse nas suas origens, para as reatualizar nos fatos presentes.

À medida que ela ampliou sua vivência com o mundo religioso, o sagrado fincou-lhe raízes e arvorou-se no modo de ser. Quanto mais se intensificou o envolvimento com a dimensão sagrada mais a benzedeira encontrou matéria prima para interferir na realidade, espaço que se opõe ao sagrado, destinado aos seres humanos, denominado de profano.

Pela atitude sacra, Dona Cândida conferiu novo sentido ao mundo, porque sua religiosidade a conectou ao “Cosmo” e a tornou completa, una. Em relação aos espaços sagrado e profano Mircea Eliade assegura que

O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos – e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado [...] É fácil compreender por que o momento religioso implica o “momento cosmogônico”: o sagrado revela a realidade absoluta e, ao mesmo tempo, torna possível a orientação – portanto, funda o mundo, no sentido de que fixa os limites e, assim, estabelece a ordem cósmica. (ELIADE, 2008, pp.29-33)

A mulher negra religiosa estabeleceu comunicação direta com o transcendental, o transporte do mundo profano ao sagrado deu-se por meio do altar, portal em que a benzedeira, simbolicamente, ascendeu e cobriu-se de sacralidade. Jean Chevalier dirá que o

Microcosmo é catalisador do sagrado. Para o altar convergem todos os gestos litúrgicos, todas as linhas arquitetônicas. Reproduz em miniatura o conjunto do templo e do universo. É o recinto onde o sagrado se condensa com o máximo de intensidade. É sobre o altar, ou ao pé do altar, que se realiza o sacrifício, o que torna sagrado. [...] O altar simboliza o recinto e o instante em que um ser se torna sagrado, onde se realiza uma operação sagrada. (CHEVALIER, 2005, p.40)

O altar é o local em que se firma o benzimento, selo de interação com as entidades sacralizadas, operada pelo rito. O rito concentra sua finalidade na resolução de uma dificuldade, de um problema, com o propósito de aliviar as aflições alheias ou a velar pelos acometidos de doenças físicas e psicológicas.

Para isso, a benzedeira recria palavras, cumuladas de força sagrada, e as pronuncia de maneira solene, numa combinação de corpo e voz, a fim de atender aos casos específicos. A ação ritualística se processa em frente ao seu altar. E é sobre o altar da benzedeira que nos ocuparemos nas linhas a seguir.

2.1 O ALTAR DA BENZEDEIRA

O altar repercute a própria benzedeira em sua simplicidade e humildade, localiza-se em seu quarto, o que transparece a relação de respeito e proximidade dedicados por ela a este espaço sagrado.

Estabelecido em uma pequena mesa, revestida com uma toalha azul celeste, sobreposta com uma toalha de renda branca, bordada de rosas, o altar se garante de muitas imagens. Todos os objetos sagrados foram doados, principalmente pelos “anjos”, crianças que lhe invocavam bênçãos, suplicavam-lhe a presença da benzedeira para aliviar-lhes os tormentos sofridos, conforme narrado anteriormente.

Organizado por ela, cada imagem ocupa uma disposição no altar. Ao centro, destaca-se a figura de Nossa Senhora Aparecida, com cerca de sessenta centímetros, adornada com rosário e duas fitas de cetim, na cor verde, que laçadas ao pescoço da santa, vertem em quatro pontas, deitadas pelo altar. Abaixo a essas fitas, há outra atada ao corpo da santa, espécie de suporte que acondiciona duas rosas brancas, artificiais.

À frente, encontra-se outra estatueta de Nossa Senhora Aparecida, aproximadamente de trinta centímetros, enfeitada com rosário. Ao lado direito da figura maior, medindo cerca de quarenta centímetros, acha-se a estátua, denominada por Dona Cândida de Santa Helena da Cruz, única a receber um manto de tecido, cetim, cor vermelha e uma fita de cetim, da mesma cor do manto, laçada ao pescoço. Além disso, destaca-se a cruz, prostrada em frente ao corpo, na altura do ombro aos pés.

À esquerda, tem a imagem de São José com uns quarenta centímetros de altura com o menino Jesus nos braços, enfeitado com rosário.

À frente, na lateral, figuram Cosme e Damião, imagem com cerca de quarenta centímetros e a outra extremidade contempla São Jorge, montado ao cavalo, medindo mais ou menos uns vinte centímetros.

Afluem outros objetos miniaturas, tais como: uma espécie de pavão, bonequinha, bibelôs com gravuras de crianças, e, na parte frontal, enfileiram-se várias medalhas, cor de prata, de uns três centímetros, estampadas com imagens de santos, em sua maioria figura Nossa Senhora Aparecida, presenteadas por crianças que foram benzidas e obtiveram melhoras.

Em tamanho bem menor, que as imagens das santas centrais, exibem-se três imagens de Nossa Senhora Aparecida e um pombo, medindo uns cinco centímetros, designação do Divino Espírito Santo, estas estatuetas foram fundidas em ferro. Há também

uma pedra, de uns quatro centímetros, na qual Dona Cândida vê impressa a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Estes últimos dedicados por crianças, com súplicas insistentes para que ela velasse por elas por meio do benzimento, papel espiritual que a Dona Cândida ainda não concebia, fatos afirmados nas páginas anteriores. Quando Dona Cândida tornou-se benzedeira, essas pequenas imagens, Nossa Senhora Aparecida, o pombo e a pedra, foram os primeiros elementos a constituir o seu altar.

Estes símbolos atrelam-se ao repertório das revelações, ou seja, uma espécie de período em que Dona Cândida deparou-se com hierofanias, que Eliade (2008) conceitua como manifestações do sagrado, tais como: ouviu vozes a chamar-lhe e não constatou a presença de ninguém, viu o pombo, irradiado pela luz, que voou do alto e pairou sobre a cama de narradora.

Outra aparição foi a de Cosme e Damião, surgidos no centro de sua cozinha, de mãos postas. Momentos seguidos de muita perturbação, visto que ela não conseguia compreender a situação vivenciada, muito menos avaliar a essência da reunião desses fatores para a feitura da benzedeira.

A gama desses episódios conduziu a narradora a erigir seu altar e assumir-se como consagrada na mesma proporção em que tornou sagrado seu espaço de atuação. Considera que o altar é sagrado porque é via de acesso ao diálogo, interação direta com o cosmos, ou seja, com o divino.

Ao confraternizar-se transcendentalmente com a esfera sagrada, articulada pelas encenações rituais, Dona Cândida reproduz o cosmo, recria a realidade. Com relação a esse local sagrado, Eliade assinala que:

Ocupando-o e, sobretudo, instalando-se, o homem transforma-o simbolicamente em Cosmos mediante uma repetição ritual da cosmogonia. O que deve tornar-se “o nosso mundo”, deve ser “criado” previamente, e toda criação tem um modelo exemplar: a Criação do Universo pelos deuses. [...] Ora, esse “Universo” é sempre réplica do universo exemplar criado e habitado pelos deuses: participa, portanto, da santidade da obra dos deuses. (ELIADE, 2008, pp.34-36)

Do ponto de vista cosmogônico, sagrado, elucidado por Eliade, Dona Cândida labuta tenazmente para combater o “caos” da exclusão que dilacera os de sua condição social ao recriar uma nova realidade pelo benzimento, em outras palavras, ao

almejar o bem a outrem por atos solidários, estas atitudes dilataram-se ao corpo comunitário, a se vincularam à vida, por responder aos interesses de seu grupo social.

Acima do altar, a parede se forra em quadros, assim ordenados: da esquerda para a direita, São José com o menino Jesus; a imagem do Menino da Tábua, único quadro enfeitado, na borda superior, com flores vermelhas artificiais; a imagem de São Lázaro acompanhado com cachorros; Santa Clara e Iemanjá também estão presentes, sendo que entre estas há uma estatueta do Menino da Tábua, de uns vinte centímetros; a imagem de São Sebastião e a estatueta de um anjo, de uns quarenta centímetros, que Dona Cândida nomeou por Gabriel.

Os quadros em que perfilam na galeria são: A sagrada família, localizado à esquerda do altar, e, no lado direito, um pouco acima da cabeceira da cama de Dona Cândida, há o quadro de Santa Luzia. Uma longa fita de cetim branca perpassa os quadros e termina no quadro da Sagrada Família, ficando de fora o quadro de Santa Luzia.

Do lado direito dessa mobília existe outra de menor tamanho, coberta por uma toalha de renda branca com um suporte para quatro garrafas que portam garrafas de água benzida, maços de velas, caixa de fósforos, e saquinhos alinhavados em tecido estampado, e, em um deles, estava espetada uma agulha com linha branca.

Os saquinhos são instrumentos utilizados no benzimento para quebraduras (ossos quebrados). Simbolicamente, no ritual da benção, Dona Cândida os criva de pontos de forma a costurar os ossos quebrados. Abaixo, o procedimento narrado pela benzedeira:

Quando a gente tá benzendo, quando a tá benzendo lá [no altar] as oração vem tudo encariadinho na cabeça da gente, tudo certinho. Então a gente fora do altar, Deus põe na cabeça as a gente esquece algum, porque lá no altar a gente tá benzendo. Então Deus já tá pondo tudo aqui [mostra com a mão a cabeça] certinho as oração. [...] Para quebradura a gente vai rezando e pedindo a ajuda das pessoa, né? [os guias de luz], a ajuda das pessoas. A palavra a gente tem que falar assim pra pessoa doente: o que que é o gozo? Aí a pessoa [que está sendo benzida] fala: “carne quebrada”. Aí a gente responde: junta desconjuntada, dedo torto, carne arruinada, junta desconjuntada, osso rendido as carne arruinada. Com palavra de Deus tá curada. A gente leva um patuazinho, com um retaião novo, retainho novo, retainho novo e costura ele com aguia, se for a aguia virge ainda é miô. Aí a gente reza pro anjo da guarda da pessoa, pra Nossa Senhora da Cura e das Enfermidade pra levantar aquele enfermo, aquela pessoa né? Reza primeiro, aí a gente fala pra pessoa, vou costurar e cê responde carne quebrada. Eu falo e cê responde nervo torto e eu respondo junta desconjuntada e osso rendido. Com as palavra de Deus tá curado. Quando a gente tá ali benzendo já tem uma voz contando fala nos ouvido da gente os remédio certinho que é pra fazer pro doente, certinho. A gente vem com aquele destino. É os remédio tudo ensinadinho assim na palavra de Deus, ensinadinho os

remédio, certinho: “pega aquele, pega aquela arnica, picão e erva de santa maria, pega este faz a moqueca. Põe ali uma picadica, uma sobra de sal, uma sobra de açúcar e faz aquela moqueca. Amasseta ela e põe naquele lugar da quebradura e põe uma faixa três dia” . E basta!. Com três dia a pessoa vem aqui quebrado com três dia vem aqui e fala: “num to sentindo nada, D. Cândida, quase num tô sentindo dor, tá sumindo!” Com a Graça de Deus aquele pai lá de cima. (Entrevista Registro Audiovisual, Cândida Gomes, julho, 2009)

A linguagem ritual e simbólica processada no altar estimula a benzedeira a buscar os saberes religiosos de sua ancestralidade familiar, visto que o pai da narradora era curador e manipulava fórmulas à base de ervas medicinais, conservados em sua memória a fim de disponibilizá-los por meio do benzimento.

A esfera mística aguça-lhe os sentidos, a narradora declara que quando está na ação do benzimento, aflora também sua faculdade mediúnica, ou seja, a visão e percepção da narradora tramitam para outros espaços de forma que ela consegue ouvir a prescrição dos medicamentos, e a forma correta de aplicá-los, para aplacar os incômodos que torturam os pacientes.

Dona Cândida herdou os conhecimentos religiosos de seus antepassados, provavelmente de etnia banto, e quando se põe diante do altar esses saberes saltam para o tempo presente, práticas cobertas por “hamba”, que de acordo com Ornato José da Silva (1998) trata-se de dotes espirituais estabelecidos pela união com a ancestralidade. Essa força lhe instrui para utilizar as orações e medicamentos adequados a cada tipo de incômodo.

Outro indício da origem banto faz-se notar pelo sincretismo presente no altar de Dona Cândida, que acolhe tanto imagens do universo católico, sobressaindo Nossa Senhora Aparecida, quanto de matriz africana, representadas por imagens de Iemanjá, Cosme e Damião, São Jorge, São Lázaro. Tais evidências nos levam a compactuar com o pensamento Alba Maria Perfeito que considera importante informar que

Os bantos adaptaram-se mais ao Brasil e, provavelmente, tenham se deixado interpenetrar por outras manifestações religiosas, porque cultuavam seus antepassados e acreditavam que o reencontro com eles seria possível, adotando o panteão de outras religiões, criando novas correspondências e aceitando outras cerimônias e estruturas religiosas (a indígena, a católica e de outras etnias africanas) para homenagear os seus mortos [...] A nação de Angola (ou Angola Congo, mais genericamente) apresenta transformações mais simplificadoras dos elaborados rituais originais. (PERFEITO, 1983, pp.34-36)

Brígida Carla Malandrino também compactua com esse pensamento e o expressa da seguinte forma:

Esse sistema simbólico funcionou como um código que permitia a percepção dos acontecimentos que se produziam, ou seja, uma linguagem ritual e simbólica que possuía sua lógica interna. [...] Observamos, assim, uma das características centrais da cultura banto, isto é, a tendência à ampliação e à flexibilidade com relação a outras práticas religiosas, o que fez com que o processo de sincretismo se desenvolvesse em condições favoráveis e, por que não dizer, desejáveis. (MALANDRINO, 2006, p.31)

Ela tece suas considerações a respeito da religião conhecida como Umbanda. Encontramos em seu artigo aproximações com o fazer religioso de Dona Cândida, pois a religiosa também se serve dos símbolos católicos, somados aos de origem banto, que tem raiz na transmissão religiosa processada no seio familiar, em outras palavras, o poder espiritual reserva-se exclusivamente aos membros da família e manifesta-se de acordo com a absorção dos conhecimentos sorvidos pela observação e apreensão destes na memória.

Para Dona Cândida o altar demonstra o sagrado, ela o protege, da poeira e da umidade, provocada por goteiras em tempo chuvoso, com um plástico, grosso, arrumado em forma de concha. Similar a um véu, a benzedeira descerra-o, de modo a revestir totalmente o altar, a fim de afugentar qualquer perigo iminente a este território sagrado.

Embora nos cerquemos de várias ciências para entender o modo de ser da benzedeira, como história, antropologia, sociologia, etnologia, entre outras, interessa-nos apreender na fala da narradora elementos míticos, e, numa amplitude maior, verificar o ato criador da depoente, que colhe das situações vividas substância para instituir sua própria obra.

No drama existencial, a narradora iça fios da memória e os alinhava com fatos presentes, dando nova estampa ao tecido vital, na urdidura dessa trama, a benzedeira ao renovar a vida, elabora a poesia.

Guiados por este prisma, elegemos dentre os elementos sagrados do altar, discorrer sobre Cosme e Damião, delimitando aproximações entre essas entidades com a memória e o fazer da benzedeira.

Ouvindo as histórias de vida de Dona Cândida e observando um pouco sua rotina, recheada de ações como: prontidão em atender ao outro, recusa de remunerações em dinheiro pelas bênçãos prestadas, a sua agilidade em efetuar as tarefas da casa e para além dela, sua jovialidade, que às vezes se assemelha a de uma criança.

Desse exame, desabrocharam as elucubrações: Há pontos de convergência entre a história de Dona Cândida com a história de Cosme e Damião? Qual o sentido da figura dos gêmeos para o povo africano, especificamente, o de cultura banto? Qual o papel das crianças e da figura feminina, expressa pela divindade Nossa Senhora Aparecida e a ação da própria narradora, para a consagração da benzedeira? Em busca de respostas aos questionamentos lançados, a narrativa da benzedeira se cruza com a dos Mabaças e de Cosme e Damião.

2.2 COSME E DAMIÃO, OS MABAÇAS E A BENZEDEIRA

Cosme e Damião eram gêmeos, nasceram no século III, na Arábia, na época do domínio romano. O fator relevante e mítico envolveu a figura dos gêmeos e os instalou, pela atitude caridosa, no campo da santidade. Eram médicos e praticavam seus conhecimentos para curar ou atenuar doenças, que assolavam e inquietavam principalmente as pessoas mais pobres. Apiedavam-se de suas agonias e não lhes cobravam pelos serviços prestados.

O sentimento de amor à humanidade os aproximou dos princípios apregoados pelo cristianismo, preceitos incorporados ao ofício da medicina, compartilhados com seus pacientes. O resultado esperado dessas combinações era que os enfermos percebessem um novo modo de vida regido pela doutrina de Cristo e optassem por adotar a religião de seus bemfeitores.

Esta conduta lhes rendeu a vida, pois o cenário em que atuavam nos idos anos 300 fervilhava pelos conflitos entre o paganismo romano e o cristianismo, provocando a perseguição aos cristãos.

Cosme e Damião foram presos sob dupla acusação: uso de feitiçaria na cura aos doentes, sustentada na ação dos gêmeos empregarem o ritual cristão, as preces, associado ao emprego de medicamentos e uso de ervas; e adoração a Cristo ao invés dos deuses pagãos. Por esses motivos, foram torturados violentamente e condenados à morte pela decapitação.

Os benefícios, generosamente espalhados pelos médicos gêmeos, adquiriram maior proporção com suas mortes. Passaram a ser venerados e invocados nos problemas de saúde e por suas virtudes: inocência, candura, modéstia – sancionaram-lhe a atuar, também, como protetores das crianças e das mulheres que estavam em trabalho de parto. Essa questão se amplia com as explicações ofertadas por Ramos ao dizer que

Em vários pontos da Europa, o culto dos gêmeos Cosme e Damião vem de longínquas eras. Nas antigas vilas da Itália, no século XVIII, o seu culto tinha evidente significação fálica. As mulheres estéreis chamavam por Cosme e Damião, que possuíam aliás outros poderes curativos. Havia, em várias igrejas, por volta de 1780, larga distribuição, em garrafinhas, de um óleo santo de S. Cosme e S. Damião, que tinha virtudes médicas. (RAMOS, 2001, p.302)

Cosme e Damião introduziram-se em solo brasileiro via colonização portuguesa e, pelo sincretismo, confundem-se com os Ibejis ou Erês, denominações originárias da cultura yorubá ou inquices mabaças, para o povo banto. Em relação às estas palavras nos informa Nei Lopes (s/d, pp.131-214) que inquice é uma divindade e mabaças significa gêmeo, ambas as palavras pertencem ao universo da cultura banto.

No tocante a esta fusão de Cosme e Damião com os inquices mabaças, Ramos dirá que

Mas do Brasil, o culto dos gêmeos, ou mabaças, embora reconhecendo elementos de procedência européia, tem uma influência decididamente africana. No seu tempo, já Nina Rodrigues havia identificado S. Cosme e S. Damião a Ibeji, os gêmeos os nagôs. (RAMOS, 2001, p.303)

Essa influência africana apontada Ramos faz-se notar pela devoção de Dona Cândida a Cosme e Damião a ponto de se irradiar em seu fazer religioso. Equipara-se aos gêmeos médicos pelo ofício de benzedeira, de doação ao povo, de maneira especial aos assolados pelo sistema econômico, afirmação que comprovamos no texto abaixo:

Graças a Deus tem tanta fotografia no altar [pessoas benzidas por ela e que obtiveram graças] que só vendo, tem tanta fotografia tem hora eu penso o que que eu posso fazer com essas fotografia. [...] Como eu tava contando um dia um camarada da fazenda caiu do cavalo e cortou a perna. A muié dele veio em minha casa e pediu benzimento e remédio. Eu mandei o litro de remédio e ele ficou curado, são. Outro homem também caiu e o bendito do homem vai lá e conta pro outro e ele vem cá comigo, vem cá comigo pra arrumar remédio pra ele, temperei. Um homem tão bão, mia fia, trabaiadô, que só vendo. Mas a muié tava com raiva do homem e. tava com vontade de matar o marido. Aproveitou o embalo de eu temperar o remédio pros homem, ai essa muié tava com o remédio tudo direitinho, mas o que é que aconteceu, a muié pegou e deu a xicrinha o calizinho de remédio pro homem e colocou veneno pra matar o marido. Mia fia, óia o que eu passei na vida. O homem zangou e a muié me acusou. Peguei a garrafada e fui em Nova Fátima [cidade do Norte do Paraná] no farmacêutico, seu José Mário. Nós somo conterrâneo, eu e o senhor José Mario, quando eu preciso de remédio de farmácia ele me passa. Quando ele precisa de remédio de raiz eu passo pra ele. Conteí tudo certinho pro farmacêutico, seu José Mario: pus esse, pus esse, pus esse, pus esse aqui, esse aqui, esse aqui, no remédio [gesticula

como se tivesse no momento da cena]. Seu José Mário, tá certo ou tá errado? Ele falou: “tá certinho o remédio, tá certinho. Leva esse calmante aqui que aquele rapaz, porque a muie dele ou deu remédio demais ou ela pôs alguma coisa no remédio dele.” (Entrevista Registro Audiovisual, Cândida Gomes, julho, 2009)

Dona Cândida enfatizou que não pode se recusar a efetuar o bem, sua premissa é contribuir para a felicidade humana. Na cena transcrita, a ela ressaltou a credibilidade que as pessoas imputaram ao seu ofício de benzimento, o que se comprova pelas inúmeras fotografias dispostas no altar, de pessoas por ela atendidas. Para, além disso, a benzedeira tem plena convicção da sabedoria sagrada, de que é herdeira, e os poderes que emanam da prática de seu benzimento.

Pela fala depoente notamos que a benzedeira está atenta aos episódios que envolvem os membros de sua comunidade. Não se recusa ao atendimento que propicie melhoria física e psicológica a seus pacientes. Exerce função de liderança no trabalho árduo pela harmonia grupal.

O amor dedicado ao próximo a faz atender pessoas que não integram seu âmbito social. No entanto, recusa qualquer oferta pecuniária e isso pode ser entendido sob dois ângulos: primeiro, porque ela recebeu o “dom” da cura e é dever compartilhá-lo, estendê-lo ao maior número de pessoas possíveis a fim de atenuar os sofrimentos.

Outro aspecto, pela graça concedida ela se vê como uma mulher especial possui poderes nutridos pelos “espíritos de luz ou corrente dos anjos”, que a cobrem de capacidade de decisão e resolução, a protegem. Esses sinais distintivos a obrigam à doação, à solidariedade, pois

Dessa maneira, direta ou indiretamente, o axé, cujo vocábulo correto na etnia banto é *hamba*, provoca um estado qualquer de indisposição na vida de um herdeiro, que é impelido a aceitá-lo, sob pena de sofrer as conseqüências inerentes às condições estabelecidas ao longo dos séculos e séculos de transmissão religiosa por um mane que presida aquela hierarquia familiar. Manes, segundo a mitologia banto, são as almas dos vivos depois de mortos. (SILVA, 1998, p.37)

Revestida por “hamba”, força mística recebida de seu grupo familiar, a benzedeira, mesmo pertencente a uma classe social desprestigiada economicamente, deve reverência e devoção somente à esfera sagrada, é pela interação com seus santos, seus “espíritos de luz”, que ela avalia o entorno social e sua palavra e ação inclinam-se em cumprimento à vontade divina em atender aos necessitados.

Similar a Cosme e Damião, ela dedica atenção especial às crianças e às moléstias do universo feminino. Podemos conferir tal fato na passagem abaixo:

O que apareceu dentro da minha casa, que eu vi em pé, eu vi em pé, dentro da casa, assim, [hesita um pouco, como não sabendo o impacto que me causaria a informação, logo após, prossegue] eu vi dois anjo, dois anjo, [fala pausadamente, abaixa o tom da voz quase sussura] no meio da casa, no meio da casa, [indica o local da aparição], olhando eu. Tinha pedido de gente, [aproxima suas duas mãos, como postas a rezar] mas não era gente, era dois santinho, em pezinho assim [torna a mostrar o local] na casa, assim, olhando eu, tristinho olhando eu assim, [nesse momento, Dona Cândida acomoda seu braço direito abaixo dos seios de forma a apoiar seu braço esquerdo, cuja mão serve de abrigo ao seu rosto. Fica muito pensativa, olhar distante, expressão triste, descrevendo a expressão dos “santinhos”] Eu tava quietinha, meu marido tava trabalhando de guarda, eu quietinha, sentada ao lado do fogão a lenha, pensando. Aí pareceu que bateu palmas [a mão que estava no rosto aponta para a porta], aí eu abri os olho, esse eu conto, o outro eu num posso contar não. Aí eu olhei, tava os dois, vestinho com aquele terno de Deus. Parece que era Cosme e Damião [fala com voz mais baixa], roupinha tudo igualzinho, parelhadinho assim, [aproxima as mãos uma da outra para indicar o par], um de azul claro e outro de verde cor de cana [dá-se a impressão que a narradora encontra-se diante da cena]. Daí a pouquinho sorveteu e num vi mais nada. Veio a imagem dos dois santo, né?, pra mim, é palavra de Deus. (Entrevista Registro Audiovisual, Cândida Gomes, julho, 2009)

Nesta hierofania, a divulgação do sagrado se faz pela aparição de Cosme e Damião, última mensagem recebida pela instância divina. Isto nos leva a conjecturar que o estágio de sublimação, no qual a benzedeira é forjada, se completa, dando início a novos fazeres, nos quais ela passa a atuar diretamente na comunidade. Entendemos que esta visão encerra o ciclo das hierofanias, processo de formação para celebração do nascimento da benzedeira.

A religiosidade de legado familiar de Dona Cândida funde-se à ação de Cosme e Damião e nela há uma associação recíproca com os mabaças, meninos gêmeos, provenientes das cerimônias religiosas cultuadas pelas nações de Ketu, Angola e Gongo. Entidades divinas contêm em si complexidade do mundo infantil, fator que os vinculam à constelação dos demais inquices.

Por incorporarem energias, “hamba”, dilatam o ponto de junção e o difunde também à humanidade, em outras palavras, por esta lógica de pensamento cada indivíduo abriga em sua constituição uma criança, responsável por amenizar a seriedade, oriundas das responsabilidades e obrigações da fase adulta.

Dona Cândida teme ser atingida pelo esquecimento roga à filha e à esfera espiritual que não lhes deixem esquecer os nomes das plantas, muito menos a serventia para a cura, as orações que afugentam os males e as dores. A relevância deste fato é assim explicada por Mircea Eliade

a árvore sagrada ou as plantas sagradas revelam uma estrutura que não é evidente nas diversas espécies vegetais concretas. [...] é a sacralidade que desvenda as estruturas mais profundas do Mundo. [...] é o valor religioso que faz que uma planta seja cuidada e cultivada. (ELIADE, 2008, p.125)

O aspecto da dualidade cinge os mabaças, desencadeado por virem ao mundo pelo mesmo parto, gêmeos, portanto, e também por sua forma infantil, gêmeos/crianças. A dualidade atinge o ápice na associação da ideia de gênese, já que os mabaças representam a erupção da vida, como o brotar das plantas, o desabrochar das flores, a eclosão de nascentes de rios, etc, e entre as exemplificações agrega-se o nascimento do ser humano.

Os mabaças simbolizam a alegria, a pureza, marcas da criança que devem perenizar-se no adulto. Por isso, a atenção desses gêmeos concentra-se em proteger as crianças. Ação esta que também se faz notável na benzedeira Dona Cândida.

A alegria e vivacidade infantil arraigam-se na mulher de 85 anos, concretizam-se no amparo à comunidade, particularmente às crianças, nomeada por ela de “anjos”, na agilidade em efetuar suas tarefas domésticas, em capinar o quintal, cuidar das plantas, no trabalho ambulante como vendedora de vassouras.

Dona Cândida incorpora sentimentos pueris, estampados na felicidade de estar viva, em auxiliar “os coitados” que a ela se submetem invocando-lhe benção a fim de aliviar as desventuras que os acometem, conforme ilustra a seguinte passagem:

Um dia eu sai pra vender vassoura, né? Cada vassoura valia cr\$ 3,50, a cada vassoura que vendia, ganhava ,050 centavo. Ai passou cr\$ 4,00 real a vassoura e eu ganhava 1,00 real, três real pro dono e um real pra mim. E eu correndo pra baixo e pra cima, pra salvar um pouco pra e um pouco pra Luzia [mãe e filha são viúvas e estavam gastando muito com remédios e a pensão de aposentadoria, equivalente a um salário mínimo, não foi o suficiente para as despesas] Nós duas tava abatida. Coitadinha de mim, correndo naquele sol quente pra cima e pra baixo, cum punhado de vassoura nas costa. Um dono pagava na hora, outro num pagava, outro dava o nó, [...] Eu num tava vendendo nada e eu falei: como é que vou fazer agora, meu Deus? Sumi, fui embora, fui embora, sumi pra esses mundos afora [outros bairros procopenses] Perdi o rumo de voltar [põe a mão no rosto, abaixa a cabeça e ri]. Perdi o rumo, ai, minha nossa senhora, eu tava cum 80 real no bolso, vendi quase tudo as vassoura. Vendendo e pegando dinheiro, vendendo e pegando dinheiro, um feixe de vassoura. Perdi o rumo “agora

deu”, já tava de tardezinha, [firma os olhos, como a olhar o horizonte] e eu pra aqueles mundo pra lá. Ai eu encontrei um velho: ô, senhô, ô senhô sabe a saída da Vila Santa Terezinha? “Eu num tenho costume de ir pra aqueles lado, não. Quando eu preciso ir no médico, vou no postão” [neste bairro há um posto médico ambulatorial] A senhora vai perguntando”. Encontrei uns rapaz ,por isso que eu quero bem as criança, são dos anjo. Eu falei: ô, moço, tô campeando a rua que eu moro, perdi o rumo. “Dona, eu vou explicar pra senhora, num vou acompanhar a senhora senão meu pai fica com preocupação comigo, eu tenho de voltar!” E informou, mas eu peguei outra banda, minha cabeça tava zonzá. Ai eu encontrei dois molequinho e eles perguntou: “Dona, a senhora parece que ta sem destino? A senhora tá sentindo alguma coisa? [risos] tô achando a senhora esquisita!” Eu tô perdida! “Da onde a senhora é? A senhora com essas vassoura na mão, os outros toma da senhora e ainda bate na senhora”. Eu sou lá da Vila Santa Terezinha, meu fio do céu, eu perdi a rua. “Eu vou levar a senhora” . Ele virou pro outro e falou: vamos levar a vó? Eu sei onde é essa Vila Santa Terezinha” “Eu num vou não, senão a mãe bate em mim” “Eu vou levar a vó, mesmo que a mãe bata em mim”. Ele me trouxe até perto da JH [loja de materiais de construção, próxima ao bairro de residência da narradora] “Agora a senhora vai?” Vou! Trouxe eu até ali e voltou pra trás, minha cabeça tava rodando! Cheguei em casa! (Entrevista Registro Audiovisual, Cândida Gomes, julho, 2009)

A fala de Dona Cândida assinala denúncias ao ressaltar a dura realidade a ser enfrentada para não sucumbir ao desolamento e exploração, firmada em todos os recantos sociais. A vida da mãe e filha, ambas as viúvas, pontua-se por dificuldades de ordem econômica.

O vigor físico é característico na narradora, desprende, dessa idosa, ânimo, determinação e jovialidade que a impulsionam a aventurar-se como vendedora ambulante, rompendo os obstáculos senis.

A sua idade avançada não inibiu a ação exploratória, denunciada em seu discurso, a quem a benzedeira presta serviços. O desejo obstinado para aumentar sua renda, a fez se aventurar em outros bairros.

A falta de alimentação adequada e a exposição excessiva ao sol, contribuíram para esvaír-lhe as forças e a perder o rumo de sua residência. Entretanto, o encontro com as crianças lhe indicou que ela se encontrava amparada pelo campo sagrado, já que uma delas lhe acompanhou e a conduziu até próximo aos arredores de sua residência.

Isso lhe reforçou o compromisso de estar sempre em sintonia com as vozes ancestrais, que fortalecem a benzedeira a atuar ativamente na comunidade, lhes transmite segurança no tratamento que dispensa aos seus pacientes, quer seja na oração apropriada para afugentar o mal estar, quer seja na combinação correta para o fabrico de medicamentos fototerápicos, conforme o episódio:

a mulher trouxe a criança ruim aqui. E a Luzia [filha da benzedeira] falou: “mãe, mãe, a senhora larga disso! Num benze essa criança, num dá um chá pra essa criança, porque se a criança morre, a senhora vai se cúmplice, mãe! Larga mão disso, mãe, a senhora é feito cavalo [teimosa]”. Em vez de falar isso, fica quieta! Luzia é igual São Pedro [Dona Cândida faz a alusão, porque sua filha é herdeira do dom da “divina corrente”, mas recusou a recebê-la, “fechou o corpo”. Sofre de transtornos físicos e psicológicos, que Dona Cândida atribui à não querência por parte de Luzia] fica quieta cê num sabe de nada! Deixa eu cuidar da criança, aqui! “Mãe, essa criança tá ruim demais, mãe, o médico num deu jeito!” A criança sarou cum uns três benzimento que eu fiz, a criança sarou, e garrou a pedir comida sem parar, num tinha nada que enchia. (Entrevista Registro Audiovisual, Cândida Gomes, julho, 2009)

Dois pontos importantes ressaltam da voz narradora, primeiro a decisão em atender a criança, mesmo diante da contestação da filha, porque a benzedeira sorveu conhecimentos de cura diretamente da fonte de sua ancestralidade, razão da tranquilidade e segurança diante do quadro de saúde da criança.

Outro fator atrelou-se à rejeição de Luzia à “corrente dos anjos ou a corrente de luz”, de que a filha seria a próxima herdeira. Dona Cândida se referiu a que Silva (1998) denomina por “hamba”, energia da cura, proveniente de herança familiar. A esse respeito, a benzedeira sustenta que:

Eu acho que eu já nasci com esse dom, que a gente viu com os ensinamento, né? Que a gente não pode contar, né? Eu sofri bastante quando era pra pegar a corrente. Eu ouvia batido de porta, eu ouvia chamado, eu ouvia criança me chamar. Eu saia na porta num via ninguém. Batia na porta, ouvia aquela voz que chamava eu e nada, né? Eu era uma menina abatida, aborrecida. Eu tinha tristeza, sempre quetinha. (Entrevista Registro Audiovisual, Cândida Gomes, julho, 2009)

Dona Cândida demonstrou que esse “dom” integrou sua constelação familiar e nele residem mistérios, compreendidos somente pelo escolhido, que passa por etapas de formação espiritual, manifestas por hierofanias.

Esclareceu que o não atendimento ao chamado da ancestralidade, “hamba”, gera um quadro de desarranjo físico e psicológico, pintado em forma de transtornos. Informou-nos que recebeu a “corrente” de seu pai e que seu primogênito, falecido no processo do parto, se tornaria benzedor, comunicado recebido pelas “vozes que sussurram ao seu ouvido”, aviso manifesto pelo o choro do feto em seu ventre.

Os acontecimentos que perpassaram a vida de Dona Cândida rechearam-se por visões, vozes e mensagens advindas do plano sobrenatural, espécie de período iniciatório

em que esses episódios alimentaram sua nascente espiritual, conferindo-lhe saberes e outorgando-lhe autoridade de liderança no atendimento à sua comunidade.

Pelas nossas observações, inferimos que a fonte dos conhecimentos religiosos da narradora provém de origem banto, pois Dejour Dionísio considera que

para o congolês o poder dos antepassados manifesta-se na vida material e, também, na espiritual, significa que os mortos estão entre os vivos continuando o fazer parte ativa do clã, continuam em perfeita harmonia com os seus descendentes, interferem nos atos dos vivos, causam-lhe doenças ou curam, enfim, diminuem ou reforçam a sua força vital, lhes proporcionam coisas boas ou ruins, lhes provocam sonhos agradáveis ou pesadelos. (DIONÍSIO, 2010, p.84)

As apreciações de Dionísio alinham-se ao pensamento de Silva (1988) que denomina a interferência dos mortos no mundo dos vivos por “hamba”, poder espiritual processado no âmbito familiar. Se o membro da família for contemplado por essa força vital e ele se recusar a recebê-la, sofrerá transtornos, provocando-lhe desequilíbrio físico e psicológico.

Dona Cândida possui quatro filhos, sendo três mulheres e um homem. Uma das filhas, Luzia, foi sinalizada para continuar com a “corrente de luz” ao ser contemplada com a visão de Cosme e Damião.

No entanto, a filha se negou a agregar mais este ofício à sua imensa jornada de trabalho, razão de “fechar o corpo”, como justificado por ela. Em réplica, Dona Cândida argumenta que a Luzia “é perturbada”, sua saúde é frágil, devido à decisão tomada, o que só lhe acarreta problemas.

Consequentemente, a resolução tomada por Luzia também se fez refletir em Dona Cândida, que não se pode eximir do benzimento, tampouco negá-lo a ninguém. Devido a uma série de afazeres, a saúde abalada, o dissabor com a decisão que filha tomou, resolveu cessar com o benzimento. Entretanto, para sua surpresa, no dia seguinte, apareceram em sua casa três mulheres, que estavam em período de amamentação de suas crianças, de três, cinco e nove meses, solicitando-lhe benzimento às crianças. A benzedeira atribuiu às visitas sinal de Cosme e Damião restituindo-lhes forças para prosseguir, já que a “corrente” ainda não pode se findar.

Nos altos de seus oitenta e cinco anos, com aproximadamente um metro e cinquenta e seis centímetros, pesando uns quarenta e cinco quilos, abdica da alimentação e dos afazeres domésticos para atender as pessoas que a procuram, que conforme informações

de Luzia “chegam de caravanas, vem das fazendas das redondezas, vem de Santa Mariana e de Bandeirantes” (municípios limítrofes a Cornélio Procópio).

Ao ter consciência de sua condição social, bem como a de seu grupo, ameniza suas dores no mesmo compasso em que alivia o sofrimento alheio, tendo como veículo a palavra, prenhe do aspecto religioso, pelo qual floresce ensinamentos, divulga valores e visa o bem estar coletivo.

A linguagem, incrustada pelos signos, evidencia o empenho de Dona Cândida em criar sua história, na perspectiva de superar os percalços existenciais. A palavra edifica esta mulher, registra sua individualidade, por outro lado, Dona Cândida dilui-se na teia coletiva ao recorrer aos conhecimentos ancestrais no desejo ardente em servir ao povo. Hábil com as palavras e recorrendo ao recurso corporal e gestual, Dona Cândida trouxe à tona densas histórias, carregadas de dor, perda, revelação e superação. Analisá-las é intento a que nos propusemos no item seguinte.

CAPÍTULO III

SIMBOLOGIAS DO UNIVERSO SAGRADO NA NARRATIVA DE DONA CÂNDIDA

Nos capítulos anteriores apresentamos Dona Cândida em seu fazer cotidiano e de benzedeira, destacamos a importância de sua atuação no seu grupo social e a memória como elemento norteador da cultura.

Este capítulo tem por objeto explorar alguns símbolos sagrados presentes no fazer de Dona Cândida. Ao ancorar-mo-nos na oralidade dessa benzedeira afrodescendente, buscamos perceber, na memória depoente, elementos de cultura de tradição das etnias banto, analisando a partir da organização de sua narração o modo de ser e viver desses grupos preteridos, que se faz registrar pelos fios condutores da memória.

A narradora produz seu discurso, divulgando situações marcantes que se pontuaram em sua travessia de vida. Nesse sentido, o seu produto discursivo resulta num evento social de formulação humana, pois o foco narrativo conduzido e determinado por ela evidencia um posicionamento político, ao fazer emergir a voz negra, periférica, reconstituindo vivências.

A exposição minuciosa dos casos vividos transforma as verdades locais em fatos universais, porque extrapola as questões individuais ao representar o coletivo na luta pela identidade. Assim, ao se dispor à ação solidária do benzimento e ao narrar os fatos contumazes de sua vida, Dona Cândida expressa à humanidade, encerra os laços da coletividade.

O saber produzido pelas vozes sociais se acomoda na memória discursiva da narradora e, ao analisar o contexto, seleciona de seu arquivo memorialístico as lembranças mais pertinentes para ilustrar sua fala. De posse desse instrumento faz os arranjos necessários para confirmar o ato vivido. A silhueta narrativa a torna agente produtora, pois “o poeta faz algo mais que dizer a verdade: cria realidades que possuem uma verdade: a de sua própria existência. [...] o poeta afirma que suas imagens nos dizem algo, ainda que pareça um disparate, nos revela de fato o que somos. (PAZ, 1982, p.131)

Octávio Paz descreve que o ato poético se revela pela habilidade em se criar imagens que retratam a vida. Observamos poeticidade nas narrações produzidas por Dona Cândida, o que se faz conferir nos arranjos de (re) criação de seus testemunhos de vida. O estilo empregado tem valor estético, já que sua composição origina-se na coleta de fatos autênticos transcorridos no âmbito individual e coletivo. Por isso suas histórias são ricas e

variadas, pois quanto mais ela observa o contexto mais ela estenderá o aprendido à comunidade.

Os ícones, componentes do altar, o cerimonial ritualístico efetuado pela benzedeira constituem um código, um sistema de signos que expressam a cultura. Ao penetrar em suas memórias, Dona Cândida fisgou as lembranças marcantes e por este foco designou a luta de todas as mulheres encontradas à margem da esfera social.

Os fatos narrados extrapolaram situações individuais ao englobar a coletividade, evidenciando que a luta pela sobrevivência, pela liberdade é ação constante do ser humano. “Todas as civilizações fundam-se numa espécie de ‘livro’ cultural, isto é, na capacidade de armazenar informações a fim de reutilizá-las. Antes de Homero, o ‘livro’ cultural grego depositara-se na memória oral”. (HAVELOCK, 1996, p.11)

Havelock não encontrou um termo específico que contemplasse a produção cultural de tradição oral, por isso denominou “livro”, que remete ao universo da escrita. Como Dona Cândida se fez por meio da oralidade, optamos pela acepção “obra”, proposta por Paul Zumthor (1993), já que os conhecimentos religiosos obtidos por ela fundamentam-se na memória, na palavra falada, transmitida por seus familiares.

Zumthor conceitua obra como a elaboração que o sujeito da enunciação efetua na (re) elaboração de saberes processados em sua memória. No movimento passado-presente, o sujeito da rememoração ao falar de si, reflete o coletivo. Ele atribui valor poético a essa operação, porque denota o humano, pelo viés da memória, da voz e do corpo e

a memória, por sua vez, é dupla: coletivamente, fonte de saber; para o indivíduo, aptidão de esgotá-la e enriquecê-la. Dessas duas maneiras, a voz poética é memória. [...] De fato, ela envolve toda a existência, penetra no vivido e mantém o presente na continuidade dos discursos humanos. [...] Uma obra vocal [...] reduz a duração de um momento único; o espaço, à unicidade, figurada de um só lugar afetivo. (ZUMTHOR, 1993, pp.139-149)

Tendo em vista as considerações de Zumthor, compreendemos por obra, o trabalho com a memória designada pela cultura de tradição oral. Ao recordar, Dona Cândida colocou-se como protagonista dos fatos, valorizou as vivências transcorridas em tempos e espaços passados e à luz dessas, apresentou condutas novas para dirigir as experiências cotidianas.

A cada momento de narração de suas histórias e na colocação diante ao altar para desencadear o ritual do benzimento, ela acrescenta novos atributos formulars

interventores do bem estar humano. Sobre a relevância da oralidade, Sérgio Paulo Adolfo (2010) tem uma contribuição interessante que

A entonação da voz, o calor dos lábios, a saliva, são partes do ritual, completam o conteúdo do narrado, enfim, não é o fim último – mas o elemento que veicula um trajeto maior: o trajeto no qual se constrói a iniciação. [...] Ao longo dos anos de iniciação, o indivíduo vai, pouco a pouco, apoderando-se desse cabedal oral e narrativo, o que lhe confere um status e uma respeitabilidade de quem é dono da palavra e, portanto, do saber iniciático, tornando-se, dessa forma, dono do poder estatuído. O dono da voz, do gesto, do fazer e, portanto, do decidir. (ADOLFO, 2010, p.1)

Dona Cândida compartilhou conosco que a manifestação do sagrado nela irrompeu a partir de seus oito anos de idade, colocando-a num quadro aflitivo, por ela não conseguir efetuar leitura compreensiva acerca do ocorrido.

Consideramos que as provas sagradas submetidas a ela encerram um período iniciático, em que ela abebera-se nos ensinamentos familiares e à medida que estes lhes são incorporados, assentam alicerces essenciais para edificação da benzedeira. Suas narrativas são poéticas, já que é prenhe de vida, constituem bases em que se nutre a narradora para proveito comunal sendo que, nesse sentido, as histórias, brotadas com ímpeto de sua memória, têm valor de mito e de afirmação e

a gênese é a sustentação das religiões se dão através da palavra poética, que lhe dá Octávio Paz, pois o mito, a história real do tempo mitológico, em que os deuses criaram os homens e o mundo, constitui-se de um conjunto de textos primeiramente possuidores, portanto de verossimilhança, ou a verdade da ficção. As ações das divindades são relatos que reconstroem os fatos e dão sentido à vida do homem religioso, sendo que sem mito não há religião, pois o mito é a palavra e a poesia é sempre tributária da palavra. (ADOLFO, 2010, p.2)

Adentramos o discurso da benzedeira à busca da palavra poesia, que permeia suas histórias, que testemunham a vida, decorridas tanto no plano real como no transcendental. Estampa-se, no repertório discursivo da depoente tanto orações e simpatias propostas que visam amenizar as fissuras apresentados pelos conflitos cotidianos. Adolfo ainda ponderaria que

é importante que consideremos [est]as narrativas e os poemas como parte integrante de um corpus literário, no sentido funcional, pois não somente atendem à transcendência, por serem textos religiosos, mas também cumprem funções eminentemente literárias, enquanto preenchem nossos vazios de ilusão e fantasia, assim como proporcionam através de si meios do homem conhecer e alargar sua humanidade. (ADOLFO, 2010, p.2)

Símbolos emergem da narrativa de Dona Cândida, interligando-se na (re) constituição da trama, ancorados num ponto angular: religiosidade. Há uma circularidade, responsável por coser o enredo, inicia-se com a menina e faz eclodir na mulher benzedeira.

Então, propusemo-nos, também, a examinar se há elementos da cultura banto na teia discursiva da benzedeira, levando em consideração que “a mitologia banto chegou ao Brasil em levadas sucessivas do século XVI ao XIX, trazendo pessoas de reinos os mais diversos. Há dessa forma muitos mitos sobrepostos e recontados de maneiras muito variadas” (ADOLFO, 2010, p.2)

Ainda sobre os povos bantos, Silva concluirá que

Os Bantos, por terem sido trazidos para o Brasil desde os primeiros tempos da escravidão e dispersados por todas regiões onde havia algum tipo de trabalho rural, realizaram um intenso intercâmbio com os índios também utilizados no trabalho escravo, com tribos independentes e com europeus degredados ou emigrados que se dedicavam à mineração, ao pastoreio e ao comércio pelo interior do país. Dessa forma, a cultura banto não se limitou a ficar segredada em núcleos de atividade religiosa com feições próprias, mais combinou-se com as culturas desses outros povos, dando grande contribuição para a formação da linguagem brasileira e dos hábitos cotidianos – alimentação, utensílios, técnicas, crenças, práticas médicas e mágicas. (SILVA, 1998, p.10)

Estas práticas cotidianas fazem parte do universo de Dona Cândida, vivenciadas pelo sincretismo religioso, bem como na conservação da experiência médica e mágica, conhecimentos transmitidos por seus familiares no preparo de substâncias à base de plantas, resultando medicamentos, componentes integrantes do ritual de cura.

A depoente detalha o lado humano das personagens, pelo foco narrativo, e à medida que explora e historiciza o momento de emergência do signo, a ação deriva-se em estratégia para transformação social, já que a matéria prima da narradora consiste em vivenciar a realidade, fios condutores para elaboração de sua obra. Esse testemunho tem valor poético, porque como nos expõe Octávio Paz,

As imagens do poeta têm sentido em diversos níveis. Em primeiro lugar, possuem autenticidade o poeta as viu ou ouviu, são a expressão genuína de sua visão e experiência do mundo. Trata-se, pois, de uma verdade de ordem psicológica, que evidentemente nada tem a ver com o problema que nos preocupa. Em segundo lugar, essas imagens constituem uma realidade objetiva, válida por si mesma: são obras. (PAZ, 1982, pp.130-131)

Essa substância incorpora-se à sua vida e normatiza sua prática, a fina e profunda percepção a diferencia, serve-lhe como guia a agir no meio social de sua comunidade. Símbolos vários emergem de suas narrativas, o que nos conduziu a selecionar e recortar algumas de suas histórias de vida, que discutiremos a seguir.

3.1 MORTE E RENASCIMENTO

Morte e renascimento cingem-se nas histórias levantadas por Dona Cândida, ao deter certos conhecimentos sobre a sua futura atuação no cerne social. Ela renasce desperta para uma nova experiência, trajetória necessária para definir o sagrado nessa mulher afrodescendente que se reputa consagrada para servir a humanidade.

A expressividade da palavra evocada da memória pluraliza vivências e demarca a identidade coletiva, uma vez que a memória se nutre na fonte social, no emaranhado de vozes, que ao se agregarem ressignificam o tempo e o espaço, descortina o modo de ser e agir.

Singelamente, a narradora ao se manifestar pela vivacidade de sua memória impinge movimento ao tempo, em que cenas do passado sincronizam-se com ações diversas decorridas no cotidiano. Nesse processo, reinventa a vida, como expresso no episódio abaixo, que retrata um determinado período da infância de Dona Cândida, abatida por um mal estar, que a aprisionou por vinte e um dias em seu leito.

Eu acho que eu tinha uns 8 ano, mais ou menos. A criança num morria, num morria. Eu tive vinte e um dia morta, vinte e um dia morta, e o povo guardando, descorçoou de guardar, mandaram buscar um, chamar meus parente pra vim, porque a criança num morria, num morria. Aí, minha mãe, apavorada, pedia pra Deus que descansasse aquele anjo, porque ela num devia pecado, nem ela nem meu pai, né? A criança daquele jeito né? Aí, o povo vinha. Aqueles que trabalhava de dia trabalhava de dia, vinha guardar e aqueles que ficava a noite guardando, ia dormir. Naquele tempo era assim, né? Que se olhava as pessoa que tava doente, zangado, né? Aí minha mãe falava “Meu Deus do céu, que é que eu vou fazer?”. A mesa cheia de remédio. Naquele tempo num tinha remédio quase, remédio só de casa. Aí, minha mãe falava “como é que nós vai fazer, oh!, meu Deus?, podia descansar esse anjo, não aguento mais passar a noite sem dormir”. E foi

desse jeito, desse jeito. Quando foi um dia, aí bateu uma caixa de Reis, bateu uma caixa de Reis longe (*alonga*). Aí, a mãe falou assim: José, cê pega o cavalo ali, não arrie não, filho, põe só o cabresto e vai atrás daquele Rei Santo, traz aqui pra descansar essa criança. Aí, meu irmão pegou, montou o cavalo ali, né?, Não arrumou nada e foi lá pegar o Rei Santo pra trazer em casa. Aí, meu pai me tirou da cama. Aquele pedaço de gente morto, duro, e a mãe segurando a bandeira, segurando minha mão com a bandeira e o pai segurando eu no braço. E o Rei Santo cantou ali pra mim. Se cê vê a hora que eles canta, as pessoa toda chorava a hora que eles tava cantando pra mim. Aí, eles cantaram assim: “Esse anjo foi pra glória e voltou, que ainda num chegou a hora, Esse anjo foi para a glória e voltou, que ainda num chegou a hora”. Quando foi daqui três dia, a que tava duro na cama, com os zóio parado, começou a se mexer, na cama. Aí, a mãe falou: “eu num tenho coragem de assistir a morte, vai chamar a mulher lá pra mim, tá na ânsia da morte, tá mexendo lá na cama, chegou a hora da morte, eu num tenho coragem. Aí, foram chamar minha madrinha, que é tia e madrinha, pra por a vela na minha mão. Comecei a mexer, a fazer ar de riso. “Mais que tá acontecendo com esse anjo?” Quatro dias, já virei na cama (bate palma, sorri, fica pensativa. (Entrevista Registro Audiovisual, Cândida Gomes, julho, 2009)

Com o propósito de demonstrar a vida de Dona Cândida como hierofania, pela emergência do sagrado, consideramos a experiência que transpõe a ação do próprio indivíduo e sequenciamos a narrativa por ela proferida. As ideias estruturam-se em sete partes.

Na primeira cena apresenta-se o mote: a narradora na situação de semi-morta, expresso na ocorrência “A criança num morria, num morria”, intensificado pela marcação temporal que se refere ao período que a prendeu neste estado de inatividade.

O efeito de sentido que impera em “e o povo guardando, descorçoou de guardar, mandaram buscar um, chamar meus parente pra vim, porque a criança num morria, num morria” refere-se ao cansaço da comunidade em velar pela criança, associado ao sentimento de falta de esperança em vista do quadro, por isso, fez-se necessária a presença de familiares para se despedir da doente, que pelo veredicto familiar encontrava-se em fase terminal.

Nesse momento, a narradora legitima sua função dentro do grupo, pois ao ser chamada, ela assume um papel social, não de um indivíduo com vontade própria, mas do sujeito que deve atender aos anseios coletivos.

É uma narrativa que também a legitima com voz coletiva. Por isso, estamos lidando com um etnotexto, cuja poesia se reflete não apenas na forma como é narrada a história, mas no que está sendo narrado. Logo, as ações humanas são, também, o húnus da narrativa.

Já em “minha mãe, apavorada, pedia pra Deus que descansasse aquele anjo, porque ela não devia ter pecado, nem ela nem meu pai, né? A criança daquele jeito né” Num espaço social em que as questões humanas se encobrem pelo descaso, a voz narradora soma-se à voz grupal ao revelar a importância da fé, depositando crença num ser superior para entender a condição de suas vidas. Daí a incompreensão da mãe diante a situação problemática em que se encontrava.

A forma verbal “pedia” aponta para a agonia da mãe perante o estado da filha, que se arrasta e se prolonga o que se reforça com o adjetivo “apavorada”, enquanto que a forma verbal “descansasse” caracteriza o desassossego, gerado pela incerteza desse sofrimento intenso, que parece infindável.

O advérbio “aí” desloca a narrativa para o segundo ponto. Este advérbio, além de funcionar como uma rápida pausa provoca expectativa e mobiliza a ouvinte a adentrar o enredo. Desenha-se uma imagem com a passagem “o povo vinha”, ao perceber o senso de coletividade, em solidarizar-se com a família.

Ação essa que se comprova, no seguinte desdobramento “Aqueles que trabalhava de dia, trabalhava de dia, vinha guardar e aqueles que ficava a noite guardando, ia dormir. Naquele tempo era assim, né? que olhava as pessoa que tava doente, zangado, né?”. O trabalho árduo demarca o grupo social, mas não inibiu a participação, em comungar com a apreensão familiar. Neste caso, a solidariedade encontrava-se presente.

A falta de recursos financeiros e de assistência profissional, médica, enfim, abandonados à sua própria sorte, encontra-se na sequência: “Naquele tempo era assim, né? que olhava as pessoa que tava doente, zangado, né?” Nessa ocorrência “Aí minha mãe falava “Meu Deus do céu, que é que eu vou fazer?” A mesa cheia de remédio. Naquele tempo não tinha remédio quase, remédio de casa. Aí, minha mãe falava ‘como é que nós vai fazer, oh, meu Deus, podia descansar esse anjo, num aguento mais passar a noite sem dormir’. “E foi desse jeito, desse jeito”. Dona Cândida ao empregar a narrativa em terceira pessoa e ao recorrer ao discurso direto denota maior veracidade ao enredo, envolve a ouvinte na trama.

Com essa técnica, confirma a proximidade entre ela e os personagens. Ao dar voz à mãe, confere maior densidade à narrativa, pois traz à baila o sofrimento materno, que mesmo se empenhando, sentia-se impotente diante à filha que se definhava, consumia-se pela enfermidade.

Curiosamente, a narradora, na quarta passagem, recorre ao advérbio “quando”. Há uma força enfática nessa palavra, por exprimir a possível solução ao dilema, dramatizados por mãe e filha. “Quando foi um dia, aí bateu uma caixa de Reis, bateu uma

caixa de Reis longe (alonga). Aí, a mãe falou assim: José, cê pega o cavalo ali, não arreie não, filho, põe só o cabresto e vai atrás daquele Rei Santo, traz aqui pra descansar essa criança”.

Novamente a narradora concede voz à mãe a fim de enfatizar sua preocupação em resolver o caso que as envolvia. A possível solução encontrava-se no religioso, na Folia de Reis, uma manifestação de tradição popular incorporada pela igreja católica. O obstáculo residia na distância entre a casa da narradora e o local em que se encontravam os foliões, verificado pela presença de advérbios e o alongamento que a narradora pronuncia o advérbio longe.

Os advérbios “longe”, “ali” e “aqui” ressaltam também a agilidade da mãe em providenciar assistência à filha, se não atuasse rapidamente, o “remédio-solução” poderia não chegar.

O valor simbólico da Folia de Reis fundamenta-se na representação dos Reis Magos em sua peregrinação para visitar, presentear e homenagear o Menino-Jesus, ato que se realiza na *performance*, em que o rito se processa por dança, cantorias, preces, bênção e solicitações.

Nesse momento, a proteção e as graças alcançadas são agradecidas e são efetuados novos pedidos. “A Folia de Reis é um rito calendário que, geralmente, ocorre nos primeiros dias do ano: começa no dia 1º de janeiro e termina no dia seis de janeiro, dia de Santos Reis. No calendário litúrgico oficial da Igreja consta como dia da Epifania ou da manifestação de Jesus aos povos.” (SILVA, 2006, p.46)

Epifania no campo religioso tem como significado o contato humano com a essência divina, que lhe aponta um caminho ou lhe passa uma mensagem. No aspecto literário, epifania é o ponto máximo da revelação, que nasce de situações banais, levando a personagem à melhor compreensão de sua vida. É como se tudo, de repente, se tornasse claro e evidente.

Pela discursividade, notamos que a epifania tem caráter religioso, e neste campo, Eliade preconiza

o termo hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no conteúdo etimológico a saber, que algo de sagrado se nos revela. [...] pelas manifestações das realidades sagradas. [...] Em outras palavras, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania. (ELIADE, 2008, pp.17-18)

Acrescem-se as essas manifestações o fator poético, pois ao penetrar nos pensamentos das personagens, recorrendo ao discurso direto e à redundância, manifestada em repetições nucleares, Dona Cândida recria a palavra, se volta para a interioridade do ser humano. Por essa técnica, a linguagem adquire nova significação ao expressar a realidade por formas abstratas e simbólicas.

Assim na quinta ocorrência, o advérbio “aí” é retomado para expressar a unidade familiar envolta no rito religioso, depende fé e esperança para a libertação do “anjo”.

Aí meu pai tirou eu da cama. Aquele pedaço de gente morto, duro, e a mãe segurando a bandeira, segurando minha mão com a bandeira e o pai segurando eu no braço. E o Rei Santo cantou ali pra mim. Se cê vê a hora que eles canta, a pessoa toda chora, a hora que eles tava cantando pra mim. Aí, eles cantou: Esse anjo foi pra glória e voltou, que ainda num chegou a hora, Esse anjo foi pra glória e voltou, que ainda não chegou a hora. (Entrevista Registro Audiovisual, Cândida Gomes, julho, 2009)

A narradora quer a precisão da imagem, de modo a retratar a situação em que estava. A bandeira dos Santos Reis carrega o símbolo da esperança, o surgimento de um novo tempo: o nascimento do menino Jesus. Anuncia a perspectiva de um futuro mais aprazível. De acordo com Silva:

A bandeira dos Santos Reis é investida de sacralidade e representa o objetivo principal do culto que conduz e guia os foliões na peregrinação. Para os foliões, a bandeira é considerada a Estrela Guia, como foi a estrela D’Alva na época que Jesus nasceu e serviu para guiar os Três Reis Magos até o local em que Jesus se encontrava recém-nascido. O importante da bandeira é o valor simbólico que ela representa, dando sentido popular ao culto. (SILVA, 2006. p.65)

Ao adentrar o recinto familiar, a bandeira é passada ao proprietário da casa. Como o pai foi buscá-la, coube à mãe portar solenemente a bandeira, lhe prestar devoção. Ao reunir a família, é hábito agradecer as bênçãos recebidas e solicitar novos pedidos à Sagrada Família, ao Menino-Deus e aos Três Reis Magos.

O sexto episódio “Quando foi daqui três dia, o que tava duro na cama, cum zóio parado, começou a mexer na cama. Aí, a mãe falou: eu num tenho coragem de assistir a morte, vai chamar a mulher lá pra mim, tá na ânsia da morte, tá mexendo lá na cama, chegou a hora da morte, eu num tenho coragem” remete à quarta passagem: “Quando foi um dia, aí

bateu uma caixa de Reis, bateu uma caixa de Reis longe (alonga). Aí, a mãe falou assim: José, cê pega o cavalo ali, não arreie não, filho, põe só o cabresto e vai atrás daquele Rei Santo, traz aqui pra descansar essa criança”, e apresenta uma resolução ao fato.

Para surpresa da mãe, o desfecho se dá em indícios representativos que ela diagnostica como sintomas terminais, ou seja, compreende que a filha estava morrendo. Embora o fato já fosse esperado devido ao quadro clínico da menina, a mãe necessitava da presença de alguém que a acompanhasse no velamento final e comungasse com ela a dor da separação ao testemunhar a passagem vida/morte que se operava em sua filha.

Na sétima ocorrência: “Aí, foram chama minha madrinha, que é tia e madrinha e trouxe pra por a vela na mão. Comecei a mexer, a fazer ar de riso. “Mais que tá acontecendo cum esse anjo? Quatro dia, já virei na cama”

A narradora retoma o advérbio “aí” para incluir a presença de uma nova personagem “a madrinha”. Na tradição cultural, ela tem valor representativo de mãe, encerra a ideia de apoio, isto é, a mãe confiou a esta pessoa o compromisso de substituí-la em sua ausência. Para encarar a morte de sua filha necessita de amparo, por isso divide a dor com a madrinha.

Outro dado a ser considerado que também reforça o papel da madrinha, bem como a autenticidade do fato é quando a narradora profere voz à madrinha, pelo discurso direto, pelo qual revela a recuperação da afilhada.

Dona Cândida encerra a narrativa, no momento em que a comunidade comprova o restabelecimento da saúde da menina. A cena passada leva a narradora a jubilar-se, no presente, com seu êxito transcorrido na infância.

Cabe ressaltar que a ação se mobiliza pelo universo feminino. Mãe, filha e madrinha abrem caminhos que apontam novos rumos para edificar suas vidas, tanto no universo individual como no coletivo.

Longe da escrita, Dona Cândida tece habilmente pelos fios da memória sua própria trama, demonstra sua cultura com raízes fincadas na tradição, ou seja, saberes transmitidos pela oralidade, que se atualiza pela voz da depoente. Passado e presente encontram moradia na memória da benzedeira.

A seguir, comentamos, também, as repetições que afloram no texto, que se totalizam em cinco ocorrências. Para Walter Ong (1998) as repetições têm valor fundamental, porque

Não há nada para o que retroceder fora da mente [no discurso oral], pois a manifestação oral desapareceu tão logo foi pronunciada. Por conseguinte, a mente deve avançar mais lentamente, mantendo perto do foco de atenção muito daquilo com que já se deparou. A redundância, a repetição do que já foi dito, mantém tanto o falante quanto o ouvinte na pista certa. (ONG, 1998, p.51)

Concordamos com Ong quando afirma que as repetições são elementos que além de cadenciar a narrativa, estabelecem sintonia entre a narradora e a ouvinte, porque já na primeira evocação “A criança num morria, num morria” tem a função de intensificar e prolongar os momentos dilacerantes reflete sua história de vida, particularizando a experiência individual, que se institui no âmbito coletivo.

Em “trabalhava de dia, trabalhava de dia” além de mostrar o árduo trabalho que envolve essa comunidade, há a presença da solidariedade no revezamento de pessoas do grupo social para cuidar da menina.

Nesta enunciação tem-se a ideia de prolongação. A memória abre-se em vias de acesso em que tramita simultaneamente o presente e o passado. Assim a depoente se desloca para o momento em que o fato ocorreu a fim de descrevê-lo com maior precisão, recompondo o contexto conforme se prosseguiram os acontecimentos.

“E foi desse jeito, desse jeito”. Dois princípios envolvem essa sequência. O primeiro concebe a noção de que o evento narrado encobre-se pelo véu da verdade, uma vez que se profere da “palavra-força”, que exala múltiplas vozes que constituem a narradora.

Outro princípio, contido nessa ocorrência, estaria na demarcação de tempo narrativo, pois encerra uma ação, uma verdade, e se abre outra perspectiva, tão verdadeira quanto à primeira. O enredo toma outro rumo, a narradora fecha as portas para o determinismo, o fatalismo ao optar em se edificar pelo “verbo”, no exercício do benzimento. O acúmulo de experiências permitiu a ela refletir sobre si e o grupo e intervir na comunidade.

Já em “bateu uma caixa de Reis, bateu uma caixa de Reis longe” (alonga) a ideia é elaborada de modo enfático, sinaliza a perspectiva para a resolução do problema. Embora a atitude da mãe orientava-se pela indecisão, imprecisão brotava-lhe um sentimento de esperança em solucionar o drama vivido.

O empenho maternal e grupal não foi suficiente para solucionar a enfermidade da menina, por isso, a mãe transferiu o caso para a esfera religiosa, cria que a Folia de Reis traria a sentença final ao dilema.

O alongamento da palavra “longe” representa um obstáculo, pois se percebe que a Folia de Reis encontrava-se distante da residência da narradora. Tal fato gerou aflição, mas não inibiu a ação, pois a situação exigia uma rápida tomada de decisão.

A força expressiva desta palavra extrapola o sentido gramatical, pois a narradora ao pronunciá-la, provoca o alongamento de modo a produzir um sentido demarcativo de distância que o advérbio por si só não consegue abranger.

“Se cê vê a hora que eles canta, a pessoa toda chora, a hora que eles tava cantando pra mim”. Há uma cisão temporal. A narradora suspende o tempo passado, retorna ao presente e dirige-se à ouvinte, como que enfatizando a credibilidade dos acontecimentos e para que ela não desviasse a atenção da *performance*.

A afirmação comprova-se pelo uso da condicional “se”, indica que a ouvinte não tem o privilégio de sentir, ver e ouvir o rito efetuado pelo canto entoado pela Folia de Reis. A energia da música, somada ao sentimento de esperança das pessoas presentes, tiveram como consequência a restauração da saúde da menina.

Tudo isso impedia a participação direta da ouvinte, porque essa passagem cobriu-se pela espessa cortina do passado. No entanto, a ouvinte pode deleitar-se com fragmentos desse canto longínquo emersos da lembrança ecoada pela narradora.

A última repetição “Quatro dia, já virei na cama” remete à primeira “A criança num morria, num morria”. Revoga-se a sentença de morte, pré-destinada à criança - “anjo”. A menina sobreviveu para se tornar à benzedeira. Salva pela Bandeira do Divino, a religiosidade pauta sua jornada.

Há uma lógica circular que mobiliza o desenvolvimento da narrativa. A primeira pessoa do singular inicia e finaliza o discurso. Em “Eu acho que eu tinha uns oito ano, mais ou menus” e “Quatro dia, já virei na cama” mostra o local de onde fala Dona Cândida.

A linha divisória com a pessoa do discurso encontra-se nas ideias posteriores, em que a narradora se afasta da ação direta e se vale da terceira pessoa, confere veracidade aos fatos, pois naquele momento da história, sua consciência estava em repouso, afetada por um mal estar, impedindo-a de controlar a consciência.

Ao tomar para si a palavra, ao final da narração nasce novamente, encontra-se desperta para assumir o rumo de sua vida. Sua redenção representa a salvação, pois a revigora, e a vitaliza para futura ação de benzer.

A narradora faz-se na linguagem, porque se constrói em seu discurso. A narração pontuada pelos verbos no pretérito imperfeito desperta na ouvinte a agonia vivida, o

prolongar da ação no penoso trâmite vida/morte. Já a ação cadenciada pelo pretérito perfeito evidencia a conduta pontual da mãe, bem como sua desenvoltura à procura de uma solução que viesse libertar e salvar sua filha do flagelo a que estava submetida.

A esse respeito, Ong (1998) declara que "na realidade, as culturas orais produzem realizações verbais impressionantes e belas, de alto valor artístico e humano. [...] Em uma cultura oral a experiência é intelectualizada mnemonicamente." (1998, pp. 23- 46)

A poeticidade reside na energia narrativa, na inflexão da voz, no manejo do corpo e, sobretudo, no fecho da *performance*. Dona Cândida bateu uma palma rápida, elevou o tom da voz e acenou positivamente com a cabeça. Logo após, ficou tão absorta, com o rosto na palma da mão. Como em êxtase, arrebatada pelo passado, confirma e sente sua libertação.

Salto para o presente, para a vida, vida fortalecida, com a atualização da memória. A ação conjugada por voz e corpo recai sobre a ouvinte, que envolvida na trama/drama participa da *performance* e a transpõe ao refletir sobre a experiência da depoente que ainda se faz tão real numa sociedade marcada pela individualização e a não aceitação do outro.

O ato de relembrar demandou esforço, ao buscar os conhecimentos acumulados. Na evocação veicula valores sustentados na tradição. Por isso, Dona Cândida representa todos aqueles que como ela estão esquecidos pela sociedade. A vivência de Dona Cândida refletiu a experiência, legado da tradição.

O somatório desses fatores resulta na intelectualização, fontes de fortalecimento e respaldo para a trajetória de vida. Campo fértil de saberes, a memória da narradora recheiou-se de acontecimentos. A liberdade criadora de Dona Cândida realiza-se pela habilidade em trabalhar com os acontecimentos passados, maneja-os pela farta gesticulação, o vibrar do corpo, o controle da tonicidade vocal.

Nesse processo, o passado invade o espaço cotidiano e lhe confere novos contornos, uma vez que voz e corpo concebem sentidos e geram novos significados, ampliam conhecimentos e os espalham no tempo e no espaço presentes.

3.2 REVELAÇÕES

Revelações são mensagens emitidas pela esfera sagrada, caracterizadas por aparições e revelações, formas em que o sagrado se revela às pessoas escolhidas. Dona Cândida, aos poucos, toma ciência dos fatos religiosos a cada revelação. Progressivamente,

seus conhecimentos se expandem o que a faz se sentir privilegiada em sua missão de semear e praticar a caridade pelo benzimento.

Ela colhe instruções que são transmitidas pelas vozes ancestrais. O olhar da narradora pairou sobre sua coletividade e pela leitura efetuada, ela reclinou-se aos saberes religiosos para equilíbrio grupal, porque sua vida governou-se pelos valores agregados em sua memória, que são fortalecidos na interação com a esfera espiritual. Abastecer-se nessas fontes resulta em novas experiências, nas quais a narradora se inunda para proveito de si mesma e de seu grupo social.

No episódio a seguir, analisaremos algumas hierofanias latentes no ser e fazer da narradora. Valemo-nos de Eliade para expandir a ideia de hierofania:

A manifestação do sagrado no espaço tem como consequência, uma valência cosmológica: toda hierofania espacial ou toda consagração de um espaço equivalem a uma cosmogonia. [...] O Mundo deixa-se perceber como Mundo, à medida que se revela como mundo sagrado, como cosmo. (ELIADE, 2008, p.59)

Dentre as várias hierofanias afloradas do discurso abaixo, nos atentamos para a simbologia que cerca os signos: a cobra, os números três e sete.

Cobra eu mesmo fui pegada de cobra, fui desenganada, por ter sido pegada de cobra. Eu fui levar comida [para os familiares que trabalhavam na roça]. Nós fomos em quatro pessoas levar comida, tudo criançada mais novo que eu. Minha irmã foi na frente, o Delmiro atrás, o Zezé mais atrás, e eu mais atrás, pois todos eles passou por ali e a cobra num pegou. Foi pegar eu. Todos que passou na beira assim a cobra num pegou foi pegar eu, a urutu cruzeiro. Ai pareceu um velhinho, pareceu um velhinho, ele falou: “pode ficar quieta aí, que eu vou ver esse bichinho, num é nada não, é um cipozinho que laçou o pé dela”. Ele chegou ali e rezou em roda de mim e falou: “pode ir embora”. Num sei de onde saiu esse velhinho. Eu fiquei entre a vida e a morte e o doutor falou assim “ela num vai escapar, num vai escapar, vai morrer, num vai aguentar injeção”. Mas graças a Deus escapei. Quando fez sete dia que eu fui ofendida de cobra, a outra [irmã da narradora] foi levar comida na roça também foi pegada. Tudo encarriado. As duas pegada de cobra, a irmã foi cascavel e eu foi urutu cruzeiro. Oia que destino. Ficou gritando, ficou gritando, uns sete dia. Dia e noite gritando, sete dia mordida de cobra.. Essa cobra foi feitura que fizeram pra judia do meu pai, diz que ficaram com inveja dele, porque meu pai era muito dado com o povo, muito bom, muito trabalhador, muito estimado. Por causa dele ser um homem dado cum o povo. Meu pai era curador, plantava e fazia remédio com as planta. Curava dor de cabeça e de dente, só colocando a mão na cabeça da pessoa. Ele era também muito estimado, né?, ele trabalhava em duas sede [fazendas], né?, era carpinteiro muito estimado pelo patrão e lá na outra tocava a roça de par e meia, uma combinação de antigamente [sistema econômico em que o proprietário da terra cedia uma porção ao empregado a

fim de que ele a cultivasse, sendo que uma pequena parcela dos bens obtidos com a colheita se destinaria ao cultivador]. Então pra vingar dele [mandaram a cobra] pra pegar ele. Eu num sei como isso foi feito, mas diz que foi malvadeza que fizeram pra ele, porque a cobra era pra pegar ele, mas como ele era muito devoto, muito religioso, as cobra num pegou ele, foi pegar no inocente que tava cum o corpo aberto, tava cum o corpo aberto. Judiaram de nós. (Entrevista Registro Audiovisual, Cândida Gomes, julho, 2009)

A narradora abre seu discurso e arvora seu raciocínio em duas circunstâncias elementares, marcadas pela hierofania, revelada nos trechos: “Cobra eu mesmo fui pegada de cobra, fui desenganada, por ter sido pegada de cobra”.

A manifestação do sagrado se desencadeia pela picada de uma serpente urutu cruzeiro, sofrida pela menina. Urutu cruzeiro é uma cobra extremamente perigosa. Por isso, muito temida; ágil, agressiva, com forte concentração de veneno. Particularidades que não combinam com a estampa colorida, em forma de ferradura na cor marrom, que embeleza seu corpo e a faz se destacar, pois a parte inferior colore-se por um amarelo em tom suave, bem como o desenho de uma cruz impresso na cabeça.

Outro aspecto em que se fincou a hierofania encontra-se na enigmática presença do “velhinho”, notória em várias passagens do discurso depoente. Sua aparição e desaparecimento são misteriosas, visto que ninguém sabe de onde ele vem.

A presença dessa figura mística tem função de revelação e de proteção, pois livra a narradora de situações que poderiam conduzi-la à morte. Embora o laudo médico sentencie a morte da menina, a imagem mais forte retida na memória de Dona Cândida foi a fé, a confiança na benção realizada pelo velhinho, a ação que lhe garantiu a sobrevivência. É preciso considerar que a narradora residia em áreas agrícolas, distante da assistência urbana.

Supomos que muitas horas transcorreram do momento do acidente até o atendimento pelo profissional da saúde. Ela e seus irmãos estavam no campo, possivelmente eles a conduziram ao regresso da moradia. E deste local até o hospital muitas manobras podem ter sido efetuadas.

Daí resulta a descrença médica de que a criança não superaria a dose de veneno alojada no organismo. O veredicto médico opera-se pelo discurso direto: “Eu fiquei entre a vida e a morte e o doutor falou assim “ela num vai escapar, num vai escapar, vai morrer, num vai aguentar injeção”. O parecer franqueia-se pela afirmação proferida pelo médico de que a paciente não suportaria o tratamento pela administração do soro para expulsar o veneno abrigado no corpo infantil.

Outro ângulo intrigante nos depoimentos de Dona Cândida recai sobre o número três, marcante em todo seu discurso, tais como: a visita das três crianças requerendo-lhe bênçãos; a morte da mãe às três horas da tarde, após a morte de seu primogênito ouve um período de três anos para a nova gravidez, o período de desassossego corresponde a três anos, dentre outras passagens.

Ela valeu-se amplamente do número três para enfatizar acontecimentos de grande relevância decorridos em sua trajetória existencial. Na explicação de Chevalier

O três é um número fundamental universalmente. Exprime uma ordem intelectual e espiritual, em Deus, no cosmo ou no homem [...] O três designa, ainda, os níveis da vida humana: material, espiritual ou divino, assim como três fases da evolução mítica: purgativa, iluminativa e unitiva. (CHEVALIER, 2005, pp.899-902)

A presença do número três se dispersa em todo discurso narrativo e tem valor de hirofania, de acordo com o fragmento: “Minha irmã foi na frente, o Delmiro atrás, o Zezé mais atrás, e eu mais atrás, pois todos eles passou por ali e a cobra num pegou. Foi pegar eu. Todos que passou na beira assim a cobra num pegou foi pegar eu, a urutu cruzeiro”.

Na visão de Silva “dentro desse mecanismo hierárquico, é um tio que o transmite a um sobrinho; é uma filha que o recebe da mãe, da avó ou mesmo de um irmão carnal”. (1998, p. 37)

A passagem dos três irmãos indicia de que ela seria a escolhida pela tradição a exercer o ofício espiritual pertencente à sua ancestralidade familiar.

Serão muitas as manifestações que estarão submetidas à narradora, culminando com o momento da confirmação desse mecanismo hierárquico, comentado por Silva. O pensamento expresso por este estudioso, em relação ao fenômeno sagrado que expande a plenitude do ser. Em Dona Cândida, que se considera herdeira dos conhecimentos religiosos processados em sua família, nos impulsionou a reforçar o diálogo com Chevalier (1998), acerca da simbologia do número sete.

Dentre as explicações variadas, recortamos alguns pontos para compreender os enigmas esparsos em toda fala depoente, apresentados a esta leitura iniciática nas questões do sagrado, que se faz irradiar no discurso arquitetado pela voz narrativa. Assim ele se exprime:

O sete designa a totalidade das ordens planetárias, a totalidade da ordem moral, a totalidade das energias, principalmente na ordem espiritual [...] O sete indica o sentido da mudança depois de um ciclo e de uma renovação positiva. [...] Associando o número 4, que simboliza a terra (com seus 4 pontos cardeais), e o 3 que simboliza o céu, o sete representa a totalidade do movimento [...] o sete é o número de uma conclusão cíclica e da sua renovação. (CHEVALIER, 1998, pp.826-827)

Dirigindo-se ao caminho para levar a refeição aos familiares, encontravam-se a narradora e seus três irmãos, à luz da simbologia ilustrada na citação acima, entendemos que a narradora é protegida pela magnitude do celeste, sua fé a esta instância conduzirá o exercício da prática religiosa, que se materializará no espaço da terra.

A defesa dessa tese inferiu-se com a passagem: “todos eles [os três irmãos] passou por ali e a cobra num pegou. Foi pegar eu. Todos que passou na beira assim a cobra num pegou foi pegar eu, a urutu cruzeiro”.

Este sinal simbólico distingue a menina dos demais irmãos, reforçado a ideia de que ela não poderia sobreviver ao veneno projetado no corpo pueril pela picada da serpente, pois não havia recursos médicos no local.

Então, este réptil peçonhento reveste-se pela revelação, a menina permaneceu sete dias em estado grave de saúde, conforme a passagem: “Eu fiquei entre a vida e a morte [...] Quando fez sete dia que eu fui ofendida de cobra, a outra [irmã da narradora] foi levar comida na roça também foi pegada”.

Neste período, a narradora recuperou-se, renovou-se para outra etapa de sua vida, indicando que sua sobrevivência corresponderia para continuar a prática religiosa difundida por seu progenitor.

Por isso, a cobra é outro símbolo coberto pela hierofania, porque comporta o signo-mensagem revelador de que a menina contém o germe embrionário da religiosidade. Manifestações evidenciadas pela picada da cobra, a benção aplicada pela figura simbólica do velhinho, descritos na passagem: “Ai pareceu um velhinho, pareceu um velhinho, ele falou: “pode ficar quieta aí, que eu vou ver esse bichinho, num é nada não, é um cipozinho que laçou o pé dela”. Ele chegou ali e rezou em roda de mim e falou: “pode ir embora”. Num sei de onde saiu esse velhinho”, assim como o período de convalescença. Tudo isso tem representação ritualística que vão se imprimindo na memória infantil.

Outra faceta que reveste o símbolo cobra atrela-se ao pai da narradora, considerado líder em sua comunidade por suas habilidades, entre elas, a de ser um homem religioso, detentor de conhecimentos na manipulação de remédios com as plantas por ele

cultivadas e o “dom” da cura pela imposição das mãos, conforme atesta estes elementos textuais: “Essa cobra foi feitura que fizeram pra judia do meu pai, diz que ficaram com inveja dele, porque meu pai era muito dado com o povo, muito bom, muito trabalhador, muito estimado”, “meu pai era curador, plantava e fazia remédio com as planta” e “então pra vingar dele [mandaram a cobra] pra pegar ele”. Nas considerações de Fichte:

As ervas, as folhas são de grande importância em todas as religiões afro-americanas. É como se todo o universo se resumisse mais uma vez nas plantas. As receitas de plantas fazem parte daquilo que a religião tem de mais secreto. No Brasil para se caracterizar uma pessoa especialmente inteligente, diz-se: Ele sabe de uma folha. (FITCHE, 1987, p.191)

A sabedoria alimentada pelo campo sagrado protegeu o pai da narradora em situações adversas. Entretanto, as meninas, sobretudo a narradora – que possui as marcas distintas para recebimento da espiritualidade familiar – não possuíam a mesma resistência e equilíbrio encontrados em seu pai, por que: “mas como ele era muito devoto, muito religioso, a cobra num pegou ele, foi pegar no inocente que tava cum o corpo aberto, tava cum o corpo aberto”.

O significado para “corpo aberto” pode ser entendido que a menina ainda não possuía os fundamentos necessários para proteger-se do mal, tampouco conhecimentos suficientes para o exercício religioso.

Significativo, para nós também é a presença da água, marcante no episódio em que a narradora encontra-se diante da mãe à beira da morte, descrita na cena abaixo:

Essa menina malemá eu tinha 10 anos, 10 e pouquinho. Cuidei de minha mãe um ano, no último que eu podia fazer pra minha mãe, né?. Caiu na cama. [...] a minha mãe sofria. [E eu] aquela menina nova, os outro ia lá em casa pra ver essa menina lidar, cuidar da mãe na cama, [...]eu trazia ela limpinha na cama eu cuidei certinho. Aí um dia ela falou assim pra mim:”ô, fia, levanta essa almofada pra cima, porque antigamente tinha almofada, levanta essas mofada, e põe pra eu descansar, eu quero descansar”. Ela sentou na cama e proseando assim ô, ela pegou e falou assim: “ô, ô fia, eu vou te falar uma coisa”. E eu falei: o que é mãe? Eu vô fazer a comidinha pro cê, senão fica tarde. “Num vai não, eu num to cum fome”. Proseando, assim, sério, assim. “Num to cum fome!” Falei assim: mãe, eu tenho dó da senhora, a senhora tá cum fome sim, mãe! “Num tô, fia. Vá deixa eu contar uma coisa pro ce, aqui. Ai eu sentei e ela falou assim: “fia, eu ... cê fala pra Geralda e a Zinha, que é sobrinha dela, torrar uma tantada de café e fala pra Geralda encher o canto de lenha que vai chover bastante, às três hora vai cair uma chuva muito boa, vai te uma chuva às três hora da tarde”. Ela falou pra mim desse jeito, três hora certinho de agonia ela morreu, três hora certinho ela morreu”. Proseando, assim, igual eu, sãozinha, assim, morreu bonita, “vai chover bastante”. Antes, ela pediu água “vai lá buscar água no guardado

pra mim”. Eu falei: mãe num vou, não” Vou ficar aqui com senhora. [...] Aí eu chamei minha irmã pra ir buscar água pra ela, pra busca água pra ela. Quando ela foi beber aquela água ela falou: “ai meu Deus ai meu Deus ai meu Deus ai meu Deus”. Eu falei assim o que a senhora tá falando? “Num é nada, não. Só uma coisa, fia, eu sinto te deixar, eu sinto te deixar”. O que a senhora tá falando?. Ela falou:”foi nada, fia. Aqui vou só explicar pro cê, só sabe, mia fia, cum quem cê lida, cum quem cê veve, cê faz o bem num repare a quem”. Três hora da tarde, é a hora que ela morreu. Morreu que nem uma criança, assim, [reclina o corpo, o olhar se torna parado] que nem uma criança eu... ô mãe, ô mãe, acorda, mãe!. Aí eu saí correno, falei, ô Zina corre aqui num sei qui qui deu na mãe, caiu, vem cá, mãe deitou na cama , fechou zóio num quer responder. Aí a Zina veio correndo, que é minha prima. E falou assim pra mim: “Vai pra lá, deu tontura nela, vai lá pra cozinha, né?. Aí fui pra cozinha e quando voltei pra trás ela tava acabando de morrer. (choro) (Entrevista Registro Audiovisual, Cândida Gomes, fevereiro de 2009, que ele retoma e retualiza em julho de 2009)

A presença da chuva profetizada pela mãe, associada ao número três e a proximidade da morte, adquire teor revelatório, pois sinalizam morte e vida na filha: morre a menina ao ceder vezes para exercer funções da mãe falecida; a entrega desencadeia o processo de iniciação, no sentido de sedimentar os fundamentos religiosos para conduzi-la mais tarde, na fase adulta, à experiência mística. Abolida da condição profana, o sacrifício sofrido pela menina a coloca em outro patamar: o sagrado.

Assim

as águas simbolizam a soma universal das virtualidades: são *et origo*, o reservatório de todas as possibilidades de existência, precedem toda forma e sustentam toda criação. [...] É por isso que o simbolismo das Águas implica tanto a morte como o renascimento. O contato com a água comporta sempre uma regeneração: por um lado, porque a dissolução é seguida de um “novo renascimento”, por outro lado, porque a imersão fertiliza e multiplica o potencial da vida. (ELIADE, 2008, p.110)

A presença da chuva sobressai-se ao atrelar-se às revelações, demarca fatos decisórios à vida da benzedeira. Em Angola, cultuam-se as Kiandas, que em quimbundo significa sereia. Seu plural é ianda.

Trata-se de uma divindade, criada por Nzambi, o criador da existência, relacionada à água, dos rios, do mar e atribui-se a esta entidade poderes sobrenaturais. Símbolo da fertilidade, as ianda comportam a dualidade da vida e da morte, processo de manutenção do cosmo.

A morte da mãe de Dona Cândida, decorrida no período em que a menina estava com dez a onze anos, exprime uma trajetória, iniciatória para o feitio da benzedeira.

Com o processo da morte, desencadeia-se outro processo, porque a menina se torna mãe prematura tanto de seu pai como de seus cinco irmãos.

Nessa linha de pensamento, a menina assemelha-se à figura da Kianda exalta o poder feminino, sintetizado na manutenção da vida, representação da riqueza, que se exprime na fertilidade, evento responsável pela existência do próprio ser.

Outra analogia por nós levantada referente à água, a observamos como elemento integrador no ritual da benção ministrado por Dona Cândida. Depositada em garrafa plástica de dois litros que está previamente benzida, a mulher religiosa a usa abundantemente no rito de cura.

No processo de benzimento ela retirou da garrafa uma pequena porção e deitou-a num pequeno copo de plástico, em meio às fórmulas entoadas, diálogos, às vezes balbucios, com os santos do altar. Atrêlados à farta gesticulação, fechou os olhos e deu-nos a impressão da transcendência, isto é, de estreita proximidade com o sagrado.

Despejou um pouco dessa água na palma da mão, jogou uma porção sobre o chão e reservou um pouco da sobra para aspergir nas costas da pessoa benzida por ela. Executou um giro no corpo dessa pessoa e lançou em seu peito o restante da água. Na sequência, fez-lhe um sinal na cabeça e depois no meio do peito e no ombro esquerdo.

Esse conjunto de ações, Dona Cândida a repetiu por três vezes, intermediada por evocações às entidades sacras para que retirassem todos os “galhos das encruzilhadas”, de forma a abrir todos os caminhos, remover todos os obstáculos para que o transeunte pudesse neles caminhar livremente e com segurança.

Encerrado esse rito, ela agradeceu aos santos presentes no altar, bem como aos “sete espíritos de luz”, e como que retirada de um estado de imersão com o ambiente espiritual foi acometida por uma ligeira tontura. Balbuciando, abriu vivazmente os olhos, como a se certificar e se situar no local de origem, o qual se encontrava antes do processo ritualístico.

Essa correspondência entre a benzedeira e o altar, sacramentada pelo rito, patenteou-se em ofertar equilíbrio material e espiritual aos que a ela se dirigiam.

No trecho abaixo, Dona Cândida nos contou a visão que teve com sua mãe, falecida:

quando fez sete dia ela [a mãe da narradora] veio pra acabar de contar o resto da história pra mim. Ela chegou na porta do quarto. Ouvi até o pisado do chinelo dela no quarto; né? Aí eu oiei assim oiei assim, ela tava perfeitinha, perfeitinha, assim. Fiquei até abobada, ponhei a mão assim na cabeça, eu ouvi a o arrastar do chinelo, eu oiei assim e minha mãe tava em pezinha no meio do quarto, oiando eu, oiano eu, em pé no quarto. Cobri a cabeça, assustei, né? Assustei cobri a cabeça cobri a cabeça cobri a cabeça. Oiei de novo por cima da coberta assim. Ela falou pra mim,baixinho, falou assim: “fala pro teu pai cumprri aquela promessa, que eu fiz. (Entrevista Registro Audiovisual, Cândida Gomes, julho de 2009)

O povo banto concebe a morte como um ritual de passagem do mundo material para o transcendental, mas a relação não se finda com esse processo, pelo contrário, se intensifica, pois os mortos, em outro plano, possuem poderes mais elevados para auxiliar os viventes em suas demandas cotidianas, até por que

no campo das crenças religiosas e das representações ideológicas, a crença segundo a qual “os mortos não morrem”, mas que transladam deste mundo para o transcendente ou o mundo espiritual é justificado pelas variadas cerimônias e ofertas dedicadas aos defuntos e que têm justamente a função de manter e proporcionar no “além” o mesmo nível de vida e as mesmas benesses que estes desfrutavam na vida anterior. (CASTRO, 2009, p.1)

Pelas informações apresentadas, tanto por Dona Cândida como por Castro, deduzimos que para a benzedeira a morte não é um fim em si mesmo, visto que a comunicação com seus familiares falecidos permanece por meio do transcendental.

O intercâmbio com a ancestralidade fecunda a ação religiosa desta mulher no terreno comunitário, pois a narradora se alimenta dos conhecimentos herdados para superar as dificuldades emergentes em seu percurso de vida.

3.3 SUPERACÃO

Há nas narrativas de Dona Cândida fatos condensados pela dramaticidade, dos quais ela retirou ensinamentos para compor o percurso existencial. A isso tributamos valor de superação, que se legitima pelo benzimento. O mundo da narradora marca-se pelo sagrado, porque ela prioriza o ser humano.

Mergulhar na dimensão sagrada permite à mulher religiosa saciar-se dos saberes que emanam desta esfera e colhe dela fundamentos, transmitidos pela palavra viva para semeá-los no solo comunitário. Assim, tempo e espaço resguardam o sagrado por meio da execução do benzimento.

No fato a seguir, narrado por Dona Cândida, notamos a superação no aspecto religioso, ocorrência em que a narradora analisa as hierofanias sofridas e aprimora seus conhecimentos em observância aos preceitos herdados por seus familiares.

Depois que recebi a rosaiada, pedra, essas coisa tudo, depois que eu passei toda aquelas tormenta, num tive tormenta mais. Saí pra ir na casa sogra. Tava boba, mulher boba, num conversava cum ninguém, mulher boba, de cabeça baixa, só pensando em Deus, só pensando em Deus, só pensando em Deus e em Nossa Senhora da Aparecida que era isso que eu pensava mesmo. Só chamava Deus e Nossa Senhora da Aparecida. Então eu ia passando na estrada da fazenda para ir a casa de minha sogra e no caminho tinha povo, tava tudo juntado porque um anjo caiu na estrada, a criança tava ruim, todo enrolado, o corpo se debatendo todinho no terreiro. O povo tava todo ali correndo pra acudir e eu ia passando por lá. Era rapazinho desse tamanho assim [mostra com a mão, indicando a altura da criança, em torno de um metro e meio, aproximadamente]. A muié gritou. Todas tava gritando. Eu num tinha benzido ainda não, num tinha pegado a corrente, não. Deus me mandou por esse caminhado pra mim salvar esse moço, esse anjo, né? Eu ia indo, as mulher tava gritando, um alvoroço de mulher, porque um anjo caiu na estrada, caiu um anjo na estrada, caiu um anjo na estrada. Aí uma muié falou assim pra mim: oh! D. Cândida, oh! muié, oh! muié, oh! muié, faz favor. Corre aqui pra salvar o menino pra mim! [a narradora fala baixo, sussurra, de forma que não se torna audível seus pensamentos]. vem aqui e salva meu menino que tá morrendo! Deu um acesso muito brabo, rolou tudo! Vem cá! Salva!” Eu falei: Dona, de que jeito, eu num sei nada não! “Sabe sim, dona! eu sei que a senhora veio aqui e se a senhora rezar pra esse menino ele vai levantar. Depressa, que ele vai morrer. A senhora vem aqui e a senhora levanta meu fio”. Eu fiquei oiando, assim [olhar distante] eu falei: eu num sei rezar, não, num sei rezar. Não. Fiquei em pé no caminho. O sentido foi embora, num via onde que eu tava. Então cheguei perto da criança, a mulherada tudo em volta, tirei o rosário, tirei o rosário e passei naquela criança falei pra mulher: me dá um copo d’água pra mim, dona! Ela buscou o copo d’água. Sai e entrei na mata e aí Deus falou assim: “fia, pega três raminho e essa água aqui vai passando nessa criança que ele vai levantar”. Peguei aqueles raminho e o povo tudo oiando em mim, me oiando, peguei o copo fui rezando, chamei o nome da criança. Num sei donde saiu tanta oração. Naquela hora eu benzendo a criança falando o nome dos santo e sacudindo aquela água do copo na criança, a criança deitada estrebuchando, enrolado. Daí um pouco aquela criança levantou e deu aquele tossido, e jogou aquela bola na frente, aquela bola na frente. Levantou a criança! Diz as muié que eu benzi todo mundo, benzi as crianças e eu num vi. Aí esparramou, aí esparramou. Num tive sossego mais nada! Gente chegando, gente chegando. A criança sarou, num foi preciso levar no médico. Hoje é pai de família, tá aí, é cunhado da minha fia, cunhado pergunta a ela. Então, a gente sabe muita coisa né?, às vez eu quero parar com essa corrente, mas meu coração pede que não, me fala que é pra mim perseguir, né? Eu peguei essa corrente pra trabalhar [para as crianças]. Minha fia, num tive mais sossego até hoje. (Entrevista Registro Audiovisual, Cândida Gomes, fevereiro de 2009)

A estratégia narrativa abre a história, ressaltando as hierofanias e, com esse recurso, traz a ouvinte para perto de si, ao patentear a ideia de que o período de “tormenta” que esteve marcado pelas manifestações cessou. A narradora encontrava-se num estado de contemplação consigo mesma, integrada à sua esfera sagrada, conforme explicitado na passagem: “Depois que recebi a rosaiada, pedra, essas coisa tudo, depois que eu passei toda aquelas tormenta, num tive tormenta mais”.

Este estado de calma, de absorção, é um preparo de instauração na esfera sagrada, pois ao comportar em si a religiosidade, ela se diferencia dos demais do seu grupo na medida em que autentica seu compromisso em colaborar para a felicidade humana. O fluxo narrativo é conduzido de forma pausada, como a indicar a imersão em que se entregava a depoente a seus próprios pensamentos sagrados. De acordo com Chauí

O sagrado é uma experiência da presença de uma potência ou de uma força sobrenatural que habita algum ser. [...] a sacralidade introduz uma ruptura entre o natural e o sobrenatural [...] é sobrenatural a força ou a potência para realizar aquilo que os humanos julgam impossível efetuar contanto apenas com as forças e capacidades humanas. (2000, p.379)

Essas forças e capacidades humanas explicitadas por Chauí se manifestam em Dona Cândida e a qualquer momento pode eclodir, mesmo que ela ainda não compreendesse a presença desses fenômenos, cadenciados pela interação com o âmbito sagrado.

A evidência encontra-se nos segundo e terceiro parágrafos, momento em que a narração se acelera, por que: “no caminho tinha povo, tava tudo juntado porque um anjo caiu na estrada, a criança tava ruim, todo enrolado, o corpo se debatendo todinho no terreiro”.

O recolhimento de Dona Cândida a si mesma, a forma humilde e meditativa em que se deleitava, convencionou-se como signo portador de uma orientação motriz para conduzir a comunidade que precisa de seu auxílio.

A cena rememorada pontua-se pela descrição, os sentidos narrativos projetam realidades, ao observar que esses núcleos familiares norteavam-se pelo auxílio comunitário. Evidencia-se a vivência regida pela solidariedade em socorrer a criança afetada em sua saúde, e em prestar ajuda à mãe da criança, pelo seu estado aflitivo e de inércia diante ao quadro de seu filho.

Sobressai deste panorama a atuação das mulheres. Os espaços vazios, não cobertos pelo encadeamento narrativo, instigam-nos a inferir que essa população tinha por

esteio a ação solidária como proteção a si mesma, visto que o amparo social encontrava-se distante dessa comunidade.

Vale-se da sabedoria ancestral, dos laços de companheirismo para orientá-la e abrigá-la de situações emergentes. O emprego do verbo “acudir” no infinitivo, evidencia a ação contínua, porém infrutífera das mulheres, pois não tinham competência clínica para resolver o dilema da criança.

Em seguida, a narradora utiliza uma enunciação no pretérito imperfeito, acrescido do gerúndio “ia passando” e configura nova dimensão à ação. Isso se torna notável na sequência: “Deus me mandou por esse caminhado pra mim salvar esse moço, esse anjo, né?” Há demonstração, pelo fluxo narrativo, de que a protagonista se abdicou de si própria ao tomar posição de mero instrumento do plano espiritual. Percebe-se que a narradora não está neste “caminhado” apenas por ela, mas para atender à súplica daquelas mulheres.

O terceiro momento da narração tem relevo pela alteração temporal, pois o discurso se encadeia por verbos no pretérito perfeito, pretérito imperfeito, seguido por gerúndio ou particípio, conforme a sequência: “Eu ia indo, as mulher tava gritando, um alvoroço de mulher, porque um anjo caiu na estrada, caiu um anjo na estrada, caiu um anjo na estrada”.

Ao recorrer a estas formulações verbais confere mais vigor à cena revivida, além disso, transmite os momentos de expectativa e aflição sofridos por aquele universo feminino. Nas entrelinhas do discurso transparece a denúncia porque este quadro não desvaneceu no passado, dilui-se no presente, já que muitos são os que recebem o sinal distintivo da exclusão.

Adversariamente, a narrativa plasmada pela estratégia da narradora ao usar o pretérito perfeito: “A muié gritou”, “Deus me mandou”, pois sinaliza que o destino reservado à criança e a própria narradora será abalado, uma vez que a condição sofrida pela criança “anjo” causa uma reação em Dona Cândida e a faz assumir os ensinamentos herdados por sua ancestralidade.

Esses conhecimentos encerram dois desígnios. Num primeiro plano, os saberes ancestrais, notórios na narradora, devem ser utilizados para atender as enfermidades e transtornos do mundo infantil. Já em outro aspecto, esta instrução armazenada em sua memória deve estar a serviço para melhoria de seu ambiente social. As absorções dos saberes da narradora provem de sua cultura de tradição oral. Ong diria que “as culturas orais conceituam e verbalizam todo seu conhecimento com uma referencia mais ou menos próxima

ao cotidiano da vida humana, assimilando o mundo estranho, objetivo, à interação imediata, conhecida, de seres humanos”. (1998, p. 53)

Essa maneira habitual de interpretar os fatos cotidianos empregados na cultura oral, apontadas por Ong, comprova-se nos depoimentos de vida de Dona Cândida. A comunidade a ela se reporta, acreditando em sua capacidade de síntese e em seu “dom” de cura. Por estes atributos, a voz comunitária clama pelos saberes religiosos da narradora, conforme ilustra a passagem: “Aí uma mulher falou assim pra mim: Oh! D. Cândida, oh! muié, oh! muié, oh! muié, faz favor. Corre aqui pra salvar o menino pra mim”. Nesse momento, a protagonista emerge em seu inconsciente, na ânsia de encontrar uma resposta que possa atender às necessidades da mãe aflitiva.

Para justificar a veracidade da súplica, a narradora passa a palavra à mãe da criança: “Eu falei: Dona, de que jeito, eu num sei nada não! “Sabe sim, dona! Eu sei que a senhora veio aqui e se a senhora rezar pra esse menino ele vai levantar. Depressa, que ele vai morrer. A senhora vem aqui e a senhora levanta meu fio”.

A narrativa floresce pela subjetividade, brotada pela imploração materna que se faz substanciar pelo emprego de verbos no presente do indicativo. Portanto, a subjetividade, fator relevante da cultura, fomenta-se nos conhecimentos que percorrem as artérias das práticas habituais. A cena: “Eu fiquei oiando, assim [olhar distante] eu falei: eu num sei rezar, não, num sei rezar, não. Fiquei em pé no caminho”.

O sentido “foi embora, num via onde que eu tava”, contém o registro do marco ritual, ou seja, resume o clímax narrativo, porque a narradora sela seu compromisso com a instância espiritual, na concessão de que os “sete espíritos da luz”, assim chamados por ela, possam intervir no cerce comunitário na prática da caridade.

A narradora fixou seu olhar nesta imagem e ao recorrer aos verbos no pretérito perfeito assumiu a liderança e toma providências a fim de resolver a agonia da criança em estado convulsivo.

Ao perder o “sentido”, ou seja, sua consciência alterou-se totalmente, visto que a narradora “num via onde que eu tava”, esse fenômeno dá abertura para ação dos “espíritos de luz”. A essa ocorrência Malandrino define como

O transe de possessão se caracteriza por um estado alterado de consciência (parcial ou total), que normalmente se manifesta através de alterações comportamentais, sensoriais, perceptivas e mnemônicas evidentes [...] É um papel aprendido no caso de incorporação de guia, não ocorrendo o mesmo nas incorporações de orixá. [...] Dentro desse universo religioso, a comunicação com os espíritos é normal e necessária, pois só assim médium e guia podem praticar a caridade. (2006, pp. 34-35)

O transe parece decorrer da tradição familiar e de ensinamentos de herança africana, depositados na memória da narradora durante o decurso de vida, que saltam na passagem: “Sai e entrei na mata e aí Deus falou assim: fia, pega três raminho e essa água aqui vai passando nessa criança que ela vai levantar”.

A voz ancestral sussurrou-lhe ao ouvido de modo a conduzi-la a solucionar o dilema da comunidade. Para tanto, fez-se materializar essa voz espiritual, por meio do discurso direto. Revestida por esta nova conduta, emanada do plano espiritual, Dona Cândida demonstra a apreensão dos saberes religiosos ao agir em prol de seu grupo social, ao banir o mal que atormentava a criança.

A utilização dos verbos no pretérito perfeito e gerúndio desenham a progressão e a movimentação da imagem encerra o episódio. O sagrado se impera e a narradora assume seu papel político-social no ofício de benzedeira.

O compromisso espiritual e social sobressai no trecho: “às vez eu quero parar com essa corrente, mas meu coração pede que não, me fala que é pra mim perseguir, né? Eu peguei essa corrente pra trabalhar [para as crianças]. Minha fia, num tive mais sossego até hoje”.

Ao consentir em ser portadora da “corrente da luz ou dos anjos”, Dona Cândida empreende atividades a favor do próximo e as pessoas que a ela recorrem confiam em sua capacidade espiritual. Sobre essa ação caridosa e solidária, Wagner Gonçalves da Silva nos explica que

quando você tem o dever de cumprir uma missão espiritual, ao iniciá-la, você não deve abandoná-la, sob pena de estar incorrendo em grave descumprimento da missão, o que, de certo modo, o deixará sem energia cósmica positiva suficiente para neutralizar o seu universo de negatividade. (SILVA, 1998, p. 62)

A energia cósmica nutre a ação espiritual de Dona Cândida. Ao cumprir diariamente sua missão, reacende sua memória ancestral banto. Ao apanhar os conhecimentos de sua memória, a benzedeira recompõe o tecido comunal que o tempo e o sistema capitalista

tentam pruir. Suas histórias de vida e sua representação processada pelo rito de cura são instrumentos divulgadores de sua essência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito de nossa dissertação resumiu-se em analisar as práticas culturais de uma benzedeira afrodescendente residente no município de Cornélio Procópio no estado do Paraná, Dona Cândida. Essas práticas fazem-se presentes no modo de ser e agir da depoente, que se abastece na esfera sagrada objetivando corroborar, pelos laços de solidariedade despendidos pelo ato de cura, com a harmonia comunitária.

A memória é o manancial, fonte em que a benzedeira sorveu conhecimentos para ultrapassar os obstáculos colocados por uma sociedade desigual que não reconhece, tampouco valoriza, a pluralidade cultural de sua população. Focamos no depoimento de vida produzido por Dona Cândida, buscando rastrear e interpretar os indícios pertinentes ao grupo linguístico de cultura banto, originário das regiões de Angola e Congo, e a criatividade da benzedeira em estender as práticas absorvidas às vivências de seu grupo social.

Para atingir este intento, nos lançamos à pesquisa de campo, coletando os relatos orais e observando, dentre dos limites de nosso tempo, o ritual de cura processado por Dona Cândida. Pelos relatos orais concedidos pela depoente, pudemos ler nas entrelinhas de sua narrativa que a questão do racismo, da discriminação, da marginalização pontuou a vida comunitária.

A aproximação nos permitiu acesso à dimensão simbólica, matéria prima que se utiliza a benzedeira para driblar as adversidades, para subverter o fatalismo destinado à população periférica. O aspecto simbólico cinge a benzedeira, materializa-se em sua narrativa, bem como em sua atuação no meio social. À luz da esfera sagrada, herança da trajetória de seus antepassados, Dona Cândida reinventa um novo espaço, confere novos significados ao grupo social pelo ato de cura, produzido no ofício de benzimento.

Então, nos focamos no discurso de Dona Cândida, nos detendo na forma criativa desencadeada por ela em lançar-se às suas memórias e colher as histórias ilustrativas de sua vida. Nesse processo de reconstrução, atentamos, também, à expressão facial e gestual, à tonalidade vocal, na tentativa de capturar o indizível, que jaz nas profundas camadas da memória e das vivências históricas e que a depoente trouxe à superfície pela voz testemunhal.

As vivências de Dona Cândida, traduzidas por ela em forma de discurso, são prismas de nossa pesquisa e a apropriação dos saberes religiosos lhe permite realizar mudanças no espaço social, porque as vivências refletem suas trajetórias de vida, bem como a dos membros comunais. A mulher religiosa imbrica-se na comunidade, intermedia conflitos

gerados nas relações grupais e sinaliza nova organização como forma de garantia do bem estar coletivo.

Condutas que ainda hoje são patentes na trajetória da benzedeira de 85 anos. A aparência frágil de Dona Cândida, que tem um metro e cinquenta e cinco de estatura e pesa cerca de quarenta quilos, não coaduna com o dinamismo, a energia e a disposição em zelar por si e pelos outros, pois é responsável pela limpeza de sua casa e trabalha como vendedora ambulante para complementar a renda de aposentadoria e, ainda, contribuir com seus familiares.

Além disso, não limita atendimentos aos pacientes que a ela recorrem, mesmo que interfira em suas obrigações rotineiras, porque como ela afirma:

a corrente dos anjos, né? É pra atender as criança e as muié, as de nenê, mas eu num posso deixar de atender ninguém, se vem um paciente na minha porta e eu num atender, ele vai embora e eu fico atormentada. Ai num consigo fazer mais nada, fico atinada. Enquanto eu num for no altar e pedir por aquele coitado, eu num fico em paz. Ai eu peço para os meus sete guia de luz, oiar por ele, daqui do altar mando o benzimento pra ele. (depoimento cedido em maio de 2010)

As práticas culturais, acumuladas na memória da benzedeira, constituem recursos, formas de resistência para enfrentamento da alienação. Dessa maneira, a manifestação de cura, empreendida pela benzedeira, torna-se uma ação criativa no contexto social e por meio desses mecanismos específicos do universo sagrado, a narradora recria as situações cotidianas. Ao espalhar sua cultura, absorve outros elementos culturais e os incorpora às suas práticas e isso resulta em uma nova dinâmica nas relações sociais.

Sob essa ótica, Dona Cândida se coloca em duas dimensões: o papel social de agente de cura, prestando serviço voluntário aos acometidos por transtornos físicos e psicológicos, e o papel social político. Estes papéis lhe foram imputados pelo universo sagrado, porque por meio dos ritos utilizados para obtenção da cura, ela instaurou uma nova disposição no leito coletivo.

Estes preceitos são contraditórios aos ditados pela sociedade capitalista, uma vez que esta promove o consumismo, estimula a competição, provoca o individualismo e há dissolução das questões solidárias e identitárias. Esse fator possui duas faces, uma em que o sujeito fascinado pelas inúmeras formas de consumo e o desejo de se contemplar nessa constelação, desacelera os valores atrelados à solidariedade grupal.

Sobre isso, Stuart Hall (2005) alega que há um desacordo nessa balança consumista gerado por uma série de afirmações problematizadoras da essência humana, às quais o autor atribui os conceitos de tradição e tradução. Elucida-nos, o pensador, a existência de uma cultura ancorada nos conhecimentos herdados pelas gerações, na qual o sujeito constrói sua identidade, denominado por ele de tradição. Entretanto, à medida que o ser social embrenha-se com outras manifestações culturais, ocorre uma absorção dessas culturas às geradas pela tradição. O autor nomeia essa transição de tradução.

Notamos que Dona Cândida carrega a tradição e incorpora a tradução, já que a criatividade e a imaginação laboriosa da benzedeira são substâncias elementares para que ela não sucumba aos determinantes da marginalização e da exclusão.

A memória, a palavra ritualizada pelo ato religioso amplia-lhe a visão acerca de si mesma incluindo aí, o seu grupo social situados nos recantos negligenciados pela economia capitalista. Os seus saberes, fonte de sua cultura ancestral, amalgamada a outros modos de pensar e agir, permitem-lhe transpor os obstáculos, as circunstâncias limites de sua realidade, enfim, de sua consciência moral, materializada em sua atuação no meio social que a projeta numa dimensão política.

A tradução se faz estampar no altar da benzedeira, as imagens ali dispostas atrelam-se às crenças do catolicismo e as de matriz africana, dentre as quais ressaltamos Nossa Senhora Aparecida, Cosme e Damião, São Jorge e São Lázaro. O sincretismo também indica a criatividade de Dona Cândida na aparente conformidade prescrita pelo campo ideológico da sociedade dominante, que tentou reprimir os cultos religiosos que diferiam das propagadas pelo cristianismo. Assim, como na ginga da Capoeira, a benzedeira também espalha a sua crença em seus “sete guias de luz”, somados às orações e santos do catolicismo.

As observações por nós efetuadas nos levam a considerar que o aspecto da tradição é notório na narradora, que se julga herdeira do “dom” de cura que advém de sua sabedoria familiar. A sustentação dessa convicção confirma-se, pela voz depoente, às várias hierofanias que Eliade (2008) diz tratar-se de revelações sagradas, submetidas a ela.

As vozes, as visões, os barulhos a presença de crianças lhe solicitando o benzimento, bem como a visita de um enigmático velhinho que lhe faz premonições, tudo isso causa desconforto à narradora, pois ela estava numa fase de apreensão dos conhecimentos que irão eclodir com a solicitação da comunidade para que ela efetuasse a cura de uma criança da comunidade.

A tradição também se confirma no momento em que a narradora concede voz à mãe. Desse modo pelo discurso direto, sua progenitora lhe dirige a seguinte orientação

nos seus últimos instantes de vida: “Vá, deixa eu contar uma coisa pro cê, aqui. [...] Aqui, vou só explicar pro cê, só sabe, mia fia, cum quem cê lida, cum quem cê vive, cê faz o bem num repare a quem”.

Podemos inferir que a mãe da narradora tem ciência de que a filha possui os saberes sagrados, alerta-a para que não haja interferência de outras culturas no sentido de abalar os dotes sagrados provenientes dessa herança ancestral para prosseguir a trajetória de contribuir para a felicidade humana.

Conjecturamos que o conselho proferido pela mãe da benzedeira, se garante por hamba que, segundo Silva (1998), significa uma obrigação religiosa de cunho familiar, transmitida de geração a geração em que os mortos se manifestam nos vivos para efetuar trabalhos de cura.

Deduzimos que o hamba em Dona Cândida determina-se pelos “espíritos de luz”, percebido por ela no rito de cura, que lhes segredam preces e remédios apropriados aos infortúnios de seus pacientes. Se um membro familiar eleito se recusar a prosseguir o percurso da espiritualidade, sofrerá transtornos físicos e psicológicos, além de sobrecarregar a pessoa da família que se encontra no momento de posse da herança da cura.

Dona Cândida nos expôs que uma de suas filhas prosseguiria a “corrente da luz”. Possuidora da energia vital, hamba, no entanto, se negou a dar continuidade, pois considerou que o fardo seria muito pesado, se fosse adicionado à sua laboriosa luta pela sobrevivência. Segundo a narradora, a decisão acarretou problemas tanto à filha como a ela, já que a filha é uma pessoa adoentada e “atormentada”, enquanto a benzedeira tem sobrecarregado o seu trabalho, sobretudo o de cura, pois a cada tempo aumenta o número de pessoas que a procuram.

Prosseguindo em suas considerações, Dona Cândida nos esclareceu que quando morava na fazenda São Joaquim, município de Nova Fátima, limítrofe da cidade de Cornélio Procópio, o proprietário lhe concedeu uma casa maior. Nela havia um cômodo reservado ao altar e ambientes para a acomodação dos pacientes que por ela aguardavam.

O patrão fez a concessão porque a benzedeira efetuava a cura e preparava “garrafadas” com medicamentos à base de plantas medicinais que ela cultivava. Dessa forma, o fazendeiro não tinha gastos com a ausência dos prestadores de serviços em suas jornadas de trabalho nas lavouras cafeeiras.

O nome “mãe do povo” surge pela quantidade de atendimentos e pelas soluções dadas aos pacientes, a partir desse período em que passa a “atender” os necessitados nessa casa maior na fazenda em que morava.

Quando a família teve que migrar para a zona urbana, a narradora relata que os moradores da fazenda vieram à sua casa para se despedir e que havia um grande número de pessoas chorando por sua partida, sentindo-se abandonadas da sua proteção e cuidados religiosos.

A princípio, a benzedeira foi residir com uma das filhas. As imagens do altar foram encaixotadas e ela considerou isso um mau sinal. Não pode efetuar o benzimento e começou a ter problemas de saúde, sentiu-se enfraquecida. Foi “apanhando”, perdendo peso.

Esses fatos a levaram a alugar um pequeno imóvel de dois compartimentos. Ela se lamenta por não haver espaço privilegiado para o altar, que se encontra abrigado em seu quarto, tampouco um local amplo para gerar conforto aos pacientes, que aguardam por seu atendimento espiritual.

A narradora ao relatar suas experiências de cura proferiu-nos a seguinte afirmação: “tô cheia do espírito, parece que eu tô tudo cheia de alegria de conversar, das mensagens de Deus que aqui eu faço”. Ela nutre-se em ouvir os pacientes necessitados de seus saberes de cura, e aplicar todos os sentidos para abreviar os desequilíbrios que geram transtornos a essa população.

A memória lhe oferta dados sobre a percepção dos fatos vividos e como foram se reelaborando no presente e suas narrativas permeiam o coletivo, divulgam a tessitura do grupo e apontam os valores e a ideologia que perpassam o universo comunitário.

A plasticidade da palavra evocada pluraliza vivências e demarca a identidade coletiva. O aspecto humano se eleva à medida que se faz ouvir essas vozes silenciadas pelo contexto hegemônico social. As lembranças acumuladas em sua memória refletem o mundo da depoente e, ao ecoá-las, transformando-as em narrativas, testemunhos de sua vida, há o ato criador, poético. Até por que

as palavras do poeta são também as palavras de sua comunidade. Do contrário não seriam palavras. Toda palavra implica dois elementos: o que fala e o que ouve. O universo verbal do poema não é feito dos vocábulos do dicionário, mas dos vocábulos da comunidade. O poeta não é um homem rico em palavras mortas, mas em vozes vivas. (PAZ, 1982, p.55)

A expressão comunitária faz-se refletir pela memória e pela emoção dada à voz e aos gestos, façanhas com as quais a narradora representa a vida. Pelas vozes que vão se agregando e se ressignificando no tempo e no espaço, a narradora vai descortinando pelo benzimento, o seu modo de ser e agir na teia comunitária.

Entrevê-se a oralidade poética, porque está carregada de sentimentos e é entoada pela vibração sonora, somada à gesticulação e ao encadeamento de ideias, assemelhando-se à procura incessante de artistas, ao primar à palavra que semanticamente revela o elemento criador. Singelamente, a narradora ao se manifestar pela vivacidade de sua memória impinge movimento ao tempo, em que cenas do passado sincronizam-se às ações diversas decorridas no cotidiano. Nesse processo, reinventa a vida, pois

O poema é linguagem em tensão: em extremo de ser e em ser até o extremo. Extremos da palavra e palavras extremas, voltadas sobre suas próprias entranhas, mostrando o reverso da fala: o silêncio e a não significação. Mais aquém da imagem, jaz o mundo do idioma, das explicações e da história. Mais além, abrem-se as portas do real: significação e não significação tornam-se termos equivalentes. Tal é o sentido último da imagem: ela mesma. (PAZ, 1982, p.135)

A imagem criada pela narradora traz à tona a incoerência do sistema econômico que deixa à deriva os flagelados pela distribuição e consumo de bens culturais e sociais. Por isso, sua narrativa traduz-se em obra, que ao ser (re) elaborado, desfruta-se pela dimensão poética, já que o ato de cura, promovido pelo benzimento, resulta de sua atividade analítica operada pela observação.

Municipiada da realidade de seu grupo social este exame possibilita-lhe conhecer os problemas e adotar procedimentos que contribuam para a boa disposição do corpo social, pois

lembrar não é re-viver, mas re-fazer [...] o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique. O tempo da memória é social [...] porque repercute o modo de lembrar. (CHAUÍ, 1994, pp.20-31)

Sustentadas na memória depoente encontram-se inúmeras vozes de sua tradição cultural, reportando-se às lembranças, Dona Cândida forja seu próprio espaço de resistência, singularizado pelo campo sagrado. Ao mergulhar no repertório de símbolos, somatório de vivências e espalhá-los no solo comunitário, a benzedeira intensifica sua cultura e solidifica a identidade na promoção da humanidade do ser social.

Nesta esteira, surge o produto literário, composto pela benzedeira, irrompe a barreira espaço-temporal, pois sua visão de mundo foca-se na prática de cura dos problemas físicos e emocionais que atormentam aqueles que a cercam. Engenhosamente, a memória-voz-

ação dissemina valores, critica o abandono, e, assim, a palavra criadora tece uma nova dinâmica comunitária. E

A verdadeira obra literária é aquela que fala das dores e dos prazeres do homem que a criou transformadas pelo poder da palavra, na tradução dos sentimentos e dores de toda a humanidade. Os sentimentos e sensações auridos do meio social em que vive o poeta, pensados e sentidos solitariamente, saem agora em forma de palavras acionadas em direção ao mundo social, coletivamente engendrado para recebê-los. (ADOLFO, 2005, p.31)

A voz poética de Dona Cândida origina-se de sua cultura ancestral e à medida que recorda, ela seleciona evocações que a particulariza e por meio de suas narrativas, divisa-se o homem e sua história.

Despertas de sua memória sobressaem narrativas repletas de imagens que convidam

a ouvinte a adentrar às cenas recriadas na fonte social. Palavra rememorada na prática de cura que evidencia o papel social da benzedeira, ao conferir discurso direto aos personagens, sobremaneira à voz negra feminina e lhe permite entrever que o universo familiar era regido pela força feminina, pois os homens sempre estavam ausentes, trabalhando em outras localidades distantes de seus familiares.

A força autoral presente na criação de suas histórias, conjugado ao ato do benzimento, ruma para uma sociedade mais fraterna, mais sensível em relação ao outro, para a libertação e emancipação do ser social, portanto. Em seu testemunho transparece as peripécias para a sobrevivência.

O estético sublima-se nos recursos empregados pela narradora no processo de cura, a plasticidade, sonoridade e emoção disponibilizadas na (re) elaboração de casos marcantes em sua caminhada existencial, relacionados aos dramas por ela vivenciados, causam prazer à ouvinte, pois a faz transportar e mergulhar nos episódios narrados. A incursão ativa a imaginação da ouvinte que tenta desenhar as imagens levantadas da memória depoente. A essa trajetória criativa, Paz lança a proposição:

Assim, a imagem reproduz o momento de percepção e força o leitor a suscitar dentro de si o objeto percebido. O verso, a frase-ritmo, evoca, ressuscita, desperta, recria. [...] O poeta não quer dizer: diz. Orações e frases são meios. A imagem não é meio; sustentada em si mesma, ela é sentido. Nela acaba e nela começa. O sentido do poema é o próprio poema. As imagens são irredutíveis a qualquer explicação e interpretação. (PAZ, 1982, pp.132-134)

Com esses mecanismos a narradora urde o enredo na recomposição de suas histórias de vida. A estética decorre da desenvoltura em arquitetar a linguagem, em criar imagens, os depoimentos acumulam-se de recordações reveladoras ao representar o coletivo na luta pela identidade, por isso, a matéria dessa experiência extrapola tempo e espaço, já que os episódios narrados transformam as verdades locais em fatos universais.

A narrativa memorialística processada por Dona Cândida expressa a humanidade e por cerrar os laços com a coletividade, sua produção resulta num evento social de formulação humana. As vozes ancestrais conduzem a benzedeira a atuar ativamente na comunidade. A linguagem, incrustada pelo simbólico, evidencia o empenho de Dona Cândida em criar sua história, na perspectiva de superar os percalços existenciais, razão de não medir esforços no atendimento aos que dela precisam e a cada doação caridosa, sela o compromisso com sua ancestralidade no dever de prestar solidariedade à coletividade.

Ao ter consciência de sua condição social, bem como a de seu grupo, amenizou suas dores no mesmo compasso em que aliviou o sofrimento alheio, tendo como veículo a memória, prenhe do aspecto religioso, coberta pela esfera sagrada. Por esses canais, Dona Cândida divulgou a luta de uma mulher afrodescendente, por sua dignidade e identidade, e nessa execução simboliza todas as pessoas que se encontram nas brechas do sistema, porque sua memória-voz-ação fez florescer conhecimentos, divulgou valores e visou o bem estar coletivo.

Então, o aspecto social se exaltou por meio da técnica composicional, disponibilizada por Dona Cândida. A narradora ao assumir a linguagem sagrada, ao construir diálogos, conferindo relevo às vozes silenciadas de seu grupo social, criou um espaço de resistência, que espelha a si mesma e o entorno social. Foram com esses elementos fundamentais que a benzedeira teceu sua obra.

REFERÊNCIAS

- ADOLFO, Paulo Sérgio. As nações do candomblé. In: Cultura afro-brasileira: construindo novas histórias, *Caderno UNIAFRO*, Londrina, v. 2, 2007.
- ANDREI, Elena Maria, FERNANDES, Frederico Augusto Garcia (Orgs). Cultura afro: brasileira: construindo novas histórias, *Caderno UNIAFRO*, Londrina, v. 2, 2007.
- _____. *Candomblé Bantu na pós-modernidade*. Disponível em: <www.dhi.uem.br/gtreligiao>. Acesso em: 16 fev. 2010.
- _____. Literatura e visão de mundo. In: REZENDE, Lucinéia Aparecida de (Org). Leitura e visão e visão de mundo: peças de um quebra-cabeça. Londrina-PR: Atrito Art Editorial, 2005.
- _____. Maria Genoveva do Bonfim: o nascimento da nação congo-angola no Brasil. 15 de agosto de 2009. Disponível em: <<http://matambatombencineto.blogspot.com/2009/08/maria-genoveva-do-bonfim-o-nascimento.html>>. Acesso em: 16 fev. 2010.
- _____. *O mito africano no cotidiano dos afro-brasileiros*. Disponível em: <BIBLIOTECAVIRTUAL.CLACSO.ORG.AR/AR/LIBROS/ALADAA/ADOLFO.RTF>. Acesso em: 15 MAR. 2010.
- _____. *Nkissi Tata Dia Nguzu: estudos sobre o candomblé congo-angola*. Londrina/PR: Eduel, 2010.
- ANDREI, Elena Maria. A origem do mundo e dos homens: uma lenda Yorubá. *Caderno Uniafro 2- Cultura Afro-Brasileira, Construindo Novas Histórias*. Organizadores. Elena Maria Andrei e Frederico Augusto Garcia Fernandes. EDUEL, 2007. p. 71-87.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos meios de vida*. 3. Ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.
- _____. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.
- _____. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.
- CHEVALIER, Jean; GHEEBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1974.

- DIONÍSIO, Dejour. *Literatura afro em construção: a perspectiva da ancestralidade bantu em Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. Dissertação (Mestrado) – Londrina, UEL, 2010.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura, política e identidades*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.
- _____. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*. São Paulo: UNESP, 2002.
- FICHTE, Hubert. *Etnopoesia: antropologia poética das religiões afro-americanas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FONSECA, Maria Nazareth. *Cadernos Negros: 30 anos de literatura em compasso de resistência*. In: RIBEIRO, E., BARBOSA, M., *Cadernos Negros, três décadas*. São Paulo: Quilombhoje/SEPPPIR, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HAVELOCK, Eric. *Prefácio a Platão*. Campinas/SP: Papyrus, 1996.
- IANNI, Octavio. Literatura e consciência. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da USP*. Edição Comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura, São Paulo: USP, n. 28, 1988.
- LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Garamand, 2007.
- LURKER, Manfred. *Dicionário de simbologia*. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MALANDRINO, Brígida Carla. O “bate-cabeça” e o conga: a mutabilidade da umbanda. *Ciberteologia: Revista de Teologia & Cultura*, v. 2, n. 15, Jan./Fev. 2006. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br>>. Acesso em: 10 mar. 2010.
- MARTINS, Cléo; LODY, Raul (Org). *Faraimará, o caçador traz alegria: Mãe Stella, 60 anos de iniciação*. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FUNARTE/INM/Divisão de Música Popular, 1983.
- NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. *Feitio de viver: memórias de descendentes de escravos*. Londrina: Eduel, 2006.

LOPES, Nei. *Dicionário Banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: s/d

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é benzeção*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

PAZ, Octavio. *A linguagem*. In: _____. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1972.

_____. *A imagem*. In: _____. *O arco e a lira*: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1972.

PARANÁ. *Cadernos Temáticos: História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Curitiba: SEED, 2005.

PELEN, Jean-Noël. Memória da literatura oral. A dinâmica discursiva da literatura oral: reflexões sobre a noção de etnotexto. *História e oralidade* (PUC-SP), v. 22, p. 49-77, 2001.

PERFEITO, Alba Maria. *O vocabulário dos terreiros de umbanda de Londrina, v.1: Estudo e descrição do corpus*. Dissertação (Mestrado) - Assis, SP: UNESP, 1993.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RAMOS, Arthur. *O negro brasileiro*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2001. v. 1, Etnografia religiosa.

REIS, Carlos. *Técnicas de análise textual: introdução à leitura crítica do texto literário*. 3. ed. Coimbra: Almedina, 1992.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nagô e a morte: Pàdè. Àsèsè e o culto Ègun na Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1986.

SANTOS, José Félix dos; NÓBREGA, Cida. (Org.) *Maria Bibiana do Espírito Santo: saudade e memória*. Salvador: Corrupio, 2000.

SILVIA, Maria Luiza dos Santos. *A folia de reis da família Corrêa de Goianira: uma manifestação da religiosidade popular*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Goiás, 2006. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=222>. Acesso em: 27 out. 2009.

SILVA, Wagner Gonçalves da Silva. *Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira*. 2. ed. São Paulo: Sebo Negro, 2005. p.11-97.

SILVA, Ornato José da Silva. *Iniciação de Muzenza nos cultos bantos*. Rio de Janeiro: Pallas, 1998.

SOUZA, Sérgio Luiz de. *(re)Vivências bregas: entre batuques, bailados e devoção: práticas culturais e territórios negros no interior paulista (1910-1950)*. Ribeirão Preto-SP: S.L. de Souza, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa*

qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VALLADO, Armando. *Iemanjá, a grande mãe africana do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002. p. 9-23.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás: deuses iorubas na África e no Novo Mundo*. 10. ed. São Paulo: Corrupio, 1990.

ZACHARIAS, José Jorge de Moraes. *Ori Axé, a dimensão arquetípica dos orixás*. São Paulo: Vektor, 1998, 9-200.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. *Escritura e nomadismo: entrevista e ensaios*. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

http://www.paideamor.com.br/santos/santa_sofia.htm. Acesso em: 15 maio 2010.

<http://www.paginaoriental.com/anoeclesiastico/margaridaml1610.htm>. Acesso em: 15 maio 2010.

<http://povodearuanda.wordpress.com/2007/09/14/mediunidade-e-iniciacao-na-visao-da>. Acesso em: 15 maio 2010.

<http://www.cleofas.com.br/virtual/texto.php?doc=SANTODIA&id=scd0201>. Acesso em: 16 maio 2010.

http://www.curiosidadeanimal.com/repteis_urutu_cruzeiro.shtml. Acesso em: 2 abr. 2010.

ANEXO

ANEXO A
Transcrição

Pesquisa de mestrado: A VOZ FEMININA AFRODESCENDENTE E A MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO: NARRATIVAS DE DONA CÂNDIDA, UMA BENZEDEIRA DO NORTE PARANAENSE

FITAS NÚMEROS: 1 e 2

LOCAL DA ENTREVISTA: Cornélio Procópio

DATA: 21/2/2009

ENTREVISTA: Cândida Gomes

ENTREVISTADORA: Maria Aparecida de Barros

FILMAGEM: Clara Caetano Farias

TRANSCRITOR: Lucia Eli Bambini Silva

QUANTIDADE DE PÁGINAS TRANSCRITAS: 11

Começo da entrevista:

1: Qual o nome completo da senhora e sua idade?

2: Cândida Gomes, no dia 27 de fevereiro vou completar 85 anos.

1: Conta para nós Dona Cândida como a senhora veio para cá, conta a sua vida para nós, suas dificuldades.

2: A vida fia foi assim. Eu me criei quando meu pai veio de mina, eu vim minina nova no tempo do Paraná, neh, e minha mãe e pai morreu. Cuidei de minha mãe um ano na cama.

Essa menina.

1: Quantos anos ela tinha?

2: Essa menina malemá eu tinha 10 anos, 10 e pouquinho. Cuidei de minha mãe um ano no urtimo que eu podia fazê pá minha mãe, neh. Caiu na cama que ela levou um tombo de nenê ai meu pai falou assi “muié vamo faze uma viagem, passíá? Aí ela foi parece até caminhando por Deus aquilo, aí ela foi que é mulé muito carinhosa, muito carinhosa, muito morosa com o povo a fia que puxou pra ela Foi eu tudo, a fia minhas irmãs tudo gente boa mas que puxo mãe e pai é eu, meu coração é do povo. Intão daí a minha mãe sofria aquela menina nova os outro ia lá em casa pá vê essa menina lida cuidá da mãe na cama, e a casa e meu pai, coitado ficou desgostoso a mãe fica duente um home trabaiadô, piquete garrô bebe, bibia, eu tinha que sofrê cum meu pai, sofrê cum minha mãe. Meu pai saia i cundo chegava im casa, coitado, tinha que sigura o burro pá ele decê e eu quase mijando di medo do pai. Aí minha mãe morreu e ele cuidou tudo certinho cum ela, neh, eu cuidei certinho, aí um dia ela foi e falo assim pá mim, eu trazia ela limpinha na cama, ela falô assim, ô, fia, levanta essa

amofada pra cima, praque antigamente tinha amofada, levanta essas mofada, e põe pá discansá eu quero discansá. Aí, ela sento na cama e prusiando assim ô, ele pegô e falô assim ó, ô fia, eu vô ti falá uma coisa, eu falei: o que é mãe? Eu vô fazê a cumidinha pru cê, sinão fica tarde. Num vai não, eu num to cum fome. Prusiando assim, serio, assim. Num to cum fome! Falei assim mãe eu tenho dó da sinhora, a sinhora ta cum fome sim, mãe num to fia. Vá deixa eu contá uma coisa pu cê aqui. Ai eu sentei e contei a história pá ela e ela falou assim: fia eu ... cê fala pá Gerarda e a Zinha, qui é subrinha dela, torrâ uma tantada de café i fala pá Gerarda enchê o canto de lenha qui tem, vai chovê bastanti. Prusiando assim, igual eu, sãozinha, assim, morreu bunita, vai chovê bastante, treis hora da tarde, é a hora que ela morreu. Eu falei assim u qui a sinhora ta falando? Não é nada não. Ai, só uma coisa fia, eu sinto ti deixá, eu sinto ti deixá. U qui a sinhora ta falando. Ela falô, foi nada fia. Aqui vô só expriçá pru cê, só sabe, mia fia cum quem cê lida, cum quem cê véve, cê faiz o bem não repare a quem. Morreu qui nem uma criança assim, qui nem uma criança eu... ô mai, ô mai, acorda, mãe. Aí eu saí correno, falei, ô Zina corre aqui num sei qui qui deu na mãe, caiu, vem cá, mãe deito na cama , fechô zoio num qué respondê. Aí a Zina veio correno que é minha prima. E falô assim pra mim: Vaii prá lá deu tuntura nela, vai lá pra cuzinha, neh. Aí fui pra cuzinha e quando voltei pra trás ela tava cabando de morrer (choro).

Aí eu sofri muito, muito, sofri com 11, onzi aninho (choro) pá cuidá do meu pai, cuidá de cinco irmão, cuidá na, na irmãzinha. Pai... torno bebê. Aí teve dia di tantoqui eu sofri nu mundo, tava sofrendo dimais, falei meu Deus, eu to sofrendo muito no mundo, quê qué isso? Pai, prometia côro, percisava corrê chamá uma viúva, qui era mai Du patrão, neh, que prutegia eu, que era a viúva neh? A fazenda deis aí o pai e vinha, aqui e falava, pu baiano, mai qui tu [...] buli cum a coitadina da menina, fica perturbada, correno aí, loca pá acudi cum tu e tu, inda qué batê? Batê em mim! Aí ele gachava a cabeça e ficava queto. Sofri mais num intreguei a páia cum a rapadura. Sofri fiquei vinte e cinco anu solteira dentro di casa. Meu irmãozinhos foi se formando se casando tudo novo, bão casamento. A caçula rumou casamentão e casou. E a coitada da mãe criadera sortera ficô lá. Ficô sortera. Sofri, sofri, teve qui saí ficá perturbada di trazê a casa limpinha, tinha cumida pronta, oiava os irmãozinho, neh. A vizinha ia lá apoiando, vê o qui tava fazendo. Tava trabaiando, coitada. Ela falava. Passei tudo isso sofrimento. Aí a mãe morre, cai o pai. Cai o pai. O pai foi tempo daquele jeito também. Duente, duente, aquela aflição. Guentei tudo passei essa, essa tudo. Aí, num ondi qui tava dissendo, me formai, se casei cum vinte e treis ano.

Os fio qui Deus deu pra mim foi fio dos outro. Eu mesmo passei dois ano sem criá famia e só parecia fiô dos outro, pá mim criá, bastante fio dos outro. Tenho qui tografia, cincú fiô criei dus outro. Meu marido era trabaiado. Fiquei dois ano sem criá. Dentro de treis ano precia um menino. Aí pareceu esse minino. Aí eu era uma moça muito canhada, criei fechada, num sabia de nada, boba neh? Passou tempo caminho muiê casada, vergonhosa, iscundidu dus otos fechado porta, pus otros num vê. Aí pareci de barriga, num sabia qui qui era aquilo, qui não tive solução de ninguém, neh. Aí cheguei na casa do meu sogro um dia e falei pá ele assim, meu marido bobu tamem . Vim falá pu sinhô, e pá minha sogra, qui tem um bicho ni mi to falanopo meu marido aí ele falô pá falá cum sinhô pru que que é vorta pa trais, mia fia, isso aí é usuário do mundo, não é nada não, vai imbora, vai! Quando seu marido chegá eu mandu eli i lá com minha sogra. Aí fiquei muito cum esse minino mia fia, ai foi cum tempo parcendo barriga, vesti um paletozão e jaqueta qui meu sogro deu pro meu marido. Visti aquela jaqueta parecia uma moça boba, boba mesmo, não sabia de nada.

Aí vinha aqui aquela jaqueta socada pra num vê aquela barriga di vergonha. Aí foi pá ganha aquela criança qui eu fiquei ruim, aminha sogra sujou e saiu, neh. Aí vai fiquei ruim pá ganha aquela criança e num tinha ninguém e eu fiquei com vergonha dos outro sabia e falá nada, neh? Fiquei ruim, o dia inteirinho ruim, ruim dia inteiro . Aí meu marido falô assim: o

quê cê tem? Eu num sei o que que eu tenho. Ele bobu tamem, neh, coitadinho, quando a partera veio atendê eu, ele já tinha morrido. Eu também tinha ido na sepultura. Aí o Antonio chegou lá e chamo outra mulher pa atendê eu mais num pudera fazer mais nada praque o minino morreu. Aí minha sogra chegô, aí mandaro buscá o medico. Aí o medico veio e falô assim ceis sai daí, sai do quarto dona, que eu num truxi aparelho, num truxi nada. Eu num tenho jeito de fazer nada e essa criança tá morto eu nem num vou mexê vou esperá desocupá e eu vô fazê atestado da morte dela. Aí minha sogra chegô naquela hora, tava quatro dis de (sujora?). O que tá acontecendo esse povão na casa da nora? Aí eu sua nora ta quase morta. Mas eu tinha deixado ela boa im casa, que qué isso? Aí ela falou, dá licença pá mim, falô pô doutor dá licença. O doutô falô: pode dona. Aí a sinhora num tem como fazê nada, nem eu posso fazê. A muiê tá esperando a mesma hora de eu esperá desocupá pá fazer o atestado. Aí ela entrô dentro assim. Feiz uma oração lá pra mim e deu três soco im mim chacalhou e saiu a criança tava morta. Mas eu não sou culpada, mulher boba, neh, iscundi dos outro vergonha dos outro. Sofri muito. Aí pareceu um veinho na minha casa. Aí eu passei mais treis ano sem nada outra vez. Pedia fio pos outro, os outro xingava eu, eu falava: cê dá uma criançinha pra mim eu tenho vontade de criar uma criançinha, Deus levou, falava pos outro. Ô muiê boba. Aí foi esse jeito, neh. Um dia eu cheguei numa casa de uma dona e ela, tinha um punhado de criança, ela batia nas crianças, atromentada, aí as muié pois fogo: a senhora vai ali, a senhora qué uma criança a sinhora vai ali e pédi uma criança qui a muié dá uma criança prá sinhora, ela tá cum aquela crianceira, num tem paciência. Fui lá e pedi, mais a muié mi xingô, me toco, mi xingô. Fui pra casa Du meu sogro: Purque tá chorando, mia fia? Eu pedi um criança pá muié, a muié mandou pedi a muié mi xingô dimais. Fica queta, mia fia, cum tempo Deus dá, mia fia. Passei treis ano nada. Pareceu um veinho na minha casa, aí eu tinha ganhado, treis ano, pareceu a minina, que é essa mais véia aqui. E eu tava chorando pá quele qui morreu, num cumia e chorava dia e noite pa quele minino qui morreu. Os outro falava, que muié tonta essa muié chorando a vida intera por causa desse minino, meu Deus do céu. Pareceu um veizinho na minha casa com cabelo grande por aqui assim (mostra o meio da costa) um veizinho (...) cuma mala nas costas e uma biba aqui assim, com aquela malinha nas costas, sujo qui só a sinhora veno, mais sujo qui iscundidu dos outro quano as seis e meia da manhã, bateu na porta e eu saí com a mão pá ele assim com as mãos posta e a nenezinha tava lá dentro da bacia, deitadinha dentru da bacia cum uns pano por eu tava socando café. Aí ele chegô na porta, tomei bença dele, ele abençoou eu, eu mandei ele entra pa dentro. Ele disse: não fia eu não vou entrá. Eu falei entra coitadinho, entra pá dentro. Eu num vou entrá. Falei entra treis vez. Aí ele entrô. Entrô e ficô bem no meio da sala e a minininha espixandu a perninha lá dentru da bacia. Aí ele falo: ô fia eu vou te pergunta uma mensagi pó cê. Eu falei: num sei Du quê o sinhô ta falando! Oi mensagem cê sabi sim! Ondé que teu marido ta trabaiando. Eu falei, ele ta trabaiando longi? Tá longi ou ta perto. Eu falei num tá nem perto nem longi, meu sinhô. Tudo que lava eu falava sim. Tá bom fia! Ele tá lá trabaiando, ia achá tudo certo im casa. Mas num pudí acha, tá bão fia, ta trabaiando, quando pá ganhá seu pão, tá bão. Aí ele falou: iscuta eu vô ti preguntá uma mensagi, minha primeira coisa. Eu vô te preguntá, uma mensagi pá ocê, cê vai falá? Eu falei: sim. Tudo que ele falava pá mi, eu falava sim. Igual São Pedu atrais nosso sinhô Jesus Cristo. Aí ele foi e falô assim: Iscuta praquê cê tá chorando pelo aquele presente cê, ganho na casa perdeu cê anda chorando módí esse presente? Eu falei: eu num sei u que o sinhô ta falano. Sabi sim, fia. O veinho, o veinho veinho, veinho, quetinho. Tinha uma biba aqui ansim, sigurano aquela malinha nas costas i sujou, a ropa, a ropa di cor di café cum leite claru, brim claru, e jaqueta di bolsu ansim. Eu óio sempri nosso sinhô Jesus Cristo na igreja tem. Aí ele foi e falô pá mim. A cabeleira caída assim. Iscuta, praque cê tá chorano pelo aquele presente que cê ganho na casa, cê deu e tá chorano? Eu falei eu num sei qui o sinhô tá falano! Sabe sim fia, cê teve cum ele na casa. Cê ganhô i. Eu falei: Num sei! Sabe, sim, cê vai sabê. Cê ganhô Eli, e cê deu o presenti, cê tá

chamano esse presenti. Ah, é o meu minino qui Deus me deu e levou meu mininu meu Deus do céu. Aí a outra deitada perninha mexendo. Falô: Não chora mais, num vai chorá, viu? Eu falei: num sinhô, num vô chorá mais não! Cê deu um presenti pá Deus mais cum o tempu Deus vai mandá oto no luga. [...] Esse derradeiro minino, esse veio em casa, esse ganhei Eli e num ganhei mais. Ele é mais novo de que a menina três anu, mais novo que a minina três anu, depois tem a Luzia. A Luzia quandu feiz deis méis certinho ganhei a outra minina. Em cima da outra. Dois nenê no braço. Ai dispois passei tornei a passá três anu outra veiz, três anu, passou três anu ganhei esse minino. Esse minino é uma benção di Deus. Si disse qui dei um impurrão, um tapa, um pinicão [...] de ninguém. Num sabe falá nim a pá mãe. Lidando cum Eli é facinhu. Coitadinha di minha mãe, tanando cum fio dela, a sinhora ta certa (risos). Ele viajeia pumundo coitadinho, é motorista Du mundu. Prendeu trabaiá sem pertá sem ninguém ixplica. Cumbina tundu mundu. Num tem corage di dá um empurrão aquela ali é fiá dela, casada cum eli. Us fios tudo casô sem eli dá tapa. Passei tudo esse caminho fia. Aí morei três ano cum sogru. Morei um ano casada, cum pai, dentru dessi dois ano qui eu num tive famia criei meus irmãozinho tudo. Aí criei esses irmãozinho. Meu irmão morri matado sim devê nada pá ninguém um sinhô mato eli inganado. Num era eli ingano com a cô e cum u tipu (olha para o altar) qui ta Deus, nosso sinhô Jesus Cristo, minha maizinha querida meu pai, tô mintindo não viu, minha mãe? Aí eli saiu coitadinho, pá que eli era aligista da igreja católica, aí eli foi, chegou lá o patrão morava na cidade na fazenda e no sítu. Ele foi sisti a missa, a reunião. Ele falô ô Zé cê chegá eli chama Zé Nicolau, Carola a patroa, cê chega aqui im casa i vá lá no Rosário falaro qui lá na ilha os passarinho ta cumendu muito arroiz, tempo da colonha. Intão a espingarda a cartucheira.

e mata o marreco qui ta cumendo o arroiz e trais aqui nu teu patrão, viu fio. Aí ele coitadinho, assitiu lá a reunião, a missa e veiu imbora. Coitadinho num tirô nem a ropa direto. Chegô im casa falô mai, mai tô Cuma fomi aqui só vendu eli tinha ganhado, eli tinha um nenezinhoque tinha dias. Oi aqui eu passei na vida. O nenezinho tava cum deis dia quandu eli morreu. Aí eli pegou e falô: Mai eu vô indo fala pá Gerarda i na casa da Guilhermina, que ganhô a criança cum ela lá, fla prá ela qui ela vai cê madrinha da nenê. Tava cum deis dia de dieta. A mãe deu recado pa nora a nora foi e eli foi nacidade e quandu eli veio e foi fazê essa (corrida) qui o patrão mandô, i vai um homi, eli tava lá

Entrevista Cândida Gomes fita 01. Continuação da fita 2

Pa assassina, pá mata um homi e meu irmão parecia cume li. Minha mãe é branca, é, branca, branca memu, bem branca, meu pai é moreno, minha mãe é bem branca. Aí ele pegô e foi, falô mãe, a sinhora vê, tô Cuma fomi mais Sr. Zé falô pá lá oiá o arrozá. [...] será qui adianta, mãe, será que dianta levá, mãe. Mãe falô: cê leva, meo fio, eli mandô cê morta, se à vez tivé. Eli foi coitado, armado, nem tinha um cachorro, um pá falá praque qui levô aquela espingarda praquê qui eli matô, só o patrão lá qui falô pr'le i muita mai que era tistimunha neh qui ele foi mandadoqui (...). Intão a justiça pensô qui era eli qui feiz esse arranjo e pegô a espingarda pá matá o homi.

Aí o patrão veio. Foi chamado o patrão. Ele falô: não, sinhô, na mão desse cadáve não ponha a mão, ninguém deli puque fui eu qui mandei trazê a cartucheira, eu Rosário é camarada da genti. Intão o Oto veio matá eli di inocente. Num tem noite cum ninguém esse rapaiz. Eli num tem briga cum ninguém aqui na firma ninguém tão mal cum eli. Aí o homi pegô e matô eli, nãotinha jeito di eli mata pela hora, avisto di longi, ele vinha tadinho , aquela perninha na beira da ida do arrozá . Aí o homi avistô eli lá,correu assi na porta da cozinha da muié que eli ia passano, catô a inchada e deu, quandu meu irmão veio vindo, tadinho, passô atrais da moita no trio ele deu uma inchadada, partiu a cabeça dele aqui assim sem eli sabê u qui eli fez no mundo. Num teve tistimunha di mãi, de pai de ninguém daquela lugá ... U patrão.

Aí a justiça fez a unição e fez o carculo que se o home tava assassinado cum argum e duvido do meu irmão e matô e foi dito certo aí quando eli saro qui eli mioro garro disinrola a língua o patrão trato isso com eli, que eli trato de disinrola a língua aí eli conto que eli não fez nada com o homi quandu eli viu tava desaparecido sem sabe o que qui foi, aí foi desse jeito aí veio os fio dele a muiê veio pá dentro da casa a mãi morreu com susto do fio tava doente e morreu com o susto do fio, tava doente e morreu com o susto do fio eu falei, eu fiquei com essa nenezinha piquitinha oiando e a muiê chorando a vida inteira debaixo do mangueirão que o meu pai tinha no campu de gado e chorando sentado em cima de um cocho e coitadinha de mim oiando aquile nenezinho e os dois fiinho dela maior e os irmãos coitado tomando conta oia qui, qui eu passei na minha vida, tive quatru guardamentu, tô morrendo desde qui casei, quando era minina, foi a primeira morte, foi a primeira morte casei tô morreno quatro guardamento, dois de morte de famiia um de cobra, a cobra pegô cobra braba a outra eu cai aqui na Santa Casa os minino mesmo qui eu caí tamem elis foi levando tudo, levando tudo sofrendo, sofrendo,sofrendo, cai na Santa Casa qui eu nunca tinha ido a vida e a mortí porterero guardano porque pá oia essa muiê qui tava memo nas hora qui esperava memu tô aqui em cima da terra fia tô aqui Deus mi levantô (choro).

2: E como foi que a senhora passou a benzer, quando?

1: Na porta minha não tinha sossego mia fia, batia a porta, batia na porta chamava eu, chamava eu, ficava perturbada daqueles assunto depois que cessou tudu aquelis trabaio que eu passei i batia na porta mia fia, batia na porta chamava eu, sai na porta e não vi ninguém, fora de casa não vi ninguém.

2: Quantos anos a senhora tinha?

1: Eu tava casada já fia, casada fiquei perturbada depois de tudo que passei tudo essa corriria com irmão com sobrinho aquela correria daí morreu pai morreu mãe morreu esse irmão aí eu fiquei com aquela corriria, corria batia na porta ia vê num via ninguém [5:57], de casa, eu saia na porta e num via ninguém, num via ninguém, ai meus Deus em roda da casa num via ninguém de repente eu falava, falava ô de casa eu saia não via ninguém ai foi indo não tinha cabeça mais vinha correno, ia no corgo, vortava correno ia no rio parece que tinha uma voz chamano eu, entrava pá dentro tinha uma voz chamano, eu tava drumino tinha uma voz chamano eu levantava correno caiu uma criança a vida e a morte, essa criança primeiro recebi bastante rosa dos anjo todo dia rosa, rosa, rosa, rosa, qui qui seis tão trazeno essas rosa pra mim, eu tô trazeno pra sinhora reza pa nois ah mais reza com que, tudo quanto é criança punhadinho de rosa fazia a mãi pega cata rosa [6:53], foi juntano rosa, juntano rosa que Deus ta enxergano e escutano [6:57], tá ali oh, truxero rosa, truxero rosa [7:04], fiquei pensano que as rosa, pensano o que tá aconteceno.

1: As crianças vinham, a senhora conhecia essas crianças?

2: As crianças ai da rua mesmo, criançadinha pedia rosa pá mãe trazia.

1: A senhora já morava aqui?

2: Morava ah, mia fia morei memo aqui no Paraná foi aqui memo aí, rosa, rosa, rosa, rosa, rosa ai eu disse assim nossa meio traze pedra, pedra, pedra, pedra, na casa minha tem um saco de pedra ta guardado lá, o urtimo que veio traze [7:46], o aqui a urtima pedra foi essa aqui.

1: A senhora guardou as pedras?

2: Guardei tá tudo na casinha as pedrinhas guardado, veio trazeno, trazeno, trazeno, trazeno, por urtimo trouxe essa pedra aqui oh, tudo quanto era pedrinha na minha casa trazia aquelas pedrinha e tudo pedrinha pá senhora praque trazeno essa pedra fio, pá senhora reza pá nois, mas você já viu uma pedra reza, ai foi nada não trazeno, trazeno, trazeno, [8:17], ma mia fia eu não tenho onde pô a santaida qui a senhora ta veno aqui, santinhu é criança que troxi, não troquei mais na casa tudo que a senhora ta veno tudo [8:33], o que acontece quando foi um dia, quando foi um dia, eu vi um anjo veio me fala segredo, (sussurros, não se consegue entender).

1: A senhora tem uma imagem?

2: Tem que vê aqui, tem aqui oh aqui, aqui, desse jeitinho aqui.

1: A senhora tem imagem pequena dele? No altar tem?

2: Tem a imagem dele aqui, ai tava oiano pra baxo [...], oiano pra baxo oiano pra baxu e eu ruim na cama. daquele jeitinho, biquinho, biquinho assim com as asinha, oiano assim pra baxu, [9:35], a criança troxe esse livrinho, lá em casa, a criança troxe esse livrinho lá em casa, faz muitos anos que esse livrinho ta aqui em casa.

1: Depois que a senhora viu o menininho?

2: O minininho troxe em casa treis criança troxe essa santinha aqui, troxe essa santa eu vo mostra pó cê, troxe essa santa aqui na minha casa oia pá senhora vê, veio traze em casa a santinha.

1: As crianças eram branquinhas, eram morenas?

2: Aí troxe os treis santinho em casa aqui, os treis.

1: Trouxe junto?

2: Junto e a mãe era loca, fico loca dentro da casa não dava sossego dentro da casa, ai troxe o santinho em casa, a senhora reza pá nois a mãe que mata nois, reza pa pois troxe esse santinho em casa.

1: Eles eram branquinhos, morenos?

2: Crarinho, crarinho, crarinho moreno escurinho tudo, tudo, tudo turviado, troxe em casa esses treis santinho, então esses treis santinho tem mais outra aqui que vê ai que qui acontece aqui fia oia quantos ano tem isso é antigo, quantos ano to casada oia pá senhora vê esse santinho foi mode o altar, o urtimo que troxe a pedra aqui não troxe mais, oia, oia o que que tem nessa pedra ai é uma imagem aí, oh vó troxe uma santinha bonita cheia de [...] pá senhora reza, uma pedra bonita, ele falo que tinha uma pedra bonita.

1: Junto com as outras pedras?

2: Aí, esse foi armado desse jeito esse altar com essa santinha aí, que os anjo troxe, oia bem, dois anjo troxe isso aqui e os anjo troxe isso ai, senhora vê, num tenho lembrança qual é

que esse muleque troxe essa pedra aqui aí pá senhora reza pá nois foi nada ai meu Deus, eu tinha lavado ropa correno, fazia o serviço correno tinha uma mensagem no meio do caminho meu Deus do céu que será que tá aconteceno comigo eu num tenho assunto me preocupano meu Deus tá me preocupano, aí falei Nossa Senhora da Aparecida, esse veinho que veio na minha casa eu fiquei ruim na morte do Dr. Reinardo Carazzai o veinho foi lá me visita lá na Santa Casa o veinho veio na minha casa avisando tudo o sofrimento que eu passe isso tudo o veinho fio me visita na Santa Casa.

1: Depois que a senhora recebeu todos esses presentes aqui das crianças, pedindo para senhora rezar para eles, depois disso a senhora ficou doente?

2: Fiquei doente.

1: O velhinho foi visitar a senhora lá na Santa Casa?

2: Foi visita na Santa Casa, falo num tem nada não mia fia cê vai logo tá na sua casa onde cê veio para mia fia mas logo cê vai na tua casa fia falei puis é um campo verdinho assim em cima da Santa Casa, um campo verdinho du lado de fora verdinho e o veinho cum punhado de cavaco na mão assim, é eu sai, sabe o que eu sonhei, eu sonhei que eu tinha saída pá fora pá i no banheiro, sonhei aquela variedade, aí disse que eu saí pra fora e a porta fecho, a porta fecho quando sai pra fora, ai falei meu Deus do céu não acho um banheiro aqui, aquela vontade, vontade de desaguá, ai encontrei o veinho, encontrei o veinho num ranchinho, um ranchinho de sapé de madeira memo, o veinho veiu visita eu, aqui na minha casa, de sapé, de sapé porta de pau pá fecha um fugãozinho veio, um fugãozinho de terra, fugãozinho bem pretinho rebocado, tampinha dessi tamaninho aquele fugãozinho de barro bem feitinho ele falou assim cum punhado di cavaco na mão de madeira, sinhora sabe o que é serradô que serra madeira antigamente, aquele punhado di cavaco assim, ele falou assim pá mim, pera aí mia fia dexa eu entra aqui vou punhá , aí ele abriu a porta i punhou lá dentro aqueles cavaco assim em cima da taipa do fogão e saiu, falo posso i na frente já a porta abre aí passei na frente dele até um espacinho assim a porta da Santa Casa abriu ele falo pode entra, quando eu entrei pá dentro ai a porta fecho mais ele tinha falado pra mim aonde que cê veio para mia fia mas logo cê tá na sua casa viu fia, logo cê vai embora viu, falei sim, sim senhor num sei quem qui troxe eu aqui faiz tempo qui eu tô aqui falei pá ele, o veinho que pareceu na minha casa cum tempo.

1: Aquele de cabelo branco, como que ele era?

2: Era claro, cor da senhora clarinho, claro, claro cabelos grande cabelo amarelo grande por aqui, cabelão assim nas costa, oiando triste assim, oia meu Nosso Senhor Jesus Cristo oia eu lembro dele, ele falou assim oiando neu assim aí ele pegou e falo fia logo cê tá na tua casa viu fia logo cê vai embora aí ele qui viro as costa. Eu tenho uma irmã que nunca tinha sonhado com ela que ela tinha morrido naqueles tempinho, muito católica muito religiosa coitadinha ele saiu minha irmã chegou nossa irmã aonde cê veio para minha irmã judiação minha irmã veio para aqui logo cê vai pá casa, a irmã veio atrás do cê, a irmã veio atrás, junto atrás ele saiu a minha irmã chego (alguns sussurros não entendi 15:58).

Aí vão vê o que ele contou pra mim contou desde ... pro mundo ele falo ia da seca muito braba com o tempo a terra ia seca ia racha mas de fome e sede ninguém ia fica viu fia sim, sim aí ele falo pra mim vai te muita terra pouco mantimento, só de saco sacola, pouco mantimento só terra, mantimento num vai vê pouco, muito pouco mas de fome ninguém vai fica a mãi as vezes tá desesperada com as criança sem nada dentro de casa em pouco momento ela já tem um pouquinho pa pô na boca de cada um ninguém vai morre de fome viu fia sim, sim, sim senhor aí ele falo uma coisa vai mudifica muito vo te dá bastante vida, bastante saúde, bastante força pro cêa coisa vai muda fia vê o que vai nasce o que vai cresce

pro cê conta pro que não vê cê vai vê uma visão, despoi dessa visão qui cê vê invisível aí a coisa um dia vai muda vai vê o que vai muda, mai não é o mundo que vai vira é o povo que vai vira, é o povo viu fia num é o mundo que vai vira, diz que é o mundo, mais o mundo num vai vira cê vai vê coisa de arrepiar o cabelo, cê vai vê coisa de arrepiar o cabelo, oia vai passa, eu te falei começa parece o pai e a mãe num vai cria, o pai e a mãe num vai cria, o pai num vai cria a mãe num tem culpa o pai tamem num tem penso porque qui tô ti falano fia sim, sim, entendeu bem, falei intindi porque a mãe vai parece uns inocente a mãe vai fica um século qui a mãe tendi num vê a hora qui ganha aquele inocente pá outro cria prela ela num vai cria porque, porque qui ela num vai cria fala pá mim, sim num tô sabeno porque ela precisa trabaia pra trata deles então ela faz força dele cresce pra intrega pra outro cria prela, prela trabaia pá trata dele porque ela num que cria mas porque que ela tem que pô nu mundo pos outro cria tá aí ou num tá os outro que vai cria e outra vai cria vai cresce os fio, vai cresce os fio a vontade pai num vai aperta mãe num vai aperta se aperta a boca esquenta, pai num vai aperta num pode judiá e vai cria aberta tá aí ou num tá guarda na tua cabeça viu fia falei guardei tá aí ou num tá a mãe num pode cria um fio coitadinha num vê a hora qui ganha eli pá deixa eli nu mundo pa mode pá creche pá escola oia eli pa mode deixa ela i trabaia pa ajuda, o pai falo vai te dia que cê vai vê um mutirão de gente uma homarada tudo parado rapaz novo, tudo parado pensano na vida, aí meu Deus como que eu faço a coisa tá preta num tenho dinheiro, num tenho onde ganha num tenho serviço, cê vai vê mai de fome fia ninguém vai morre nem que seja um bocadinha tudu vai cume, falo pra mim tá escutano fia sim, sim, sim, casado vai vive uma vida assim eu vo ti expriçá [20:39], num vai te mantimento serviço muito pouco coitadinho deles num vai sabe o que faze pá trata dos fio deles muie vai fica desesperada o homem vai fica desacomodado porque não tem aonde busca então fia ninguém vai morre de fome [20:59], marido chega em casa muie fala oh marido cume que pode num tem nada pá cume as criança tudu chorano di fome e agora o qui faze num tem serviço noi dá um jeito Maria cume qui vai faze muie cume qui vai faze num tem serviço mai num vai morre di fome quarque um biquinho vai faze tá ai tá expriço isso tudo pá mim fia, aí eli falo assim, puis é água vai se poco o chão vai racha água vai se poco mas com sede ninguém vai fica, vai te o céu que vai ficano escuro, vai ficano escuro, mai num vai ficano escuro é só um susto, só um susto, falo pra mim, falo, falo, falo, aí.

Entrevista D. Cândida fita 4(1)

2: Quando ele pareceu na minha casa fia ele falo pra mim, ia acontece isso tudo mantimento num ia tê muito, pouco só de saco sacola, de saco e sacola, muiê ia fica perturbada marido ia ficava com a mão na cabeça sem sabe o que fazia ma de fome num passava nem os fio nem a mãe.

1: E ele falou alguma coisa do benzimento daí?

2: Falo o benzimento, o benzimento eu sonhei eu já vi que falei pa senhora, eu sonhei, eu sonhei, eu contei até pro padre, puis a mão na minha cabeça aqui, fica queta!, sete padre que veio aqui.

1: Vieram aqui?

2: Primeiro fui no pastor, eu fui lá na reunião. Minha fia tinha passado a crente, neh. As fia mia tudo católica. Ela vai induz cum a cunhada e passo. aí fui passeia na casa dela e não sabia que tinha um passado crente, num mexu cum a vida de ninguém, num mexo cum a vida de ninguém, cada um nu seu caminhu, só eu peço pise no caminhu certo, num entorta não, aí minha neta falo: vô a senhora qué i na igreja cumigo?, eu tava de poso, viajei, tinha acabado de chega, a fia falo, a senhora qué i ou qué fica na casa da minha sogra?, falei oh mia fia num cunheço a sogra dela, num sei cume qui é qui eu faço, ai falei pó marido dela

católico, marido é católico fico na casa da mãe, fico na casa da mãe, aí fiquei sem graça e cumpanhei ela, né, cheguei lá fiquei sentadinha, quietinha orando, quietinha sentadinha de cabeça baixa, eu católica outra muie, ai o pastor garrô fazer oração, de vez em quando ele oiava assim pa eu e pa ota muie, quando acabo a oração ele veiu cá to e falo,, oh fia cê tá com Deus, pastor eu to cum Deus, cê tá com Deus?, eu to com Deus, meu coração tá cum Deus, viva nosso Pai, o pastor boto a mão na minha cabeça assim, mai qui negocio é esse?, aí quandu veio os sete padre ali fui confessa, faz tempo que eu não confesso, porque eu tava duente né, fui confessa, cheguei lá tive qui conta o qui é preciso né,comecei a conta pu padre, pois a mão na minha cabeça, fica queta, fica queta, cê tá com Deus, eu falei como [3:01], qui é qui eu fiz, fica queta cê tá com Deus fia, fica queta vamo reza. Aí eu comecei a reza, em nome do pai cê tá com Deus fia, tevi dia de eu morre aqui sozinha, eu não morri, amanheci viva, no meio da noiti, pedi pá eli espera ao meno um poco [3:25], moro suzinha, moro aqui suzinha com Deus, fiquei duas noiti aqui, era onzi hora da manhã, a fia tava chamano, mãe, mãe, mãe, a mãe ta quetinha, só que pidi pá ele [3:56], oia aqui minha mãe, oia aqui dexa amanhece, dá firmeza pra mim, aí naquele pedido, que eu fui pedindo drumi ruim, eu acordei tava sã.

1: Ai a senhora começou a benzer?

2: Benzimento caiu um anju na estrada, caiu um anju na estrada quando eu ia passano pa ir na casa da minha sogra [4:30 até 4:40 ela falou muito baixo não entendi], aí a muie falo o dona, o dona, o dona, o dona, pelo amor de Deus vem aqui sarva meu minino, u minino tá morreno deu um acesso muito brabo rolo tudo vem cá sarva, mas ai eu falei sarva o minino de que jeito Deus, eu num sei nada não, sabe sim dona, sabe sim pelo amor de Deus vem sarva meu fio, eu falei não dona di qui jeito, eu num sei nada não, sabe sim dona, a senhora vem aqui i disse que a senhora levanta meu fio aí eu fiquei oiando assim o sentido foi embora num via onde qui eu tava então cheguei perto da criança, a muierada tudo em vorta falei me dá um copo d'água pá mim dona, ela busco o copo d'água sai aí Deus falo assim fia pega treis raminho e essa água aqui vai passano nessa criança que eli vai levanta, ai peguei aquelis raminho e o povo tudo oiando em mim, me oiando peguei o copo fui rezano e num sei donde saiu tanta oração naquela hora eu benzeno a criança falando o nome dos santo e sacudindo aquela água do copo na criança, a criança deitada istribuchano enrolado, daí um poco aquela criança levanto e deu aquela tussido assim jogo aquela bola na frente, aquela bola na frente levanto a criança, aí isparramo, aí isparramo ai num tive sussego mais nada, gente chegado, gente chegado, a criança saro num foi prciso leva im médico, hoje é pai de famiia, hoje tá aí é cunhado da minha fia, cunhado prigunta a ela.

1: Quantos anos tinha a senhora?

2: Ah, foi depois qui recebi a rosaiada pedra, essas coisa tudu, aí depois que eu passei tudu aquelas tormenta, num tive tormenta mais, sai pa i na casa sogra, tava boba, muie boba, num conversava cum ninguém muia boba, de cabeça baixa só pensano em Deus, só pensano em Deus, só pensano em Deus, Nossa Senhora da Aparecida que eu pensava memo, só chamava Deus e Nossa Senhora da Aparecida, aí levantei aquela criança, minha fia ai num tive mais sussego até hoje, agora to teno sossego num tô podeno benze porque fracassada neh tá com dois ano que ando meio abatida deu pressão arta graças a Deus tô boa, graças a Deus, meu pai e a mãzinha do céu me deu força pra mim, a pressão vo midi tá boa, vo midi tá boa,vo midi ta boa, tá com dois ano, tá boa a pressão, então é isso aí, passei muita necessidade na vida.

1: E a história daquela criança que trouxe aquela imagem para a senhora, como que foi a história?

2: A criança encheu o corpo inteirinho fecho até o zoio, de repente de uma hora pá outra, encheu o corpo tudinho, a Luzia ali é tistimunha prova, que ela falo pra mim mãe larga mão dessa criança, se a criança morre a sinhora vai pa cadeia num vai meche com essa

criança não mãe, manda a mãe leva pro médico, fica queta Luzia se num sabe, fica queta benzi aquela criança i benzi a água enchi d'água aqui, num dexo farta água aqui enchi d'água oia aqui, chega um grita tá morreno chega ai dou um golinho da água minino de Jesus (alguma coisa "anjo", não entendi o que, sussurro) dou um golinho da água a criança bebe eu benzo e a criança vai embora. Quando é dali uns dias vem traze cume é que tá a criança, oia dona tá são Deus Nossa Senhora da Aparecida que lhe dá bastante força e vida pa senhora a di fica com saúde pa atende nois, ma intão tá meiozinha a criança, tá levou no médico, não num levei no médico não, vim traze pa senhora vê se treis dia di binzimento qui Deus mi deu, treis dia di binzimento, treis dia di binzimento i a pessoa si tive fé e crirdita ele recebe lá na casa, uns par deles receberam, uns par dele recebeu.

1: E ela trouxe a imagem para a senhora?

2: Ai ela troxe a imagem ela falo oia, oia dona a senhora precisa daquela santa pa defende a senhora, porque a senhora ta num caminho muito bunitu a la ela vai defende a senhora da inveja dos seu lado,, seu caminho tá aberto Deus ta junto com a senhora quis traze pá senhora pa defende a senhora pa num pega nada de gosto ruim no seu caminho ela troxe a santa, a mãe Iemanjá,, então mia fia eu binzi essa criança é patrão é patroa, é patrão é patroa, oiando a santa, é patrão é patroa tudo na casa ai, patroa que troxe aqui oia, aqui foi a patroa que troxe pa minha casa, mandei um binzimento na casa dela que ela tava numa demanda jogaram ela na mão de um devogado sem ela merece ela vinha aqui na minha casa com o patrão aqui na minha casa qui num mi cunhecia eu fiz as oração pidi pra Deus abaixa lá na serva dele, qui acabasse com aquela união qui ela num merecia aquilo ela tava fazeno o bem ela fazeno o bem e recebeno o mau ela foi sarva uma criança e dispoi da criança ta sarva a mãe foi pur cima dela qui eu vo conta bem certinho aqui a imagem, aqui a imagem, aqui patroa que mando num fui eu qui troquei aqui outra patroa aqui a paz pra mim que eu mereço Rainha da Paz, as vez tava teno na sede até matança eu [...].

1: A senhora rezou?

2: Rezei cabou tudo carmo tudo camarada, carmô tudo, gradinho no outro, gradinho patrão, já viu no passo preto?, veiu o fazendeiru na porta da minha casa, que tinha dois malandro quereno mata eli por causa di pagamento eli tá viajano, ai eli tá viajano e atraso o pagamento o administradô e os camarada revorto tudo quando eli chega o dinheiro que nois vai recebe nois vai mata eli minha mãzinha do céu, meu pai tão mintino né pai, minha mãe, minha mãe, tão mintino né mãe, ai resorvero mata eli mando meu fio motorista, mando meu fio im casa qui era camarada deli, cê vai na casa da tua mãe, ouvi fala qui sua mãe é benzedera por bem num faz mal pra ninguém, fala pra ela manda um binzimento aqui, qui a coisa tá feia administradô tão quereno [...] faze alguma coisa antes qui eu cheguei nu iscritório, i mandei um binzimento com fé em Deus lá, cabô tudo.

Pesquisa de Dissertação: A VOZ FEMININA AFRODESCENDENTE E A MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO: NARRATIVAS DE DONA CÂNDIDA, UMA BENZEDEIRA DO NORTE PARANAENSE

VÍDEO NÚMERO: 1 – Histórias de infância e outras

LOCAL DA ENTREVISTA: Cornélio Procópio

DATA: 15/7/2009

ENTREVISTA: Cândida Gomes

ENTREVISTADORA: Maria Aparecida de Barros

FILMAGEM: Tiago

TRANSCRITOR: Lucia Eli Bambini Silva

QUANTIDADE DE PÁGINAS TRANSCRITAS: 11

Eu achu qui eu tinha uns 8 anos, mais ou menos. A criança num morria, num morria. Eu tive 21 dia morta, vinte e um dia morta, i o povu guardano, discursuô de guarda, mandaro busca um, chama meus parente pra vim, purque a criança não murria, num murria. Aí, minha mãi apavorada pedia pra Deus que discansasse aquele anju, purque ela não devia pecadu, nem ela nem meu pai, né? A criança daquele jeito né? Aí o povu vinha. Aqueles que trabaiava di dia, trabaiava de dia, vinha guarda e aqueles que ficava a noite guardno, dia durmi. Naquele tempo era assim, né? Qui oiava as pessoa qui estava duente, zangado, né? Aií minha mãi falava:? Meu Deus do céu, qui é qui eu vou faze?. A mesa cheia de remédio. Naquele tempo não havia remédio quase, remédio di casa. Aí, minha mãi falava: cume qui nós vai faze, ó, meu Deus?, podia discansá esse anju, num guentu mais passa a noite sem durmi i foi desse jeitu, desse jeitu. Aí, ela pego, quando foi um dia, aí bateu uma caixa de Reis, bateu uma caixa de Reis longi (alonga). Aí, a mãi falou assim: José, cê pega o cavalu ali, não arreie não, fiu, põe só o cabestro e vai atrais daquele Rei Santo trais aqui pra modi discansá essa criança. Aí, meu irmão pego, muntô a cavalo ali, né, num rumô nada e foi lá pega o Rei Santo pra traze im casa. Aí meu pai tiro eu da cama. Aquele pedaçu di genti mortu, duru, í a mãi sigurano a bandera, sigurano minha mão com a bandera e u pai segurano eu no braçu. E o Rei Santu canto ali pra mim. Se cê vê a hora qui elis canta, a pessoa tudu hora, a hora qui eli tava cantano pra mim. Aí, elis canto: “Esse anju foi pra glória e vortô, qui ainda não chegô a hora”, “Esse anju foi pra glória e vortô, qui ainda não chegô a hora”. Quando foi daqui treis dia, u qui tava duru na cama, cum zóio paradu, cumeçô a mexê na cama. Aí, a mãi falo: eu num tenho coragi de assiti a morti, vai chama a muiê la pra mim, ta na ânsia da morti, ta mexendo lá na cama, chego a hora da morti. Eu num tenho coragi”. Aí, foram chama minha madrinha, qui é tia e madrinha e troxe pra ponha a vela na mão. Comecei a mexê, a fazer ar de riso. Mais qui ta aconteceno cum esse anju? (dá uma palma e abre os braços. Sorri. Acena positivamente e depois fica como que imersa em seus pensamentos). Quatru dia, já virei na cama.

(Entrevista Cândida Gomes, 2009)

Dona Cândida entrevista CD 1 Histórias da Infância e outras.

1-Quando eu tinha uns oito ano, mais ou menos, mais ou menos, eu tive vinti dia morta, o povo guardano i, vinti dia morta i o povo guardano, disacursuo de guarda i, vela

queimando manda busca um, manda vim parente porque a criança num murria, eles guardano dia i noite e a criança num murria, i ai minha mão pavorada intão, minha mãe pidia pa Deus que discansasse aquele anjo qui num tinha pecado, nem ela nem meu pai, (...)ai u povo vinha eles trabaiava di dia, trabaiava di dia e vinha guarda, i aqueles qui ficava guardano di noite ia durmi, naquele tempo era assim né, cê oiava as pessoa qui tava doente ai minha mãe falava meu Deus do Céu, o que que eu posso fazer a mesa cheia de remédio, aquele tempo não havia médico, médico em casa né, aí minha mãe falava como é que eu vô fazê, oh meu Deus eu prciso discansa esse anjo, num guento mais passa noite sem durmi, i foi desse jeito, desse jeito ai ela pego i quando foi um dia, ai bateu uma caixa de reis (acho que é isso), bateu uma caixa longe ai a mãe falo assim José cê pega o cavalo ali e num arreia não poe só cabresto vai atrás daquele rei santo i, traga aqui pa mode discansa essa criança, qui eu num agüento mais, discansa essa criança, ai meu irmão pego e munto a cavalo ali cum bondade foi lá i pega aquele rei santo pa traze em casa, ai meu pai tiro eu da cama i aquele pedaço di genti morto i a mãe sigurano a bandera i segurano minha mão i o pai sigurano eu no braço e u rei santo canto ali pa mim cê vê a hora qui eli canta a pessoa tudo chora quando tava cantano pa mim, tudo chora.

2- A senhora lembra dessa música?

1- Oi, ele cantava.

2- Canta um pedacinho para gente.

1- Ele cantava assim, ele cantava, “cheguei na sua casa a senhora que chamou pa ... levantei esse anjo qui na cama tá penano a mãe e o pai num sabe o que faiz, foi chamada essa bandera pa vim salva esse anjo, o Davi dessa anjo vem olhai para para glória para sempre amém com toda alegria”. Ai minha mãe pego, foi chama eles ai elis canto, ai, esse anjo foi pa glória e volto porque num chegou a hora, esse anjo foi pa glória e volto porque num chego a hora, eu sei um pedacinho da música né, ai quando passo esses treis dias ai esse anjo se miora porque num que esse anjo, trazido aqui (...) pás hora, ainda num chego a hora, quando feiz treis dia, o que tava duro na cama com o zoio parado, cumeço a meche na cama ai a mãe falo eu num tenho coragem de assisti a morte, cê vai chama uma muiê lá tá na hora da morte,ta mecheno na cama chego a hora da morte, eu num tenho coragem ai mando chama minha madrinha, que é tia e madrinha, e troxe pa punha a vela na mão, comecei a meche faze ar de ri i a mãe qui qui tá aconteceno com esse anjo, (...) com quatro dia já virei na cama.

2- Tem história que a senhora lembra dessa época, história de assombração, história de

...

1- Ai naquela época tive mais quatro guardamento, depois disso tive mais treis guardamento, (...) fiquei treis méis entre a vida e a morte (...) fico ali guardano pa a hora que fosse discansa chamasse a enfermeira, não tinha jeito né passei na mão de nove médico ai graças a Deus eu fiquei ali treis méis ai ali entre a vida e a morte ai, na mão deles ali a minha familia interinha quis me vê (...) pa mode num conhece ninguém essa ai foi lá (aponta para alguém que deve estar no mesmo recinto),noutra noite num cunheci ela (...) ai si firmei desse tempo firmei graças a Deus foi ino foi ino, fiquei ótima, ai depois só qui eu tive esse guardamento qui eu ti disse tive um negocio num sei o qui foi ni mim si foi nervo sufri muito ne, meio moça ali, tava com onze aninho minha mãe morreu, sofri que só uma coisa, onze aninho.

2- A senhora quando tinha dez anos,oito anos nessa idade a senhora ouvia histórias.

1- História?

2- É história daquele lugar, a senhora tinha medo?

1- Naquele tempo, naquele tempo havia muita coisa né, era as coisa errado ne as coisa errada que havia o povo ficava com medo de noite que encontrava as coisa errada agora hoje com a graça de Deus num tá aconteceno isso, Deus recoiou né.

2- Mas conta para nós que história a senhora ouvia e ficava com medo e os irmãos da senhora ficavam com medo também dessas coisas erradas.

1- Meu pai coitadinho que Deus abençoe tá no reino da Glória cercado de anjo ele bebia muito, bebia muito agora com a onze aninho fiquei encarregada cõas aquela criança pa oia tinha uma muiê por nome de D. Getulina (não entendi se é esse nome mesmo) era mãe do patrão viúvo né então onde ele coitadinho chegava bêbado falava oia fico cinco irmão e uma irmã pa eu oia o menino caçula pequeno i (...) sentado no meu braço um menino com onze ano correno (...) pa mata tudo mundo ai, vestidão cumprido cum aquela criança correno i um outro atrás puxano com a ao e o pai atrás com o rabo de tatu tá chorano porque ocê num feiz cumida ondê qui cê tá pensano oce cerco o terrero, porque antigamente oce punhava até areia no terrero pá vê si, fui criada presa na cadeia, fui criada presa na cadeia sem te gosto de sai num vizinho pa i em casa qui ele num dexava.

2- E essas histórias a senhora ouvia, história que dava medo no pessoal?

1- Havia muita coisa errada.

2- A senhora pode contar para nós as histórias que dava medo no pessoal?

1- (não entendi o começo), nesse tpmo que eu era minina mocinha nova ai o pai tava durmino que o coitado tava bebabo tadinho (...) ai eu peguei e chamei eli pa modi (...) cumade morano pertinho ai cumade ela quiria bem eu dimais da conta que levo eu pa madinha ela tem fiado tem setenta e tanto fiado batizano criança desde dez ano então chamei ela pa modi i la cumigo lá na porta i ela foi cheguemo lá i em veis dela entra sento numa pedra e fico contano caso quando nós vimo soco pedrada na cerca do manguerão e nois correu eu quiria passa na frente da cumade a cumade num dexava ai a cumade vinha correno eu subino na escada qui era uma manera (...) desse casoque eu lembro acha (risos), ai a cumade fico gritano lá ai eu curri pa dento pulei nu cantu da cama do meu pai tadinho Deus tá no céu pa eli tá (...) até na última hora tadinho.

2- E que histórias eram essas D. Conceição?

1- Eu i a cumade minha (...) ficava gritano né ai cumpadi Zezo saiu correno ai onde cê tava Conceição depois que tava na porta chamo o cumpade pa levanta levanto coitado a cumade foi senta na porta eu num sei o qui qui era era semana santa era quinta quinta-feira santa manhece sexta-feira toco uma pedrada na tábua qui rebento a tábua fico oia bem qui cê tá pensano di primero a pessoa tinha tinha muito medo di riligião forte memo, agora hoje eu num sei deferença tudo né.

2- Mas conta prá mim que história foi essa que deu tanto medo em você, o que que a senhora ouvia que dava tanto medo na senhora e seu irmão?

1- A gente ficava pensano porque minha mãe quando ela morreu ela veio pa mim ela veio conta com sete dia que ela morreu ela veio pa mim porque eu passei muito trabalho com ela deitada menina nova i deitada na cama enrolada lá eu tudo levava pa ela lá tadinha num deixava passa farta né a gente ficava (...) tinha muito amor nela né ai quando foi no dia né ela falo pa mim o fia vai lá na cozinha, na cozinha tinha um guardado não queria morre perto de mim morreu que nem um anjo vai lá busca um guardado pa mim ai eu falei mãe não vo não vou fica aqui com senhora ela falou não vai sim não queria morre perto di mim vai lá fia ai chamei minha irmã pa i busca água pa ela pa busca água pa ela ai ela pego i quando ela foi bebe aquela água ela falo ai meu Deus ai meu Deus ai meu Deus ai meu Deus chamo Deus até na hora da morte ai eu falei Miga corre na casa da Zina que é minha vizinha vai chama que a mãe tá gritano chamano Deus vai lá chamano Deus sem para ai quando a gente chegamo ela tava acabano de morre ai ela tava acabano de morre ai a Zina falo assim sai pa

fora ela tá durmino ai nois falamo num vamosai de porto da mãe não vamo fica aqui não ela ta durmino memo nois num vai sair de perto dela ela tá durmino num que morre perto de nois ai ela foi embora que ela já tinha explicado a história pa mim antes dela pidi a água ela já tinha explicado fia eu vo explica uma história pó cê sim mãe sim antes dela pidi a água oi cê sabe com quem cê veve cê sabe com quem cê ri cê faiz cê faiz o bem não repara a quem viu fia não repare a quem viu fia sim mãe cê tem certeza que cê tá escutano sim mãe to ai ela acabo de conta i morreu ai quando feiz sete dia ela veio ela veio eu vi ela dereitinho ela tinha um cabelão bem claro mesmo, pai que era moreno mãe bem claro memo aquele cabelão cumprido assim ai ela falo assim pa mim cê cê pentia meu cabelo assim fia ai fui pentia o cabelo dela cê tá demorano muito cê tá demorano muito cê dexa falei mãe (...) ai eu pentiei até trancei deu uma trança deste tamanho assim de um lado assim ai ela falo que eu tava demorano né ai ela tinha falado essa história pa mim né ai mando eu pentia o cabelo né ai ela falo fia tá demorano dexa ai quando eu vi ela tava chamano Deus ai falei ai meu Deus do céu qui qui é mãe ta chamano Deus ai a Zina veio correno ai ela morreu né ai quando feiz sete dia ela veio acaba de conta o reto pa mim ela falo fia ela chego na porta do quarto assim ouvi até o pisado do chinelo dela no quarto né ai eu oiei assim oiei assim ela ela tava prefetinha prefetinha assim fiquei até bobada fiquei até bobada ponhei a mão assim na cabeça ai eu ouvi assim o rasta do chinelo ai eu oiei assim minha mãe empezinha no meio do quarto oiano eu oiano eu em pé no quarto ai eu peguei e cobri a cabeça sustei né sustei cubri a cabeça cubri a cabeça cubri a cabeça ai torno a vorta di novo torno vorta di novo por cima da coberta assim eu vi ai falo pa mim assim baxinho falo assim pa mim fala pu teu pai cumpri aquela prumessa qui eu fiz qui eu num cumpri fala pu seu pai falo que era pa fala pu pai falo assim cumpri aquela prumessa qui ela num cumpriu falo assim falo assim na hora da morte dela na hora qui ela mando busca a água ela falo assim vai fala pa Zina fala pa Zina vim e torra um tanto de café e chama a Gerarda lá também pa mode (...) as treis hora que eu tenho uma chuva muito boa vai te uma chuva as treis hora da tarde ela falo pa mim desse jeito, treis hora certinha de agonia ela morreu, treis hora certinho ela morreu a patroa tava passano na estrada tava passano de jeep di primero jeep né ai nois tava gritano ela chego lá né ai ela falo tava morta né cume que faiz agora né a patroa pego sento pego deu banho arrumo bem arrumadinha rezo o terço pego ai saiu e chamo o povo ai fiquei naquele sofrimento suzinha e u pai tadinho que bebia garro bebe mais ainda saia ficava pa lá quando vinha vinha a cavalo gritava eu eu ia tremeno pega a corda do cavalo pa ele desce ai ele falava se o pai cai vai paga seu pai ta doente ai eu sigurava us minino curria tudo dibaxo da cama di medo du pai eu sufri bastante fui sofrida memo, fui sofrida memo.

2- A senhora lembra de outras histórias, assim que a senhora viveu e deu medo na senhora, pode contar, ou a senhora morou perto de benzedeira ouviu histórias delas a senhora pode contar algumas histórias que dava medo na senhora e nos irmãozinhos assombração, essas histórias se a senhora souber de alguma, lembrar de alguma direitinho de benzedeiras, de outras benzedeiras que quando a senhora era pequenininha viu.

1- Então acho qui nasci cum esse dão a gente viu (simiança não entendi se é essa palavra) qui a gente num pode conta né nessa (simiança não entendi se é essa palavra) eu sufri bastante né porque pa mode eu pega essa corrente eu sufri bastante eu ouvi batida di porta ouvi chamado, ouvia criança chama eu saia na porta não via ninguém depois (...) então daí batia na porta eu ouvia aquela voz chamava eu e nada né.

2- A senhora era criança?

1- Era criança, era criança naquele tempo era minina nova ainda era minina batida borrecida num tinha tristeza tristinha burricimento quetinha só cum pensamento né

pensamento né i anti deu pega esse (...) desde minina pequena né desde minina né ai até que enfim eu (...) o primeiro nenezinho quando eu casei o primeiro nenezinho pareceu pa mim na minha casa pareceu o nenezinho na minha casa (...) e com uma bíblia desse tamanho assim no braço assim e com uma mala com uma malinha nas costas sujo qui só veno sujo qui parece qui nunca troco ropa nunca troco ropa com aquela malinha nas costa a bíblia infiaa aqui segurano aquela malinha nas costa assim e eu oiei assim oiava nas igreja assim o tipo do Nosso Senhor Jesus Cristo era o veinho que pareceu em casa a mensagem qui ele deu ai ele pego ele pego i conto tudo as história du mundo pa mim qui agora eu vo conta.

2- Assim queria ouvir primeiro se a senhora lembrasse de quando a senhora era criança porque ai a senhora já tá casada já tem o seu filho, eu queria assim primeiro as histórias de quando a senhora era criança se a senhora lembrar essas histórias de assombração histórias de benzedoras depois ai a senhora conta da outra parte de benzedora ou de assombração.

1- A gente via as benzedora benze tudo assim né tudo que era benzimento né benzia criança né e eu acompanhava sempre as benzedoras né pa benze criança o meu distino era só benze também acompanha pa benze também benze também ai as benzedora danava cumigo essa minina num dá sussego pa gente vai benze os outro ela vai atrás né eu ia atrás das benzedora né então ate quiiii.

2- Que histórias elas contavam?

1- História qui elas binzia as vez as pessoa tava sintino as vez um pobrema qui di primero num havia médico né ai trazia um remédio dava pa criança ou a dona qui seje né i miorava né i fazia u binzimento delas né eu chamano Deus no coração né pa abençoa aquela pessoa qui tava caído né então a gente viu isso tudo né.

2- E histórias de criança a senhora contava histórias para seus irmãozinhos da senhora?

1- Os irmãozinhos brigava mia fia era aquela brigaiada ai u pai num tava eu ia desparta eles quiria vim em mim também os cinco irmãozinho aquela briguera ai eu chamava a muie a muie vinha e falava puis é o pai saiu vai lá enche a cabeça e agora vem e num dá sussego pa gurizinha o que que ela pego faze isso votoma a gurizinha dexa eles sofre suzinho dentro de casa meu era um coitado santo de Deus ele fico abatido com a morte da mãe ele se dava muito mas eu passava apurada com as criança né pa trata se chegasse e achasse as criança mar arrumada ou passano fome eu apanha já tinha um um (...) e um rabo de tatu ele perguntava o qui qui é aquilo pindurado cê tá veno o cê num trato direito das criança aquilo é pro cê então tinha um quarto di apanha tinha um quarto di apanha di apanha um a um cada um tinha qui apanha pa sai di um a um o qui fizesse arte apanhava i o qui num fizesse apanhava também tem qui apanha pa mode num ri dus otro pa aprende vive meu pai então eu passei tudo isso ai esse sofrimento ai.

2- A senhora tem alguma lembrança de alguma brincadeira alguma história.

1- Brincava di rodinha né antigamente juntava as loça né as criança i a rapaziada antigamente né cum tudo respeito né brincava di roda cantava modinha de roda né antigamente então foi assim né us pai então ficava ali junto né antigamente fou um jeito de vive deferente de hoje né que hoje deferenço muito tem hora que a gente fica abatida de vê a vicensa de hoje dos jovem das criança né.

2- Tinha muito bicho assim que vocês tinha medo?

1- Tinha de cobra.

2- Conta história de cobra para nós?

1- Cobra eu memo fui pegada (acho que é isso) de cobra, minha morte foi de cobra fui desenganada.

2- Conta como foi?

1- Eu fui leva cumida na roça ai fui leva cumida na roça nois fomo em quatro pessoa leva cumida tudo criançada mais novo qui eu ai minha irmã foi na frente o Delmiro atrás o Zezé mais atrás e eu mais atrás puis tudo passo ali e a cobra num pego foi pega eu tudu qui passo na bera assim a cobra num pego foi pega eu pego eu fiquei entre a vida e a morte ai pareceu um veinho ai pareceu um veinho ele falo pode fica queta ai qui eu vo vê esse bichinho ai o veinho falo num sei di onde saiu esse veinho tamem vo vê esse bichinha ai num é nada não é um cipozinho qui laço o pé dela ai ele pego chego ali i rezo im roda di mim ali i falo pode i imhora ai o dotor falo assim qui eu num ia iscapa não qui eu num ia iscapa qui eu ia morre eu num guentava injeção (...) qui num guentava não qui eu ia morre mas graças a Deus escapei e a gente foi leva cumida na roça i a cobra i a cobra foi lá ai quando feiz sete sete dia mais ou meno a outra foi tamem leva cumida i chego tamem pegada de cobra foi tudo encariada quando feiz sete dia que eu fiu pegada de cobra a mema irmã qui foi cumigo leva a cumida na roça chego pegada de cobra (...) dois ano ficamo duas pegada de cobra, a irmã foi cascavel e eu foi urutu oia qui distino fico gritano fico gritano uns sete dia dia e noite gritano sete dia mordida de cobra e eu tamem dentro de casa oia pa vê mas que essas cobra antigamente hoje já num tá assim disse que essa cobra foi efeitura qui fizero pa judia do meu pai porque meu pai é muito dado muito bão coitadinho muito bão trabaiado tudu istimava ele os patrão então pa vinga dele qui feiz isso era pa ele as cobra pa pega ele.

2- Mas que história é essa?

1- Mai pego eu ca outra irmã qui era inocente né.

2- Mais que história que é essa?

1- Diz qui ficaro cum inveja dele por causa dele ser um home dado cum u povu istimado né trabaiado ele trabaiava em duas sede né era carpintero muito istimado pelo patrão lá tocava a roça de a meio então foi aquilo qui antigamente.

2- E como que era feito isso?

1- Eu num sei mas dis qui foi marvadeza qui fizero pa ele pa mode qui a cobra era pa pega ele mas como ele era muito devoto muito religioso e as cobra num pego ele foi pega inocente qui tava cum u corpo aberto tava cum u corpo aberto.

2- Mas a senhora não sabe que história que é essa?

1- Num sei cume qui é qui foi uma coisa dessa (...) judiação judio de nois ai sei qui a gente sofreu bastante ai nesse período ai eu sarei sarei fiquei boa a outra fia tamem num morreu tamem escapo tamem eu sei qui nois sofreu bastante eu passei uma vida bastante eu sufri bastante nu mundo eu sufri bastante purque daí a mãe morre eu fiquei tomano conta dos

irmãozinho um fio do tio qui ela pego tava sentano nos braço ta ele ai posso mostra tá ele ai (...) fio dele cum esse minino no braço o otro caçulinha pequeno correno cum serviço o pai feiz uma banca assim pa mode subi em cima i a muie insina eu faze cumida sufri isso tudo foi muito (...) o pai era brabo eli cuidava bem num judiava dus fio tratava puchava po (sapato, não sei se é isso) mas era brabo panhava memo i panhava tudu batia i batia im tudu sufri, sufri.

2- E ele contava histórias para a senhora?

1- E eu era tamem muito danada tamem meu nome quando eu era mai pequeninha meu nome eu tinha um cabelo vermeio num era preto vermeio em pé assim aquela cabelera assim num dava pa pintia intão meu nome era cabelo di (...) (muita risada, não entendi o que ela disse) intão a minha mãe (mais risada) intão só vivia subino nus pau por isso que era danada a cobra pego né eu vivia só subino subino nus pau porque a mãe a mãe diz qui depois qui ela oio os macaco (risos) o macaco na minha vida sempre empulerada em cima dus pau (risos) empulerada nus pau pa sabe onde passava e procurava então a mãe vivia em cima (...) campia em cima dus pau um dia meu irmão pego coitado minha mãe pego ai o cachorro tava latino latino ai eu peguei chamei os cachorro e sai correno subi nu pau e os cachorro fico latino em baixo subi na árvore lá em cima ai a mãe vem José aqui qui tem um bicho subino nu pau capaz di se uma caça ai meu irmão saiu lá da horta dele coitadinho cum a ispingarda (risos) vem cum ispingarda (...) (risos) (...) cum o pé armado os cachorro latino cum o pé armado e os cachorro latino pe armado oiano cum o pé armado nu meio da ramaia pa atira quando ele viu a guarda da saia voano assim ele falo Minha Nossa Senhora da Aparecida quase eui eu mato minha irmã quase qui eu mato a minha irmã Minha Nossa Senhora a mãe tem qui marra essa minina tem qui marra ela num presta fica dano trabaio demais num passo ela tá subino na árvore os cachorro ele mandava eu corre i mandava eu corre atiçava us cachorro i us cachorro subia na árvore us cachorrinho porquerinha oia pa mim tudu isso aconteceu tudo isso eu passei ai sufri muito cus irmão lava passa.

2- Qual outra arte a senhora fez D. Cândida?

1- A arte qui tinha era essa qui fazia né ai quando foi um dia fui brinca de esconde-esconde né esconde-esconde o pai antigamente tinha taia pa toma água pote é pote né qui eles fala né ai o pai saiu ai foi chama pa brinca de esconde-esconde num obriga eu não eu falei qui eu so grande pa brinca de esconde-esconde é capaiz qui o pai me bate im mim ai vamo brinca de esconmdde-esconde daí eu iscondi atrás daí eu iscondi atrás dum canto da sala lá i o pote tava lá ai fui isconde atrais do pote i o pote quebro o pote ai o pai chego coitado vo discansa aqui vai busca um gole d'água do pote pa mim ai meu irmão falo a mana quebro quebro o pote ela foi esconde ai atrás e quebro o pote ela foi faze o que ai atrás ai e porque o Pedro foi brinca de esconde-esconde e ela foi esconde lá saiu e quebro o pote oia pa mim o que se há de faze ai a gente passo bastante trabaio bastante trabaio.

2- E mais histórias assim?

1- Chegava eles chegava em casa a gente tinha qui ta cum a cumida pronta eles chagava i a gente pegava o cabresto lá eles discia i eli falava num pode faze isso cum teu pai ele tá duente teu pai saiu bem tá duente bebeu né, ai tinha um fogaoção de lenha né antigamente era fogão de lenha né ai eli subia em cima do fogão tinha uma banquetta desse tamanho né daí ele sentava lá ai eu ficava vigiano ele pa num cai dento nu fogo ficava em roda dele pa mode num cai nu fogo purque ele bibia sentava lá isso tudo passei né pai desce pai pa num cai nu fogo desce pai num mi manda si não eu desço daqui i ti bato pai o senho

vai cai nu fogo pai i eu num posso faze nada pai desce desse fugão ele ficava ali subido nu fogão ali bebedu i eu vigiano sufri muito mia fia sufri dimais Nossa Senhora do Céu ai ele chegava quiria bate nas criança eles num dexava bate queria bate ni mim tamem porque eu num queria dexa bate nas criança sufri bastante sufri bastante casei i casei i o horário deu levanta era treis hora da madrugada tava acordada pa levantada quatro hora pa faze café.

2- E a história do velhinho, e a história do velhinho?

1- O veinho esse que veio em casa?

2- É que história que ele contava?

1- Esse que veio em casa de premero quando eu era criança?

2- É, ele apareceu para senhora quando a cobra picou era o mesmo velhinho?

1- Eu num sei qual era esse veinho que chegou lá na hora que a cobra picou porque eu fiquei sem vê nada vê nada né cipó que laço ele né ai esse veinho que eu falo que chego em casa eu num tinha eu passei treis ano eu num tinha sussego eu num sabia si eu fazia o sirviço tudo correno di carrera correno i quando eu tava fazeno u sirviço tava arrumano cuzinha batia na porta eu ia vê num via ninguém fazeno o sirviço ficava disatinada correno fazia criança durmi i quando punhava a criança na rede naquele tempo era rede balangava punhava a criança na rede agora vo lá lava a ropa ligero quando chegava lá no rio qui tava ensaboano a ropa socava um cacete pah um cacete eu oiava e num via nada num via nada curria pa dentro chegava lá a criancinha tava gritano gritano a criancinha dentro de casa falava meu Deus do céu ficava doida correno de lá pa cá pa lá pa cá num tinha sussego ca cabeça correno ai até quiinfim foi ino pareceu esse veinho na minha casa ai aquele nenezinho qui eu ganhei morreu né i ele chego em casa i bateu parma assim eu tava socano café socano café ai bateu parma ai sai cum a mão posta (...) uma muie qui foi criada fechada né sai assim com a mão posta pra ele ele me bençoo tomei bença ele mi bençôo eu mandei ele entra pa dentro ele falo assim não fia falei entra pa dentro coitadinho entra pa dentro ele falo não fia seu esposo está eu falei não ah meu esposo não tá onde é qui ele tá eu falei ah ele tá trabaiano tá longe ou tá perto falei num tá muito longe nem perto ai ele falo assim entra pa dentro não fia ai eu falei entra pa dentro senhor tá cansado não fia ai falei entra pa dentro coitado o senhor tá cansado ai ele falo assim ai ele entro pa dentro entro fico em pé num sento em pé na sala ele fico num sento eu falei senta ele não fia eu falei coitado o senhor fica de pé o senhor cansa senta ai ele falo não fia não ai ele fico em pé ai eu falei o senhor que toma um golinho de café por Deus do céu (...) de Deus lumiano que toma um golinho de café ele falo não fia eu falei toma coitado o senho vai fica sem toma um cafezinho seis hora da manhã seis e poca ai ele falo assim não fia falei assim o senhor não que cume alguma coisa ele falo não fia num quero o fia vo ti pergunta ai ele falo assim então ele conto depois que ele conto a história du minino ele falo assim porque qui cê anda chorano tanto dento di casa porque cê anda chorano bastante ai eu falei eu num sei o que o senho ta falano em pé ele em pé i eu tamem Deus num guenta tanto que ele falo ele falo porque cê anda chorano fia ai eu falei eu num sei o que o senho tá falano sabe sim cê sabe sim cê sabe sim eu num to sabeno ai eu falei ah é meu minininho qui Deus deu pa mim i Deus levo meu minininho chorano, chorano cum o outro pititico tinha ganhado ele na bacia novinho tava cum dois meis e poco chorano pa mode eu (...) ai ele falo fia cê não chora mais viu fia cê tá escutano segurano a mala lá e aqui cê num chora mais viu fia cê num sabe o presentão lindo qui cê deu pra Deus mais tão lindo o presente cê num vai chora mais, cê vai chora fia eu falei não senho num vo chora mais não ai num vai chora mais cum o tempo cê tem otro no lugar é o minino que eu tenho é só aquele qui Deus deu treis ano passado

daquilo treis ano (...) fio criado esse minino num deu trabaio pa mim nem pu mei veio fala ao meno “a” num sabe responde pa nois hoje é pai de famiia num sabe responde pa nois graças a Deus tadinho é uma santo de Deus esse minino.

2- Conta mais histórias dele.

1- Ai ele pego i falo assim falo fia oh fia eu sinti num acha seu povo tudu im casa mai tá bom tá tudo trabaiano suano pa ganha o pão muito justo, sim tudo qui ele falava falava assim sim ai ele falo oia vo te conta otra história vo te conta otra história ele falo oia o povo diz qui u mundu vai vira viu fia tá escutano, sim tudo sim o povo diz qui u mundu vai vira, mais num é o mundu qui vai vira é o povo qui vai troca vai vira, é o povo qui vai vira não é o mundu, u mundo num vai vira é o povo , eu vo ti dá bastanti vida bastanti ano po cê vê u qui vai nasce u qui parece po cê conta pa quem vive viu fia, tá escutano, sim, sim casado vai vive assim, casado (ela faz sinal com a mão) vai assim vivendo unido feito um contrato vai vive feito um contrato mas Deus tá junto Deus tá oiano então a muie fala cum marido, o marido num entende (...) fala cum a muie a muie num entendi pu fim do remate fala aquela veis fica queto otra veis quanto fais treis veis ai ele fala a que sabe dum caso, cê que sabe dum caso, to juntano minha mala i to saino ela fala não cê num pricisa sai não eu saio vo pa casa du meu pai ele conto pa mim o veinho, conto isso tudo pa mim as moça casamento vai se muito poco, casamento vai se muito poco mais vai se contrato, casamento vai se muito poco, o pai, o pai vai fala cum a fia, a mãe vai fala cum a fia, a fia fica queta escutano ai que qui a fia responde pa mão, oh mãe a senhora ta falano cumigo nem to escutano, eu to é saino, não fia num faiz isso, ah mãe eu to saino a senhora não manda im mim, isso eu vi cum meus zoio pa cunta pa tudo mundo a moça cum pai eu vi, sai a mae baxava a cabeça i ficava queta, ai u pai falava cê dexo fulana sai, uai eu falei cum ela ela respondeu pa mim i saiu qui é qui eu posso faze tenho qui larga ai u moço tamem tava arrumano pa sai o pai pergunta, preguntava pa ele escuta onde é qui cê vai, o pai eu to saino, to saino o senho num tem nada a vê, é bom o senho fica queto senão num vai da certo, põe o chapéu na cabeça e sai, falo pa mim desse jeito, as criança passo um tempo sem purduzi famiia ia passa um tempo, ia have um controle ali qui num ia parece famiia (...) ai despois ia aumentano, a mãe num tinha gosto di cuida daquele fio, quem ia cuida era otro, qui ia cuida era otro, punha nu mundo ia po mai quem ia cuida era otro, porque ela precisava luta pa ganha o pão pa mode judá o marido então aqueles fio ia cria pa mao dus otro i a mãe num podia iduca, porque si a mão possa iduca cadeia, falo pa mim cadeia a mãe num podia bate o pai num podia bate, cê vai vê fia Deus vai da bastante tempo pu cê vê, a mãe num podia bate nem o pai, porque cadeia se batesse cadeia, eles ia cria a lorde a cuma vontade deles a mãe i u pai num podia corrigi, ele falo tudo isso pa mim, falo tudo isso pa mim, falo tudo pa mim.

2- Porque a senhora abriu a porta pra ele, mesmo a senhora não conhecendo ele?

1- Eu abri ele bateu parma ai eu abria porta ele num quiria entra pa dentro não ai ele falo, escuta bem, escuta bem ele falo qui casado ia cuida assim e moça a mãe num podia corrigi u fio tamem u pai ia fala o fio mandava fica queto gritava mais alto qui o pai então ficava queto, então ficava meio sorto, mais oh fia eu to cum eles eu to junto ai diz qui a mãe tinha seis sete fio num tinha jeito di trata das criança marido traze as coisa dentro de casa como é qui vai faze as criança tão cum fome qui é qui eu posso faze muie num posso mata nem roba o que qui eu vo faze qui Deus de um jeito ai ela dava a vorta ali nus vizinho um dava uma coisinha otro dava otra fazia aquela cumida tratava seis sete fio oia bem, exprico tudo isso pa mim ai ai ele falo qui ia te tremor di terra, ia te escuridão terra ia te bastante mantimento poco só de saco i sacola i ele exprico tudo isso qui ia te um tempo assim falo fia mais di fome ninguém vai morre, ninguém vai morre a água vai míngua mais de sede i fome

ninguém vai fica, a água vai minga viu fia mais di fome i sede ninguém vai fica vai míngua vai míngua a senhora ta veno que a água mínguo mesmo, mínguo mesmo, seca braba poera, seca braba e poera mais ninguém vai morre de fome ninguém vai morre tudu vai vive falo pa mim isso tudo falo pa mim falo tanta coisa qui um dia é poco pa alembra u qui ele falo pa mim ai ele disse que ia te esse tempo tudu di iscuridão já passei, já vi iscuridão um dia eu tava lá na fazenda num sei aonde agora deu um tremor aqui em Londrina né a senhora ouviu fala teve um tremor em Londrina passo lá no postinho eu tava consurtano, passo lá no posto falano qui deu o tremor, passo lá no postinho qui eu tava consurtano a semana passada passo o tremor di Londrina qui eu ouvi fala qui tinha passado o tremor ai eu fui lá pa consurta ai passo o tremor o povo correno lá no postinho na televisão né ai tudu mundo (...) o tremor né assim assim né então ele falo qui ia passa isso tudo, ia passa isso tudo, ia passa isso tudo mas qui ninguém num ia (onde é que essa gata, essa gata sobe qui vai lá em cima) ai ele exprico tudo isso falo, falo, falo, falo, falo, falo, falo, disse qui a terra ia trinca di tanta sede ia trinca a terra a água ia enxuga mai ninguém ia morre di fome nem sede ai ele falo eu to junto to oiano sim falei pa ele sim, sim, ai ele falo, falo, falo, falo, muita coisa falo nossa, falo coisa qui.

2- Ele apareceu de novo para a senhora?

1- É ninguém deu nutícia no meio daquele colonião ninguém falo qui viu ele fiquei treis dia passada priguntano (...) viu o veinho di manhã ninguém deu nuticia muie num deu nuticia ai eu priguntei pa ele eu priguntei pa ele assim o senhor, o senhor anda de apé coitado anda de apé não o senhor anda embarcado ele falo não eu falei então como o senhor anda então ah fia como o cê tá priguntano muito, cê tá priguntano muito faiz dois mil ano qui eu to andano di apé faiz dois mil ano qui au to andano di apé mia fia, falei nossa coitadinho judiação como é que o senhor anda de apé assim, ele falo dois mil ano esse veinho que eu encontrei bobo cheguei lá qui eu so católica graças a Deus né fui lá no Mato Grosso na casa da minha fia cheguei lá i a minina passo a religião minha neta passo a religião né i o pai tava nervoso quase um ano sem prusia com a fia, a fia mai veia né ai cheguei na casa dela ai ela falo assim é bom cê i na casa du teu pai, ai ela falo num vo o pai tá com raiva di mim ai falo tá cum raiva di mim porque, porque eu passei di religião vó ai ele tomo ódio di mim mai num pode faze assim fia o que qui cê vai faze (...) cum essa cunhada uma cunhada que era crente ai induziu ela lá, i ela passo crente ai ela num quiria i ai ela foi cumigo, chego lá ai falei pra ele falei num pode faze isso, faze isso não falei pu meu genro, faze isso não a gente é católico mas num pode faze isso não nega a bença pa fia num pode faze isso não ai eu falei pa ele né, então daí a gente gosta di tudo certinho, ai ela chamo, ela chamo ele pa i na igreja eu so católica e tenho meus artar que a senhora tá veno lá né católica e bastante num tenho ido sempre na igreja porque fiquei duente perdi a corage di levante né sem corage agora quero vê si eu vo esses dia qui eu tive na igreja passei lá qui eu tava ino no mercado ai eu parei pa bate um papinho ca muie (...) ai ela falo o povo num vem memo vamo lá reza o terço ai eu falei i eu cum essas mala na mão, leva lá dentro fomo lá rezemo o terço meu genro tava esperano (...) tava trabaiano demorei o que será qui a cumade tava fazeno ai eu peguei mai eu tava rezano o terço, rezei o terço i vim embora ai qui eu tava contano ai eu priguntei, priguntei pa ele qui o pastor, vamo lá igreja cumigo vó a fia fiquei sem jeito i na igreja di católico a palavra di Deus é uma só Deus é um só num é dois Deus né a gente num é dois Deus né, ai eu peguei i fui cum ela, ai u marido dela tamem é católico num passo crente é católico (ela falou muito baixo não consegui entender) num sabia qui era eu né num sabia né ai foi cumigo até na casa da mãe dele chego lá ele embruio, embruio num quis i na igreja qui num era católica, ai fui cum ela cheguei lá fiquei sentadinha, sentadinha quetinha, quetinha lá num cantinho tudu mundo ali orano, fiquei ali quetinha, o pastor acabo de ora foi ali onde eu tava i prigunto daonde a senhora é (ela falou muito baixo não dá para entender), a senhora é muito devota né Deus tá junto do seu coração, muito devota eu to orano, to veno a senhora muito devota ai eu

vo e falei pa ele, quando eu comecei fala du veinho ele falo fia fica queta (novamente ela falou muito baixo) fica quetinha, fica quetinha ai eu num criditei fui cunfessa tinha sete padre esperano fui cunfessa, cunfessa falano pa ele falei du veinho pu padre, padre falo fia fica queta vo reza pu cê fica queta (risos).

2- Porque a senhora acha que eles falaram tanto o pastor como o padre falou assim para a senhora?

1- Purque eles falaro qui era pa mim reza bastante qui era Deus qui apareceu purque tudo aquilo ali fica queto, eu fico (...) quando eu fiquei ruim na Santa Casa ele foi do jeito qui ele veio aqui na minha casa ele pareceu lá na Santa Casa, pareceu lá na Santa Casa por Deus, ele falo pa mim assim fia mais aonde que cê veio para fia ele falo pa mim era lá uma hora da noite conversei assim cum ele, ele falo assim mais fia aonde cê veio para fia mais logo cê tá na tua casa, logo cê tá na tua casa, ai eu falei pa ele puis é eu fiquei passano mau mi troxero aqui tava morano lá no São Joaquim, mi troxero aqui mi largaro aqui eu parece qui num sei nem onde é minha casa tava fraquinha em cima da cama, só via aquele gramado verdinho assim, foi que ele falo assim eu sonhei tava deitada sonhei i levantei nu sonho, i levantei i vim na porta pa abri a porta, aporta abriu i eu sai pa fora no sonho, a porta abriu i eu sai pa fora no sonho ai a porta fecho no sonho né ai eu falei meu Deus agora eu sai, sai pa i nu banheiro a porta abriu i sai i agora como é qui eu faço oiei aquilo tava verdinho assim em roda da Santa Casa verdinho assim ai eu vi o veinho, o veinho chegano nu ranchino cum punhado di cavaco sabe aqueles cavaco qui antigamente serrava madeira cum punhado di cacaco assim nu braço assim i num ranchinho di sapé, ranchinho di chão assim i a porta di fiapa antigamente, ele chegano ali i eu ali im pé oiano ele, quiria chama ele i a porta fecho eu pa fora o sonho é certinho ai ele veio onde é que eu tava e falo pa mim fia aonde que cê veio para por Deus do céu (...) onde cê veio para, mi troxero aqui Santa Casa agora num sei o banheiro a porta abriu sai pa fora, eu num sei agora fecho falo pera lá fia, pera lá, ponho aquele cavaquinho dento di casa certinho aquele cavaco dento di casa em cima di um fugão di lenha di barro antigamente pois lá na taipinha i saiu pa fora lá pera ai passa fia mi cumpanha, cumpanhei, cumpanhei ele, cumpanhei ele quando fui chegano perto da porta assim a porta abriu, abriu i falo assim tá bom entra, eu entrei pa dentro i a porta fecho, a porta fecho o veinho, dali a um poco quando passo dali um poquinho veio uma irmã qui morreu nunca tinha vindo pa mim, morreu essa irmã era uma coitadinha uma santa,veio chego i falo assim Minha Nossa Senhora isso veio lá na cama minha irmã cê tá ai como cê veio para ai minha irmã falei cadê oce eu so a Gerarda, falei minha irmã do céu eu falai to aqui nem minha casa num sei onde tá, ela falo num tem nada não minha fia, num tem nada não cê vai sara cê vai logo pa casa, essa irmã i o veinho foi pa mim lá na Santa Casa, esse veinho foi na Santa Casa i falo muita coisa, muita coisa nem sei a metade qui ele falo.

2- Depois ele apareceu outras vezes aqui na casa da senhora?

1- Pareceu na casa, pareceu só uma veiz pareceu dento da minha casa qui eu vi em pé na casa assim eu vi dois anjo, dois anjo di pé assim no meio da casa oiano eu dois anjo oiano eu dois anjo eu, dois anjo parecia gente mais num era, era dois anjo em pezinho assim dentro da casa assim oiano eu, (novamente ela fala muito baixo) quetinho, quetinho assim pensano sentado ai eu vi parece qui bateu parma ai eu abri o zoio tava com o zoio fechado, abri o zoio esse eu conto o otro eu num posso conta não, treis cena u otro posso conta não ai eu oiei assim tava tudo em pé assim tudo vistidinho di terno de Deus vistinho parece qui era o Cosme e Damião a roupinha tudo igualzinha os dois pariadinho assim, um de azul claro i o otro di verde os parinho di ropa bem ajeitadinho tipo santinho memo aquele qui eu tenho lá tá os dois

santo ali tava os dois priadinho assim oiano eu cum a mão assim pensano cum os dois oiano di guarda.

2- Eles falaram alguma coisa para senhora?

1- Num falo nada fico oiano assim, oiano eu, oiano eu vivinha assim oiano eu os dois oiano em pé e quando eu vi dali a poquinho se verteu num vi nada por Deus Nosso Senhor Jesus Cristo.

2- O que a senhora pensou nisso?

1- Veio a image de dois santo né pa mim, é palavra de Deus dois santinho qui eu tenho ali pareceu na minha casa cum jeto di gente mais era os dois santinho vestuário du memo jeitinho de pezinho pa Deus nu céu ai despoi u otro num posso conta, tava na cama du minino meu veio saiu (novamente ela fala muito baixo) tava na cama tinha ganhado criança meie compro tudu u enchovar, é essa é essa minina ai, ai a muie arrumo i falo a senhora fica ai quetinha, ai meu veio falo assim eu rumei tudas coisa pu cê já cê fica quetinha cuidado pu cê num machuca a criança eu vo na casa du Seu João cunversa cum ele qui amanhã eu to cum criança num to com jeito de sai, ai ele saiu i eu vi essa mensage ai, mensage aqui que eu peguei a corrente (acho que é isso que ela diz, novamente muito baixo) onde é que eu peguei esse caminho as veiz eu imagino di para assim di benze criança mais mi dá tudu aquela dor por dentro assim, fico borrecida ai eu benzo criança parece que eu fico cheia de alegria pa mim parece que é uma cumida que eu cumi encheu, to nesse caminhode Deus, benze criança.

Pesquisa de Dissertação: A VOZ FEMININA AFRODESCENDENTE E A MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO: NARRATIVAS DE DONA CÂNDIDA, UMA BENZEDEIRA DO NORTE PARANAENSE

VÍDEO NÚMERO: 2 - D. Cândida – Formas de Benzimento-julho/2009

LOCAL DA ENTREVISTA: Cornélio Procópio

DATA: 15/7/2009

ENTREVISTA: Cândida Gomes

ENTREVISTADORA: Maria Aparecida de Barros

FILMAGEM: Tiago

TRANSCRITOR: Lucia Eli Bambini Silva

QUANTIDADE DE PÁGINAS TRANSCRITAS: 14

1-Tá na mão de Deus um caminho limpo na hora do binzimento da gente tem que pensa só em Deus i Nossa Mãezinha do céu naquela hora do binzimento.

2-Ai a senhora pode contar uma história de uma que é benzimento certo e uma que não é benzimento certo.

1- É benzimento certo né, porque uns a gente o qui tem que fala a gente fala né, uns trabaia as veiz contra né num pode faze trabaia contra né num pode.

2- O que é trabalhar contra?

1- As veiz a pessoa né, se as veiz a pessoa chega qui nem eu mesmo né, eu mesmo nas corrente de Deus e do Divino Espírito Santo pai eterno e mãe eterna né a Nossa Senhora da Boa Vontade eu mesmo as veiz um faiz uma cachorrada por lá e vem cá na casa da benzedera queo que ocê faiz quaque coisa pa judia ele carca ele judia dele num pode Deus num mando faze isso, Deus mando a gente sarva o otro i levanta o otro ajuda né.

2- Para a gente entender o que é essa história de carca conta uma história, que não é uma história de benzimento que é certo e essa outra que a senhora está falando de carca, conta pra nós para a gente entender?

1- O de carca é assim a pessoa travesso ele, ele cumo diz o ditado ele trabaia em duas linha num pode faze, duas linha num pode faze trabaia o mau pos otro trabaia o bem num pode não, num pode não Deus num mando faze mau pa ninguém não, Deus mando a gente levanta o otro dá a mão se ele tá caído dá a mão pa ele levanta igual eu faço né a pessoa coitadinha vem aqui só posso chega na minha casa fala pa oh D. Cândida eu quero qui a senhora faiz assim pa judia do otro então eu falo a senhora pode vorta pa traiz que isso Deus num mando faze mar pa ninguém não, eu so uma muie limpa até o dia que Deus vim cá busca, tudo qui eu peço pa Deus, Deus mi dá na minha mão é eu pedi ele dá.

2- Conta uma história de benzimento limpo.

1- (Ela não entendeu a pergunta)

2- Conta uma história de benzimento que é certo.

1- O benzimento que é certo muitos trabaia cum aquelas porcaria né qui eles fala né num gosto nem de alembra né muitos faiz travessura esse negócio de armada (...) credo em cruiz muitos trabaio porcaria pus otro né mata judia né ai eu dia limpo muitos ano né, muitos ano né, a senhora ve oh uma muie tá di nenê chega aqui tá passano mau num pode i nu medico vem aqui eu ensino um remédio eu benzo ela ensino um remedinho qui eu trabaio cum remédio casero venho tratano de muie, nenê e criancinha desde qui nasce, nasceu lá o médico dexo pobrema vem aqui eu mando

cura abaixo de Deus agora eu ando meio fraca meio apagada mais sarvei muito home carregado na minha casa muie carregada po braço trazia na minha casa hoje ta vivo ta são trabaiano, e se eu falca pa senhora que eu peço pa Deus, Deus derrama a benção, vai na sua porta derrama a benção se eu pedi pa ele, ele vai vai derrama.

2- Como é que é, como que a senhora faz esse pedido?

1- É que a gente faz o pedido pra Deus na, pa Deus e Nossa Senhora da Aparecida, Nossa Senhora da Guia né, pa guia o caminho da pessoa abri os passos abri o caminho, desenrosca esse ai é o bem qui a gente tem qui faze desenrosca a pessoa , as veiz a pessoa tá sofreno num tá sabeno o que tá sofreno, então a gente pede a Deus nosso pai salvador qui eli tá ali em cima qui a hora qui a gente pede cheio de temor dele o coração qui é do lado dele né a gente pede pa eli sarva aquela pessoa tira aquele sofrimento aquela dor qui a pessoa tá sofreno aquele aburrecimento aquela tristeza a gente pede pa eli cum fé, pede cum fé cum o rosário na mão a gente sente o temor no meio do coração (...) doente, doente a gente pede, qui tá inucente num sabe pidi e a gente tem aquela, aquela cumo citada aqueles mistérios dele qui a gente num consegue vê a gente pede cum aquela fé i chama o nome da pessoa e concede ali no artar nos pés do pai, da nossa mãezinha do céu i a pessoa senti meiora, eu mandei uma peça na casa de uma crente pum home dela mandei uma bença mandei uma bença na crente.

2- A senhora pode contar essa história para nós de como foi?

1- Como?

2- Pode contar essa história para nós?

1- Ai eu mandei a bença na casa dessa, dessa crente quando ela ia passano, ela ia passano ai a muie falo pa mim abençoa a casa dela, ela é minha sogra ai a muie é crente, é crente né, ai pa sinhora vê crente tá mecheno cum a palavra de Deus né, então Deus é um só né cada um tem seu caminho né, cada um tem seu caminho num pode imprica cum o caminho du otro né nois tem qui ajuda não trapaia né, aí ela ia passano pa casa da sogra, ai u distino quando eu peguei u binzimento ai ela tristinha assim, a muie grito, grito pa mim oh dona, oh dona eu parei era uma crente ai ela falo será qui dá pa sinhora insina um remédio po meu marido ai eu falei o que qui eli tem, eli caiu du cavalo, caiu du cavalo i machuco as costa foi nu medico i tá du memo jeito, du memo jeito ai eu falei a senhora faiz um remédio, falei a senhora tem fé, ela falo tenho sou crente mais cridito qui a palavra de Deus é uma só, eu cridito a senhora pode ensina o remédio qui eu faço, ai eu insinei o remedio pa ela, insinei o remédio pa ela (...) falei lá em casa eu mando um pidido ai po mistério na sua casa pa eli, ela recebeu, ela recebeu, ela recebeu o mistério ela recebeu.

2- Como que é esse remédio para quebradura, como que é o remédio para quebradura a senhora pode falar como que é a reza para quebradura como é que é feito?

1- Quebradura a gente vai rezano i pidino a ajuda das pessoa né, a ajuda das pessoas.

2- A senhora pode fazer uma aqui para a gente ver?

1- A palavra a gente tem que fala assim o que que é o gozo, ai a pessoa fala carne quebrada, ai a gente responde junta iscunjuntada dedo torto as carne arruinada junta iscunjuntada osso rendido as carne (..) com palavra di Deus tá curada, a gente fala pa pessoa doente ai a gente leva um patuazinho, cum um retaiio novo, retainho novo se for a aguia virge ainda é miio, retainho novo ai a gente reza pa pessoa po anjo da guarda (...) pa Nossa Senhora Cura e das Enfermidades pa levanta aquele enfermo aquela pessoa né reza premero, ai a gente fala pa pessoa, vo costura e cê responde, eu falo carne quebrada eu falo, e ocê responde nervo torto i eu respondo junta iscunjuntada e osso rendido com as palavra de Deus tá curado. Com treis dia a pessoa vem aqui quebrado cum treis dia vem aqui (...) num to sentino nada D. Cândida quase num to sentino dor ta sumino com a Graça de Deus aquele pai lá de cima.

2- E o remédio do que a senhora faz?

1- O remédio é arnica, picão, erva Santa Maria.

2- E a senhora reza quando vai preparar?

1- É prepara.

2- Então faz essa reza como se a senhora estivesse preparando?

1- Quando a gente, quando a gente tá ali benzeno já tem uma voz contano os remédio certinho qui é pa faze pu duente, certinho.

2- Que jeito que essa voz fala?

1- Ah?

2- Que jeito que essa voz fala?

1- A gente vem com aquele distino nus uvido da gente i é us remédio tudo ensinadinho assim na palavra de Deus ensinadinho os remédio certinho pega aquele, pega aquele, pega este faiz a muqueca poe ali uma picadica uma sombra di sal uma sombra di açúcar faiz aquela muqueca amasseta ele i põe naquele lugar da quebradura e põe uma faixa treis dia, basta cum a graça de Deus fui num medico levantei a criança treis criança, o medico aqui de Cornélio falo assim oh quem qui trato dessa criança, a criança tava morto i eu num pude levanta essa criança quem levanto foi uma santa muie qui era eu, uma santa muie, oia ela é uma santa memo eu num levantei essa minina desinganei até, leva lá qui ela acaba de levante leva lá, ela é uma santa.

2- Conta outra assim tem reza para quebradura, que outra reza tem mais?

1- Tem pa quebradura, tem pa dor de cabeça.

2- Conta essa para dor de cabeça.

1- Dor de cabeça.

2- É conta essa para dor de cabeça.

1- Então a dor de cabeça a gente vai rezano i pidino (...).

2- Faz essa para nós, é muito bonita?

1- Se é uma dor de cabeça né, dor de cabeça cansada, violenta, agitada e encabulada eu te mando pelas águas (...).

2- Fala de novo, desculpa.

1- Dor de cabeça cansada, violenta e agitada a visita essa dor de cabeça que veio de resto de sol, resto de lua, resto de água, resto do ventre do bafo da terra vai pro mar sargado, ocê despacha ela po mar sargado.

2- Vai por mar salgado.

1- É por mar sargado.

2- Para as águas salgadas.

1- Então eu exprico bem certinho cumo é qui é qui num é mintira toda a dor do corpo da pessoa a gente aprende o qui é qui é o remédio i cumo é qui é o binzimento num é um só não é muitos binzimento cada tipo de dor tem um binzimento, cada tipo de dor tem um binzimento então onde eu falo qui ais veiz muitos pode abusa da gente né abusa né, então cada encontro, cada encontro é um tipo da oração e um tipo de remédio né.

2- Qual o tipo de incômodo.

1- A dor de cabeça né, a dor de cabeça agitada qui as veiz sente mal né então a gente benze ai e agora.

2- Como que é D. Cândida? (não entendi o que vc disse)

1- Faz a muqueca di sabe aquele zoio de boi, tem um zoio de boi assim elis fala zoio de boi né.

2- Mais o que que é, é árvore?

1- É desse aqui (ela se levanta e vai procurar o zoio de boi), esse aqui oia.

2- Mostra de lado D. Cândida.

1- Remédio, oia é remédio ai é remédio.

2- É esse aqui, (mostra para câmara).

1- É remédio e faiz tempo qui eu sabia disso ai veio de fora.

2- Para que que é esse remédio ?

1- Isso aqui é pa dor de cabeça de ar cansado, dor de cabeça credita é pa, é pa.

2- Como é que é a reza desse aqui?

1- Rapa ela, rapa ela i i i i sorta o rubinho um tantinho de aio e o rubinho, um dentinho de aio e o rubinho (...) e soca o rubinho e tira um poquinho dessa muqueca qui tá aqui soca o rubinho um tantisquinho de aio e põe na frente (com a mão na testa).

2- E a reza como é que é? Conta a reza para nós. Conta a reza do ar.

1- Do ar né.

2- Que jeito que a senhora faz, faz de conta que tem uma criança aqui, que a senhora está benzendo.

1- É né, a do ar a gente benze né, eu benzo esse ar em nome de Nossa Mãe Santana, a Nossa Senhora da Cura das Enfermidade do Livramento que livra essa dor cansada violenta traída esse ar foi pegado pela água pela reza do suor pela reza da lua pela reza do barro e da terra seja curado em nome de Jesus e da Virgem Maria Nossa Senhora das Graças e da benção.

2- E que tipo mais de enfermidade a senhora benze?

1- Benzo de tudu tipo de enfermidade.

2- A perna conta da perna para nós.

1- A perna Pai Eterno, a cabeça Nossa Senhora da Cabeça, us ouvido Santo Expedito, a nuca São Luca, a boca São Boca, os peito São Benedito, as costa São Costa, os braço São Bonifácio, as mão São Romão, as cadera São Quera, as barriga Santa Margarida, as perna Pai Eterno, os pé Menino Jesus e Maria José.

2- Conta a reza de cada um desses para nós.

1- É.

2- Do ouvido como é que a senhora reza para o ouvido?

1- Para Santo Expedito.

2- Faz a reza do Santo Expedito.

1- Ai a gente chama eli i vai rezano oração i mandano eli faze a cura i tira a dor.

2- Mas como é que é? Como que a senhora faz?

1- Como é que faiz?

2- A senhora fez para nós agora o do ar, quando a senhora chama o Santo Expedito que jeito que a senhora conversa com ele?

1- A gente chama eli pede pa eli tira faze a cura.

2- Então faz aquele jeito que a senhora fez?

1- (Risos)

2- É muito bonito.

1- A veize é bom a gente reza i fala pa pessoa vê qui a gente num tá cum brincadera e tapeano os outro né.

2- Isso é verdade.

1- Então purque qui a pessoa pricura eu benzedo tem bastante por aqui dispoi qui cunheceu a gente purque qui agora num tá vino gente purque eu to meio adoentada né purque eu rezo arto pa pessoa vê querdita o qui eu to falano então falo assim eu num vo em certos curandera benzedera purque fica cuchichano a gente nem sabe se tá rezano ou não, então minha reza já é falada por nome de Jesus, Menino Jesus Maria Jose, falado pa pessoa querdita o qui eu to fazeno pa num abusa então a pessoa vem na minha casa purque eu rezo falado pa pessoa vê.

2- Então reza o do ouvido para a gente, que é muito bonito.

1- É.

2- Do São Benedito.

1- Não e do Santo Expedito.

2- Ah Santo Expedito.

1- Então tem a do São Luca, o São Luca qui vai rezano i pidino para eli tira aquela dor da nuca né, e da cabeça é a Nossa Senhora da Cabeça e do nariz é o São Paris. (risos)

2- Fala o do São Paris de que jeito a senhora faz, como se tivesse, a senhora vai me benze né, de que jeito a senhora fala essa reza?

1- A reza a gente vai chamano o nome da pessoa e entregano aquela dor.

2- Então vai.

1- É, é, é eu penso i eu gosto di exprica a pessoa, pa pessoa num abusa, porque tem muitas pessoa qui as veiz abusa é mintira ela tá cuchichano lá então a gente reza i exprica o nome dos santo qui a gente tá chamano né, porque qui nem a dor nas costa é o São Costa.

2- Então fala do São Costa?

1- A dor nus uvido é Santo Expedito, a dor da nuca o São Luca, a cabeça Nossa Senhora da Cabeça, a boca é São Boca, nariz São Paris, né os pé São Benedito, as costa São Costa né, os braço São Bonifácio, as mão São Romão, as perna Pai Eterno, as cadera São Quera, os pé Menino Jesus e Maria José.

2- As cadeiras como que é, da cadeiras?

1- São Quera.

2- São Quera.

1- É São Quera é das cadera.

2- Junqueira.

1- Não São Quera.

2- São Queira?

1- É São Quera é das cadera é.

2- Faz essa reza para mim?

1- Então a pessoa faiz ali a oração i vai rezano né as veiz a gente, a gente as veiz faiz essas mensage essas oração as veiz as pessoa pode abusa da gente, mas quem faiz as coisa na verdade cum nome di Nosso Pai Sarvado então exprica certinho, exprica certinho, então cada tipo di uma dor é um santo, cada tipo de uma dor é um santo cada pedaço du corpo, cada pedaço du corpo tem uma oração, cada pedaço du corpo.

2- Faz a oração da mão? A senhora pode fazer para nós a oração da mão?

1- Da mão São Romão.

2- Então como que faz?

1- Entrega pa ele a mão pu São Romão i vai rezano pa eli i pidino pa eli derrama a cura, cura i tira a dor né.

2- Como é que é a reza?

1- A reza vai pidino pa eli e rezano a oração pa eli e chamano o nome da pessoa né (suspiro).

2- A senhora está cansada né D.Cândida?

1- Então daí a gente sabe muita coisa né, as veiz eu quero, eu quero para dessa corrente mas meu coração pede que não, que é pa mim porseguir com a corrente né a gente qui eu sarvei quando peguei essa corrente pa mode eu trabaia com essa corrente eu sarvei uma criança qui tava morreno quando eu tava passano tamem i (entra Julinha), u é então eu sarvei essa criança tava, essa criança tava passano muito mal né i u povo tava tudu juntado porque a criança tava ruim gruvinho tudu inrolo, inrolo a criança tudu assim i contano qui Deus abençoe e tira, tira e carregue tava cum acesso muito brabo essa criança (...) inrolo o corpo tudinho no terrero ai o povo tava tudu ali correno pa acudi ai eu ia passano tamem ai essa minina aqui ela viu tudu caso na famia dessa gente ai se caso na famia dessa gente ai tava enrolado o minino no terrero rapazinho desse tamanho assim (mostra o tamanho com a mão) muie grito tudo gritano i eu num tinha binzido ainda não, num tinha pegado a corrente não Deus mando esse caminhado pa mim sarva esse moço esse anjo né ai eu ia ino ai as muie tava gritano ai a muie falo assim pa mim oh D. Cândida, oh muie, oh muie, oh muie, faiz o favor corre aqui pa sarva o minino pa mim eu falei eu vo sarva, isso foi antes da muie du crente vo sarva u minino di qui jeito eu num sei nada, falo sabe sim eu sei qui a senhora veio aqui i a senhora reza pa esse minino i eli vai levanta i dipressa qui eli vai morre, ai eu falei eu num sei reza não, num sei reza não fiquei em pé no caminho lá ai, não a senhora sabe sim eu sei que a senhora veio aqui levanta meu filho pelo amor de Deus ai eu cheguei lá né cumo hoje, cheguei lá

(...) tava lá i cheguei nunca tinha pegado a corrente peguei e tirei, tirei o rosário, tirei o rosário i passei naquela criança falei pa muie mi dá um copo cum água vo dá a benção cum água me dá um copo ai pa mim ai a muie foi e busco um copo de água ai eu sai cum u minino nu braço peguei treis raminho qui Jesus, Jesus passo dia di domingo visitano tudu us fio dele sábado i dumingo né eu vo reza uma oração pro cês, ai eu peguei us treis raminho i cheguei ali cum aquele copo d'água binzi aquela água ali cum aquele raminho chamei o nome da criança diz as muie qui eu binzi tudu mundu i eu num vi diz qui eu binzi tudu mundu ali eu num vi, binzi as criança fiz uma oração bunita i eu num vi rezei ali pa criança i rezei pur tudu mundu qui tava inroda ali a criancinha levanto i (...) saró até hoje, pai di famia muito importante, eli é casado cum a minha.

2- E a senhora pode falar para a gente dessa corrente?

1- Essa corrente, é a corrente que Deus deu pa gente usa né, usa i i i.

2- D. Cândida só fala, mas eu não sei se a senhora pode falar uma reza para nós porque é muito bonita essa reza que a senhora faz. A senhora pode falar mais uma para nós?

1- Tem a reza du (ela falou muito baixo não de para entender e ficou pensativa alguns segundos) tem a Santa Sofia né qui, cê que vê eu sarvei uma muie qui queimo o corpo intero e saró a Santa Sofia a gente chega e faiz a oração e pede “ a Santa sufria disso quem cridita nela essa queimadura (...) oh minha Santa Sofia quem cridita na Santa Sofia essa queimadura tem cura, falar treis veiz e reza depois um Pai Nosso e uma Ave Maria e entrega aquela enfermidade aquela queimadura pode ficar sossegado” i vai lá i pega uma foia de banana daquela bem verdinha i passa uma poco do óleo de cumida ou banha de galinha se tive naquela queimadura ou senão o sumo do tomate, pega o sumo do tomate e soca a folha do tomate e põe um poquinho do óleo di cumida ou a banha de galinha i passa na quemadura e enrola a foia da banana verde, bem verdinha e pode dexa, pode dexa.

2- Como é que é a reza mesmo?

1- A Santa Sofia?

2- É fala de novo.

1- “Minha Santa Sofia ela sempre disse quem cridita nela essa queimadura adiante num ia, oh minha Santa Sofia quem cridita nela, ela disse quem cridita nela essa queimadura pa frente num ia”, fala treis veiz ai reza um Pai Nosso e uma Ave Maria na intenção daquela queimadura, ai então faiz essa massagem ou da foia do tomate, a foia do tomate socada faiz o sumo e põe um pouquinho de óleo da cumida ou senão a banha da galinha e pega aquele sumo e passa ali naquela queimadura e vai lá e pega uma foia de banana daquela bem verdinha aquela molinha i enrola na queimadura.

2- Essa queimadura não doía? É assim que fala oh minha Santa Sofia.

1- Oh minha Santa Sofia ela sempre me disse quem cridita nela essa queimadura adiante num ia, oh minha Santa Sofia ela sempre me disse quem cridita nela essa queimadura adiante num ia, quer dize ai num ia zanga.

2- Num ia, num ia?

1- É num ia, ai então tem oração, ah essa oração.

2- Para queimadura?

1- É queimadura né.

2- Nossa.

1- Oração tem otra tamem (ela fala muito baixo não dá para entender, vários segundos pensando), cobrero né.

2- Cobreiro?

1- Cobreiro é (risos)

2- Como é a do cobreiro?

1- Pega um machado, uma faca e manda a pessoa fica em pé, ai a pessoa fica em pé ali i a senhora passa a faca no chão treis veiz i manda eli pisa ali, ai pega a faca i vai passano, “o que qui eu corto cobrero, isso memo eu corto, o que qui eu corto cobrero com os poder de Deus isso

memo eu corto” ai qui mais to até esqueceno i cobrero brabo, tá cortado (...), cobrero brabo tá cortado (...) quando tá terminano a oração o que qui eu corto cobrero, com os poder de Deus tá cortado, é treis veiz ai, ai então eu falo o benzedo que benze tudu certo eli acompanha a palavra de Deus certinho i sabe todo a oração pa todo tipo da doença du corpo da pessoa não é só oração, cada tipo de doença é um binzimento agora, agora se a pessoa tá sintino mal da cabeça, da cabeça num tá sentino nas costa, nas costa, num braço, na perna então a gente cada tipo di doença do corpo da pessoa qui Deus põe aqui (apontando sua cabeça) i cada tipo é uma oração, uma oração.

2- A senhora tem mais um tipo de oração, para a senhora falar para nós?

1- Uma oração (vários segundos falando baixinho, não dá para entender) quando a gente tá benzeno, então a gente tá benzeno lá então as oração vem tudo encariadinho na cabeça da gente tudo certinho, então a gente fora do arta a gente Deus põe na cabeça mais esquece argum, porque lá nu arta a gente tá benzeno então Deus já tá pondo tudu aqui certinho as oração.

2- D. Cândida a senhora pode, por exemplo, se amanhã a senhora puder, a senhora pode fazer essa oração no altar para a gente e chamando as orações e chamando oração.

1- Pode, posso faze fia.

2- Ah porque isso é muito bonito.

1- É posso.

2- Porque aí a senhora vai lembrando.

1- Vai lembrano.

2- Pode ser?

1- É qui nem eu benzo a pessoa, a pessoa num tem (...), meu binzimento meu num é brincadera exprico tudu certinho, as reza tudu certinho né i quando eu to lá no arta fazeno binzimento eu já vejo qui tem outra passano mar i vai chega (...) aqui vai chega um paciente ai oh daqui a pocos minuto chega na porta eu to benzeno lá outro tá pa vim i eli falo pa mim chega ai, chega ai então eu exprico bem qui num é brincadera a gente num tá levano ninguém em tapeação né fia, ocês tão escutano e gente num tá levano ninguém em tapeação tá fazeno tudu qui é certinho né então onde que a gente exprica pa pessoa qui a gente tá lidano certinho agora se eu fala é mentira né ocês tá veno.

2- Então amanhã a gente pode a senhora pode ficar no altar e fazendo essas rezas?

1- Faço a reza né?

2- Pode fazer amanhã e ai a senhora vai ouvindo as outras vai chegando na cabeça todas as rezas a da cabeça, a do braço tudo.

1- Da cabeça, do braço das cadera da barriga.

2- Pode ser D. Cândida a senhora faz tudo?

1- A barriga é Santa Margarida né. (risos)

2- Como é a senhora lembrou?

1- A Santa Margarida né, essa oração a gente reza, reza pa muie qui tá pa ganha nenê né, essa reza é pa muie qui tá pa ganha nenê pa senhora vê é brincadera ou não a Santa Margarida é da parte da muie di nenê né.

2- A senhora lembra a reza?

1- A muie tá ruim tá amarrada né a gente então reza i sara né.

2- Como é que é a reza?

1- A reza da Santa Margarida né ela é uma reza engraçada né (risos).

2- Conta para nós D. Cândida?

1- Eu tenho até vergonha de fala, (risos) é engraçado né.

2- Mas não tenha vergonha não, ele também saiu de uma mulher não é verdade.

1- É, é.

2- Então não tenha vergonha conta para nós.

1- Essa reza é engraçada a oração num tem importância fala.

2- Não pode falar.

1- Essa oração fala ela num tá prenha nem parida (risos) vai rezano e vai falano essa oração porque as vez o parto tá amarrado i tá amarrado o parto né a muie tá i a gente reza chama o anjo da guarda dela o santo nascimento e a Nossa Senhora das Enfermidade né e a Santa Margarida i vai rezano pa Nossa Senhora do Bom Parto né.

2- Reza para nós D. Cândida.

1- Continua rezando nessa hora a oração qui fala.

2- A senhora pode rezar essa oração para nós?

1- (risos) É engraçado as vez a muie tá lá ruim qui nem medico, tá aqui essa minina pode aponta qui as vez fala assim, fala assim é mintira num sabe é nada veio uma fia dela du Mato Grosso, veio uma fia dela du Mato Grosso a senhora vê o tamanho qui veio ela o senhor perdoa descurpa eu (ela fala essas palavras dirigindo-se para a pessoa que estava filmando sua entrevista) ai a muie ela veio cuma barriga qui parecia qui era treis a fia dela, essa aqui oh, ela é artona puxo o pai e aquele corpo medonho e o dottor falo qui lá qui ela tinha qui passa tinha qui i a ferro tinha qui (...) ferro pa nasce essas criança i o dottor falo qui era dois vai brinca cumigo, o dottor falo qui era dois, qui dois o que e criança criada, tem dois ti cutucano é dois ai ela veio cum aquele mundu di ropa porque desde qui ela fico, ela fico né i u medico falo qui era de dois a treis tava dimais o corpo né ai chego aqui a minina i veio cum a foia du medico di lá atestada porque lá ela mora nu campo u marido dela é boiadero, toma conta da internada di boi i ela mora em campo di gado na sede, ela mora numa sede ali, a fia dela mora numa sede (...) fazenda lá tanto eli é gerente cumu toma conta du campo di gado (...) ai a minina, a minina fico passano mal i já pa fica duente i foi lá i u medico falo ela tem qui se operada memo i cume qui faiz agora num tem ninguém qui mora nu campo di gado longe di tudu quanto é gente como é qui vai faze ai num tem, então vão interna ela pa fala pa mãe dela lá veio cuma foia desse tamanho de atestado pa ela aqui chego aqui a minina ispantemo di vê ela i quando foi dali passado dois dia ela fico ruim, fico ruim e foi pu médico, foi pu médico e aqueles dois dia qui ela teve aqui eu fiz a oração pa ela, fiz a oração pa ela qui é minha afiada i é minha neta i eu criei ela nenezinho di dois dia nascida a minina dela eu criei num é ela eu qui so a mãe dela ai, saiu da minha casa pa casa né ai ela pego i eu falei mia fia si Deus quise tem fé na Santa Margarida e a Santa Conceição tem misericórdia e a Santa Margarida qui vai ti ajuda Nossa Senhora do Bom Parto a Mãe Maria qui eu vo manda lá faze uma visita (...) Mãe Maria e a do Parto ai, ai ela foi coitada sintino mal, chego lá naquele dia qui ela foi num ganho a criança não ai quando foi lá pumas hora a muie tilefono aqui pa Luzia qui a minina tava ruim pa ganha o nenê eu falei eu disse ai Minha Nossa Senhora agora vai se operada cume qui eu vo faze eu falei não, não vai se operada eu tenho fé em Deus qui ela num vai se operada a Mãe Maria e Nossa Senhora do Bom Parto a Santa Margarida vai faze o parto dela pergunta pa essa (...) quando era pa mode ela ganha a criança (...) nu otro dia a criança grito lá na cama (...) fico tudu sem graça tá veno fia tá é fia dela fui qui criei ela desde dois dia qui nasceu a uma recaída o médico mando eu busca a criancinha porque ela tomo uma recaída tava cum a cabeça meio variada qui até tem um poco da expressão ai ela passo muito trabaio cum o marido duente né meu veio tamem duente a neta com diabete nois duas sofreu um pedaço cum essa minina, treis quarto, o quarto do meu veio, um quarto po marido dela e um quarto pa minha neta então ai vem um dia aqui, ocê acridita qui nem a médica a Santa qui eu mandei lá faze a visita pa ela a Mãe Maria a Nossa Senhora do Bom Parto e a Santa Margarida foi o parto qui fizeram e o médico fico com vergonha ai o médico pego e falo vai lá ela é uma santa (risos) a pessoa pega vai conta né ai a muie foi lá e falo pa eu benze a criança qui tava muito ruim né ai ela falo sete dia na Santa Casa a muie troxe a criança ruim aqui e a Luzia falo mãe, mãe a senhora larga muito pega essa criança e dá um chá pa essas criança ai e a criança morre a senhora vai se cumpli mãe larga mão disso mãe a senhora é feito (...) em vez di fica queta (...) igual São Pedro, fica queta cê num sabe di nada dexo cuida da criança aqui, mãe essa criança tá ruim dimais mãe o médico num deu jeito a criança saro cum us treis binzimento qui eu fiz, a criança saro i garro pidi cumida sem para num tinha nada qui inchia a criança tava fraquinho né disincho tudu né aquele inchume ai garro pidi cumida ai tudu qui a criança via pidia pa cume ai a muie veio aqui i

falo a dona eu vim hoje na sua casa o minino tá bom graças a Deus saró mas eu to cum medo tudu qui u minino vê u minino que dona eu to cum medo (...) pu minino, eu falei dona u minino tá curado, ela falo tá curado dona se a senhora vê u que qui eli ponho nus caminho pra fora a senhora num vai credita, num vai credita jogo muita bicha tanto faiz viva cumu morta tá desse jeito ai fraquinho que cume, ai eu falei agora a senhora tem qui a senhora tem qui lá no médico i fala pa eli qui a criança saró tá miio mais tá fraquinho i a senhora tá sem jeito de dá cumida pa eli porque tá cum nervoso o médico chego lá i falo qui eu falei qui era pa leva lá no médico pu médico dá a receita qui eu tava cum medo di receita cumida qui a criança tava curada mais eu tava cum medo num ia da não, ai o médico falo mais escuta uma muie qui curo u minino então leva, leva lá di vorta acaba di cura (risos) é minha fia tive boa assim agora eu to (ela falou muito baixo não deu para entender), perguntou se esperava ela fazer um cafezinho.

2- D. Cândida a gente está cansando a senhora, a gente pode vir amanhã aqui para ver as orações no altar, a senhora faz orações para nós, todas as orações do corpo, a senhora faz no altar para a gente ver?

1- Oração?

2- É.

1- Faço.

2- Então tá a gente, eu posso ver as plantas da senhora?

1- Ein?

2- Eu posso ver as plantas da senhora?

1- As planta?

2- É.

1- As planta, qual qui a senhora fala?

2- A que a senhora faz remédio, a senhora tem plantinha?

1- Num tenho mia fia u negócio deu para a criança é erva Santa Maria, picão, hortelã, levante para bicha di criança né porque tamem num pode sabe num pode dá di qualquer jeito, eu memo gosto di faze o chá i dá porque as veiz insina u remédio pa mãe i num faiz dereito vamo supor qualquer coisa qui num dá certo cai nas minhas costa então eu qui faço o remédio né mais cum u negócio deu tá parada qui to aduanteda num to podeno atende né eu to parada né então num to atendeno, eu tava cumeno muito poquinho (...) eu armoço i vai se armoço i janta eu como muito poquinho eu fico alimentada com a graça de Nosso Pai com essa lua qui é divina e fico cheia cum esse binzimento fico cheia (...) eu quero alimenta (...) então daí a gente cuida né a gente gosta di exprica porque as veiz ela num sabe é nada tá contano é mintira então eu já gosto di conta então eu gosto di conta direitinho o meu nome já foi no médico treis veiz no médico fala po médico qui o remédio qui tá dano leva lá qui eu num dei conta i (...) u minino já foi treis veiz meu nome lá i u otro quase qui mi prende, mais num mi prende porque Deus tá juntu cumigo, u minino tava ruim i eu mandei a muie leva nu médico eu num dei remédio pa criança só dei um golinho da água binzida qui eu tenho água orada no arta deu um golinho da água binzida num fiz chá ninhum tem tisitimunha da muie qui veio junto cuela u minino morreu mas é lardeza dela qui eu falei pa ela, falei pa ela num vo meche cum essa criança qui eu já vi qui u minino ia morre a tarde oia pa senhora vê cumu eu sabia.

2- Como a senhora sabia D. Cândida?

1- Porque Deus pois na minha cabeça, eu vi qui u minino ia morre se eu fosse faze um chá pa aquela criança i dá si morresse eu ia pa cadeia né tem qui sabe u qui faiz ai eu num fiz nada eu falei oh dona, o dona eu num vo faze remédio, ela pargunto pa mim mas a senhora tem curado os otro a senhora num dá um chá pu minino pa mim, eu falei dona eu num vo faze u remédio a senhora tem qui leva esse minino nu médico eli passa na mão du médico, ai dispois qui o médico passa a mão nele si pircisa di mim ai trais mais num posso dá chá ninhum pa essa criança, num posso dá chá pa essa criança (...) na fazenda mata a criança aí meu nome(...) ai ela pego chego em casa, chego em casa falei a senhora chama seu marido i leva essa criança logo si eli num tive chama um

vizinho i leva essa criança qui essa criança tá meio perrenguinho escuta ai essa criança tá malzinho, a muie chegou minino lá tão bunito mia fia du céu, chego im casa tem mãe eu to cunversano mia fia to cheia di conversa da palavra de Deus tem mãe mia fia qui é só a palavra di mãe chego im casa pois a criança na cama i foi pruzia cum as cumpanheira cum as vizinha pa lá largo u minino nu berço quando chego u minino já tava morto na entrada do sor, quando ela saiu di casa era umas treis hora eu falei a senhora leva eli logo nu médico chama seu marido si num tive chama (...) eli pricisa i nu médico num tá bonzinho num quis conta qui u minino pircisava dum médico né í si eu desse um remédio pu minino caia cumu eu qui matei u minino i já daí us vizinho falo nossa, nossa u minino da muie morreu a muie falo qui levo lá na casa da benzedera i a criança morreu a muie deu o remédio i mato u minino falei pode fala se quise prende eu agora vamo, eu memo prendo eu, si quise prende eu pode chama a policia prende eu sem deve prende eu i ela, prende eu i ela a muie qui falo qui eu matei u minino prende nois duas lá (risos) o administrado meteu a boca nas muie tãoopoco quiria i lá na casa da muie tenta a muie i ainda querendo processa minha camarada, processa minha camarada pode a senhora fica quetinha qui eu já mandei um home lá na frente pronto acabo. O otro pego otra vez quase qui eu caio do cavalo mais num caio, num caio Deus num dexa cai a muie tinha vontade de mata o marido eu temperei a garrafa de tratamento né tratano garrafada i curano memo i curano memo curei u home temperei a garrafa tava cum bastante raiz juntano em casa tava curano memo, tava curano memo ai u home foi lá conto o qui eli tava sintino eu peguei tudu certinho cassei us remédio, oh certinho pu senho aqui num mato um nenê num muie di parto num matei ninguém até agora, setenta ano trabaiano (...) ai a muie, ai a muie, qui qui a muie faiz a muie tava cum vontade di mata u marido num tava gostano du marido, ioa pa senhora vê eu sempre digo gente num faça assim furtura u home furtura u home furtura muie qui muitas coisas as vez a muie faiz quarque coisinha u home tem qui perdoa a muie feiz uma coisinha num é muito erro tem qui perdoa i u home tamem a muie tem que perdoa tem qui intende os dois pa vive (...) patrão i patroa pa junta oces, tem que perdoa faz u patrão (...) cum a muie tá cum reiva (...) tem qui perdoa né então as vez num faiz grande coisa, grande coisa i um fuxico sai di lá um fuxico da muie pu home, faiz fuxico du home pa muie i a muie põe na cabeça num pode não, num pode não a gente tem qui se vivo e são né a gente num pode escuta conversa mole né, to certa ou to errada, a vez um casal qui ta viveno tão bem viveno ai i otro acha ruim di ta viveno bem faiz um fuxico di um i di otro num é não minha famiia faiz tudo na linha as casada as neta qui tá casano tudu num tem um trapaio na vida a vó da conseio a vó (...) num vê um genro pa lá (...) num vejo ninguém tudu na linha porque eu ponho no caminho meus fio u quarque um do conseio pas moça pus rapaz, do memo conseio é verdade (risos) i eu num fiz um cafezinho pa nois bebe.

2- Nós cansamos a senhora mais é muito bonito a história da senhora.

1- Num tem importância não mia fia.

2- Atrapalhamos o almoço da senhora, a senhora nos desculpa.

1- Eu to cheia do espírito, parece qui eu to tudu cheia di alegria di counversa da mensage di Deus aqui qui eu faço.

2- Então amanhã a gente combina para a senhora fazer todas as orações do corpo no altar?

1- Faço.

2- Faz? Faz uma reza bonita igual à senhora fez hoje, até a da Santa Margarida a senhora faz também?

1- Faço.

2- Que horas a gente pode vir?

1- Pode vim quarque hora.

2- Pode vim nesse horário? A senhora tem benzimento amanhã?

1- Os binzimento eu mandei na casa pa muie, mandei porque eu mando binzimento na casa, mando as vez a senhora tem as vez que um binzimento porque agora eu to um poco se tratano meia fraca mais se a senhora que um binzimento dexa o nome tudu confiança se vê o

fotografia (acho que é fotografia não entendi direito) qui já recebi tamem no arta i u (...) tamem já recebi .

2- Depois nós vamos querer um benzimento também.

1- Graças a Deus tem tanta fotografia no arta qui só veno, tem tanta fotografia tem hora eu penso o que qui eu posso cum essas fotografia tem qui pega tudu punha dentro dum papelzinho i um dia quando eu para cum binzimento po lá perto di Nossa Senhora da Aparecida, porque foi um binzimento sagrado qui eu lhe dei i to lhi dano tudu deretinho, ai eu tava contano du home a muie tava cum vontade di mata u marido pruveito u imbalo deu tempera u remédio pu home, oces vai ri eu to conversano to cheia oces tem qui toma um cafezinho né, ai a muie tava cum vontade um home tão bão mia fia trabaiado qui só veno i a muie cum raiva du home i quando eu mandei u litro di remédio eu já teve pobrema cum aquele home já tinha curado eli tava são mais u bendito du home vai lá i conta pu otro meu pobrema i u otro vem cá cumigo, vem cá cumigo pa arruma remédio pa eli temperei u remédio tudu pa eli deretinho u remédio fui até no farmaceutico, contei tudu certinho pu farmaceutico o seu José Mario fui lá i contei tudu, puis esse, puis esse, puis esse, puis esse aqui, esse aqui, esse aqui, nu remédio tá certo ou tá errado eli falo não tá certinho o remédio tá certinho leva esse carmante aqui qui aquele rapaiz cum a muie dele ou deu remédio dimais ou ela pois alguma coisa no remédio seu José Mario falo da (...) ai nós somo conterrâneo eu i o senho José Mario, quando eu prciso di remédio di médico é di médico di farmácia esse aqui é de raiz esse aqui é de farmácia controlado ai u qui qui aconteceu a muie pego i deu a xicrinha o calizinho, u calizinho di remédio pu home (...) pa mata u home mia fia oi aqui qui eu passei na vida mais nunca dispidiro eu du binzimento nem nunca deu parti ninguém feiz nada pa mim num divia, a muie dexo u minino morre de lardeza qui eu falei pa chega lá i leva u minino logo treis hora leva nu médio chego lá pois a criancinha no berço i foi anda quando ela chego tava deitado só u nenezinho tava morto no berço.

2- Como que descobriram que ela tinha posto o veneno no remédio.

1- Cume qui descubriu, o farmaceutico malicio mais ou meno i eu falei pa eli, ela pois alguma coisa nu remédio, u remédio tava cumpreto o memo remédio temperei pa eli u memo remédio foi curado o home já tá cum dios meis qui num tá sentino mais nada, ai a muie punho u remédio ela conto, ah ela conto xingo eu ainda falo qui quiria mata aquela (...) devota do arta, quiria mata aquele excumungado i a muie ainda levanto eli (risos) oia pa vê eu tenho raiva da muie até hoje Deus qui mi perdoe até mi arripia u corpo dela faze isso quere mata u cuitadinho du home i xingo eu ainda falo pas otra lá as otra conta memo né eu quiria mata aquele excumungado i a muie sarvo eli (risos) i u minino foi lá em casa i eu passei eu fiquei bem fresquinha nem a barriga doeu uai eu fiquei bem queta (...) tempera remédio, num temperei mais num dexo só benzo eli tiro num dexo benze mais não as veiz eu d argum remédio pa criança alguma muie ai.

2- Depois desse dia a senhora não tempero mais remédio?

1- Num temperei mais, do argum chá pa criança pa muie qui tá cum alguma dor as veiz tá di nenê di novo sente quarque coisa vem aqui qui eu faço umas oraçõzinha i insino um remedinho então as veiz a gente tá fraco né tá fraco né (risos) ai, ai eu falei Minha Nossa Senhora ai meu veio chego du serviço, ai eu meu veio chego du serviço já contaro u fuxiquero contaro lá pu meu veio qui u home da muie quase morreu cum remédio qui eu dei (risos) meu veio chego (risos) eu vo pidi um santo favo cê num mi põe uma caneca nu fogo pa faze chá pa ninguém porque esse povo fico muito goniado, falo qui foi u remédio qui oce deu mato u home oia qui marmota (risos) ai passado uns dia memo passado uns dia ai a muie falo vo conta um causo pa senhora o que qui (...) u home fico ruim lá i falaro qui a senhora qui deu u remédio i quase qui mato u home, eu falei i si quiserem leva eu pode leva u minino pidi i num levo u home tamem iiii num tem nem ai pode pargunta pu otro, o memo pobrema du otro eu dei u remédio ta cum dois meis qui eli num sente mais nada i eli qui conto pu otro qui veio aqui tempera o remédio o administrado falo oia ceis vão lá na casa da muie aborrece a muie coitadinha da muie ainda a muie dá u remédio certinho sabe lá u

que qui muie, eu num vo perde meu camarada oia aqui pu ceis eu mando oceis tudu embora é (risos) u nome meu lá é mãe du povo u administrado falo é mãe du povo lá na fazenda.

2- Mãe do povo?

1- É mãe du povo eles num mi conhece de D. Cândida é mãe do povo ele falo u administrado, a patroa lá em casa é assim mãe do povo.

2- D. Cândida a senhora vai jantar a senhora desculpa a gente e amanhã às quatro horas pode ser?

1- Pode ser.

2- Ai a senhora vai rezar para nós no altar né?

1- Rezo, rezo sim.

2- Muito obrigada D. Cândida pelas orações bonitas da senhora e amanhã a gente volta para ouvir mais orações.

1- Então daí eu tava contano daí aconteceu isso mia fia do céu mais graças a Deus num a conteceu nada purque eu so muie certa ne'ai meu veio falo oce num vai mais faze remédio, falei o que qui é para u home quase morreu cum remédio seu, ce num vai mais faze remédio pa ninguém mais, ai quando eu fazia remédio eu fazia iscundido dele (risos) tadinho, mas ceis espera eu faze um cafezinho?

2- Não, não obrigada.

CD: 3 - Benzimento no Altar - julho/2009

LOCAL DA ENTREVISTA: Cornélio Procópio

DATA: 16/7/2009

ENTREVISTA: Cândida Gomes

ENTREVISTADORA: Maria Aparecida de Barros

FILMAGEM: Tiago

TRANSCRITOR: Lucia Eli Bambini Silva

QUANTIDADE DE PÁGINAS TRANSCRITAS: 11

1- To aqui entregano nos pé de meu Pai Eterno Salvador, minha Mãe eterna, mãezinha do céu todos os santos us pedido Pai Eterno e mãe eterna e Divino Espírito Santo ora por esses coitado qui (...) caminhada i (...) meu santos arcance a graça Santo Expedito (...) eu entrego elis na mão de Nosso Senhor Jesus Cristo i Virgem Maria pidi Nosso Pai Salvador qui sarva elis do mau da dor qui num dexa elis abatido nem nervoso nem irritado com fé em Deus Nosso Senhor Jesus Cristo eli será levantado e encostado aqui nesse santo arta sagrado i Santo dos pedidos avalie esses pedido o senhor entregue para Nossa Senhora das Graças e a Virgem Maria e pedido São Pedro, São João Batista, Santos Apóstolos, e São Arcanjo, São Mateus e São Bonifácio São Joaquim e Nossa Senhora das Graça e da Benção e da Cura, oh Pai Salvador oia pa essa hora eu to pidino sete ano na terra sete de louvor pidi Nossa Senhora das Graça i Nossa Mãezinha do Céu esse louvor mi levanta i mi cura qui eu seja curada em nome da Nossa Senhora da Boa Vontade (...) qui Deus mando esses coitado (...) fazendo essa santa visita pa mim fazendo essa santa caridade mi dando a força i a coragem Pai, oia pa mim Minha Mãe, Minino Jesus, Maria José, Senhor Bispo aquece todos nois qui ta aqui circulano na casa minha (...) qui livre dos maus perigo (...) dus siguimento nervoso a agitação qui Deus Nosso Senhor Jesus Cristo qui afaste os mau oio as inveja (...) as perturbação MINino de Jesus Maria José, Sagrado Minino da Tábua, Santa Luzia e Santa Clara, São Sebastião e São Lázaro, Anjo Gabriel (...) tenha misericórdia Deus oia pa esses coitado (...) fazeno essa caminhada e recebeno essa benção do Pai Salvador (...) cante esse louvor Nossa Senhora das Graças tenha misericórdia (...) livre elis nas casas delis Pai, pedino aos sete anjo do céu i sete da casa qui tenha misericórdia oia pa nois Pai, os sete anjo do céu os sete da terra qui cante esse hino nessa hora qui eu to pidino, nessa santa vontade fazei essa santa oração esse santo binzimento por elis Pai tenha misericórdia Pai abra us caminho delis abre as cruz us trevo i as encruziada Pai, vamos todos cumpri Pai nossas gaiada dus caminho Pai tenha misericórdia (...) afastando us nervoso, agitado e encabulado Pai, todos sussegado Pai, saúde, sorte, alegria, amor, carinho, a união a Rainha da Paz, tirano tudu quanto for mau du lado delis Pai, si elis tive extraviado Pai põe nus seus caminho certo Pai na mão do senhor Pai, Menino Jesus, Maria José, Nossa Senhora das Graças e Nossa Senhora das Bênçãos, meu Divino e meu Pai Salvador salva elis do mau e da dor em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo, em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo, em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo, em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo, salvai esses coitado meu Pai qui vem na minha casa fazeno esses santo pedido, (...) esses santo milagre qui elis seja levantado na mão du Pai Santo, Pai Eterno, Nossa Senhora da Eternidade, Sagrado Menino Jesus Sagrado (...), Nossa Mãe Maria Santíssima a Santa Imaculada a Santa Diana, Santa Filomena, São Judas Tadeu, São Joaquim, São Salvador, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora das Bênçãos a Santa Izabel, Santa Diana, (...) São Salvador, São Pedro, São João Batista, Santos Apóstolos, São Arcanjo, São Mateus, São (...) tenha misericórdia qui oia pa esses contato qui feiz essas

caminhada e recebi essas bença desses santo mistério de Nosso Senhor Jesus Cristo qui mi deu qui levantasse elis, dus mau das dores i dus sufrimento das tristeza das brabeza a Nossa Senhora da Ideia a Nossa Senhora do Pensamento oia pur elis, qui aonde elis passa us trevo seja aberto, não trancado e afaste us (...) atacado us agitado dexa elis em paz, boa fortuna boa sorte, boas alegria boa saúde entregano pa Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, (...) São Pedro e São João Batista, Santos Apóstolos, Santos Arcanjo, São Mateus, São Bonifácio, São Joaquim, Nossa Senhora das Graça, Santa Conceição, Santa Imaculada, Santa Margarida, (...) Santa Rita i (...) qui livre do mau e da dor num dexa (...) caído, nem tirado nem partido nem sofrido com fé em Deus em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo eli será levantado em nome de Jesus e Virgem Maria que oia por elis santo nome pega u nome delis e bota aqui nu seus pé Menino de Jesus e Maria José eu peço a Nossa Senhora das Graça eu to pedino a meu (...) e meus anjo qui faça uma visita na casa delis Mãe Maria, Padre Cícero do Juazeiro que tenha misericórdia oia pur elis (...) qui tenha misericórdia os mau qui tenha do lado delis será mutilado afastando us mau us atacado us nervoso us agitado a união a sorte a alegria o amor o carinho com a famiia a Santa Diana a Santa Filomena qui tenha misericórdia a Santa Margarida qui tenha misericórdia a Santa Izabel que tenha misericórdia qui oia por elis Menino Jesus e Maria José qui proteja a casa delis por dentro e por fora o que não presta vai (...) o bem e o mau Jesus tá lá, Jesus tá aqui Jesus tá com nois (...) com nois Jesus está, cada casa qui Deus Nosso Senhor Jesus Cristo abençoa essa caminhada qui Deus da fortuna, sorte e alegria a união com a famiia São José (...) e a famiia Deus abençoa, São Bonifácio qui tenha misericórdia Senhor Amado, Pai Eterno que oia por essa hora, Jesus de Nazaré, Santa Diana, Santa Filomena, Santa Margarida, Santa Conceição, Santa Imaculada, Santa (...) que tenha misericórdia de Deus oia pa esses coitado que pensa em caminhada eu peço a Jesus qui levanta elis e cura de todos os mau qui será cortado, com as corrente santa da Nossa Senhora do Rosário us mau qui tive vai pas água sargada u Espírito Santo qui leva (...) qui Deus qui proteja sete anjo do Céu (...) nessa hora entrego pa São José o Divino Espírito Santo, Pai Eterno, São Quera, São Bonifácio, São Joaquim e Nossa Senhora das Graça e da Benção que abençoe a casa de vocês na fortuna e na sorte, na alegria e no amor (...) na saúde que farta aqui nos sete anjo do céu meu doto dos anjo que proteja que proteja o Dr. Marco, o Dr. Henrique tenha misericórdia Senhor o Dr. (...) que faça uma visita a noite a Mãe Maria (...) oia por todos vocês, faça uma visita de porta em porta, vai retirano os mau a dor i dispejano i vai chegano o bem i saino o mau assim seja para sempre seja louvado inveja mau oiado, o vicio (...) que tenha misericórdia aqueles qui (...) Nosso Senhor Jesus Cristo abençoa essa terra qui nois tá abeço a u povo qui tá aqui na casinha dele i abre us caminho pa tudu, afasta us mau i as dores dexa tudu em paz, união, alegria, meus sete anjo do céu meus guia de luz que abençoa agora nossas casa qui abençoa a famiia dá o pão dá a cobertura, dá o santo agasaio, a saúde, a sorte e a alegria assim seja. Pai, Filho e Espírito Santo, Pai, Filho e Espírito Santo, Pai, Filho e Espírito Santo, Pai, Filho e Espírito Santo, Pai, Filho e Espírito Santo, Pai, Filho e Espírito Santo, Pai, Filho e Espírito Santo, Pai, Filho e Espírito Santo (a D. Cândida faz uma oração com a mão sobre sua cabeça, ela fala muito baixo e rápido e ainda tem um gato miando e alguém batendo, não consegui entender).

Eu entrego essa coitada para Nossa Senhora da Cabeça e entrego essa coitada para Santo Expedito, entrego pa São Lucas, entrego pa São Brás, entrego pa São Roque, entrego pa Santa Luzia, entrego pa Santa Clara que tenha misericórdia entrego as costa pa São Costa, as cadera pa São Quera, (...) sete anjo do céu, as cadera pu São Quera, as perna pu Pai Eterno, os pé pu Menino Jesusa barriga pa Santa Margarida, os braço pa São Bonifácio, as mão pa São Romão meu Pai, tenha misericórdia São Expedito, São Lucas, São Brás, São Roque, (...) Santa Margarida, Santa Diana, Santa Filomena, que cuida desses coitado qui veio aqui (...) dessa caminhada dentro do lar deles haverá fartura e a sorte do Divino Amor (...).

Ela se dirige ao cinegrafista e faz a seguinte oração: Que Deus Nosso Senhor Jesus Cristo tenha misericórdia de Deus que oia pur esse coitado nesta hora qui feiz essa caminhada

aqui nesse santo altar sagrado será valido i atindido entregue eli pa mão di Nossa Senhora das Graças Virgem Maria as santas das impuras qui num dexa ser apurado nem caído nem anquilado cum fé em Deus Nosso Senhor Jesus Cristo, Nossa Senhora da Fatura, Nossa Senhora do Alimento, Nossa Senhora da Caridade, que oia pur elis Nossa Senhora da Cobertura qui dá o pão i a caridade pa elis, oh meu Deus oia aqui nessa casa de Deus dá di cume quem berra, dá di bebe quem chora meu Pai tenha misericórdia oia pa esses anjo meu Pai, oia pa esses bichinho qui chora qui é du Senhor Pai, num dexa farta o alimento pa esses anjo Pai, aqui na terra Pai, oia pur elis Pai, tenha misericórdia Pai, qui Deus dá fatura pa esses coitado Pai, oia por todos nois qui tá aqui, nois somo fio do senhor Pai, nois somo tudu humano, nois somo irmão Pai, tenha misericórdia. “Pai Nosso que estais no céu santificado seja o vosso nome seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos daí hoje perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos não nos deixeis cair em tentação mais livrai-nos do mau amém. Ave Maria cheia de graça o Senhor é conosco bendita sois vós entre as mulheres bendito é o fruto do vosso ventre Jesus. Santa Maria mãe de Deus rogai por nós pecadores agora e na hora de nossa morte amém”. Pedi pus meu guia de luiz os sete anjo do céu os sete da terra que cante us hino de louvor na hora dus santo pedido du santo binzimento qui eu to fazeno pa esses coitado qui pedi nessa caminhada qui pensa em arcança a graça qui o Nosso Pai Sarvado pediu assim seja Pai o anjo di guarda desse coitado Santo Nascimento qui porteja eli Santo Expedito que tenha misericórdia e Deus, São Lucas, São Brás, São Roque tenha misericórdia oia pur elis Pai, São Boca qui tenha misericórdia e guarde a boca deles, São Paris qui guarde o nariz delis Pai tenha misericórdia , guarde as costa São Costa, guarde us peito São Benedito, guarde as cadera São Quera, São Bonifácio tenha misericórdia cuida dus braço delis, São Romão cuida das mão, Santa Margarida cuida da barriga Pai, Pai Eterno que cuida das perna Pai, Menino Jesus e Maria José que de força pa elis e corage, a união, a alegria, a paz meu Pai nois somo tudu fio du Senhor aqui em cima dessa terra fazeremo o bem o mau não Pai tenha misericórdia assim seja. “Pai Nosso que estais no céu... Ave Maria...” entregano hoje eli guarde esse coitado santo (...) qui purteja eli dia e noite aonde eli passa num seá enroscado retirano us toco, us (...) das encruziada, rastano as gaiada (...) assim seja pa sempre, seja louvado, São Cristovão, Nossa Senhora das Estrada, a Nossa Senhora de Luiz que crareia us trevos e as cruiz, as encruziada, afastando us nervoso, us agitado u incabulado assim seja para sempre seja louvado, meus anjo do céu tenha misericórdia (...).

(Ela faz uma oração, mas estão batendo muito forte não foi possível entender)

Que Deus abençoe a caminha de oceis que tenha aproveitado qui tenha bastante alegria, bastante gosto na vida, bastante saúde, bastante fatura qui meus guias de luiz vai purtege oceis lá meus dutores dos anjo, us qui tive sufreno u dotor dus anjo faiz a cura viu fia, já feiz a cura invisive, a cura invisive tá ai pa mostra a operação qui meu doto feiz na muie (...) em nome do Pai, Filho e Espírito Santo Amém.

Ela mostra num tem vergonha di mostra pa tudu mundo eu operei treis meus guia de luiz, (...) por Deus Nosso Senhor Jesus Cristo amém.

2- Quem são esses guias de luz?

1- Us guia de luiz, é us guia qui Deus mando pa mim (alguém martelando não deu para escutar).

2- Doutor Camargo?

1- É dotor Camargo.

2- Camargo dos Anjos?

1- É, é.

2- Como que ele é?

1- Mi insina u remédio, faz a cura mi insina u remédio quando tive dor eli explica tudu a dor e dá u remédio (o martelo continua, e ela está falando muito baixo) o remédio vem aqui na cabeça, o remédio vem aqui pa aquela dor vem o remédio.

2- D. Cândida a senhora que planta os remédios as raízes?

1- Eu planto fia num tenho, parei cum us binzimento parei aqui num é meu é du corretero moro du home ali né aquela terra di lá é da minha fia, mas eu tenho a casa desde minina di onze ano, tenho casa num prciso mora dentro da casa dus fio eu tenho aquele aburricimento eu tenho qui tá dento da minha dento da minha casa.

2- É lá na Minas Gerais?

1- É Minas Gerais so di lá.

2- A terra da senhora está lá em Minas Gerais?

1- A terra du pai tá lá, u pai tem terreno grande pur ai to esperano us fio entende pa pude recoie alguma coisa mia fia eu num posso (...) so uma situante e moro aqui, so uma situante toquei meus fio de quatro ano to amarrada, to amarrada porque meu pai caiu duente eu tinha um (...) di deiz fazenda, di deiz fazenda eu mudei pa di dois fazenda i elis num achava ieu sai da firma grande doze fazenda posso conta quantas fazenda eu morei.

2- Aqui no Paraná.

1- É aqui nu Paraná eu morei em doze fazenda oia pa senhora vê doze fazenda.

2- Em qual a senhora morou?

1- Eu morei na Cansoeira aqui no Hebe, Cansoera.

2- Consuelo.

1- Morei na fazenda da Arcina, na fazenda Arcina, morei na fazenda da D. Conceição, na fazenda da D. Conceição, morei lá na fazenda da Alvorada, da Alvorada é Alvorada, morei lá na São Mané, morei na Bela Vista, morei na Jangada, morei na (...) morei im tudu esses luga i intão ii Banquino a Santa Cruz morei tudu fazenda do Seu Luiz.

2- Onde que a senhora foi chamada mãe do povo?

1- Mãe du povo foi na fazenda du Seu Joaquim é fazenda du Seu Joaquim, morei aqui na fazenda du du du aqui du Mota, morei nas fazenda tudu dele pur aqui fora, essa muie foi lavadera di ropa essa muie lavava ropa essa muiei faxinera da sede criei meus fiinho cuitadinho dentro du balainho lavano ropa pa patroa pa ajuda u marido pa ajuda u marido nunca fui muie di te sussego di fica sentada na pose não senhora trabaiano até agora 84 ano passo agora pa 85 agora em feverero trabaiei pa essas fazenda tudu criei esses fiinho ninguém sabe cume qui eu criei esses fiinho trabaiano im roça im sede cumpanhano u marido eli trabaiaua eli foi fiscal foi feitor eli foi casero eli tomo conta di fazenda di gado cuido tudu isso eli cuido cuitadinho eli foi gato banco gato porque eli saiu du serviço já tava cansado foi gato du meu pai, meu pai tem fartura essa fia desde qui sofreu nu mundo tá aqui oh (...) eli num atende agora to esperano um camarada vê (ela fala várias palavras muito baixo não deu para entender) eli trabaiaua né mas daí trabaiaua quatro (...) dois saiu pa tistimunha qui trabaiaua cum eli Seu Dudu, Zé Polino, Cumpadre Julinho u u u u cume qui chama u otro u u u u esquici u nome du home Zé Polino, Seu Dudu u cumpadre Julinho esquici u nome du otro home meu Deus du céu cume qui chama u otro Zé Polino, Zé Polino trabaio eli mora aqui trabaio trabaio essa minina creceu num sei cume qui Deus qui ta dano essa força pa mim ninguém sabe u que qui essa muie sofreu nu mundu marido depois caiu duente caiu duente to aqui cum baita di um corte ninguém sabe, ninguém sabe qui eu fui cortada to vivo i to ino to disinganada quem sabe (...) corpo to aqui.

2- A senhora se machucou?

1- Operação desinganada di nove médico mi sarvaro buscano as água (acho que é isso que ela quis dizer), nove médico, passano a mão ninguém num tinha jeito (...) abaixo de Nosso Senhor Jesus Cristo nosso Pai Salvador qui eli memo falo quando eu tava mais meiozinha oia senhora sabe quem tá levantano a senhora aqui vó é us anjo eu so muito devota

us anjo us anjo tá gritano a senhora tá chamano us anjo tá chorano qui a senhora num pode levanta pa oia us anjo tá levantano a senhora i Deus é verdade trabaiei muito passei muito.

2- Quanto tempo faz que a senhora (não entendi o resto da sua pergunta) no Paraná?

1- Tá cum bastante ano.

2- Bastante tempo.

1- Bastante ano.

2- A senhora veio.

1- Eu vim tava cum eu vim pra cá (...) tava cum doze aninho agora eu vo para 85 agora dia 27 de fevereiro oia pu cê vê quantos ano faiz né vim pra cá cum doze ano minina memo minina carregada a senhora nem sabe quantos fio dus otro qui criei tá aqui posso esparrama as foto aqui pa oce vê num é mentira.

2- E a senhora plantava as ervas para fazer as garrafadas?

1- É tudu lugar eu plantava as erva aqui tem um terreno du home veio atrás di mim du patrão elis lá em Curitiba elis tem muita terra (...), (alguém martelando não deu para entender) primeiro qui chega lá já pega a casa então meu genro já feiz até um arta pa quando for purque u povo vai memo i u otro genro tamem feiz.

2- Em Curitiba eles moram?

1- No Mato Grosso feiz um arta i aqui em Curitiba u otro feiz tamem purque ele é muito devoto eli é rezado di terço nas igreja muito devoto eli, tem um minino aqui qui dá até dó da gente oia eli parece até qui eli (deixa a cruz e o terço e pega uma bolsa na gaveta, a procura da foto do menino) oia aqui vo mostra u minino te foto di binzimento nem tem condição que vê qui qui essa muie sofreu até espaia ai é minha mãe, tá ali oh (aponta o altar) eu só sei qui soufri muito (apontando uma foto) oia aqui u primeo minino qui eu levantei qui tava morto oia ai oh oia ai u tipo di muleque oia u tipo di muleque qui eu levantei tava morto desinganado dus médico vai na Santa Casa qui é na casa, tanto é qui o dotor pediu purque morava ali memo desde qui naceu esse passou tanto mau qui (alguém martelando não deu para entender) esse minino naceu tudu dismunhecado nu luga qui punhava eli caia aquele monte eu vivia chorano pa fia sigurano pa ela lava uma ropa lava trem né sigurano eli tudu dismunhecado si a gente pegasse eli assim caia tudu aqui oh u primero minino me apeguei minhas corrente pedi pus anjo do céu.

2- Que oração a senhora faz, a senhora poderia fazer para nós?

1- As oração da cura né.

2- Como é que é essa oração?

1- Nossa Senhora da Cura né, (mostrando num álbum de fotos) oia aqui u primero fio qui chego na minha casa jogado pu mundo soffreno a senhora me desculpe deu fala us habitante na cabeça.

2- Como?

1- Habitante na cabeça cabelo cumprido du muleque jogado pa estrada qui a mãe morreu ninguém cuidano (as marteladas continuam, não deu para escutar) ficava de casa em casa soffreno ai u pai i um aqui do Paraná robo eli di tanta judiação qui tava esse muleque a mãe morreu parente num tava lá era parente da gente mais a gente num tava aqui né ai troxe u muleque roubado di noite tá aqui e Deus Nosso Senhor Jesus Cristo tá ali escutano, ai u parente veio e troxe aqui na minha casa num tenho como cuida desse muleque purque eu tinha um sitinho, um sítio de 12 arqueire e meio quiu pai me deu eu tinha 4 ano.

2- Onde que é esse sítio?

1- Bandeirante (e o martelo continua) Santa Mena posso leva a senhora lá pa vê, ai u home levo pa eli num tenho como cuida desse muleque e assim a segunda muie u home tinha juntado cum otra ai a muie prucuro é parente seu eu num quero esse minino sarnento aqui não, sarna e pioio na cabeça, lá em Minas tinha muito isso antigamente, antigamente eee as mãe vivia cum as aguia nu pé das criança i catano pioio nas cabeça i sabe que dá antigamente

né, num tinha doto, veio desse jeito ninguém quis esse muleque deu um home na minha casa cum treze aninho, cum treze aninho deu um home um administrado pu esse mundo afora foi pa Minas esse minino tenho qui ponha nu jorna pa prucura esses minino, esse chama Vito u otro chama Cradio o otro chama Chico Francisco, o otro chama Lázaro tá tudu elis aqui oh, pa mim conta como eu sofri.

2- Como que reza que a senhora faz D. Cândida?

1- Eu peço pa Deus Nosso Senhor, oia aqui u minino (mostrando uma foto) qui é encostado na igreja cum u enchoval aguardano Jesus na Semana Santa esse é meu neto esse minino é tão devoto qui eli oh u jeito deli tá cum a paz vai guarda Jesus di noite vai durmi ai sexta-feira da Paixão chama Beto esse minino, esse minino oi avo dize dá até dó, esse minino num sai cuma palavra errada esse minino é quetinho só pensa em Deus i no arta, num briga cum pai num briga cum a mãe não responde pus irmão, us irmão tá brabo arterado eli tá quetinho escutano tá tudu carmo eli vai da cunseio num faiz isso tá errado faiz qui nem eu quetinho num perturbo ninguém, na casa ninguém importuna pai de famiia , diz qui agora arranjo uma namoradilha agora diz qui o pai e a mãe diz qui (...) dimais da conta meu Deus do Céu, já tá idade tá cum uns vinte ano ou mais, oia ai oh aqui eli tava rapazinho novinho aqui a minina qui eu levantei tava morta (mostrando uma foto) oia ela aqui tudu dismunhecada ai oh tudu dismunhecada, tava cuma sentença di Deus tão grande qui eu fiquei duente e acabei di tanto atende gente né dava 10 hora da noite meia noite batendo na porta tinha qui levanta pa atende gente gritano muie ou home Deus mi deu essa força esse Pai aqui (apontando para o sofá) me deu essa sentença agora eu to um poco meio fracassada estou esperano arriba, aqui (mostrando outra foto) aqui oia aqui é a muie deli, tudu qui elis casa quis casa eli esse aqui é o Mané essa aqui é a Cidinha sobrinha dela madrinha de aliança saiu de casa, oia ai saiu di casa casado muleque de treze ano formo home é administrado só qui (...) aqui na fazenda seis ano (...) aqui pa fora tudu esse ai, pa tudu qui eu passei nu mundu que vê o Pai Eterno qui eu trabaio pa eli (mostrando outra foto).

Olha aqui (mostrando outra foto) u minino qui abusaro di mim foi prciso junta 10 (...) i eu descubri aqui foi ela.

2- O que D.Cândina?

1- Dez doto não acho o incomodo da minina e au achei.

2- O incomodo.

1- É o incomodo.

2- E o que que era?

1- Diabete antes do 21 da braba (acho que foi isso que ela disse).

2- Diabete?

1- Eu falei pu pai da minina é minha neta minha fia trabaia, tudas minha fia é tudu trabaia e ai ela falô mãe ai eu falei fia, eu to achano essa minina meio abatida eu sei qui oce cuida cum a minina aqui (...) ta morta ta viva oce si cuida cum essa minina qui essa minina ta cum pobrema e um pobrema grave qui quando oces discuida oces vão leva ela morta, ah mão a senhora sabe remédio a senhora trata dus otro porque a senhora num dá um remédio isso é bicha, eu falei eu num vo dá remédio ninhum sem licença du médico, num é pa mim, ai quando foi um dia vo mostra qui situação qui tava a minina quando foi um dia a minina fico ruim qui ela tava trabaiano lá na Serra Grande, essa minina é mais do que um home essa minina, essa minina ai minha tem uma força na inchada qui ninguém pode com ela, esse é um minino jogado ai hoje é gente (mostrando outra foto) a mãe morreu nem sabe quem é o pai qual é qui é mãe pergunta na Santa Casa lá abandonado, a minha prima um dia criado um dia tinha vinte ano foi lá e pego u minino, mai du um trabaio pa cria e agora (...) foi embora, quando chego um bebe tive que cuida agora ta bonita.

Mostrando outra foto: essa é minha sobrinha fia do meu irmão. Mostrando outra foto: essa minina fico pequena essa minina sofreu a genmte tem que conta pa mostra u sofrimento

que ela teve aqui essa é sobrinha fia da minha irmã essa daqui quando teve na Santa Casa tava morta a mãe dela pareceu lá, pareceu lá (começou uma música não ouvi o que ela disse) as duas é irmã, esse aqui é meu neto fio du meu fio é um fiinho di Deus deu abençoado i qui Deus falo qui Deus ia dá um fiinho pa mim de novo por causa qui apareceu esse aqui cum treis ano qui eu pensei qui nunca mais ia vorta eu pensei assim, oia esse ai esse aqui é fio deli, fio du meu fio.

Mostrando outra foto: essa daqui é uma neta, tá bisneta. Essa daqui (mostrando outra foto) esse aqui é esposo dessa aqui caso, essa aqui é neta é primo, essa aqui entro na famia agora de poco tempo (ela vai mostrando várias fotos) esse aqui é o neto mais veio, esse aqui é meu fio di sofrimento qui a mãe fo iembora e dexo u dutivo e esse daqui oh sufri pa cria esse minino i u dutivo esse daqui é o caçula qui ela dexo pa mim cria sufri pa cria esse minino ai, esse aqui é fio dum fio dutivo qui eu criei oia aqui pu cê vê esse aqui é um bisneto fio du irmãozinho sobrinho desse aqui bisneto sobrinho é neto du meu fio Santo di Deus, qui Deus deu pa mim, oia aqui essa é a minina qui deu trabaio pa arriba (mostrando outra foto) deu um trabaio a disgramada viu fala uma tal di Juliana, a Juliana deu um trabaio até agora ela tá dano mais eu to pono ela no lugar de volta oia ela aqui, ela é bunita desse jeitinho, agora que vê, oia aqui, aqui é meu pai, oia ai aqui é o netinho deli aqui é nora é a muie du meu irmão cumpanheraço, oia aqui é meu pai oia, é meu pai morreu oia eli ai um baita dum homão artão oia ai u netinho nu braço deli ai oh morava cum ela aqui eu casei tadinho ai eli foi pa casa dessa aqui oh, tem um anjo (...) ajuda mais cumpanho u marido é união.

Procurou em várias fotos até que: esse aqui é meu neto oia é o marido da qui cum meu pai, esse aqui é o esposo da Juliana, engano ela depois fico com remorso (...) pai e mãe morreu di disgosto, fico ai jogado pa eu oia di novo, oia aqui essa aqui é outra sobrinha minha fia du meu irmão Luiz, esse aqui é o nenezinho dela o netinho, neto, oi aqui.

2- A senhora cuida deles também?

1- Cuidei oia pa senhora vê o que eu sufri nu mundu viu fia a gente vê escutano ali veno eu conta pa acredita, esse é o rapaz qui e contei pa ocê qui tava jogado u home robo e troxe fico cuns parente aqui foi pa minha casa eu cuidei formo home, i junto tudu que vê, cadê a foto oia u sofrimento us dois eu criei esse aqui esse aqui é primo desse u pai morreu na guerra u Augusto morreu envenenado na trinchera, morreu envenenado a mãe assusto cum marido morreu si enveneno, deu febre e morreu cum crianca i tudu.

2- Que guerra que era?

1- A guerra, a guerra né revorta revolução, naquele tempo revolução braba a guerra né eli tava na guerra né, u pai deli morreu envenenado i essa aqui, essa aqui é primo desse aqui esses dois fio eu criei tamem ai o que qui aconteceu u pai bibia muito lá na fazenda duuu ali duuu banquinho, bancão, viu fla bancão, então u pai deli bebeneo lá desceu num morro chamado morro brabo a bicicleta estoro o breque num sei u que qui é, caiu i sorto sangue pa boca i morreu, ai a mãe tava cum sarampo tomo a recaída e morreu tamem veio tudu pa dentro da minha casa eu qui criei, eu qui criei, us cinco pareceu treis ano sem cria fio cria fio dus otro ai pu cê vê qui qui eu passei fia du céu aqui meu fiinho aqui oh aqui meu fiinho aqui oh, aqui qui Deus falo qui eu podia espera qui ia aparece otro na minha casa pa eu mi conforma, num pricisava chora, aqui eli aqui oh (mostrando outra foto) eu criei eli piquininho oia aqui eli agora, um motorista prendeu u serviço, prendeu u serviço e é motorista du mundu muie dele ai chama Zilda, ele chego di viagem apio ela tava deitada durmino ela é trabaia dera ai u pai chego ela tava oiano (mostrando uma crianca na foto) oiano se a mãe levanto oiano a mãe de esquina, oia aqui otro fio criado aqui fia (mostrando mais uma foto), aqui otro fio criado mora em São Paulo, fio criado mora em São Paulo, agora tá em São Paulo, mais antes tava na fazenda di, di Bauru u otro mora na (...) eu qui criei esse daqui, esse daqui é o guarda dele esse aqui é o gerente toma conta das coisa oia, oia pa vê esse chama Francisco oi aqui eu criei nu mundu, oia a minina qui eu descubri u encontro (acho que foi isso que ela disse) dela

em Santa Catarina u pai e a mão num cridito mas Deus pois lá na mão do médico, u médico deu um remédio só prciso a Dra Neusa pa discubri ela tava com dez aninho a Dra Neuza que veio é que discubriu u encontro da minina (...).

Oia aqui meu fiinho tra veiz aqui, tadinho novo tá cum a perna branca ai u netinho deli u fiinho deli só tem um fio cumu Deus deu eli pa mim só deu um fio pa ele tamem ai u minininho a (...) a situação qui u marido morreu qui situação qui eu fiquei agora to (...) de novo aqui cume qui eu tava, tava andano tava distraída lá no Mato Grosso.

2- Mato Grosso.

1- É no Mato Grosso tava lavano ropa e a minha minina qui eu criei a minina é criada cum dois aninho qui nasceu da fia ali dottor mando eu busca porque mia fia mato u nenê no berçário cabeça fico assim (sinal com a mão em volta da cabeça) ela tomo recaída lá então elis tava vigiano ela qui ela pa mode oia ela pa mim traze u nenê, porque ela mato u nenezinho, ai fui lá busca a minina cum dois dia de nascida saiu di casa casada criei isso tudu fia valei, oia aqui a situação qui eu to saiu escuro porque eu to dentro da sede(acho que foi isso que ela disse), mia fia criada mora dentro da sede a fia delas mora dentro de uma sede então ela tem uma casa muito grande a área é fechada ela chego quetinha oia ela escundida aqui (mostrando na foto) eu tava correno pa pega u minino, u minino tava no chão i u gato vino i distrai fiquei cum medo di pula u minino sai correno cum punhado di coisa na mão lá oh, ela chego da sede ai oh, oia u qui eu sofri.

Mostrando outra foto: oia minha famiia ai oh minha fia mais veia, aqui, aqui oh mia fia mais veia, esse aqui é genro essa aqui é a fia dela esse é o marido dela essa é otra fia essa aqui passo a crença (acho que é isso) u pai fico um ano sem (...) a minina bandono a minina i eu fui lá e falei num pode gente faze isso, num pode faze isso num pode bandona a minina chorano (... ela falou muito baixo não entendi) ela passo então paciência cum Deus, ai paciência cum Deus ai, oia aqui é minha fia mais veia essa aqui crio meus fiinho pa mim trabaia pa trata dus otro ai essa minina aqui oh, essa minina aqui qui eu vo andano assim ela fala mamãe eu vo pega a senhora qui eu to cum medo da senhora cai minha mãe essa qui oh, essa aqui ela chama Aparecida di Lazaro (não sei se é isso) (...) puxo u pai dela meu marido é craro né, oia aqui qui minina bunita cabeluda esse aqui é o genro morreu tamem di acidente tá cum ano e poco qui morreu di acidente era gerente da firma da usina i então coitadinho morreu i dexo ela cum quatro fio nova tá cum ano e meio mais o menos dexo ela cum quatro fio oia bem chama Alisso (não entendi) ela chama Neide essa chama Fátima, o rapaiz di cima chama Binidito u Beto e ela Aparecida di Lázaro pa vê u que qui eu passei essa aqui é sogra da minha neta aqui a minininha da neta ela tava na mão da vó essa é sogra da Bete pa a senhora vê u que qui eu passei nu mundu fia sufri muito sufri dimais fia eu passei (...) eu sufri muito fia isso aqui tudu é gente qui eu curei tudu foi curado oia (mostrando várias fotos) aqui oia aqui oh a muie ai qui eu do conta ai Graças a Deus oia aqui u qui eu passei oh quando meu marido feiz 65 ano eu senti chama eli (...) recebe cara na rua eli, oia aqui dois pagamento eli recebeu, dois pagamento, oia aqui nu di dois pagamento, u primero pagamento recebeu nu di dois foi prciso busca eli na rua , porque eu passei um apuro cum meu marido mi fia, diz pa mim qui eli tá na rua na ânsia da morte fia eu num (...) mais us oio di chora, vo chora dizia Pai deito muie dexa eu deita qui eu num guento anda mia fia, meu veio vamo andano, vamo andano muie eu quero deita, deita nu meio da rua ai eu cheguei na farmácia du Tira bem devagarzinho falei assim Tira me acuda eu meu marido vai morre de lá foi pa Santa Casa pa baxo da terra, a senhora viu qui qui eu passei.

2- D.Cândida a senhora pode contar mais histórias de benzimento para nós, como a senhora contou ontem na fazenda onde a senhora morava, a chamada “mãe do povo”, o que mais que a senhora fez lá?

1- São Joaquim.

2- São Joaquim o que mais a senhora fez lá, que seu marido não queira mais deixar a senhora.

1- É porque (vou sentar aqui um pouco), (vou pegar um banquinho lá, ((voz de homem))) eu peguei levantei um home qui tava passano muito mal foi lá em casa ai qu peguei i levantei u home curei u home Graças a Deus fazia dois meis qui u coitado du home (...) oh D. Cândida sarei memo, to sã ai eu falei então ta bõo tomo u remédio deretinho, tudu deretinho ai eli saro i foi i conto pu home qui tava cu memo pobrema du otro a tempos sofreno ai eu peguei i u home quiria exprica pa eli beteno im casa tamem pa molde eu benze eli tempera u remédio ai eu peguei falei maise u senhor vai faze u remédio deretinho, faço sim deretinho ai coitado temperei u remédio pa eli ensinei certinho calinho pa eli toma u remédio pa toma um calinho de manhã cedo im jijum u senhor toma um calinho i quando for a tarde otro calinho na parte di durmi, a muie u primero calinho qui u coitado du home tomo a muie tempero aquele calinho di remédio pu home (...) tempero né, tempero i deu uma tremedera nu home i uma cansera u muleque foi correno lá falo vó, elis tudu trata eu di vó lá na fazenda, na fazenda du patrão lá eu so vó, u patrão falo chama ela di vó é mãe du povo num pricisa (...) é mãe du ceis ai né ai eli pego i aquele calinho aqueli primero pa dá pa eli ela pego i pois tempero, porque u farrmacetico Sr. José Amaro tá lá falo assim o vó a senhora vai lá em casa qui u pai ta quase morto ai eu falei mai u qui qui aconteceu cum seu pai a mãe deu u remédio pu pai (...) u pai bebeu u remédio ta cuma cansera tremedera i ta sacudino i u pai vai morre foi u remédio qui a senhora deu falei Minha Nossa Senhora qui agora deu, agora deu ai eu falei mais u que qui a sua mãe arrumo cum esse remédio deu dimais ou u que qui foi u remédio num tem pobrema ai não trabaio cum licença di médico farmcetico ali Sr. José Amaro ai eli falei num sei ai eu mandei fala pu Sr. José Amaro lá eu morava lá, morava lá mandei fala pa eli Sr. José Amaro falo mandei conta tudu certinho cume qui foi u remédio cume qui num foi , cume qui num foi i a muie deu u calinho di remédio pu home i u home já daí a pouco fico ruim ai, ai eli memo falo vou dize qui ou ela pois ou ela deu dimais ou ela pois uma porcaria nu meio nesse remédio a senhora punho u tempero certinho a droga num tinha qui acontece isso falei u home saro num sintiu nada um home forte um homão ainda né ai quando passo, ai o Sr. José Amaro mando uma dosinha di remédio lá eli mando u remédio u carmante deu pa eli i u home levanto, falo manda qui jogue qui jogue u remédio fora ou ela cuntinua dano u remédio porque ela feiz alguma coisa cum remédio (...) ai u coitado du home saro ai passo uns dia eu num falei nada mi deu vontade di briga cum eli mais eu num so de briga ai, eu so do povo, so a mãe du povo aqui na minha casa a pessoa bebe a pessoa come se tive um jeito di durmi dorme porque agora a casa minha é apertadinha morei só em casa grande, patrão mandava só mora em casa grande né mais agora (...) a casinha du home aqui me cobra sessenta real eu to pidino pa Deus qui conforme eli te meu ranchinho qui eu tava bem na casa dus fio mais eu quiria te a minha ai Deus mostro essa casa pa mim mostro essa casa pa mim ai eu vim ai como eu tava dizeno ai eli afirmo u home ai qundo passo uns dia u home falo pa mim oh D.Cândida u remédio qui a senhora deu, deu pu home quase qui u home ando, a otra falo so tistimunha vai a D.Cândida, se leva a D.Cândida tem que leva eu e a muie deli porque ela qui mato u marido num é a D.Cândida eu tava lá eu vi ela arruma ela num deu remédio ninhum pa criança pu home ela num remédio nada errado foi bem avisado du remédio ela feiz alguma coisa porque ela tá brigada cum eli faiz tempo dona, faiz tempo qui ela tá brigada (...) pa esse home um trabaiado coitadinho, eli é até cumpadre da minha fia i ai eli arribo o Sr. José Amaro falo pricisa da uma uma pressão pa ela ela qui mato eli, ai passo uma diarada ai num passa uma pessoa sempre nu mundu tem um fuxiquero num dexa a pessoa vive sabe sempre tem um ignorante, um ignorante sabe casado bem casado lá eu viavia tão bem otro vivia mau cum meu marido, porque eu num vivia bem ignorância ai passo uns dia a muie pego i falo pa muie lá eu quiria mata aquele sujeito, perdoa meu Pai eu to perto du arta, perdoa eu Pai Salvador mi perdoa, mi dá u perdão meu Pai do Céu eu podia te matado aquele excumungado,

aquela muie é uma excomungada, excomungada quiri aqui eli morresse, ela sarvo meu marido ainda mais eu quiri aqui eli morresse contaram pa mim sabe u que qui eu passei eu vi aquela muie mi da uma vontade di chega i briga cum ela mais Deus num mando eu briga cum ninguém agrada u povo i não briga num brigo cum ninguém as pessoa xinga eu num faço nada fico bem queta escutano, as veiz agrava eu num prciso se agravada to bem queta escutano.

2- Como que é o benzimento de mão?

1- U binizmento hein.

2- Das mãos?

1- Das mão é São Romão né .

2- São Romão a senhora sabe os versinhos?

1- Vai rezano i chamano eli.

2- A senhora pode rezar para nós?

1- Nossa Senhora da Cura, Nossa Senhora da Piedade e da Caridade pa cura e do livramento e do livramento e desterro vai desterrano aquela dor, cansada violenta e traída mandada e agitada de mau gosto porque a senhora tem uma mãozinha bonita pa trabaia i u otro tamem vê a senhora trabaiano né então eli, eli acha qui eli podia te aquela competência qui a senhora tem naquele trabaio né então que dize qui aquele é o zoio que invejo du seu trabaio que a senhora trabaia eli num trabaia a senhora tamem né é isso ai, então é isso ai, então o tar du zoio gordo é inveja (...) né.

2- Como é que reza para zolho gordo?

1- Zoio gordo né.

2- É zolho gordo.

1- Zoio gordo a gente tem qui reza “meu Deus tenha confiança im mim qui to pidino essa palavra livra esse pessoa du mau oio da inveja du mau oiado incantado oio gordo i jurado inveja mau oiado ce sai i vai dipersano pelas água sargada (..) te leva e queima nu nome de Jesus e a Virge Maria qui é a nossa mãezinha du céu”, a gente reza né então a gente reza a oração i pu nome daquele santo i vai pidino pa portege da cabeça us pé pedaço por pedaço porque as veiz a senhora passa assim , a senhora passa num oia pas suas coisa oi aqui muie bunita então quer dize já ta cum zoio então é o tal do agoro a senhora chega em casa tem uma dor de cabeça da uma dor na perna uma dor no braço então isso é o tar do zoio gordo é inveja (...) né e otra tamem as veiz a senhora que faze um mau pa pessoa qui sai um mau feitor um carrasquero um malino né a senhora passa eli vai lá e faiz uma cruiz onde que a senhora piso a vida da senhora vai ino a senhora num sabe onde a senhora tem que anda quem enxerga, enxerga pa tira as veiz a pessoa ta soffreno e num sabe eli passo ali a pessoa invejo deli ou ta cum reiva risca u risco deli ali a pessoa as veiz ta soffreno cumna dor na perna uma dor no braço uma dor nas costa ta justo mia fia ta limpo, pode prigunta a ela ta casadinha de novo foi num jogo muito bonitinha casada di novo meu genro até já morreu muito ajeitadinho era um bom home chego lá foi sã vorto carregada encanto o zoio na minina lá nu campo di bola u marido qui era jogado a minina veio em gritos pa casa cuma dor nas costas qui num podia anda puxada pa mão deli ta ai ela pode pargunta pa ela mão do céu eu num guento fala to cum dor nas costa ta ofendeno tudu por dentro eu falei meu Deus do Céu ce sai sã daqui fia, mãe do céu u povo tudu oiano im mim cubiçano eu casada me achano bunita mãe acho qui foi isso mãe num sei u qui qui foi , quando foi zoio gordo mau oiado brabo ai eu passei a corrente nela binzi ela daí a poquinho oh nada foi nu médico afogada cum osso di galinha tá ela ali oh, foi nu médico afogada cum osso di galinha aquele pai eu bati a mão levantei pa cima i pidi pa eli desafogasse São Brás aquele estrepe qui tava na garganta dela São Brás, São Roque e São Boca, São Costa sarve esse fia sete anjo do céu e da terra meu dottor meste amado sarve essa coitada dessa minina, foi nu médico desintalo aquele espinha da goela qui veio du emprego foi ingasgada nu emprego, nu emprego né veio cum esse osso na goela chorano até inchano a

garganta dela foi bebe um mingau du duente que ela tomava conta, tomava conta du paciente e ela bebeu esse mingau lá e num sabe cume qui ela afogo cum esse osso na gargante né num tinha osso nu prato coitadinha (...) foi nu médico u doto num tiro o osso da goela dela cheguei rezei nas costa dela chamei u São Costa, São Salvador e Santo Expedito.

2- Como é que é a reza?

1- Chamei São Costa, São Salvador e Santo Expedito e Nossa Senhora da Desempenha que desempenhasse aquele osso, osso qui tava na garganta dela minina pode fica quetinha qui vai sara deito na cama o mãe num tem nada cabo tudo num tem dor num tem nada num sei pa onde que foi pirgunta ela ali oh, pirgunta ela ali oh, cada pobrema da pessoa eu tenho um santo e tenho São Sebastião tamem.

2- E de pé, qual é o caso de pé que a senhora tem?

1- Pé.

2- É.

1- Pobrema de pé.

2- Têm as mãos, os pés né.

1- A cabeça é da Nossa Senhora da Cabeça us uvido é do Santo Expedito a nuca é do São Luca né a vista é da Santa Luzia, Santa Clara i a boca São Boca, u nariz São Paris né, São Paris né, as garganta São Brás us peito São Benedito as costa São Costa, us braço São Bonifácio, as mão São Romão, as cadera São Quera, as perna do Pai Eterno, us pé du Minino Jesus Maria José.

2- Conta um caso de benzimento de cada um desses para nós.

1- Aiiii.

2- De olhos.

1- Aiii a gente tem que reza pa cada santo desse chama o nome da pessoa e entrega paquele santo que pois aqui (apontado sua cabeça) entrega pa eli i reza chamano u nome da pessoa e entrega pedaço por pedaço du corpo daquela pessoa pa eli faze a cura onde tá aquela dor aquele mau.

2- E um benzimento do São Boca como é que é?

1- São Boca?

2- Hã, hã.

1- São Boca, São Boca vai rezano pidino pu São Boca u qui tá, u qui tá pa frente vai vortano pa trais São Boca, limpa a boca desse coitado qui eli tá sofreno tá engasgado apavorado São Brás São Boca limpa desafoga eli assim cumu um cachorro foi afogado e engasgado i foi desengasgado desentale eli tamem seja desafogado u nome do cachorro abençoado chama u nome du cachorro pa desafoga a garganta qui ta sintino aquele mau São Brás, São Boca.

2- A senhora lembra-se de um benzimento que a senhora fez?

1- Ai a gente faiz u binzimento i vai rezano paquele santo dus pidido pa pessoa agora a perna i as costa a gente reza pu São Costa pidino pa elis rezano chamano a pessoa us peito Sã Benedito reza pa eli us braço pa São Bonifácio, as mão pa São Romão, as cadera pu São Quera, a barriga pa Santa Margarida i vai pidino pa ela iiii.

VÍDEO NÚMERO: 4 -julho/2009

LOCAL DA ENTREVISTA: Cornélio Procópio

DATA: 16/7/2009

ENTREVISTA: Cândida Gomes

ENTREVISTADORA: Maria Aparecida de Barros

FILMAGEM: Tiago

TRANSCRITOR: Lucia Eli Bambini Silva

QUANTIDADE DE PÁGINAS TRANSCRITAS: 6

Vídeo 4 – Histórias de Benzimento

1-Vai aliviano, vai aliviano só qui nem eu falei si a muie as vez tá lá uma criança afoga, a criança afoga chama o nome treis vez entrega eli pu São Brás e São Lucas e dá treis soprão nas costa i treis soprão nas duas mão i sopra na barriga i dexa queto a criança desafoga.

2- E como que a senhora vai rezando?

1- Vai rezano u nome du santo, u nome du santo.

2- A senhora pode.

1- Vai rezano i chamano u nome da pessoa e rezano i entregano.

2- Como que é a reza?

1- A reza é pa cada tipo du incomodo é a reza, então vai rezano pagano, pagano ai rezano se tem uma dor no nariz então né a gente reza qui nem eu memo eu tava cum nariz um tempo desse tudu inchado tudu perebado né então a gente se apega a São Paris i vai rezano a oração deli i pidino pa eli sarva aquela dor i tira i queima né uma febre pa São Lourenço a pessoa ta cuma febre muito agitada qui num que abaxa aquela febre a senhora pega i pede pa São Lourenço.

2- E como é que pede?

1- São Lourenço pedi pa eli faze aquela cura derrama aquele santo remédio i qui levanta aquela pessoa e refresca aquela febre pedi pa Nossa Senhora do Carmo e a Nossa Senhora do livramento e da Cura, da Bondade e da Caridade cada tipo de doença da pessoa eu sei cada tipi da doença da pessoa Deus põe aqui (mostrando a cabeça) certinho num é só um binzimento pa tudu povo não cada dor da pessoa é um tipo eu já binzia antigamente agora eu to meio afastada tinha dia qui tinha dois treis carro parado na porta pa traze a criança na minha casa pa benze passava a corrente pa lá pa cá, pa lá pa cá, pa lá pa cá cada tipo de uma doença é uma oração.

2- E a senhora pode contar para nós esses benzimentos de pé de barriga a senhora pode contar?

1- A dor da barriga, ah us remédio?

2- É. Como que a senhora faz o remédio como que a senhora reza.

1- É a oração da barriga é a Santa Margarida, é da Santa Margarida e Nossa Senhora do Carmo que mostra um remédio naquele momento paquela dor de barriga então eu sei tudu quanto é tipo di remédio da oração mais a gente eu fiquei um tempo meio abatida qui eu fiquei duente então eu fiquei meio batidona né então a gente sabe tudu isso ai por causa qui a gente foi sufrida, que nem a gente conta qui foi sufrida nossa mãe do céu fui sufrida a gente passo muito muito eu passei muito trabaio era pa pega essa corrente qui u pai e a minha mãe tá aqui oia i num é eu qui fiz essa arta quem feiz esse arta aqui nem eu eu num fiz arta essas

image tudu qui tá aqui presente da cura, qui eu fiz a cura i cada veio trazeno um objeto pu meu arta ai quem me deu esse image aqui vivia nu maior sofrimento du mundu.

2- Qual que era o incomodo?

1- Marido da Luzia ali oh num (...) pa pega esse rapaz eli conta pa senhora eli bibia muito coitadinho jogado sufria, sufria pai insino pa eli u pai bibia né ceis cunhece (...) u pai insino pa eli sai du serviço i bibia coitadinho num pode fala qui eu já tirei (...) tem que larga esse santo aqui tira memo.

2- Qual que é o santo que tira?

1- Esse santo tira memo tudu qui eu pidi ta aqui (com a imagem de um santo na mão).

2- Pra bebedeira?

1- Bebedera.

2- Qual que é esse santo?

1- Santo Honório.

2- Santo Honório.

1- Santo Honório.

2- Como é que reza para o Santo Honório?

1- Acendo uma vela pa eli aqui i vai rezano pa eli uns treis dia i queima a vela pa eli passa mais uns seis dia vai queimano a vela pa eli e vai fazeno a oração pu bêbedo tira memo u rapaz bibia, bibia tava bebendo demais largo a muie até a minina (...) já tá cortado cunhece o Zé Polino num bibia aquele rapaiz, num bibia di jeito nenhum era um santo rapaiz camarada era meu eu qui criei, eu qui criei ainda tinha aquele eu qui eu isquici eu qui criei o Zé Polino eu qui criei eli tem eu cumu segunda mãe eli tem eu cumu segunda mãe porque eu qui criei a mãe deli a D. Mariana coitada Deus nu céu guarde ela, ela vivia u marido u pai deli bibia de tanto qui eli bebeu onde é qui eli foi morreu na água foi numa festa do mutirão du (...) qui havia antigamente, mutirão ai eli foi lá na festa di noite tinha fandango, catira eli foi lá na festa cuns cumpanheiro chego lá bebendo quentão, bebendo quentão, bebendo quentão coitado (...) u pai deli o Zé Polino ai quando veio bebendo tanto quentão e danço catira quando veio pa casa tava tudu tomado né chutado pássaro eli qui veio pa trás caiu dentro d'água morreu elis chegaro em casa lavo o pé deito durmiu nem sabe se o Zé Polino chego junto ou num chego nu otro dia cadê o Zé Polino as muie foro pergunta deli lá i cadê o Zé num veio cum ceis da festa uai eli veio cum nós eu num sei pensei qui eli tinha vortado eli veio cum nós mais cume qui eli num veio vai vê eli tava dentro d'água morto, nu otro dia tava morto dentro d'água parece que (...) a água tinha levado aquela pinguela passava um ribirão num era água grandona mais era uma água bem (...) eli caiu i foi embora na água i us povu num viu eli vim né, ai qui é o pai do Zé Polino, fico a muie cum sete fio tem essa ainda sete fio, sete fio cum sete fio na minha casa, na minha casa fia marido larga di muie bati na muie corre pa minha casa ai veio pa minha casa D. Mariana chorano cume qui eu vo faze agora o Zé morreu eu agora cum essas criança eu vo sai a senhora faiz um favo a senhora fica cum us treis mais piqueno pa mim us mairzinho eu levo fica cum esse Zé no braço pra ela ai ela ia arrumava us negocinho dela i eu tava cum u Zé nu braço criei desde píquitinho junto cum essa Luzia a Luzia é mais veia qui eli dois ano brigava ais vez chingava eli qui eli era um rapaiz bobo queto num sei cume qui caso eli iscundia atrais da porta na minha casa a gente chamava eli pa da as coisa pa eli eli iscundia as duas mãozinha pa trais assim ai as minina falava tá loco esse minino um tanto bobo tira a mão pa mãe dá bolo pu ce tonto eli iscundia atrais da porta assim ais vez vinha uns parente em casa eli iscundia dus otro quando saiu da minha casa já grandão ai a vó veio num sei daonde pa recoie as criança qui tava pur aqui i pur lá ai (...) Zé Polino pergunta pa eli se eu so a mãe deli eli trata eu cumo mãe segunda deli sofri, desse eu tinha até isquicido.

2- Como é que reza para as pessoas que bebem?

1- Ai reza pa eli i vai pidino preli tira aquela bibida violenta, bibida tacada, bibida mandada, bibida agitada i bibida di mau gosto bibida di inveja bibida di mau olho onde que ce acho essa bibida ce vai lá dispeja lá na água, manda dispeja ai tem uma garrafa di pinga tira treis golinho daquela garrafa, tira treis golinho di pinga daquela garrafa qui a gente travaia cum a palavra di Deus não mar feito, tira treis golinho daquela garrafa (aponta para frente e diz: eli num pode iscuta) rira treis golinho daquela garrafa i da pa pessoa aquilo aquela (...) põe aquela em otra garrafa, a outra garrafa não é pa bebe mais não, aqueles treis golinho eu achei um golinho di pinga aqui oce esqueceu di bebe hoje bebe ela, eli bebe adeus pinga, adeus ai aquela otra joga cum garrafa i tudu pa trais na corrente i vai embora maior carrasquero i bêbedo du mundu vai si imhora cum essa pinga bebi tudu joga na água eu sei tudu.

2- Tem que jogar na água?

1- Joga na água aquela garrafa di pinga qui tiro aqueles treis golinho dexa ela aqueles treis golinho põe notra garrafa ai dexa ele passa nossa ces bebero a pinga tudu onte eu achei um gole da pinga teu ainda ah então, ah então eu num sabia qui fico esse resto intão mi da oh, adeus pinga aquele carrasco bêbedo du mundu levo, carrasco malino, porque a pinga é carrasco malino é di tudu mundu bebe mais si num atolera ela, ela é o carrasco da pessoa a pessoa num sabe u qui tá fazeno né, num sabe u qui qui a pessoa ta fazeno a pessoa bebeu i é u qui eu falo pa muie, minha fia tá ali (...) porque eu rezo pa eli (...) mia fia porque a pessoa qui ta bebo eli chega bebo i num fica brabo cum a gente agrada eli, eli ta chingano agrada eli já lidei cum bêbedo agrada eli i da um jeito da um cafezinho amargo agrada eli eli ta chamano vai onde qui eli ta agrada eli dexa eli queto num mexe cum bêbedo porque eli ta bibido num sabe u qui ta fazeno eli pega um trem (...) pode joga na muie, então a muie tem qui fica quetinha eu exprico esse mandamento pra tudu mundo dexa queto num mexa não, ai quando passado uns dois dia treis dia eli vem cunversa cum a muie senta ai vamo pruzia iscuta antonte oce feiz isso feiz aquilo feiz aquilo oce num pode faze isso ce passo da medida oce num pode bebe assim ce tem qui bebe na midida meu veio num incomodo qui ce beba pode traze até aqui em casa o litro po ai oh, qui ce bebe cai eu ti rasto até na cama, igual eu rastei, eu rastei puis na cama né, mas graças a Deus num judiei né, meu pai bibia graças a Deus foi pa Deus, graças a Deus tirei a pinga deli quando feiz um ano, tirei a pinga deli eli morreu, quando feiz um ano bibia desdi u tempo da minha mãe, como Deus Nosso Senhor Jesus Cristo.

2- A senhora benzeu seu pai?

1-Foi dano essa benção pa mim essa benção pa mim em sortera já to cum essa benção largo di bebe num bebeu um ano, depois di um ano eli morreu tadinho era um massa dum home tadinho então a genti vai pidino pa eli rezano pa eli tira a bibida entregano a pessoa no nome deli (ela está com uma imagem de santo na mão) qui eli tá aqui cum a borsinha, pode vê a borsinha (mostra a imagem para câmara) oia ai a borsinha du (...) a borsinha oia ai a borsinha oia é Santo Onofre quem qui troxe Santo Onofre pa minha casa, quem qui troxe.

2- Quem que trouxe?

1- Quem que trouxe, um anjo agora vou mostra otra, uma pedra qui Nossa Senhora da Aparecida a coroa e o anjo de uma banda e o Divino Espírito Santo no céu, num enxergo mais aqui, tudu qui a senhora (...) passado um tempo di morto na porta da minha casa troxe essa imagem pa mim mando intrega na minha mão aqui Nossa Senhora, Nossa Senhora (...) oia tá ai, tá ai oh, oia Nosso Senhor Jesus Cristo apareceu agora di poco na minha casa troxe esse aqui foi a patroa que troxe u Nosso Senhor Jesus Cristo i u Nosso Senhor Jesus Cristo i u

Santo Antonio não Nosso Senhor Jesus Cristo i u Santo Expedito a patroa troxe, a patroa troxe Nosso Senhor Jesus Cristo i Santo Expedito, sabe qual é a patroa a Lidia aquela ali aquela que tem a firma ali oh, e o que eu falei pa ela, ela recebeu certinho, recebeu certinho ela que troxe uma demanda qui tava na cabeça dela, uma coisa danada.

2- E como é o benzimento de Santo Expedito?

1- Aqui, essa aqui é, esse aqui foi u foi esse santo aqui Santo Antonio veio com a imagem aqui, aqui oh, aqui aqui a otra tamem aqui oh a patroa troxe otra patroa esse aqui foi a patroa da Cláudia Santo Antonio aqui oh, cabei eli cum uma luta jogaro na mão du devogado i u juiz mando prende ela, num prende, prende num prendeu nada acabo a causa i pronto ai oh a Rainha da Paz essa aqui é a Rainha da Paz i Santo Antonio portegeu ela, portegeu a muie ranjo uma criança i eu num posso sabe qui cume qui foi essa criança i num quiri aqui ninguém discubrisse a senhora compreendeu cume qui é né i di certo jogano qu era u marido, i u marido num era ai quando foi pircibido ela quiria da jeito foi lá nu medico i , foi lá nu medico i pidiu pu medico da jeito nessa criança i u dottor falo eu num posso faze isso não eu lhe pago em dinheiro pu senhor da jeito nessa criança eu num quero qui ninguém saiba falo não senhor eu num posso vorto traveis pediu pu dottor eu quero qui u senhor da jeito eu pago mais, oh dona a senhora vai embora pa sua casa ao invés deu fica processado eu prucesso a senhora ai nunca mais se arrumo dexo queto qui eu cuido da senhora i trato da senhora i a hora qui a senhora qui a senhora tive nu tempo a senhora vem aqui qui eu cuido da senhora numa boa ii a criança eu do um jeito eu sei cum quem eu do essa criança, então ela falo então fica assim quando tive pa nasce essa criança eu num quero nem vê a cara, acha qui é mãe faze isso eu num quero nem qui mostra pa mim o senhor da jeito num dexa eu vê ai coitado já tava marcado memo, então a senhora que qui eu faço assim, sim, ai, ai qui qui acunteceu ai ela pego iiiii, ai ela pego i ai ela pego i foi lá i ganho essa criança, ai u dottor já pego a criança i já deu, a muie num tinha fio nenhum pego i já deu a criança ai quando ela viu fio di pobre a senhora sabe cume qui é, fio di pobre coitadinho bunitinho uma coisinha linda né (risos) ai quando ela viu, quando ela viu aquela criança bunita nus braço da muie deu parti na muie, i foi lá i tomo a criança du medico i falo qui eu num quiria a criança, i ai pego i deu a criança ela tava desacordada lá u medico pego i deu a criança ai a muie joga na (...) i nu devogado ai a muie mando pidi uma benção pa mim, eu falei pode dexa quicum essa oração num vai se presa não Deus carma ela lá qui ela quiria da jeito nesse anjo, eu so protetora dus anjo, um anjo sarvo minha vida qui eu so do anjo, chego uma minina linda ai u devogado cabo a causa, cabo, muie qui tá andano cum a fia bunita pobre lá ela num tinha fio passa a te parece um milagre um mistério qui num dexo aquele i pu buraco istima mais aqule fiinho di pobre aquela minina du que u minino oia vê é acontecido aquela minha colega muie di gerente a muie du gerente pego uma minina fustacor né eu falo furtacor a gente né bem iscurinha a minininha i eles era tudu bem crarinho bunitinho né eu quero qui trata bem meu nenezinho eu num quero qui judia da minha neguinha num quero essa ai é meu dodói vem aqui, a senhora pricisa vê (risos) (...) num dexa nem casa porque tem medo di casa i judia da minha neguinha ta lá assim sabe quemé a muie du Seu Joaquim lá da Santa Alice colega minha eu judô muito us otro eu judô muito us otro ela caso nova, ela caso nova porque pessoa qui istuda assim as veiz a mãe num insina faze serviço cuida nada né, ai essa minina caso nova, caso nova num sabia faze nada u rapaiz incanto i num tinha jeito di insina (...) caso nova ai eu passei um dia, passei um dia i eli falo dona, a senhora sabe faze negocio di tempero di cumida (risos) fiquei cum vergonha eu falei qui tempero qui é a minha muie num sabe faze nada nem uma polenta ela num sabe faze (risos) não é mar fala não (...) ce num sabe memo ela falo assim eu num tenho nem vergonha eu num sei faze memo a mãe num insino (risos) cheguei lá eli quiria come bife, bife de fígado di boi eli quiria cume u bife i ela num sabia cuzinha u bife a cheguei lá dispois de dois treis dia tempera u arroiz, ela faiz u arroiz uma hora tem sar dimais otra ora vira uma

papa num sabe faze fui cuzinhera, fui cuzinhera num tenho medo di faze deiz panela di cumida agora já to cansadona já pirdi di faze deiz panela di cumida pu povo tudu cume já fui cuzinhera pa 53 peão meu marido banco gato, i eu so uma gata tem us parente tudu ali qu eu num to mintino (...) (risos) (...) patrão falava dexa ai si argum pião chega i quere banca violento mostra u cacetete pa eli (...) tá ali atrais da porta pa mostra pus otro qui qui eu passei a minha vida u gato ia pa cidade i eu tinha qui fica oiano aquela piãozera vim mora nu rancho dus piãozero i um dia garraro uma briga, garraro uma briga oito pião di foice (...) mato eu gritei us pião tava (...) cumigo eu gritei ohohoh eu fui dramática (não sei se foi isso que ela falou) pa trabaia hoje eu to perdi até u assunto oh faz um favore meu chefe dus camarada atende a muie du gato (risos) atende a muie du gato por favor pare cum essa briga i tava tudu cum foice armada pa da foiçada nu otro pare com essa briga, o gente agora pur favor a muie du gato num dexa oces passa farta du alimento faça u favor atende u cacetete tava lá falei a verdade pindurada tamem i u otro falo assim oh um mais veio falo assim num ta veno a muie du gato falano cuitadinha trata di nois cuida bem di nois coitadinha da muie tudu qui nois que a muie faiz pa nois qui qui é isso ai us home baixo a foice i fico queto ai viero tudu nu meu pé no saguão da cozinha da cumida pedi perdão pa mim pidi perdão PI perdão magine bem eu sei tudu us camiho 53 peão du meu pai na mata meu pai tem pur tudu ai até esses fio entende tira ao menos um suorzinho meu qui eu trabaiei eli me deu 2 arqueire e meio di terreno num vo esconde qui meu pai num tem eu so uma pobre aqui num tenho nada u qui eu tenho u qui eu tenho num sei si é meu num tem iscritura na mão ainda ta parado mais du qui quatro ano essa minina é di la du meu sitio ela é rigistrada nu meu sítio aquela ali, nu meu sitio i eu num tenho nada ta tudu na mão di Deus us milagre di Deus mi poupa i oia pur mim i u povo graças a Deus.

2- E tem mais histórias que a senhora viveu com assim?

1- Hein.

2- E tem mais histórias que a senhora viveu com assim?

1- Hein.

2- Quando a senhora cozinhava para essas pessoas tinha mais histórias que eles fizeram para a senhora mais malcreadeza?

1- Ai que nem eu tava falano um dia elis pidiro pa mim o dona minha senhora elis mi obedecia muito oh dona senhora ai eu atindi oh meu Deus do céu, oh dona minha senhora eu falei oi i ai eu vim aqui qui eu to injoado di cume carne di boi a senhora podia cumpra uma carne di porco pa nois cume porque nois ta injuado di cume frango carne de boi, sim pode dexa qui eu vo fala cum gato pa busca a carne di porco ai meu veio ia lá i u pai matava um porco lá, matava um porco meu pai foi situante forte, meu pai foi situante forte num vo esconde eli tem 19m arqueire de terreno em Minas arrendado qui eu to atrais disso ai num é pa mim qui eu já to na idade mais tem meus fio quarque um coitadinho qui num tem né pode da quarque poquinho pa argum né argum di familia criança da 19 arqueire lá em Minas meu pai foi bem de vida, meu pai tinha até campo de gado, meu pai tinha campo de ovela, campo di cabrito, meu pai, meu pai foi tirada a minha mudança aqui da Santa Maria num baita dum caminhão de 16 roda, foi tirada minha mudança da Santa Maria aqui, ai isso tudu meu pai tem negócio im Bandeirante, Campo di Morão, Mogi das Cruzes, Paulínia, Cambará, tá tudu assim oh, (geticulou enrolado com a mão) i fiio qui podia cuida disso a gente num tem nada tem a graça di Deus saúde uma coisinha qui eu comprei um dinheirinho qui eli dexo pa mim u salariosinho deli né então daí eli tem esse terreno lá im Minas 19 arqueire tá arrendado pu

senhor Astolfo Pereira eli tem um fio qui chama Zé Moreira, Zé Moreira é fiio e Zé Agostinho é genro tá tudu qui minha mãe moreu lá ai eli fico muito disgustoso ai a D. Dica eli era pedrero carpintero mexia cum tudu cum esse serviço trabaiava pa D. Dica, a D. Dica, o senhor Zé Nicolau, a Dona Dulce eli trabaiava pa essas fazenda du sitio deli eli só trabaiava pu sitio, a famiia tomva conta du sitio, ai eli tinha bastante terreno mais agora só tem 19 arquere porque eli vendeu um pedaço lá pa compra um pedaço aqui nu Mato Grosso, Bela Vista qui tem esse meu irmão dexo na minha mão, chamo euj aqui duente, dois irmão qui morreu diz qui tem 280 arquere nu Mato Grosso, Bela Vista meu irmão, meu irmão dexo na minha mão qui eu fui lá ta cum dois ano qui eli busco eu lá pa conta qui eli tava na morte da cama, eli cunverso um poquinho pai mando uma fia busca a otra fia du otro irmão foi busca, quando feiz um meis qui u irmão tava cuidano disso pa reparti cum us irmão qui u meu pai morreu campio eu, eu num tava eu tava na fazenda Santa Maria num acharo eu nessas duas fazenda aqui (...) u pai tava na cama ai num acharo eu meu irmão ando treis meis pricurano eu num achava eu sai da firma grande ai meu pai morre i ai meu irmão atacado du coração pur num acha essa irmã qui crio tudu elis a mãe dexo 5 irmão e 12 irmã fico atacado du coração, ai quando foi um dia eli campiano eu pa vende e faze a repartimento, ai quando foi um dia eli passo perto du vizinho lá, ai u vizinho falo oia a mandioca tá muito bunita aqui oia, o senhor leva um pé di mandioca pu senhor eli falo oia dexa eu busca dipois di amanhã eu to veno qui minha mana vem vo manda a fia busca ela i ai eu vo compra uma carne lá pa nois pruzia i qui minha mana qui crio nois tudu pur tudu ai eu levo, ai passo uns treis dia eu tava pa i porque duente num podia i eli espero compro esses 5 kilo di carne levo u pé di mandioca i falo pa cumade oia mana u cê faiz a cumida qui a minha irmã vai chega i di modo qui eu num podia num sei u qui qu foi eu fiquei duente e aquela fia veio busca, fiquei duente, veio busca ah num veio busca não veio dispois fiquei duente ai num fui ai eli vai i leva essa carne i a mandioca morreu pu mim coitadinho caçula qui tava ai levo essa carne ai a cumade feiz disse qui eli saia oiava na porta oiava na porta, oiava na porta i num via eu oiava i falava acho qui minha irmã num vem nãota ficano tarde já fui lá num ponto num vi ela u carro já passo num vi eli falo to cum fome oce põe a cumida na mesa vo cume um poquinho enquanto ela põe a cumida na mesa, ela pois a cumida na mesa eli só feiz assim uiii já caiu cu prato morreu, morreu meu irmão quando feizi um meis certinho u otro busco u otro us dois certinho até pa i nu banhero tinha qui chama u otro eu vo toma banho oce tamem vai um irmão veio busca u otro quando feiz um meis certinho qui era pa mim i lá na casa du otro a fia deli veio correno busca aqui qui eli tava na mesa ela ali foi a pé esse irmão ela viu u otro qui morreu ela num viu esse ela viu, u irmão tá na mesa eu fale qui coisa então tem isso tudu ispatifado ai, tudu ispatifado eu num tenho nada tenho u milagre di Deus i u milagre du povo oia ai esse boca aberta, esse boca aberta falo pa eli eli num acridita porque quando eu sai lá du terreno du pai, du terreno du pai num tinha esse era (...) agora qui foi pu fim du remato qui eu vim aqui pa Santa Maria u pai compro mais um taco di terra compro 20 arquere pa da pas nora pa da pus fio aqueli qui quizesse u dinheiro era pa pega u dinheiro aqueli qui num quizesse pega u dinheiro eli dexo muito dinheiro a famiia largada é uma tristeza fia num intendi a minha vida é acamda fia, aquela caminha num tem gosto tem aquelas coisinha pa arruma num tem gosto quetinha, quetinha oh gente oceis vão da uma vorta vão cuida agora eu arranjei tá cum 4 herdero oceis ajunta vão da uma vorta ai porque eu so pobre trabaiei bastante meu pai mi deu 2 arquere di terra toquei 4 ano certinho essa minina é di lá du terreno qui u pai mi deu, zuei, zuei, zuei ai eli compro as terra aqui eli tem lá im Minas compro aqui na Santa América mais um poco di terra pa da um pus fio i elis num intende essa ai tava cum 22 dia quando eu sai di lá qui eu perdi isso como Deus tá no céu (...), meu marido é o caçula né a sogra vai lá i morre naquele alvorço a sogra morre i eli era impretero di café nas fazenda i num tinha vencido as impreita di café num tinha jeito di larga ai foi preciso tava fartano parece qui 6 meis pa termina a impreita pa intrega ai meu veio ficava aqui tocano meu sitinho lá né tocano u sitio ai

u que qui feiz u que qu aconteceu eli vai ifico sentido, fico sentido ai u pai pego i foi lá i pego eu i falo fia oce vai fica aqui nesse barracão 8 cômodo ce vai fica aqui u pai busco oce lá i u patrão num quis paga u ano vincido porque meu marido fazia tudu serviço di colônia tava cum treis ano di colônia passa pus quatro ai meu marido ai meu marido foi tudu quanto foi tipo di tomado foitomo conta di campo di gado foi fiscal foi feitor foi gato i casero i passo di colônia i viemo porque u pai compro esse sitio pa nois ai eu toquei quatro ano ai quando dicidi vorta tra veis di vorta pa fazenda do rincão ai morreu a sogra ai esse chaviado esse aperto di chave tudu ai num é mintira, fechei a porta i sai meu marido num tava im casa, vivia mais sozinha qui seu marido meu marido era gaqto, meu marido era boiadero meu marido era feitor era fiscal gato, eu vivi mais sem marido du qui cum marido por causa du trabaio deli num ficava junto a senhora vê saia viaja di gado saia longe assim ficava semana meis comprano boi pu patrão i eu ficava suzinha aquele mundo di casão nu campo separada di vizinhança si eu morresse achava morta qui eu passei suzinha i Deus.

2- E a senhora tem aposentadoria hoje?

1- Tenho aposentadoria.

2- E a senhora continua trabalhando?

1- Agora num to trabaiano nada.

2- O ano passado a senhora estava trabalhando?

1- É tava trabaiano.

2- Qual que era o trabalho da senhora?

1- Eu fui impregada, capinava café tudu qui é tipo di sirviço né intão daí impregada doméstica tem até, tem até ai uns paper guardado qui eu num sei nem onde é qui está us paper ta ali eu fui impregada doméstica né.

2-A senhora vende vassoura?

1- Vendi bassora pa ajuda eu porque u salário deli era poquinho né salário deli era poquinho naquele tempo qui aposentadoria era poquinnho né ai eu entrei i vende bassora vende uma coisa vende otra trabaiei seis ano pa mante a saúde i a pricisão minha porque eu num gosto eu quero ajuda us fio eu num queo é tira dus fio eu num gosto di judia dus fio.

2- A senhora é que plantava as vassouras?

1- Oi?

2- A senhora é que plantava as vassouras?

1- Não peguei dus otro so vendedora du Seu Augusto, so vendedora du Seu Santinho ali i so vendedora du home da chácara é so vendedora de bassora so camarada da Carmem, já ouviu fala da Carmem vendi tempo pa ela batatinha, vage, sabão to ino assim trabaieie bastante depois passei a vende tecido tamem uns biscate ai inquanto isso fui viveno i u salário ai vai dano pa mim i si virano, si virano num dá porque eu a gente pega ai entendeu a gente pega ai uns 465,00 mais tem gastado muito cum remédio só cum esse negócio dessa (...) qui deu ni mim eu gastei 550,00 qui u corretero é tistimunha qui foi juntu cumigo mi levano eu

fiquei muito mal dessas noite onde é que eu imagreci perdi a fome febre quase morri dessa veiz né mais daí num deu né to cum treis, treis, treis cunsurta i num tenho nada nu sangue num deu nada ta ai us teste.

2- D. Cândida tem alguma história da senhora como vendedora de rua?

1- Vendedora de rua?

2- É tem alguma história que a senhora passou, malcreação ?

1- A gente passo bastante a gente vendeno pa mode pega aquele salário nesse tempo fico viúva eu i morre meu genro a mãe i a fia passemos ficamos pur aqui (passando a mão em volta do pescoço) nós duas ela i eu pur aqui morei treis ano cum ela , ela viúva i eu tamem i morei dois ano cum a outra a outra tinha um marido eu tava morano cum a outra sem meu marido ai a outra fico viúva entrei na casa pa oia ela qui ela tava em tempo de enloquece junto as duas a mãe e a fia viúva então qui nois duas fiquemos passemos cum a água nu peito mais Deus i u povo mi ajudo.

2- Tem alguma história dessas que a senhora pode contar para a gente quando a senhora vendia vassoura?

1- Ah vendia bassora.

2- É.

1- Ah eu saia vendeno bassora né vendia bassora né a 3,50, 3,50 a bassora pa ganha 0,50 centavo ai passo a 4,00 a bassora ai eu ganhava um real, um real treis pu dono e um real pa mim ai passo assim então já aumento a dose pa mim ai cum isso correno pa baxo i pa cima pa sarva um poco pa mim e um poca pa ela tamem porque a coitada fico abatida tamem eu tamem abatida eu sei qui nois duas passemos ai coitadinha di mim cum sor quente correno pa cima i pa baxo cuns punhado di bassora num pagava na hora otro não otro mi dava u golpe tinha aquele salariozinho eu tinha qui paga u home porque u otro num pago eu tinha qui paga du meu bolso foi ino assim ai a fia falo a senhora tem que larga a mão disso mãe porque ao invés da senhora ganha a senhora tira du seu i nois vai cume u que (risos) ai eu falei mais mia fia Deus que qui eu faça assim cum uma bocadinha di cumida nois passa mais a sede nois num passa bebe um gole d'água (risos) ela tinha muita fome essa coitadinha ai judiação tinha muita fome esa coitadinha agora ela coitada u doto tiro tuda cumida dela porque deu gurdura nu sangue deu gurdura nu sangue dela né deu gurdura e depressão (acho que foi isso que ela disse) nela né da pa ouvi tudu sentimento nois passo mãe e fia ela socorreu u marido dela qui tava ruim socorreu u pai i a minina qui é diabética tinha dia qui era treis quarto na Santa Casa um du veio dela um do meu marido e outro da minina tudu mandano fala pa mim qui tudu us treis tava entre a vida e a morte essa ai pur isso qui ela fico assim (fazendo movimentos em volta da cabeça) ais veiz ela briga cum a mãe, briga cum a mãe tudu qui ela escutava, ai quando ela briga cumigo falo pa ela num to fazeno nada ai ela pega quarque coisinha ela vem agrada a mãe oia uma coisinha qui eu troxe pa senhora cume a senhora como a senhora perdoa eu (risos) mais é a cabeça passo muito sofrimento coitadinha eu sei qui nois passo uma vida ai eu vindia bassora né a dona (...) eu tenho sabão a senhora vai vende u sabão pa mim a batatinha vendeu muita batatinha tadinha porque eu ajudei muito ela ai eu vindia tudu pegava u dinheiro i levava pa ela i dava um poquinho pa mim um dia eu fui (...) pa vende bassora cheguei lá nu despois di tanta bassora vendida chego lá um (...) isso qui eu falo né essas bassora da senhora ta muito cara, o senhor ta ficano loco larga mão de compra a bassora dessa

muie a bassora ta cara dimais da conta ai eu falei u senhor ta cahano cara a bassora então eu num vo entrega não (...) joguei u fexe de bassora na cacunda ai cheguei mais pa frente ai pa esses mundo afora ai cheguei lá i falei a meu Deus eu num vindi as bassora cume qui eu vo faze agora meu Deus qui eu levo pa trais sumi naquilo eu sumi fui embora , sumi fui embora pas banda da Nova América pa baxo sumi pa lá pirdi u rumo di vorta (risos) pirdi u rumo de vorta minha Nossa Senhora tava cum 80,00 rear nu borso, 80,00 real du patrão vindi tuda bassora vendeno i pegano u dinhero, vendeno i pegano u dinhero um fexe di bassora pegano tanto dinhero pegano uns qui tinha qui paga tamem deu 18,00 real daí eu vim vino ai perdi u rumo ai eu falei agora deu já tava di tardizinha assim já tava naqueles mundu pa lá campiano a saída pra cá ai encontrei pur isso qui eu quero bem criança so dus anjo, so dus anjo encontrei us minino não encontrei um rapaz ai um veio, eu gosto di fala veio um idoso, o senhor, o senhor, o Fernanda, Fernanda (oi) bebe u café ai (num quero não obrigada) senhor, oh senhr o senhor sabe a saída da Vila Santa Terezinha manda elis bebe café, a saída da Santa Terezinha mais num quis fala qui eu tava cum dinhero 18,00 real no bolso (...) daí u veio falo num tenho costume di pega não quando eu vo nu medico eu vo nu postão pa lá num tenho costume di i não a senhora vai priguntano di onde é a senhora num falei qui eu tava vendeno não falei oh eu comprei umas bassora ali pa leva pa minha fia i eu vim pra cá pa vê uns negócio pra cá i perdi u rumo pa vorta ah coitada qui judiação então a senhora vai i pirgunta pa arguem então encontrei uns rapaiz, encontrei uns rapaiz pur isso qui eu quero bem criança encontrei uns rapaiz ai eu falei oh moço, ai u moço falo oh dona to achano a senhora meio isquisita ai eu falei assim oh moço eu to campiano a cumpanhera aqui num acho a cumpanhera então até pirdi u assunto di sai pa lá ai u moço falo o dona vo ixprica pa senhora até uma artura eu num vo cum a senhora porque meu pai fica pensano im mim i eu tenho qui vorta mais (...) tá bom, então daqui a senhora vai (...) tava até cum a cabeça zuretada ai ele falo daqui a senhora vai bastante gente na rua ai, ai quem tive ai qui entre pa dentro. Ai num foi nada não ai encontrei uns molequinho coitadinho molequinho, ai oh dona a senhora parece qui tá sem distino (risos) a senhora parei assim oh, o dona parece qui a senhora tá sem disitino a senhora ta sintino bem, dopis molequinho desse tamanhozinho assim (mostra com as mãos) um mais assim i u otro mais menor a senhora ta sem disitino, falei não meu fiio eu to perdida u muleque falo da onde a senhora é (risos) a senhora com essas bassora no ombro (risos, não entendi o que ela falou) ai u mulequiho falo da onde a senhora é eu falei eu so lá da Vila Santa Terezinha fio eu pirdi a rua meu fio du céu eu tinha uma cumpanhera aqui eu pirdi a rua eu vo leva a senhora vó, já chamo eu di vó eu vo leva a senhora, vamo leva a vó eu sei onde qui é essa Vila Santa Terezinha eu vo ai u otro falo eu num vo não a mãe me bati im mim (...) ai u outro falo eu vo leva a vó nem qui a mãe bati im mim coitadinha da vó (risos) troxe até aqui perto ali perto da JK ali oh, troxe até ali oh agora a senhora vai ai minha cabeça refresco ai Graças a Deus agora eu vo agora to em casa ai cheguei ai encontrei ali a Nadir, ai ai a Nadir falo oh D.Cândida a senhora parece qui tá tão esquisita o que qui aconteceu eu to perdida, eu to perdida nossa D.Cândida coitadinha judiação vamo embora vamo, cheguei embora ali peto da (...) do mercado ai a Nadir falo D.Cândida eu vo ali pega uma carne a senhora espera aqui eu já venho ai eu encontrei u Zé Polino, u Zé Polino tava no 140 oh coitada da minha mãe segunda coitadinha onde qui a senhora tava judiação uma hora dessa tava escureceno eu vo leva a senhora, eu vo leva veio o Zé Polino ah D.Cândida eu vo vorta pa trais vo bebe mais um golinho, vo vorta pa trais i bebe mais um gole lá mais ai eu falei oce num vai leva eu já tá di noite então vamo troxe até na cruiz sorto eu ali i vorto pa trais falei Minha Nossa Senhora (...) com a cabeça zuretada pirdi u sentido, trabaiei muito nesse assunto ai a gente sofre né intão é uma vida dessa (...) né. Sofre bastante sufri muito né.

2- Tem mais alguma lembrança alguma história que a senhora quer contar para nós?

1- Oi.

2- Tem mais alguma história alguma lembrança que a senhora quer contar para nós?

1- É daí (longo período pensando) ah a da minina , sabe essa minina qui eu criei fia daquela ali qui é fia daquela ali depois di pronta criei cum tudu sacrifício depois di pronta arrumzinha cumprei tuuuudu u enxoval pé a cabeça comprei até luva eu criei ela afiada e neta (...) qui tinha nascido cresceu moça formada né us dois era primo né ela é a fia mais veia da minha fia i u outro é fio mais veio da fia brigava que nem cachorro esses dois neto num dá certo a qui eu criei i u outro pa lava ropa dava trabaio (...) brigava que nem cachorro us dois, u minino eu criei treis ano, treis ano porque u pai era desorientado da cabeça u pai batia muito nele u pai era fiscal da fazenda moro lá muitos ano nasceu lá dizia qui aquele rapaiz era zuretado da cabeça porque u pai bateu muito nele né ai caso cum a minha fia, ah num caso não, ai aqueles dois subrinho, subrinho dum e subrinho da outra juntaro us dois, formaro moço formaro eli sumiro cuns 14 ano Mato Grosso u pai deli tá lá até hoje sumiu pa lçá sumiu um tempo depois apareceu cuns vinte, cum vinte ano sumido nunca mis vi chego aqui acho ela moça tamem ela cum 13 ano ele é mais veio, chego aqui ai eli berava ela pa pruzia ela corria, eli berava ela ela curria (...) eli foi embora, num levo tempo eli vorto u rapaiz eli vorto até qui conseguiu pruzia cum ela i viro namoro primo cum primo ai foi imhora i num vorto mais saiu pa (...) trabaio dois ano lá na (...) com dois ano já apareceu aqui mocinha formada o que qui aconteceu chego aqui num acho eu em casa acho u pai dela pidiu casamento pa moça (...) u cumpadre aceitou i eu cum a Luzia ficamo braba divia pruzia cumigo eu qui criei a minina né ai eli pego i aceito u casamento du rapaiz du meu neto, meu neto i subrinho deli foi embora di novo pa vim marca u casamento ai veio foi pa lá trabaio mais uns dois meis i veio o marca u casamento ai eu falei tem qui espera a minina forma mais a minina é criança ainda treze ano ainda, pa forma pa 14 nuim pode não u que qui acontece nunca essa minina feiz um erro nuncqa vi esse rapaiz chega perto dela nunca vi esse rapaiz fala nada sempre (...) ai eli vorto pa marca u casamento, marco u casamento i foi embora di novo ai cumbino lá cuns patrão lá qui eli toma conta di (...)nu Mato Grosso, qui u marido dela é (...) ai eli marco u casamento e veio pa fica aqui um meis i poco pa casa i i embora, ai chego ai i num acho u batistério du casamento deli na igreja u padre perdeu aquilo i nem na igreja vorto ai pego i ai eli pego i fico zaranzado ai u patrão ligo pa eli i se já tinha casado ai eli falo qui não i qui tava isperano pa vê si tava arrumano pa i mais u pai deli num sabia ai u patrão cumbino si u casamento num sai cata a moça, cata i sai, oia pa senhora vê u que qui eu passei ai eli veio u pai deli arrumo a mala arrumo a ropa pu casamento deli um malão troxe as mala pu seu casamento us padrinho (risos) us padrinho arrumo as roupas tudu arrumo, tem dois qui mora ali arrumo, minha fia us patrão cumbino cum eli, cumbino u casamento imbruiado oce vem embora, qui oce precisa trabaia aqui oce dá conta du gado senão ce vai perde u sirviço u rapaiz chego im casa essa minina nem bera eli num bero, saiu lá i cumbino pa minina i nu ponto cum eli pega um carro da fazenda nu ponto a minina foi, ela falo vó é minha afiada vó eu to cum vergonha, mais eu criei boba fechada eu criei boba, bobona ai acumpanho u rapaiz, u rapaiz cum a ropa qui saiu levo chego na cidade compro um pareio di ropa pa ela i eu to esperano essa minina, to esperano, to esperano, to esperano, to esperano saiu nu ponto cedo 7 hora, to esperano, to esperano, to esperano, to esperano ai eu amndei fala lá pa Luzia qui a minina foi pu ponto i num apareceu a moça i u qui faze u que qui fazia a Luzia fico doida lá ai chamo u pai dela u pai dela veio du serviço correno passo perto dum povo i disse tem gente dona, tem gente pois u home viu elis passa fugido i num foi conta pa nois lá, num foi conta pa nois qui elis tava fugino cedo, di lá foi embora embarco i u cumpadre foi pego um carro bateu em cima ainda arcanço elis dento du ônibus qui elis ia ino então disse qui quando elis viro du ispeio dá pa vê né diz qui elis viu mando abaixa u motorista mando baixa assim mando baixa foi embora u cumpadre vorto ai a (...) eu vo lá i acabo cum a raça dus dois cum a fia i u genro (risos) eu vo pega um (...) vo pu Mato Grosso i acabo cum a raça du ceis tudu tanto do nela

como do neli tamem, minha fia eu num cumi mais a morte du meu marido tamem, eli fico duente, duente, duente ataco a cabeça deu derrame na cabeça, deu derrame na cabeça a dor de cabeça braba qui eli tinha era começo du derrame por causa daquela neta eu falo pa ela, eu tamem quase sumi. Sumiu u pai deli chego naquela semana, a pessoa qui quiria u casamento oh cumadre oh tá tudu bom ai oh cumadre, vai ino, i a noiva já tá pronta a Luzia falo a noiva eu vo acaba cum seu fio i a minha fia tamem já foi pu pai da moça du jeito qui eu to cum a cabeça perdida eu vo gasto dinheiro, vo arruma dinehro vo pu Mato Grsso onde qui eu acha elis eu iscangalho cum eli carrego minha fia fia, próprio subrinho, dois primo ai u cumpadre fico Nossa Senhora mais eu é qui vo mata elis, eu vo eli tem a cabeça meio atacada eu passo fogo eli e passo fogo na sua fia tamem (risos) deu u qui faze pa aceita u genro i a fia dentro di casa eu num vo faze eu vo acaba cum eli i cum ela tamem, cachorro veio faze isso i eu cum essas mala pesada ropa deli aqui (risos) falano nu casamento us padrinho perguntano qui hora ia se u casamento (risos) ficamo cum a cara desse tamanho ai passo, foi ino, foi ino, foi ino, u marido foi i eu fiquei, passei esse trabaio fia vergonha criei a minina cum tudu amor quetinha dentro di casa di boba feiz isso a travessura cum ninguém era di casa nu sirvicinho, di casa aonteceu isso a Luzia ta com a cabeça dela, meu veio tamem ataco a cabeça derrame cerebral a senhora viu u que qui acontece, passei tudu esse caminho, passei, eu fui sofrida, fui sofrida, fui sofrida.

2- D.Cândida a gente já esta com horário também né, a senhora também está cansada de contar história.

1- Num tem nada não, vamo lá já bebe um cafezinho.

2- Muito obrigada pelas horas da senhora, se tem alguma coisa que a senhora quer dizer eu agradeço bastante.

1- Coitada, eu tenho que fala a vocês que serão abençoado, viu minha fia a vida de vocês di i pa frente, si de dois passo pa trais da cinco pá frente viu fia porque eu vo manda a bênção lá pa voeis viu fia esses treis dia to mandano uma beçao pu ceis viu fia oces vai recebe viu fia a pessoa teno fé recebe um chamado batido di porta num assusta não qui é um ispirito di luiz qui vai lá viu fia qui u Nosso Senhor Jesus Cristo portaja (com as mãos postas em oração) (...) bastante que um milagre vai ser mandado nesse casso viu fia, tem muita coisa (ela falou muito baixo não consegui entender) é a fia mais sofrida mais nu mundu coitadinha di mim sufri muito muito mais to aqui morri 4 veiz to aqui viva cuidano vinci a batalha (...)Graças a Deus veve marido veve muie eus neto tudu Graças da Deus cum a famiia i to muito sastifeita minhas fia fico viúva isso ai Graças a Deus fico quetinha i muitos cumpanhero iscapo num quisi i fio du (...) acho esse coitado rapaiz ai i chingo eli bastante qui atrais dela ela chingo eli i acabo juntano i ai tá viveno Graças a Deus lá vai né Deus é o pai então a gente fica contente então Deus Nosso Senhor Jesus Cristo que abeçoa a voeis e dá uma vitória viu oveis recebe uma vitória viu pai eterno mãe eterna Divino Espírito Santo Nossa Senhora das Enfermidads e da Cura e do Livramento i pa tira tudu us mau a boa sorte, a boa alegria e a boa união viu fia i a paz qui Deus a fartura a famiia em geral, vamo lá ce bebe um cafezinho.

FITA NÚMERO: 1 Herança ancestral/Receitas

LOCAL DA ENTREVISTA: Cornélio Procópio

DATA: 15/6/2010

ENTREVISTA: Cândida Gomes

ENTREVISTADORA: Maria Aparecida de Barros

TRANSCRITOR: Maria Aparecida de Barros

QUANTIDADE DE PÁGINAS TRANSCRITAS: 3

O mistério [da cura] Deus escolhe, no meio de tanto mil, Deus escolhe um, essa força tava cum meu pai. Daí meu pai foi embora [morreu] deixou pra mim. Tempo passado, que tava zoretada, sofrendo, que eu passei depois das quatro morte [a narradora se refere aos momentos cruciais de sua vida, a primeira morte, ocorreu na infância, ela tinha de sete para oito anos, correspondeu a uma disfunção em sua saúde, que a deixou inerte por vinte e um dias. A segunda morte, decorreu por volta de seus nova para dez anos em que foi picada pela serpente urutu cruzeiro, permaneceu sete dias em agonia e dor. A terceira morte aconteceu na idade de onze anos, por falecimento de sua mãe e ela passa a assumir as responsabilidades da casa, bem como zelar e cuidar de seus irmãos e pai. A quarta morte sucedeu na fase adulta, por volta se seus vinte e três anos, perdeu drasticamente seu primogênito] Fiquei desorientada, tinha uma mensagem me apurando, “meu Deus do céu o que será que eu tenho, o meu Deus do céu, o que será isso? Tem uma coisa me apurando eu” Escuta bem, tava às vez fazendo um comida, [ela bate palma, de repente se levante, como se voltasse ao tempo do acontecimento, vai até a porta de sua casa, sai, olha para os lados] “quem será que tá aqui, tem algum me chamando? [os vizinhos lhe dizem:] “tem não, Dona Cândida, a senhora tá enganada, num tem ninguém aqui não”. Meu deus do céu, quem será. Aí eu tava arrumando o quarto, pah dentro da casa [emita o barulho semelhante] como que jogado um punhado de mio ou feijão tudo debuiado, esparramado pelo chão da cozinha, eu vinha correndo e num tinha nada no chão. Escuta bem, o que que eu passei, aí eu tava lavando roupa [no rio], eu escutava “ô, de casa?” ué, quem ta por aqui, num tem ninguém. Eu ficava ali, naquele encabulo, juntava as roupa [sem lavá-las] e voltava pra trás. [as outras lavadeiras diziam:] “ué, aquela muié num ta cum a cabeça boa não, o que que a muié tem? A muié foi lavar a roupa e vem com a roupa pra trás!” Chegava em casa, ai meu Deus [voz aflita], que será que meu marido ta fazendo? As muié falava: “aquela muié num tá cum a cabeça boa não! Vai daqui, vai dacolá, aquele tudo sofrimento, passei esses caminho tudo apertado. Isso tudo eu passei.

Na fazenda Santa Maria, do Arthur Hoffig, [propriedade rural localizada entre os municípios de Cornélio Procópio e Nova Fátima] Começaram uma briga [trabalhadores rurais], eles queria que o fiscal fizesse um salário a mais pra eles, mas o fiscal falava pra eles que tinha o administrador, “o senhor tá amarrando nosso pagamento, tem que pagar mais, tá pagando muito pouco, senhor tem que pagar mais, senão nós num vai fazer o serviço. “cês tem que trabalhar, porque eu tô aqui, como se diz, pra alimetar ocês e por o serviço pra frente. Eu num posso aumentar o salário sem a ordem do administrador.” Eles falou: O senhor é que tem que por o preço e falar pro administrador, porque o senhor tá orintando nós” O coitado do fiscal ficou sem saída cum eles. No outro dia o fiscal num encontrou ninguém no ponto, né? Ele foi pra roça e encontrou o pessoal tudo lá sentado. A turma falou pro fiscal assim: Nós põe enxada no chão se o senhor aumentar o preço pra nós. Se o senhor num aumentar o preço pra nós, nós fica sentado aqui e senhor tem que pagar o dia e nós num vai soltar o serviço” O fiscal ficou quieto. Não quiseram trabalhar vieram embora. Quando foi noutro dia, a parte da tarde, o fiscal veio pro ponto pra falar pro administrador que ninguém quis trabalhar, ficaram sentado, ninguém morreu. Quando o administrador viu, juntou a turma toda, rodou eles,

capinaram a roda assim, pra matar o fiscal. Eu vou dizer, a coisa foi feia! Tavam com ferramenta, revólver, faca, guarrucha, pau. Eu vi a briga, era perto de minha casa e fui correndo lá, pulei no meio, atarraquei o fiscal e disse: aqui cês num bate nele, cês num bate nele porque ele num pode aumentar o salário sem ordem do administrador. Eu gritava ô, Meu pai, salva aqui! As muié tudo gritando, gritando socorro, porque iam matar eu cum ele. Quando um chegava cum faca aqui [de repente Dona Cândida, salta do banco, em que estava sentada, numa agilidade, abre os braços em forma de círculo, como se estivesse abraçando o fiscal, servindo-lhe de escudo, gira seu corpo rapidamente, de forma a recuperar a ação da briga. Sua voz se acelera, tonalidade alta], eu cercava daqui, quando o outro chegava cum armamento pra atirar, eu cercava de cá. Quando o outro vinha cum a faca pra matar o homem, eu tornava a dar as costas. Aí apareceu um mundo de uma cobra lá na hora, um mundo de uma cobra e acabou a briga. Essa cobra foi mandada por um guia forte pra combater aquela briga. Acabou a briga, ficou tudo bobo oiando, acabou a briga. Aí chegou um veinho, chegou um veinho e falou [para a cobra] “vamos embora, minha neguinha, vamos. Vamos embora, minha Catarina, vamos” Ele pegou abriu uma caixinha assim, a cobra entrou dentro e foi embora. Esse veinho apareceu na hora da briga, num conheço ele, chegou naquele briga de homem, feroz mesmo. Eu lutava daqui, lutava e apareceu esse mundo dessa cobra, cobra cascavel, um mundo de uma cobra dessa grossura assim [aproxima os dedos polegar e indicador, de cada mão e desenhou um círculo, aproximadamente de uns 20 cm). Apareceu essa cobra no limpo, ninguém viu [de onde veio] essa bruta cobra assim, ó [repete o desenho para mostrar o tamanho da cobra], o povo ficou tudo bobo. Acabou a briga, num fiquei ferida, ele num ficou ferido, ninguém ficou ferido, o povo ficou tudo sem graça, acabou a briga. Ninguém deu um tapa no fiscal. Tudo isso apareceu no princípio de minha corrente.

O remédio vou falar pra senhora, quando a muié tá ruim pra ter a criança, parto amarrado, parto amarrado é quando uma pessoa oia naquela muié de nenê e às vezes tem alguma queixa, num tá cum Deus, se afasta de Deus pra fazer o mal pro outro, inveja o que seja, então isso amarra o parto da muié. Outra, se a muié passar debaixo da rédia do cavalo, o parto fica amarrado. Aí a muié fica ruim pra ganhar a criança, tá no tempo e a criança num vem, num vem, porque nada antes da hora, num vem, né? Aí a parteira desacorçoa e fala: “num tem médico, a muié vai morrer, porque eu num posso dar conta”. E outra parteira falava: “Eu também num posso dar conta”. De primeiro juntava duas parteira, três. Que nem juntou três parteira [para realizar o parto do primeiro filho de Dona Cândida] num me salvou, o médico também num me salvou. Às vez a muié tá na lua de ganhar a criança, porque a lua minguante é o parto amarrado, a muié tá cum corpo enxugado, a criança é miúda e dá trabalho pra nascer, a muié num tem água do parto, num tá na hora, fica sofrendo. Agora lua nova é o parto despachado, a lua cheia a muié sofre um pouquinho porque a criança é muito criada. Na lua crescente a criança é despachada, a criança vem sadia, forte, esses homem forte, essas muié forte é da lua crescente. Lua nova e lua nova e lua crescente é parto despachado. Então pro parto amarrado faz o remédio com a calda da canela. Pega o erva doce e põe pra ferver com a canela, porque a erva doce esquenta o corpo da muié e dá força na criança e a canela sustenta a muié, ela fica forte, fortalece o parto dela, ela pega força, aumenta a dor pra soltar a criança, ne? E o erva doce tira a friagem da muié e da criança, porque às vez a criança ta resfriada, a criança fica carangada e num tem força pra se virar, né? Às vez a criança atravessa, [no útero], a muié fica sofrendo, então a mãe da muié que tá pra ganhar nenê dá esse remédio e reza nas costa da muié [parturiente] se apega com Santa Margarida e Nossa Senhora do Bom Parto, vem rezando e levando a mão aqui [a mãe coloca as mãos abertas no final da coluna da filha parturiente e a escorrega até se encontrarem no final da barriga, na linha do umbigo, uma espécie de massagem] Faz três massagem pra frente, fala assim: “ela num tá prenha, nem parida”, quer dizer, ela ficou prenha, mas num pariu, o parto tá amarrado. Eu ensino essas oração, mia fia, Deus põe tudo isso na minha cabeça.

Remédio pra bronquite, faz o chá de levante, erva cidreira de folha, poejo, canela e erva doce e três brotinho de hortelã. Põe tudo pra cozinhar, escorre, tira a ramagem fora, põe açúcar e vai batendo, batendo, faz aquele xarope, igual da farmácia, uma calda, mas não calda de melado, aquela calda rala, apura. Pega uma colherzinha desse remédio de põe três vez no dia na boca da criança, principalmente de jejum e à noite, porque à noite apura mais o bronquite, né? Esse remédio tira a frouxidão da criança, aquela canseira, falta de ar. A erva cidreira combate a falta de ar e a aflição. [Em casos mais graves aplica-se esse remédio e um tipo de emplasto] então corta duas rodela daquela folha azul da embalagem de macarrão [trata-se de uma antiga embalagem de macarrão, feita com um papel grosso dupla face, for fora azul claro com listas brancas e por dentro cor azul forte], duas rodela assim [mostra o tamanho uns 10 cm), fura, fura fura assim, com um garfo virge, pega óleo de mamona, esquento ele malemá, [morno], passa o papel nesse óleo, num precisa ser muito não, e coloca nas costa. e coloca bem no meio das costa da criança. Fura a outra rodela também e molha na banha de galinha e coloca no peito. E adeus bronquite! (risos). Essa simpatia faz em três sexta feira, cura mesmo, a criança acaba a tosse e corta a febre. Se o nariz tá trancado, pega o óleo da mamona ou amêndoa mornadinho, mas de mamona é mió, e com os dois dedos pega aqui e vem puxando até aqui, três vez [massageia, com os dedos indicador e médio, tendo como referência o fim da sobrancelhas até o final do nariz]. Esses remédio, meu pai foi raizeiro, trabalhava com a raíz, meu pai foi embora e com o tempo ficou pra mim [a sabedoria de manipular as ervas para combater as doenças]. Meu pai, chegava uma pessoa e falava assim: “seu Joaquim, eu tô cuma dor de cabeça que num podendo nem parar. Ele oiava na pessoa assim, levava a mão na pessoa, dali um pouco a pessoa falava: “acabou a dor de cabeça”. A pessoa vinha uirrando com dor de dente, com pouco minuto que chegava lá, ele perguntava: “a dor acalmou mais?” O paciente falava: “num tá doendo mais, tá crescido”. É pra crescer mesmo [gengiva inchada], pra num ter mais dor! Aprendi com meu pai, quando tô com os pacientes vem aquela sentença de meu pai, [os ensinamentos] ele num me explicou, mas vem tudo aqui. [mostra a cabeça].

Remédio para dor de estômago, má digestão, ânsia: Pega um copo de água, coloca um cabinho de maisena e expreme um pouco de caldo do limão galego, não muito, põe meia cabada de açúcar, bate, bate, bate e vai dando as colheradas para o doente.

Outra: pega o limão galego pequeno e rache em cruz, parte ele em quatro parte e põe pra cozinhar, cum um copo de água. Depois de cozido tire do fogo, pega um punhadinho de marcelinha, umas sementinha de erva doce, uma colher de fubá e três cavaquinho de canela põe dentro da calda de limão e abafa. Esse remédio corta a colerina [espécie de refluxo], quando a colerina vem pra cima [arroto] ela vai, mas se ela vai pra baixo, se não socorrer a pessoa morre. Tira a colerina e a desinteria.

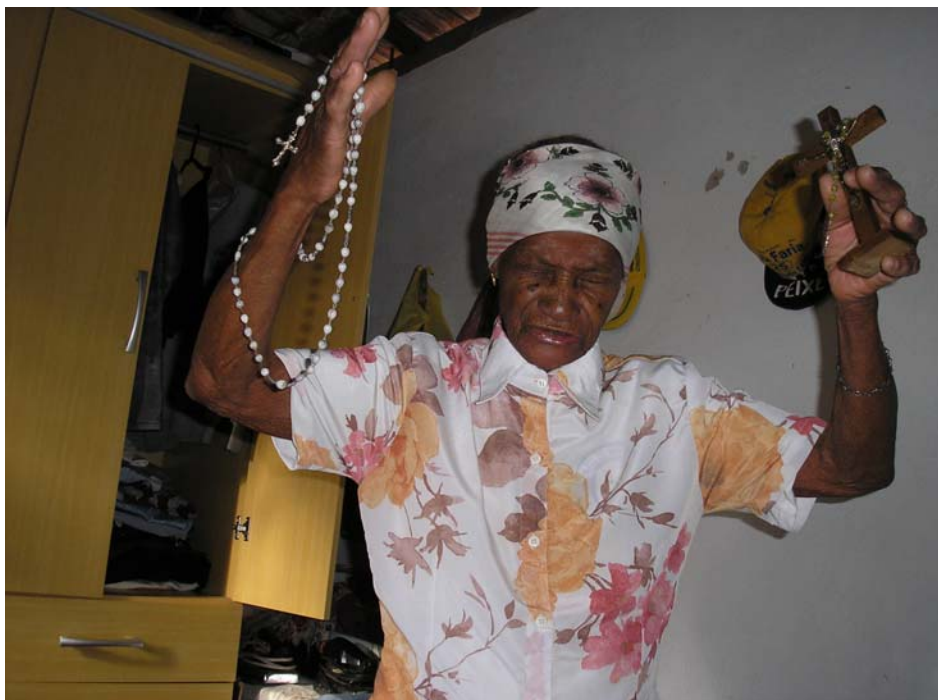
5.2. Fotografias



Cândida Inácio Gomes, 85 anos, fotografada por Maria Aparecida de Barros, em 14/7/2009.



Cândida Inácio Gomes, 85 anos, fotografada por Maria Aparecida de Barros, em 21/2/2009.



Cândida Inácio Gomes, 85 anos, fotografada por Maria Aparecida de Barros, em 14/7/2009.



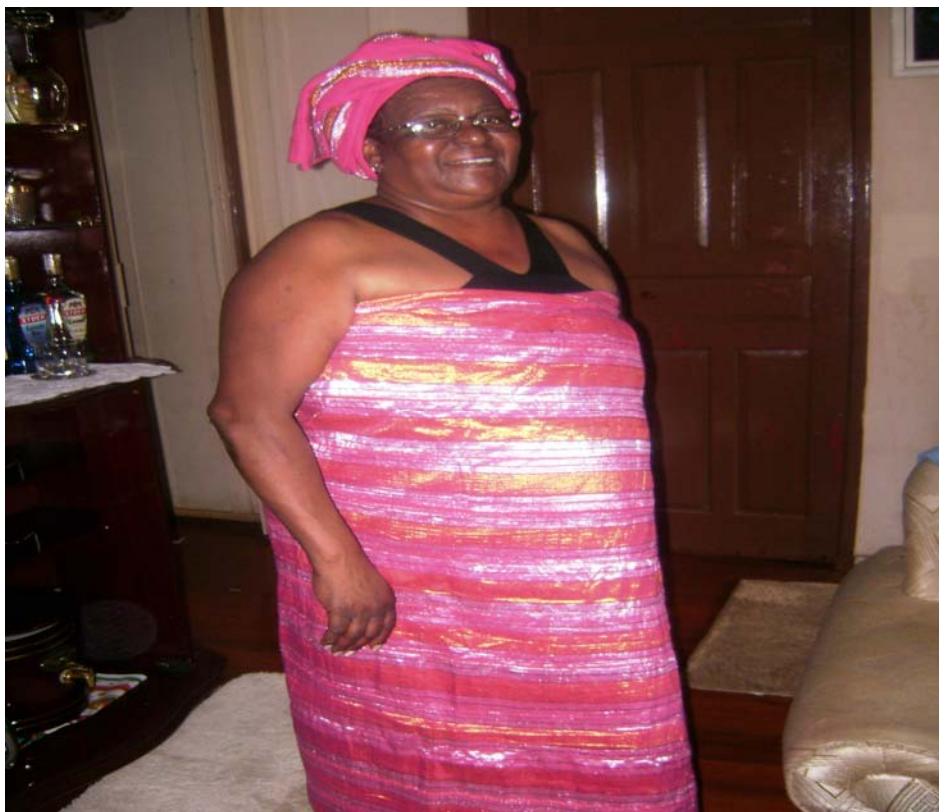
Neuza Maria Catarino, 48 anos, fotografada por Maria Aparecida de Barros, em 28/3/2009.



Léa Maria Apolinário, 56 anos, fotografada por Maria Aparecida de Barros, em 29/3/2009.



Iraci Joaquina da Silva, 56 anos, fotografada por Maria Aparecida de Barros, em 29/3/2009.



Maria Benta de Souza, 56 anos, fotografada por Maria Aparecida de Barros, em 23/2/2009.

5.3. Carta de cessão

DE CARTA DE CESSÃO

EU, Cândida Inácio Gomes, viúva, residente no endereço Rua Domingos de Campos, nº 84, na cidade de Cornélio Procópio, no estado de Paraná, portadora do documento de identidade 6.881.013-2-55PPR, declaro estar ciente de que contribuí para o projeto de mestrado, promovido pela Universidade Estadual de Londrina, realizado pela pesquisadora Maria Aparecida de Barros., no município de Cornélio Procópio, no estado do Paraná., sendo que esta fica plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, fotografias e vídeo produzidas durante a entrevista para estudos e publicações.

Cândido Gomes

Assinatura

Cornélio Procópio, 14 de julho de 2009.

CARTA DE CESSÃO

EU, Neuza Matias Latarino, residente no endereço Rua Ernesto Doum, 159, na cidade de Cornélio Procópio, no estado do PR, portadora do documento de identidade número 3.209.607.7, declaro estar ciente de que contribuí para o projeto de Mestrado em Literatura Afro-Brasileira, promovido pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, realizado pela pesquisadora **Maria Aparecida de Barros**, portadora do documento de identidade número 2.262.319-2, no município de Cornélio Procópio, no estado do Paraná, sendo que esta fica plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, e fotografias produzidas durante a entrevista para estudos e publicações.

Neuza Matias Latarino
Assinatura

C. Procópio, 28/3/2009
Local e data.

CARTA DE CESSÃO

EU Bia Maria Apolinário....., residente no endereço Rua Clara, 568....., na cidade de Cornélio Procópio....., no estado do PR....., portadora do documento de identidade número 2.056.604-5....., declaro estar ciente de que contribuí para o projeto de Mestrado em Literatura Afro-Brasileira, promovido pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, realizado pela pesquisadora **Maria Aparecida de Barros**, portadora do documento de identidade número 2.262.319-2, no município de Cornélio Procópio, no estado do Paraná, sendo que esta fica plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, e fotografias produzidas durante a entrevista para estudos e publicações.

Bia Maria Apolinário
Assinatura

C. Procópio
Local e data. 29/03/2009

CARTA DE CESSÃO

EU Isaci J. Santana....., residente no endereço R. Alto Zambuzio Medeiros 13....., na cidade de Cornélio Procópio....., no estado do PR....., portadora do documento de identidade número 6.345.210.6....., declaro estar ciente de que contribuí para o projeto de Mestrado em Literatura Afro-Brasileira, promovido pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, realizado pela pesquisadora **Maria Aparecida de Barros**, portadora do documento de identidade número 2.262.319-2, no município de Cornélio Procópio, no estado do Paraná, sendo que esta fica plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, e fotografias produzidas durante a entrevista para estudos e publicações.

Isaci J. Santana
Assinatura

Cornélio Procópio - 29/3/2009
Local e data.

CARTA DE CESSÃO

EU maria Benta de moura, residente no endereço R. Antônio Augusto de Oliveira nº 210, na cidade de Cornélio Procopio, no estado do PR, portadora do documento de identidade número 2.249.748, declaro estar ciente de que contribuí para o projeto de Mestrado em Literatura Afro-Brasileira, promovido pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, realizado pela pesquisadora **Maria Aparecida de Barros**, portadora do documento de identidade número 2.262.319-2, no município de Cornélio Procopio, no estado do Paraná, sendo que esta fica plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, e fotografias produzidas durante a entrevista para estudos e publicações.

maria Benta de moura

Assinatura

Local e data.

16-6-2010

50